

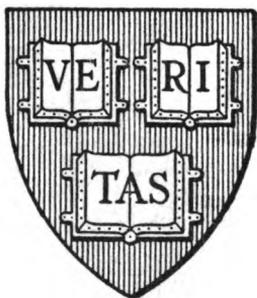
WIDENER



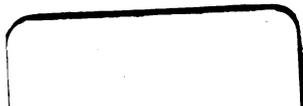
HN MSZL H

Port 4102.12

*



HARVARD
COLLEGE
LIBRARY





1538

12

J. D. RAMALHO ORTIGÃO

LITTERATURA D'HOJE

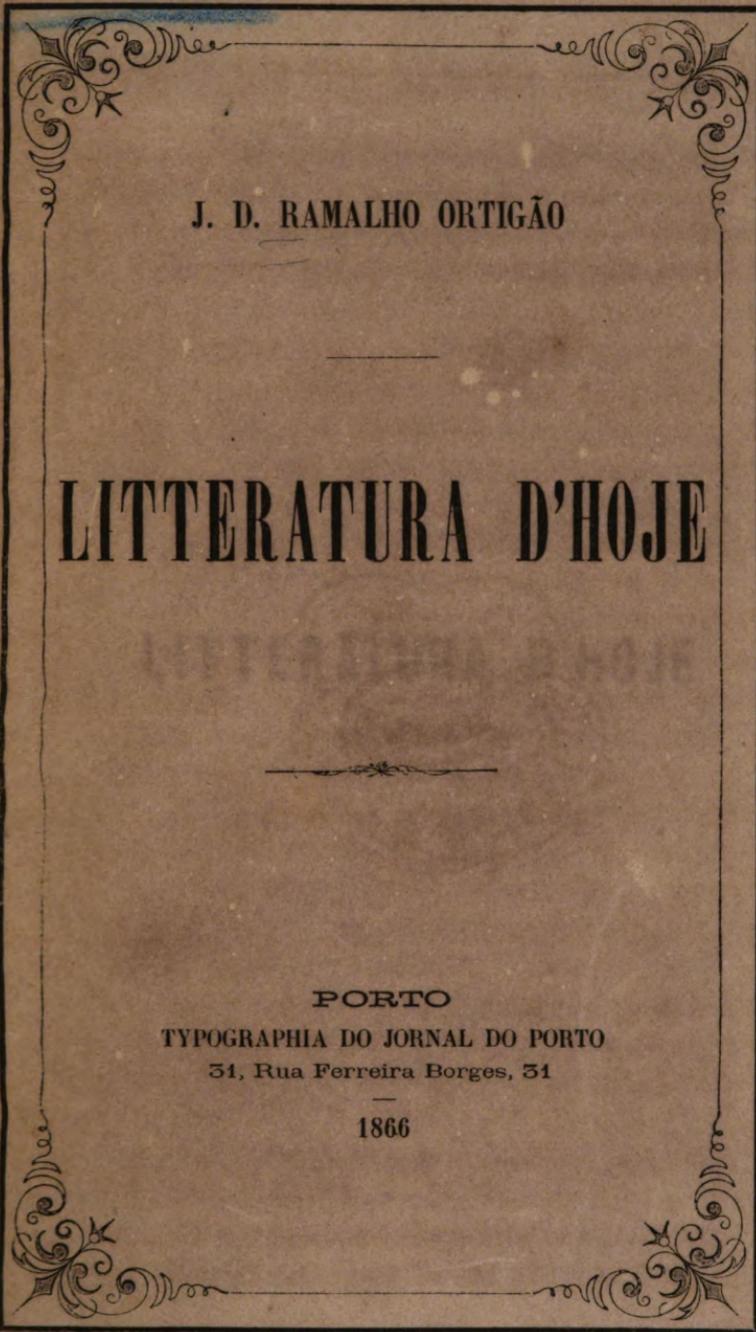
PORTO

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO

31, Rua Ferreira Borges, 31

—
1866

1538 12



J. D. RAMALHO ORTIGÃO

LITTERATURA D'HOJE

PORTO
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
31, Rua Ferreira Borges, 31

1866

11

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

LITTERATURA D'HOJE

THE UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

1881

LITTERATURA D'HOJE

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

J. D. RAMALHO ORTIGÃO

LITTERATURA D'HOJE

PORTO
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
31, Rua Ferreira Borges, 31

1866

✓
*
Poet 4102.1.2

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

M. Pinheiro Chagas, Antonio Feliciano de Castilho,
Vieira de Castro,
Anthero do Quental, Theophilo Braga.

Estão-se dilacerando rancorosamente em Portugal duas seitas litterarias a que chamam a coimbrã e a olysiponense. Dizem os de Lisboa que não percebem o palavroso e abstruso mixtiforio dos litteratos de Coimbra. Gritam os de Coimbra que se lhes não dá com o paladar academico o palavrorio delambido dos litteratos de Lisboa.

De modo que, ahi temos o Mondego engalinhado no Tejo. O D. José do Terreiro do Paço treme em cima da sella, e dão-lhe guinadas de picar, para debaixo da arcada das secretarias, o cavallo espantado. A torre da universidade bambeia-se nos alicerces e pede ao corpo dos decanos que a ampare porque lhe vai desmaiar nos braços.

Como a questão é de terra para terra, aproveito a santa paz que reina por emquanto na minha freguezia, e n'esta noite de 2 de janeiro de 1866 procurarei eu, de pés ao lume e charuto ao canto da bôca, o mais socogada e desapaixonadamente que se pôde, vêr se entendo

os aássignalados campeões, emquanto algum benemerito Diniz não rebenta por ahí, com um novo hyssope na dextra, a apagar o fogo da discordia, borrifando com as bentas aguas do burlesco, os sapientissimos côcos dos belligerantes.

Tomando isto a serio por emquanto, pedirei á critica veneranda que me não haja por deshonesto pedanteria a determinação de sahir a terreiro em tão notavel conjuntura.

Não me entrem a gritar lá de longe os criticos da critica, que a ferula de pedagogo se me não sustenta no punho fraco, que a severidade da analyse desquadra dos annos verdes e da pericia inexperiente e balbuciante.

A polemica é dos homens novos. É entre elles que a verdade corajosa e desassombradamente se discute, se depura e apura.

Estabeleçam-se forças lizas e desatranque-se a arena. Não se admittem cá tiaras que resguardem as fronte, nem degraus a que não seja licito subir, nem purpuras roçagantes em que seja facil tropeçar.

Os athletas querem-se nus como os typicos luctadores da estatuaria grega.

Os proceres litterarios, de cujos hombros pendem já as insignias da victoria, esses só devem descer á estacada para coroar o vencedor e dar a mão ao vencido.

O que antes d'isso intervem na lucta, como frequentemente usa o snr. Antonio Feliciano de Castilho, falseia a sorte do combate, arrisca a muito a impoluta candura dos arminhos senatorios, sujeita-se a que lhe desenastrem a corôa, a que lhe rasguem a toga, a que o dispam, o ouçam e o obriguem a rehaven o seu logar por entre os apupos da plebe, a qual, segundo houver encasado a delibera-

ção do patriarcha na maficia, na especulação ou na vaidade, assim lhe bradará indignada de cada ponto do amphitheatro:—Fôra o compadre! fôra o agiota! fôra o truão!

D'isto é exemplo, e queira Deus que seja tambem lição, a historia da polemica que succedeu ao apparecimento do *Poema da Mocidade*, tomo de versos ultimamente dado á estampa pelo snr. Pinheiro Chagas, do qual tomo me proponho fallar.

Por tres diversos modos é dado exercer a critica de uma obra litteraria:

Pela impressão dominante da leitura;

Pelo exame minucioso de cada uma das partes e dos minimos accessorios de que consta a obra;

Pelo confronto do livro com todas os demais de natureza identica.

A critica de impressão applica-se aos livros de que nada temos que individuar. Toda a obra me delicia, me apraz, me desagrada ou me revolta. Para cada uma d'estas impressões tenho uma palavra: magnifico, bom, mau ou pessimo. Escrevo a palavra correspondente á impressão que recebi, e tenho a minha tarefa prompta. Se quero espraiair conceitos e dar furo na tumida borbulha da erudição, martello a palavra primitivamente escripta, e vou tirando á feira uma apothese, um elogio, uma reprehensão ou uma affronta. Este genero é o peor, mas como em litteratura o peor é sempre o que menos custa, segue-se que o referido genero é tambem o mais facil, e por consequencia o mais seguido. Empregam-no os verrineiros de officio, que dizem mal de quanto se publica, e os atafoneiros dos noticiarios que esperam na rua com a sua dança de estafadas medidas, todos quantos livros novos lhes sahem ao caminho.

À critica de exame sujeitam-se os livros a que o nome do author, bem como o seu genero já conhecido, assignam um logar anteriormente consagrado. A obra do critico, n'este caso, consiste em alumiãr as bellezas desapercibidas do vulgo, e apontar as discrepãcias em que delinquiou o author. N'este lance a critica, por um sentimento de reacção muito vulgar em certas organisações; disvela-se ordinariamente mais em aggravar a penuria do que em assoprar a opulencia.

A critica de confronto cabe ao livro novo pelo genero em que está concebido, e pela firma do author a que se attribue. O livro assim analysa-se acareando-o cautelosamente com os seus predecessores e os seus pares, para averiguar n'esse cotejo o logar que lhe compete na litteratura do paiz em que foi escripto.

Um juizo critico é como um vestido feito pela analyse para um livro nu. O vestido bem feito deve ser medido e provado não só pelas proporções da corpulencia, mas tambem pela condição do sujeito que o veste. Aquelle que a todos os livros applica a mesma especie de critica, é como um algibebe que só tem roupa feita, e offerece a mesma jaleca a um almocreve, a um elegante do gremio, a um bispo e a um barbeiro. O critico que sabe da sua obrigação não olha assim a vulto; estuda escrupulosamente o adventicio, inquire os habitos que tem, a educação que recebeu, e o logar a que se dirige; bota-lhe em seguida o prumo e a craveira, estende depois as suas medidas na banca, e é então que passa a apparellhar o figurão do hoje de tarde para a immortalidade de amanhã pela manhã.

Especifico previamente estas variantes nos meios de criticar, para que se entenda bem que, applicando ao livro do snr. Pinheiro Chagas a ultima das formulas que esta-

beleci, obedeço a um preceito que em nome da arte me imponho, e não escolho fraudulentamente o geito que mais se me figura azado para o delapidar, ou para o applaudir.

Sinceramente e desde já confesso que me senti captivo da mais viva sympathia a este livro, logo ás primeiras estrophes que li do seu primeiro canto.

A mente da poetica leitora
já do heroe esboçou risonha imagem!!
A acção d'este poema encantadora!
A heroína, da mais nobre linhagem,
altiva castellã, que se enamora
d'Arthur, o mais formoso e gentil pagem!

Vêde a escada de seda fluctuante!
Para colher mil beijos seductores,
intrepido lá galga o esbelto amante!
Da nupcia os rouxinoes são os cantores,
e a lua, com seu cinto radiante,
a branca fada, que protege amores!

Que doces emoções, que sobresalto
não colhera a leitora! (oh! tenho medo
de o dizer) a verdade, a que eu não falto,
me obriga a confessar, mas em segredo,
que se passa do meu poema o enredo
n'esta era fatal do chapéo alto.

Isto é alegre, desartificioso, sincero e elegante. O poeta não dá o braço á circumspecta e ceremoniosa musa da Arcadia, aquella beldade que teve encantos no seu tempo, mas que hoje nos faz o effeito das senhoras suas contemporaneas, que tingem o cabello, que fallam explicando as palavras assucaradas para dentro dos beiços enrugados, e que dançam explicando os bicos dos pés para fóra dos vestidos curtos—respeitaveis senhoras a quem a gente tem vontade de offerocer um chinó e um soneto.

A musa do snr, Pinheiro Chagas é a mulhier nova e á moda. Percebe-se-lhe a cinta fina, a bôca rosada, o pé li-

gêno e a alegria infantil do primeiro baile, estampada na fronte lisa. Tem a gente o desejo de a convidar para a valsa, de a encostar ao hombro, e de voar com ella para o turbilhão offegante das luzes, dos diamantes, das flores e dos perfumes.

Ora eu abro os livros de poesia lyrica com a mesma disposição com que entro nos salões de baile. Quero ver tudo fresco, tudo moderno, tudo novo. Quando não dançar deixo-me commover, consentirei em me sensibilisar, chegarei a ficar triste, chorarei até, mas quero que tudo isso passe por mim debaixo de um lustre de cem lumes, no meio de gente agradável, entre os leques, os ramalhetes e os bigodes de vinte annos, e não á mesa do volta-rete entre dois eruditos caturras que discutem as bellezas da metaphora, a graça da synalepha, e o attractivo irresistivel da incomparavel apócope.

No livro quero achar a verdade e a elegancia, o coração humano debaixo de uma casaca á modá. Quero acreditar e quero divertir-me.

Com a maior parte dos specimens de poesia pessoal que por ahí me apparecem, não logro uma nem outra coisa. Não acredito, porque o colorido é falso, a perspectiva errada, e a figura contrafeita. Não me divirto, porque a linguagem é arrastada, estafada e ramerraneira.

Abre-se ao acaso um dos muitos livros de versos que por ahí se publicaram nos ultimos annos, e escuta-se o author: está triste porque o não entendem, e elle vingase dizendo-nos na primeira das suas poesias, que vai pendurar a lyra. Consulta-se outra passagem: está triste porque já não cré. Mais adiante: está triste porque já não ama. Na pagina seguinte: está triste porque já não póde com tanto amor. Na poesia immediata: está triste porque Laura

não vò para elle. E assim por diante. Depois de folheado o livro todo, apparece finalmente uma poesia em que o author está alegre; o que será?... É o beneficio de uma prima dona pateada.

Esta invasão dos poetas tristes corrompeu o lyrismo da poesia pessoal contemporanea, reduzindo-a á mais surrada das sensaborias.

Estes poetas dizem-se discipulos de Lamartine para nos fazerem acreditar que tiveram um mestre na sua vida, mas desconhecem inteiramente a fórma moderna, e nunca lêram, ou nunca entenderam, ou nunca estimaram devidamente o visconde d'Almeida Garrett.

O snr. Pinheiro Chagas calcando corajosamente todas as conveniencias legisladas pela escola defunta, accompanha perfeitamente o espirito da poesia lyrica na reforma por que ella já passou em França, em Inglaterra e em Hispanha, e pela qual está passando hoje entre nós. Descendente legitimo de *D. Juan*, de *Rolla* e de *D. Branca*, e irmão gêmeo da *Paqueta*, o *Poema da Mocidade* é a verdadeira expressão da arte moderna no genero de poesia que representa.

Se querem d'isto preceito official ahí o teem chancelado por não menor authoridade que a de Victor Hugo no seu ultimo livro:

Sois gai, hardi, glouton, vorace;
Flâne, aime; sois assez coquin
Pour recontrer parfois Horace
Et toujours éviter Berquin.

.....
.....

Des amours observe la mue
Défais ce que les pédants font
Et, penché sur l'étang, remue
L'art poétique jusqu'au fond.

Esta é a arte poetica porque eu hoje me governo.

Quem não poder satisfazer este preceito de ser familiar sem descahir no corriqueiro, de estar sem cerimonia sem se tornar grosseiro, de ser original sem se fazer affectado nem exquisito, de ser solenne sem chorar, e engraçado sem dar risadas; quem não reunir esses dotes cujo conjuncto nos obrigou a adoptar a palavra *amavel*; quem não tiver esse *quid* quasi indescriptivel que na sociedade faz o homem fino e a mulher elegante, e na litteratura torna agradavel o narrador, o folhetinista interessante, e o romancista querido; quem não tiver na sua indole, na sua educação e no seu espirito essa propensão e esse geito, faça, podendo, poesia epica com a alta inspiração do snr. Mendes Leal, cante idilios com a amenidade para e suavissima do snr. Antonio Feliciano de Castilho, pinte como o snr. Theophilo Braga a antiguidade pagã, tente como o snr. Thomaz Ribeiro a poesia historica, mas poemas ou poemetos lyricos de acção contemporanea, ou pequeninas inspirações pessoas chamadas poesias fugitivas, não escreva que ninguem o lê, nem publique que ninguem o enumera. Se não tem prestimo para mais nada mumifique-se para ahi nas folhas dos albuns mendicantes, que são a eça das vocações mortas ás patadas do Pegaso.

Aos bardos choramigueiros do ramerrão dou, o mais amigavelmente que posso, este conselho, porque não ha coisa que mais me penalise e compunja do que vêr um individuo obrigado pelas musas a ser eternamente sôrna, eternamente chôcho, eternamente semsaborão e inutil.

Se em toda a obra litteraria devemos compulsar a inspiração e a reflexão, cumpre dizer que o livro do snr. Pigneiro Chagas é mais inspirado que reflectido.

É facil, ainda aos que não lêram a asseveração do au-

thor, descobrir que este livro foi, como no prólogo se confessava, escripto intercaladamente e a trancos. Esta circumstancia explica a disparidade no merito parcial de alguns trechos.

Para me não alongar na enumeração minuciosa dos pequenos senões de fórma, que me não determino particularisar, notarei apenas a concorrência de alguns versos descuidadamente fabricados, a enorme superabundancia de rouxinoes, e o repetido intromettimento da lua em muitas scenas do poema.

A lua é effectivamente a mais poetica e meiga companheira de amantes, mas se intervem em todos os episodios da paixão, apparecendo-nos sempre e invariavelmente por entre os beirões de dois telhados, á esquina da rua do objecto amado, enfastia, aborrece com a sua solitudine muito sithilhante, se é licito dizel-o sem menoscabo do saudoso astro da melancholia e do amor, á indiscrição teimosa e impertinente da patrulha municipal.

O rouxinol esse quer-se só para ser o interprete mavioso dos vagos pungimentos da saudade e da morbida languidez do amor. Dois rouxinoes juntos já não são capazes de instrumentar esse hymno plangente, elegiaco e perfeitamente ideal que cada um d'elles suspira separadamente. Meia duzia de rouxinoes reunidos reduzem então o quadro lavrado pela fantasia, ás condições prosaicãs d'uma simples passareira.

Eu sou muito escrupuloso n'isto de rouxinoes porque me prèso de pertencer, entre os sujeitos que fallam d'elles, ao piquenissimo numero dos que os ouviram. Uma falta de gosto que eu nunca perdoarei á Joanninha das *Viagens na minha terra*, é ter ella á sua janella do valle de Santarem dois rouxinoes em vez d'um. Da propria

Julietta e de Romeo ha uma que eu não levo á paciencia: é confundirem-me o rouxinol com o melro, o que é o mesmo que não achar differença entre um tenor e um baccorinho!

Talvez estranhem o achar eu bom um livro em que reconheço mais d'um erro, mais d'uma discrepancia na correccão do metro e da palavra. Respondo que um livro com erros pôde ser um livro bom, assim como um livro sem erro nenhum pôde tambem ser um livro pessimo. O *Poema da Mocidade*, inaugurando, bem ou mal, entre nós o poema-folhetim, inspirado no seio d'uma sociedade que todos conhecemos, e escripto na linguagem que todos fallam, ha de ter por força um logar distincto na litteratura, por isso que representa uma individualidade litteraria, um passo dado no sentido da boa reforma para fóra da estrada velha e do arido pé-posto.

Quasi ao mesmo tempo que este livro, appareceu a lume outro volume de versos, que me parece importuno nomear. Dizem os que o esquadrinharam bem que não ha, n'este segundo livro a que me refiro, uma só nodoa que levemente desaire a metrificacão ou a grammatica; e no entanto eu sustento que tal livro não tem merecimento algum real. Pensa o que estava pensado ha muito, diz o que estava dito e redito, não tem uma só feição que o distinga de todos os outros livros que o precederam; é uma obra que fica por traz de todas as obras e não tem logar possivel em livraria alguma, é o peor dos volumes, é um volume que não presta para nada.

A obra do snr. Pinheiro Chagas está aggregada uma carta dirigida pelo snr. Antonio Feliciano de Castilho ao editor do livro, o snr. Antonio Maria Pereira.

Esta carta, escripta, na mais portugueza e saborosa linguagem, pôde ser dividida em quatro partes.

Na primeira pinta-se, corôa-se, e aureola-se o typo benemerito do editor, provando-se que sem o editor não havia edição, sem a edição não havia leitores, e sem leitores não podia haver author.

Bemdito pois seja o editor! exclama o sr. Castilho.

Eu tenho de acrescentar, que o homem que edita um livro collabora na obra d'um litterato, assim como o homem que prega, um prego collabora na obra d'um pintor. Sem prego na parede não haveria quadro pendurado, sem quadro pendurado não haveria espectadores, sem espectadores não poderia haver pintor.

A pintura é irmã da poesia. Não monopolisemos pois, não soneguemos o favor devido a todos os que amparam o genio em qualquer das suas brilhantes manifestações. Acrescentemos um grito ao grito do sr. Castilho: Viva a edição e viva o prego, que são duas coisas semelhantes se verdadeiramente não são uma e a mesma coisa!

O sr. Castilho, aconselha o seu amigo sr. Pereira a agremiar os seus confrades, organisando uma grande companhia editora que publique quantos manuscriptos se lhe apresentem, enriquecendo o author de cada manuscripto, e tirando a paga propria do incomparavel regalo de entrar depois a despachar litteratura por atacadado para todos os pontos da redondeza da terra.

É bello, de todo o ponto bello, e não sómente bello, mas hom e bonissimo, o quadro das alegrias que então voejam agitando a azinha e o biquinho em tôrno da namorada e palreira fantasia do sr. Castilho, no meio das rumbrosas e gorgeadas sombras do poetico refiro, onde o cantor d'*Ecco e Narciso* se está desfadigando das agitações.

do seculo na mystica convivencia da abelhinha de Lacrocio, da cigarrinha de Anacreonte, e do passarinho de Bernardim Ribeiro, todos mais obscuros e piqueninos, não mais innocentes e singelas creaturas que o proprio sr. Castilho, seu companheiro e irmão nos favos, no mel, na luz e na harmonia.

Pede o snr. Castilho ao editor do *Poema da Mocidade*, que queira imaginar-se por um momento moirando e labutando tressuadamente no fundo d'um armazem immenso, chovendo-lhe de toda a parte, a potes e a torrentes, os originaes, emquanto elle desabugachado e arregaçado encaixota em enormes arcas os trezentos mil exemplares da primeira das suas oitocentas edições, que os arames telegraphicos lhe estão requerendo, instante e ávidamente dos Padrões da Teixeira, do Pinheiro da Bemposta, da Rapozeira, de Pancas, d'Arrayolos, de Cabeço de Vide, da Palhota, de Paio Pires, e de mil outros pontós do paiz, onde, graças ao *Methodo portuguez*, grassa febr e ameaçadora a fome canina da leitura, tendo já sido sófregamente devorados os missaes das igrejas, os cadernos do recenseamento, as estantes da casa da camara, os lettreiros das esquinas das ruas, e toda a areia do adro onde os litteratos da terra costumavam, depois da missa, fazer ss com o ferrão dos varapaus.

O editor Pereira não podendo acudir a tudo com a sua atarantada solitudine de presidente da companhia editora, enceira e avia a trôche-môche para cada freguezia do reino e ilhas, um milhão d'exemplares das traducções do snr. Castilho, e telegrapha aos regedores de parochia paliando a gula das populações com este officio napoleónico: « Ahi vai para a cova d'um dente! Amanhã remetto seiscentos milheiros de milhões de *Virgílios* em versos

ão versos e tão de léi, que não ha uma só lettra grande em todos elles! Alegrae-vos, povos!

E no entanto o snr. Castilho da janella de sua casa ensina a lêr em três minutos as pedras da rua, e guia-as para casa do amigo snr. Pereira, ensinando-lhes o amor a todos os poetas latinos que s. exc.^a traduzir, e incutindo-lhes nos veios um odio hydrophobo a toda a lettra maiuscula que lhes apparecer.

Pede o snr. Castilho que o não acordem, se é um sonho isto. Respeitemos a somnolencia do Homero. A verdade é dura e terrivel confrontada com esta santa ficção do humanitario e bondosissimo author da *Primavera*, do *Amor e melancholia*, e da *Tosquia d'um camello*.

A verdade é que o *Methodo repentino* é inadoptavel nas escolas, d'onde fugiu ha muito tempo; a verdade é que pouquissimos lêem as soberbas traducções do snr. Castilho; a verdade é que todos os editores de Portugal reunidos ainda não poderam dar a Camillo Castello Branco um dos mais operosos e fecundos escriptores da Europa, uma independencia honesta; a verdade é que estamos n'um paiz de jornaleiros e de agiotas; a verdade, a mais triste verdade, a que mais ha de magoar a alma do snr. Castilho, a que mais pena tenho que elle venha um dia a descobrir, é que a lettra grande continua a fincar-se no principio dos versos, arregalando ferozmente para o snr. Antonio Feliciano o seu olho immovel, fatidico e tremendo!

Não acordemos pois do seu pesado somno o sonhador da lettra pequena; o sonhador da leitura suavemente ensinada com figurinhas e cantilenas, o sonhador das grandes edições largamente pagas e largamente derramadas n'um piquenissimo paiz, onde a maior parte da gente não quer ou não sabe lêr.

Para o snr. Antonio Maria Pereira ainda seria mais doloroso o despertar. Se o illustre editor cahiu tambem a sonhar em cima da missiva do snr. Castilho, ai d'elle! quando vier a si está arruinado, e quiçá demente, que as perspectivas rasgadas pelo snr. Antonio Feliciano nos horisontes dos seus editores, são de fazer ourar as cabeças mais rijas e mais selectas.

A segunda parte d'esta memoravel epistola ao snr. Pereira é consagrada á physiologia, pathologia e therapeutica litteraria.

Mostra o snr. Antonio Feliciano que estão seriamente enfermas as lettras patrias. N'este ponto do escripto que analyso, é perfeita a observação da verdade, e admiravel a esplendida linguagem com que o snr. Castilho nos pinta a presença do mal, o afistulado da chaga, e o estilicidio de tolices em que se está dessorando a seiva intellectual da nova geração litteraria.

Ouçamos o eminente prosador:

«Se a affectação e a enfatuação, se a falsa grandeza, que não é senão tumidez ventosa, se a ambição e incongruencia dos ornatos, se as palavras em logar de coisas, as argucias em vez de pensamentos, a sobejidão nauseabunda anteposta á parcimonia que sustenta e robustece, e o relampaguear havido por alumiar, se tudo isto combinado em diversas proporções, segundo variam as indoles, as horas ou o grau de doença dos escriptores, constitue em geral a desgraça de muitissima da nossa poesia actual, parece logo que o tractamento per si se está aconselhando: deverá consistir em se trazerem outra vez para a mesa litteraria os alimentos substanciaes, simplicies e sadios, que nos deixaram as idades antigas reputadas por mestras e por mestras confirmadas no gosto uni-

versal, que isso e nenhuma outra coisa quer dizer *classicas*.»

É de feito evidente que a affectação e a enfatuação, como muito bem o diz o snr. Castilho, são o achaque das nossas lettras. Essa grande verdade reconhece e lamenta o snr. Castilho, e com elle todos os seus amigos e adversarios, o snr. Pinheiro Chagas, o snr. Theophilo Braga, o snr. Anthero do Quental, e quantos tem relançado a vista ao estado da litteratura portugueza.

Este mal provem, a meu vêr, d'um defeito organico; origina-o a deploravel penuria de imaginação e a laxidão chronica das faculdades observativas e investigadoras, defeitos que constituem o aleijão caracteristico, mais ou menos saliente em quanta litteratura se tem feito entre nós.

Os maximos escriptores portuguezes são aquelles em cujo talento as grandes commoções politicas da época em que floresceram ou as tempestades da existencia pessoal espelharam a fervida actividade que faz jogar todas as molles moraes, acordando a invenção e produzindo a originalidade.

Camões, um dos soldados da navegação da India, esforçado companheiro d'esses assignalados varões que nos fastos da humanidade assignaram um dos maiores feitos que tem visto o mundo, cria a epopeia. Gil Vicente, coevo dos mais brilhantes e espectaculosos successos da historia de Portugal, vasa nas fôrmas creadas por Terencio a menção dos heroicos e extraordinarios acontecimentos que presenciou, levanta um admiravel exemplo a Lope da Vega, e restaura o theatro por toda a Europa até ás fronteiras da Italia. Bernardim Ribeiro, alma apaixonada e romanesca, encontrando entre si e o seu amor um horrivel abysmo, que não poderá encher com todas as lagrimas

*

e todo o sangue do coração esmagado, cava com a energia d'uma dôr extraordinaria os alicerces do romance moderno.

Assim em Portugal se nos depara em todos os monumentaes e decisivos rasgos da intelligencia a cooperação immediata dos accidentes mais proprios para commover profundamente, dando á enervação intellectual essa delicadissima susceptibilidade, essa energia latente e febril, que applicada ás obras d'arte se chama—imaginação.

O que dizemos dos individuos com mais evidente clareza ainda se podia applicar aos differentes periodos da nossa historia litteraria, sendo n'este ponto tão manifesta a verdade que queremos deduzir, que é inutil insistir em averigual-a mais uma vez.

Em litteratura, logo que uma grande agitação social ou ponderosa pressão íntima nos não ateza a corda que ha de arremessar longe o tiro, o arco deslaça-se, e a vontade só de si não tem força que o vergue.

É o que está provado. Será uma feição ingenita da nossa natural indolencia, ou simplesmente o resultado do caprichoso desfavor da sorte que nunca nos dotou com elementos fertilisadores, os quaes, ainda que remotamente, assimilhassem alguma época da nossa historia aos gloriosos seculos d'Augusto, e de Luiz XIV? É o que eu não sei nem quero averiguar para não chegar a conclusão ainda mais desagradavel que a dúvida. Repugna-me olhar ao pé para a modorra que me horrorisa. O que digo apenas é, que cada livro que chega de França traz de lá vida com que animar uma estante inteira da empoadada livraria de um dos nossos conventos. Entre nós a actividade intellectual não acompanha o movimento da materia na orbita do progresso que ella tem percorrido n'este seculo. Pa-

rece estar aqui estabelecido que se não ha de pensar mais de meio dia nem viver mais de meia existencia: A attenção cansa-se ao fim de tres horas, e a vida ao fim de vinte annos. Alexandre Dumas, que escreve um livro por semana, e o principe de Ligne, que morre aos oitenta e tantos annos em consequencia da primeira das suas derrotas nas campanhas do amor, são dois entes igualmente mythologicos no seio d'esta sociedade, que ha trinta annos descansa não sei de quê nem para quê.

O que sei, o que evidentemente é certo, e tristissimamente certo, é que a imaginação nos falta.

No theatro não ha uma composição cujo desenlace se não anteveja e presinta pouco mais ou menos a tres dedos de distancia da exposição do assumpto.

Romance que fie o seu credito do interesse que ha de inspirar a acção não encontra leitor que lhe remunere o merecimento com o trabalho de voltar seis folhas. O entretrecho do mais enredado livro portuguez desvestido dos apparatus da linguagem, da exposição dos caracteres e das minudencias da narração, escreve-se em meia folha de papel.

O segredo da pasmosa fecundidade do snr. Camillo Castello Branco, com ser este talvez o mais imaginoso dos escriptores portuguezes, não está ainda assim na facilidade com que inventa, mas no admiravel talento com que observa. O que determina a avidéz com que todas as obras d'este admiravel romancista são lidas e relidas não é a trama geral da acção, mas sim, sobre o prestigio da mais deliciosa linguagem, o perfeitissimo córte dos caracteres, e a inexcedivel pintura dos costumes.

Examinando e inquirindo d'este primeiro exemplo para baixo até chegar ao infimo dos narradores, as dedu-

ções que tiro cada vez mais cabalmente me firmam no que assevero.

Ora é de notar que quanto mais esfria a temperatura da imaginação, tanto mais logicamente se afervora o amor impuro e a idolatria da fórma. O primeiro poeta que não tem que dizer imagina a primeira difficuldade nova, o segundo complica-a, o terceiro requinta-a, e assim se vai indo, de difficuldade para difficuldade, e de impotencia para impotencia até se parar na *arte pela arte*, que é o limbo dos eunuchos do talento.

Só assopra a palavra com o esforço na escripta quem não póde no cerebro engrandecer a ideia com a meditação; só cria conceitos alambicados quem não póde ter sentimentos puros; só appella para a falsa grandeza assim como para os tacões altos quem é aparrado da corpulencia e do entendimento. Muitos escriptores portuguezes precisam d'estes artificios que os levantem aos olhos da sua propria vaidade, quando não seja aos olhos da outra gente. Ha annos que eu facultei a uma senhora estrangeira, de elevado talento e discrição, a leitura de varios livros portuguezes, que ella, pouco versada nos segredos da nossa lingua, achava sempre dissaboridos; dei-lhe a final *As viagens na minha terra*, e tive em resposta o seguinte: *En voilà un enfn qui ne fait pas d'esprit! Pour celui-ci je vous assure qu'il en a assez.*

Não repisarei esta asserção. Julge ter exposto a altura em que todos vejam, alumando por todos os lados, a ideia em que estou de que a affectação e a enfatuação, de que o snr. Castilho se queixa, são indubitavelmente o resultado da anemia inventiva e da carencia de imaginação.

Vejamos agora qual o remedio que o author da carta

ao snr. Antonio Maria Pereira receita para curativo d'este mal.

A traducção dos poetas latinos é a triaga em que s. exc.^a encontra mais virtudes medicinaes. Esta opinião corrobora-a o critico com o ante-gosto da restauração proxima, quadro de alleluias litterarias similhante aos dos jubilos que s. exc.^a prophetizou á companhia editora instituida pelo snr. Pereira e termina esse *gloria in excelsis* á latinidade e ás traducções feitas por s. exc.^a com as seguintes linhas: «Agora tenho eu pejo de confessar que na minha obstinação, já inveterada, e que tão pouco se me perdôa, de trabalhar no que se me figura que poderá servir, isto que estou aconselhando, ando eu por minha parte a forcejar realisal-o. Provada a mão em Ovidio para me exercitar, a final me tomei com o invencivel, e temo que inigualavel, de Mantua, a vér se lhe conquistava para a nossa lingua o mais perfeito dos seus poemas—*A Georgica*. N'isso me ando todo.»

Agora perguntarei eu: O que é uma traducção da *Georgica*? Uma ideia velha e relha, sabida, resabida e decorada por todos os escolares, e uma palavra hypotheticamente nova; a ideia de Publio Virgilio Marão e a palavra do snr. Antonio Feliciano de Castilho.

Á nojosa sobejidão de palavras que assoberba e ameaça tragar a nova geração litteraria, acode o snr. Castilho com a sua lanterninha do *quid bonum* na frente; barafustando já de longe com o ramo da salvação, e trazendo-nos, o qué?... Uma palavra mais.

O snr. Castilho não descobre nem sequer indaga ou tenta rastrear ao menos, como impreterivelmente devia, a causa do mal que reprehende e crimina na indole e nos intuitos da geração que desponta agora para a profissão

das letras. Em vez de estudar com madureza e insistir, efficientemente n'este delicado e importantissimo ponto; o illustre critico encova a importancia de tal assumpto com esta phrase: «Veio isto aos engenhos juvenis, come aqui ha annos deu a praga nas laranjeiras, que iam deixando as noivas sem grinalda; nas vinhas, que iam dando cabo do sangue dos velhos e da alegria das mesas; e nas oliveiras, que pouco faltou que não deixassem as lampadas ás escuras.» Isto é substituir a ideia pela palavra; é não procurar metter a convicção no espirito, mas simplesmente dar toada no ouvido; é ostentar a affectação em vez da sinceridade; é enfatuar-se quando se devia ser singelo e verdadeiro; é pôr uma bonita mas vasia imagem no lugar em que devera estar um principio bom e fecundo; é offerecer-nos em vez do resultado da observação e do estudo a inchação d'uma phrase, que nem tem applicação prestavel nem sentido philosophico de natureza alguma.

Pois que tem n'este caso o vegetativo com o intellectual? Que pôde haver realmente commum entre a prosperidade e a decadencia d'uma litteratura, cuja sorte está ligada como a dos imperios a uma certa e quasi invariavel rotação social, com o bolór que mirra um cacho d'uvas ou o arejo que assapateira uma azeitona?

As letras não nascem, nem se criam, nem se desenvolvem a êsmo e á tóa como as batatas; obedecem pelo contrario ao movimento das sociedades e acompanham-as no seu desenvolvimento progressivo sempre que um exemplo poderosamente fatal não arrebanha como Gôngora uma geração inteira, que então se curva ao dominio d'um homem em vez de accetar unicamente a dominação d'uma época.

Tudo isto nos leva a crer sem nenhuma d'úvida que o snr. Castilho, em lugar de acompanhar o principio que estabeleceu até á ultima das suas consequencias, quiz unicamente fazer uma bonita phrase. Este pernicioso exemplo dado de tão alto obriga-nos a dizer a este illustrissimo e reverendissimo pontifice da litteratura que a reforma de que precisamos tem de ser como a que frei Bartholomeu dos Martyres pedia, illustrissima e reverendissima, a contar de cima para baixo, principiando pelo snr. Castilho, que é o primeiro, e acabando em mim, que sou o ultimo.

A terceira das partes em que, por espirito d'ordem, comparti a carta do snr. Antonio Feliciano é destinada a um fim inteiramente particular: o de solicitar do ministro do reino a nomeação do snr. Pinheiro Chagas para a cadeira de litteratura contemporanea, presentemente vaga no Curso Superior de Lettras. Este lanço do artigo que estou lendo é um simples requerimento que o snr. Castilho assignou por procuração, que não sei se lhe foi ou não conferida, e que por fim lançou ao correio da publicidade em lugar de a expedir ao seu destino pela caixa da secretaria competente.

Uma vez trazida indevidamente para a estampa esta requisição do snr. Castilho, corre á critica o dever de a analysar e de dizer ao author da carta ao snr. Pereira que n'este caso ainda delinuiu s. exc.^a perante o tribunal da equidade, da razão e da honra litteraria.

Sim, snr. Antonio Feliciano: converter um artigo de critica em carta de empenho para um ministro, obrigar um poeta a figurar como um invalido amparado nos braços do seu editor e do seu critico, e passeal-o por esse mundo ao som d'um chorado aranzel e d'uma lamuria

cantarelada como labia de pedintões d'officio, é offender, conspurcando-a, a dignidade da nobre profissão das letras e da nobre profissão das armas, dupla dignidade que todos temos obrigação de respeitar na pessoa sã, escoreeita e limpa do snr. Pinheiro Chagas.

Aconselhar como professor d'um curso superior de litteratura um mancebo de quem s. exc.^a mesmo diz: «que tem versos frouxos e versos duros, rimas triviaes e rimas insufficientes, excessiva repetição de certas palavras e phrases, frequentes geminações desintencionaes e ingratas de certas consoantes, amphibologias grammaticaes, desapuros de linguagem, repetições e superabundancias de descriptivo»; impôr-nos como mestre de mestres um escriptor assim, cujo talento apesar de esperançosissimo madrugua apenas ennevoadado em todos os defeitos da juvenilidade, é offender a razão.

Requerer que, para satisfação d'esse empenho, se sobresteja no concurso que ha de abrir praça a todos os talentos e a todas as aptidões, é offender a equidade.

Para angariar ao seu cliente não sei se a sympathia, se o favor, se a compaixão, que qualquer das hypotheses igualmente me repugna, pinta-nos o snr. Castilho as angustias do escriptor laborioso e honesto desvelando as trabalhadas noites á luz da sua lampada, não levantando a vista fatigada e ardente da penna que frene na pagina, senão para beber a inspiração e o alento nos labios da sua joven esposa e na presença do filhinho que dorme, suave e aconchegadamente acalentado entre as azas do invisivel anjo do trabalho e de amor.

Estas coisas são demasiado intimas, demasiado angustas e demasiado solomnes para se exararem no texto d'uma petição semi-official. As portas do santuario do-

mestico d'um poeta não se escancaram assim aos olhos da multidão sem fazer agravo ao pudor das almas delicadas. As manifestações do amor são como as da caridade sua irmã: querem a solidão e o segredo. Um beijo e uma esmola logo que a luz pública os alumia perdem o prestigio, o merecimento e a virtude. Em cima do quadro das luctas em que no seio da familia se debatem até á ulceração o coração e o espirito d'um escriptor, pôde-se pôr uma corôa, mas nunca, como paga pública e rasa, o requerimento d'um emprego público.

Eu, que não tenho outro pão além do que me dá a minha humilde mas honrada posição no jornalismo, eu que tambem sou novo, e tambem sou marido e pae, em nome da dignidade e do decoro da profissão das lettras, em meu proprio nome, em nome do proprio snr. Pinheiro Chagas, e no de quantos presam a fidalguia intellectual, protesto aberta e declaradamente contra tão impuro, tão grosseiro e tão aviltante modo de patrocinar o talento independente e honrado.

O snr. Castilho termina o trecho em que pede, solicita e exora bom despacho ao ministro, com o seguinte paragrapho:

«Fal-o-ha elle? Ha de fazel-o. De quem foi braço direito de D. Pedro é licito esperar tudo.»

Não se faz mais triste elogio a um ministro da corôa! Ser braço direito d'um rei pôde quando muito constituir o brazão e a gloria d'um aulico servçal na côrte d'um despota. Nos paizes onde vige o systema representativo; o ministro illustrado e liberal é a intelligencia que pensa e não a mão que opera; não é o ministro o braço do rei, o rei é que é o braço do ministro.

Deixando a carga da consciencia politica do snr. Cas-

tilho este peccado contra a natureza do constitucionalismo, entro na quarta e ultima parte do escripto que analyse, a qual tem finalmente por fim o que parece devera ser primeiro e principal objecto d'esta carta ao editor Pereira: a analyse do *Poema da Mocidade*.

As ideias que o snr. Castilho tem ácerca do modo por que se deve exercer a critica apparecem-me aqui tão confusa e ambigualmente expressas, que eu, ultimo dos Piões, para quem este escripto devia ser carta de guia, requero commentarios para a interpretação authentica do texto legislativo de tão abalisada authoridade.

O snr. Antonio Feliciano, abjurgando rispidamente os criticos quasi sempre que tal nome por desventura d'elles lhe acode ao bico da penna, levando-o a sua rancorosa indignação a chamar a alguns—*malfeitoses, ladrões, incendiarios e assassinos*—, esconde-nos completamente a bitola porque se devem comedir as applicações da analyse á litteratura.

Este ponto culminante da lição que todos desejaríamos receber fica por alumiar. Dos criticos que esmiuçam e apontam os defeitos do livro analysado diz o snr. Castilho em um logar: «O critico de bem, severo até e embora desabrido, é, ainda que ao criticado o não pareça, o amigo mais proveitoso.» Em outro ponto chama aos criticos do mesmo genero *esmerilhadores impertinentes, critiqueiros da meuçalha*, etc.

Não sei depois d'isto para qual dos lados me vire: se não esmiuço deixo de ser o amigo mais proveitoso do criticado; se esmiuço sou critiqueiro da meuçalha! Esmiucem-me isto.

O snr. Castilho encabeça no proximo apparecimento da sua traducção de Virgilio o concerto da critica estro-

piada, assim como a convalescença da poesia morbida. A tal proposito escreve o author da carta ao editor Pereira estas formaes palavras: «Que influxo não exercera para logo na conversão dos estudiosos um tal e tão authorisado exemplar! Qual seria o critico de bem, que, havendo de julgar poemas, os não contrastasse, pelo seguro, n'esta finissima pedra de tocar?»

Esta presumpção em que o snr. Castilho se acha de que os *criticos de bem* estão á espera da versão de s. exc.^a para conhecerem as obras de Virgilio, é um diploma de crassissima ignorancia que encanga os *criticos de bem* com os *criticos de mal* junto ás aras onde s. exc.^a celebra as vigalias da festival nascença do seu novo livro, immolando os criticos de todas as naturezas, em cruento holocausto ao seu *Magnum lexicon*.

A traducção do Virgilio é a panacea d'este venerando Hypocrates. A versão d'Ovidio, que o snr. Castilho fez unicamente para *provar a mão*, como diz, corresponde pelo que se vê á experiencia *in anima vili* de que usavam os antigos empiricos, aquilatando previamente nos humores d'um animalejo inutil a força da xaropada que depois havia de remir para as alegrias da saude ou para o descanso da cova a humanidade enfermissa.

Cumpre advertir o snr. Castilho de que nós já temos no seculo, de que s. exc.^a diz que se furtou ha muitos annos, tal qual noticia d'essa *Eneida*, que s. exc.^a nos receita lá da sua *Thebaida* como o primeiro dos simplices que desentranhou da terra, no meio dos improbos trabalhos de perfuração a que, modesta mas gloriosamente, sujeitou as idades, a fim de ligar o nosso tempo com o da antiga Roma por meio do escuro e extensissimo tunel onde bufa pressurosa a locomotora do *hie, haec, hoc*.

Saberá o snr. Castilho, ainda que o não queira crêr, que muitos criticos teem lido o Virgilio no texto original; muitos o teem relido nos excellentes commentarios francezes; alguns o teem defrontado com as traducções que existem em Portugal, chegando a haver um que acha saborosissima a versão de Barreto Feio, não duvidando este ultimo critico demonstrar que o dito Barreto Feio, apesar do grande desabono em que o tem o snr. Antonio Feliciano, é um dos escriptores portuguezes cuja indole mais se aproxima da romana, sendo sempre correcta e por vezes admiravelmente magistral a energica simplicidade dos versos da sua *Eneida*.

Em toda esta carta do snr. Castilho não encontro outros preceitos que elucidem a critica, além da citada imposição do Mantuano como pedra de toque para os criticos e pedra d'afiar para os poetas, e da citação e transladação de varias passagens classicas, entre as quaes figuram algumas de doutrina tão philosophica e transcendente como esta: *Haec mala sunt, sed tu non meliora facis*, e outras tão pouco citadas e tão desconhecidas como aquella de Bocage, que principia *Satyras prestam, satyras são boas*, e aquell'outra d'Horacio, que termina *Quandoque bonus dormitat Homerus*.

O genero de critica a que o snr. Castilho sujeita o *Poema da Mocidade* é aquelle a que eu chamei «de impressão». O critico affiança-nos que gostou. Os defeitos da obra diz-nos s. exc.^a que são muitos, mas não aponta nenhum, senão pelo nome. Aqui ha tautologias, amphibologias, frouxidões e durezas, mas não se sabe em que designados pontos se dá o erro. Por esta fórmula o criticado fica reprehendido, mas não fica ensinado.

No exame das excellencias do livro não se especifica

a virtude geradora da perfeição que o critico admira. Admira-se, só e simplesmente, sem mais preambulos nem commentarios que sirvam de conducto aos que desejarem alcançar um resultado semelhante. Darei um exemplo da esterilidade d'esta admiração citando as proprias expressões do snr. Castilho:

«Que mestria na pintura do baile!

«Que direi, ou que dirão, no canto quarto, sobre a elegia ao volver do maio para o infeliz!

«Que dirão d'aquelle mosteiro em vesperas de total desamparo!

«Por derradeiro, o como se remata e corôa o poema!»

Do caracter do livro analysado apenas se falla passageiramente, n'um ponto, unico em que o critico censura motivadamente o poeta por haver mesclado o serio com burlesco a exemplo de Byron, de Espronceda e de Musset, elogiando-o muito logo adiante por haver escripto alguns versos muito semelhantes a outros de Millevoyle! ¹

A authoridade de Millevoyle, d'um escriptor de talento mas não de genio, d'um poeta que só deve a sua reputação á precocidade da sua intelligencia quasi ephemera e á sua indole terna e apaixonada, é assim anteposta ao exemplo dos grandes mestres cujo nome constitue verdadeiramente uma época, e cujo talento excepcional e individualissimo produziu uma reforma litteraria em Espanha, em Inglaterra e em França!

Isto não se pôde tomar a serio. O snr. Castilho estava certamente zombando quando tal disse.

A carta ao editor Pereira termina com algumas linhas

¹ Pag. 236.

post-criptas em que o author declara d'antemão a quantos discordarem da sua opinião que lhes não responde. Eis a ultima palavra do escripto do snr. Castilho: «Lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer.»

Pessima palavra esta para aquilatarmos por ella o character e a convicção d'um escriptor!

Não briga! Pois n'este seculo de livre exame e de livre discussão, n'este seculo em que a verdade se não toma dos labios dos mestres, senão do clarão desferido no roçar das ideias sempre cruzadas e batidas como as espadas d'um combate permanente, n'este seculo de acção e reacção, de evolução e revolução, n'este seculo em que vivemos, quem não briga não escreve.

A publicidade ampla, immensa, extraordinaria no mundo inteiro, é a grande lucta das intelligencias. O escriptor que se cala não é um combatente que fica firme no seu posto; é um soldado que cahe. A cerrada turba dos belligerantes passa-lhe por cima e segue ávante.

O tempo, para que o snr. Castilho appella em uma carta ultimamente dirigida ao snr. Teixeira de Vasconcellos, é o ultimo dos auxilios a que póde refugiar-se a intelligencia. A velha phrase *dar tempo ao tempo* suplantou-a o progresso com a phrase nova *dar logar á discussão*. Essa potencia do tempo, da qual n'outras eras fiavam o seu triumpho os martyres da sciencia e os martyres da liberdade, substituiu-a hoje a analyse illustrada e livre. O tempo então significava o consenso das opiniões futuras livres da pressão contemporanea; hoje que o espirito não reconhece pressão alguma, o geral consenso apura-se desde logo e para logo na discussão geral. A livre analyse é o vapor e a electricidade dos entendimentos que terraplenam todos os obstaculos, reunindo todas as

convicções no ponto a que antigamente se não chegava senão depois de caminhar muitos annos. A inquisição já não separa Galileo dos mathematicos do seu tempo; os dialogos sobre os systemas de Ptolomeu e de Copernico seriam hoje promptamente analysados á luz da sciencia por todos os astronomicos, e o *è pur si muove* significaria logo a victoria e não a resignação. O tempo já não é triumpho para ninguem. O tempo é a morte e o esquecimento.

O critico, o poeta, o politico, o philosopho e o mechanic, que hoje em dia se cala para dar tempo ao tempo, é operario que está duzentos annos atraz da sua época, é como se não fosse para o movimento geral da civilisação e do progresso.

A phrase que suscitou a réplica dos coimbrões entra a descaso na carta do snr. Castilho, e por isso intencionalmente a desmembrei dos pontos de doutrina que venho de sopesar para lhe dar, conforme a direito, especifica menção.

É no triste lanço em que o author da carta ao snr. Pereira requer a cadeira vaga no Curso Superior de Letras para o snr. Pinheiro Chagas, que, a proposito das partes que concorrem no referido escriptor, cita o snr. Castilho o denodo com que exerce a critica o author do *Poema da Mocidade*, fazendo-se logo a si mesmo a objecção seguinte: — «Theophilo Braga, dirão, Anthero do Quental, Vieira de Castro, talentos distinctos, e de já não pequena clientela, todos elles teem sido, e continuam a ser, acremente objurgados por este aquilatador inexoravel.»

Depois d'escripto aquelle periodo sentiu o snr. Castilho uma pancada na consciencia, e acudiu com este: «Má e pessima guerra esta em que se bombardeia atirando nomes; ahí os affectos e paixões, o amor e o odio,

o egoismo, a inveja e o medo, perturbam o juízo, e ou gelam a mão nos copos da espada, ou despedem os golpes á tôa, sobejos para destruição, mas para victoria mallogrados.»

Ninguém havia lançado os nomes referidos como impedimento ou estorvo ao caminho do snr. Pinheiro Chagas. Foi unicamente o snr. Castilho quem engenhou esse empecimento. Não lhe pareceu bem o que fazia, e escreveu então, de si, e para si mesmo: *Má e pessima guerra, etc.*

Depois pôz o snr. Castilho de parte o nome do snr. Vieira de Castro, e disse dos snrs. Theophilo Braga e Anthero do Quental: «Pelas alturas em que vôam, confesso, humilde e envergonhado, que muito pouco enxergo, nem atino para onde vão, nem assento o que será d'elles a final.»

O snr. Vieira de Castro é um talento que desabrocha auspiciado das melhores esperanças. Applaudese-lhe a vehemencia demosthenica representada na tribuna portugueza pelo perfil energico de José Estevão; tem a réplica, prompta e acerada, apontada sempre ao peito do adversario como a lamina lampejante d'um stylete d'aço; no esgrimir do debate percebe-se que o joven orador cabe bem em guarda, sustentando o recto com a firme impavidez que fazia descorar os contendores diante de Rodrigo da Fonseca Magalhães e de Antonio da Cunha Souto Maior.

A linguagem do snr. Vieira de Castro, posto que por vezes paraphrastica e algum tanto tumida, é correcta e clara, e em partes vivissima e deslumbrante, ostentando essa copiosa facilidade de que são norma as dissertações classicas de Mendes Leal e Rebello da Silva.

Susceptivel, impetuoso e entusiasta até á petulancia geradora dos impetos decisivos, que ou complicam uma situação ou a salvam pelo pathetico e pelo sublime dos

lances extraordinarios, o joven orador não virá talvez a ser, como pretendem alguns dos seus Cormenins, e eu facilmente creio, o argumentador tenaz e frio que quotidianamente, e manso e manso, vai dispondo como em calculo algebrico as ideias, umas pelas outras comedidas engranzando-se como os elos d'uma corrente a que por fim se ha de prender o pensamento primitivo e dominante; não será o relator minucioso e austero dos pensadissimos principios sobre os quaes se hão trabalhosamente architectar os materiaes envencilhados d'uma lei ou d'um systema; mas nas occasiões solemnes em que a victoria depende da transcendente decisão do momento, quando fôr preciso abalar profundamente, vibrando as cordas mais intimas da paixão e do enthusiasmo, o snr. Vieira de Castro ha de ser o tribuno inspirado que por muitas vezes dominará uma situação, derrocando as convicções mais inveteradas, e removendo os animos ao grado da palavra estuosa, implacavel e terrivel.

Por ser já isto, e por não vir talvez a ser aquillo, não terá o nome de Vieira de Castro na historia da eloquencia parlamentar contemporanea uma pagina menos brilhante nem menos digna do seu relevante merito.

Os outros dois mancebos a cuja nebulosidade o snr. Castilho allude, accorreram pessoalmente a dar razão de si.

Vou pois dar logar á carta dirigida ao snr. Antonio Feliciano de Castilho pelo snr. Anthero do Quental, e ao opusculo do snr. Theophilo Braga, intitulado *Theocracias Litterarias*.

Ouçamos o snr. Quental, que foi quem primeiro fallou.

Eu abri gulosa e sôfregamente esta carta do illustre academico, e, por um processo pouco razoavel mas quasi instinctivo em quem quer devorar rapidamente a leitura

*

d'um livro, corri logo ao fim, e a primeira coisa que li foi a ultima: a assignatura do author e as linhas que a precedem na ultima e penultima folha do opusculo.

Causou-me profunda mágoa vêr essas phrases desabridamente insultuosas e provocadoras, escriptas, assignadas, e directamente dirigidas por um moço de vinte e cinco annos a um varão respeitavel pelos seus cabellos brancos, respeitavel pela enfermidade horrivel que o privou da vista, respeitavel pela sua profissão, respeitavel pelo seu talento, respeitavel pelo seu trabalho.

Sou novo como o snr. Anthero do Quental; discordo como elle, e desafogadamente o tenho dito, das sentenças litterarias lavradas pelo critico do *D. Jayme* e do *Poema da Mocidade*; préso como os que mais presam a liberdade d'opinião e o denodo da verdade, mas repulso com tedio esse valor quando o vejo desenquadrado das questões de arte para se empregar sacrilegamente na baixeza plebeia do insulto pessoal descaradamente arremessado á face veneranda do decano dos escriptores portuguezes.

Ao homem que se não admira, que se não respeita, que nem sequer se estima, e a quem temos por *futil*, por *deshonesto*, e por *tonto*, não se escreve na boa sociedade uma carta a repregar a desconsideração e o desprêso em que o temos, senão quando o nosso fim é chamar a pessoa a quem nos dirigimos a uma explicação pessoal mais decisiva que a palavra.

Se o snr. Quental já d'antemão sabia, como affirma abrindo ahi margem a novo insulto, que o snr. Castilho é velho e cego, levará a bem dizer-se-lhe que maculou o snr. Quental os seus vinte e cinco annos com a mais torpe das nodoas que um mancebo pôde lançar no seu character: a covardia.

Vejamos agora como o celebrado universitario pondera a questão litteraria suscitada pelo reparo do snr. Castilho ácerca do abuso da palavra, e da nebulosidade dos escriptores coimbrões.

«Quem move estes ridiculos combates de phrases, diz o snr. Quental, é a vaidade ferida dos mestres e dos pontifices; é o espirito de rotina violentamente incommodado por mãos rudes e inconvenientes; é a banalidade que quer dormir socegada no seu leito de ninharias; é a vulgaridade que cuida que a forçam—nós só lhe queremos puxar as orelhas!

«Isto resumido em poucas palavras quer dizer: Combatem-se os hereges da escola de Coimbra por causa do negro crime da sua dignidade, do atrevimento da sua rectidão moral, do attentado da sua probidade litteraria, da impudencia e miseria de serem independentes e pensarem por suas cabeças. E combatem-se por faltarem ás virtudes do respeito humilde ás vaidades omnipotentes de submissão estúpida, de baixaza e pequenez moral e intellectual.

«Mas é que a escola de Coimbra commetteu effectivamente alguma coisa peor do que um crime—commetteu uma grande falta: *quiz innovar.*»

As aulas de Coimbra toda a gente as conhecia, não tanto pelo pouco que lá se aprende como pelo que Almeida Garrett e outras authoridades insuspeitas nos teem contado do muito que lá se mandreia. *Escola litteraria de Coimbra* é designação nova intrometida no mundo pelo snr. Quental. Liquidemos isto para nos entendermos bem.

Eu distingo os escriptores coimbrões dividindo-os em duas classes: menores e adultos.

Dos adultos temos as seguintes obras:

Elementos de philosophia racional e moral do snr. doutor Doria; uma *Rhetorica* do snr. padre Cardoso; uma *Geographia* do snr. Bernardino Carneiro; alguns outros compendios de varias disciplinas; a *Cebenta*; e a *Descripção do Bussaco* do snr. Adrião Forjaz.

Dos menores conheço:

Os livros do snr. Theophilo Braga; *As Odes* do snr. Anthero; os *Cantos* do snr. Aleixo; *Os amantes no bosque*; e dois notaveis excerptsos intitulados *A Poma* e *As Nugas*.

Sé é, como creio, a esta segunda ordem de escriptos que cabe a designação de escola de Coimbra, sou a notar que em nenhuma d'aquellas obras se me figura que innovasse alguém o que quer que fosse, de parte posto o author da *Poma* e das *Nugas*, do qual nada me atrevo a affirmar ou a negar, porque nunca pude, por mais que matutasse e malucasse, aventar, remotissimamente que fosse, o que o supradito sujeito quizesse vir a dizer-nos com as suas sybilinas *Nugas* e com a sua impenetravel *Poma*.

Se estou em erro peço aos illustres academicos que me elucidem.

Pergunto:

Qual é o novo systema que v. exc.^{as} crearam?

Qual é a questão litteraria, philosophica ou social que se tem ventilado no seu gremio?

Em que principios se levanta a reforma que v. exc.^{as} nos pregam?

Que ideia nova trazem os esperançosos mancebos aos mundos do saber humano?

Vamos, falle o oraculo universitario, que a geologia, a chimica, a physica, a astronomia, todas as sciencias mo-

raes, todas as sciencias naturaes, todas as sciencias abstractas, teem abertos os seus canhenhos para receber o verbo augusto com que a mocidade academica vem alumi- ar o orbe. A economia politica já houve do snr. Quen- tal esta profunda maxima, que a grammatica repelliu por barbara: *Na vida ha para nós mais perigo de se afo- gar que de morrer á sede!* ¹

A theologia ouviu aquella definição do que seja um padre:

*Padre?! Padre... é o Pa e—só—que nos cobre,
E a todos com a mão afaga e amima,
E em meio do caminho nos anima,
E vae comnosco—o qu e está sob e sobre.* ²

A physica ficou sabendo que o trovão é composto de flamm- as, e a anatomia aprendeu que o olho era feito de escamas, como consta do seguinte quarteto:

*Desde a lepra dos corpos, e os abrolhos,
Dos montes arrancados... desde as flamm- as
Tiradas ao trovão... té ás escamas
Arrancadas aos cegos de seus olhos,* ³

A astronomia ouviu a seguinte lei: *A aurora é o «sursum corda» do Universo.* ⁴

A geologia aprendeu com grande pasmo seu *que a cor dilheira dos Andes era formada de insectos.* ⁵

A moral escutou esta sentença: *O sentimento do justo*

¹ *Odes Modernas*—pag. 26.

² *Idem*—pag. 38.

³ *Idem*—pag. 44.

⁴ *Idem*—pag. 39.

⁵ *Theocracias Litterarias*—pag. 43.

é despertado pelo interesse. E mais esta: O sentimento do justo quando se traduz por meio de formas é vicioso. ¹

Tudo isto é novo, singularmente novo, tristemente novo, mas tudo isto é também falso, porque ou é ôco ou é erroneo.

Venha a ideia nova, mas boa, exacta, verdadeira, fecunda, prestavel!

O bello! fallam-nos do bello! Quem é ahi o poeta que comprehendeu o bello?

Que mágoas abrandaram os senhores na terra?

Que balsamo verteram nos corações enfermos?

Que alegrias depozeram no casto seio da familia?

Que alentos levaram ao trabalho e ao estudo?

Que nobre convicção, que hombriedade heroica, que santo enthusiasmo incutiram nos espiritos da mocidade?

Que palavras puras ensinaram ás mulheres, ás amantes, ás esposas e ás mães?

A resposta a cada uma d'estas perguntas é o bello, porque o bello não é mais que a vibração do talento n'uma das intimas cordas do coração humano. Queiram responder.

Eu abro o livro das suas Odes, snr. Anthero do Quental, e recuo espavorido da monstruosidade do seu talento.

É convicção de varios criticos ser mau genero o da poesia philosophica. O bom poeta, dizem elles, é ordinariamente mau philosopho, e o bom philosopho mau poeta. O snr. Anthero do Quental é uma excepção a isto, porque é mau poeta e é mau philosopho. É mau philosopho porque derriba em vez de edificar. É mau poeta porque discorre em vez de commover.

¹ Primeiras quatro linhas dos *Cantos do Seculo*, do snr. Aleixo.

A philosophia entendida por este modo é uma sciencia inteiramente negativa. Consiste em desfazer o que está feito, em desdizer o que está dito, em recalcar caminhandoo para traz o trilho que os outros pizaram andando para diante. Para isto não é preciso ter ideias.

O processo de fazer para a feira um artigo de philosophia é o mais material dos processos. Abre-se um livro de Michelet, de Henri Heine, ou d'algum dos philosophos da Allemanha, cujas traducções, esteriotypadas em França, se vendem por um franco em qualquer livreiro; lê-se-lhe um capitulo; toma-se-lhe de memoria a substancia; para não plagiar discrepa-se n'um ou n'outro ponto da doutrina, ou discrepa-se em tudo e adopta-se a doutrina opposta; pega-se então em papel e penna, escreve-se pela negativa o que os outros escreveram affirmando, e diz-se por fim: *N'este ponto acho-me em completa opposição com todos os philosophos que me precederam*. Se não tivermos deslizado em ponto algum do que houvermos lido, concluimos então por est'outra fôrma: *A philosophia moderna acompanha-me na opinião que acabo de expôr*; e accrescenta-se a isto uma erudita nota citando Vico, Hegel, Creuzer, Littré, e todos os mais de quem se tenha copiado alguma coisa.

Eu já experimentei por mim a efficacia d'este meio de escrever seis artigos por dia sem incommodar a imaginação no respigo d'uma só ideia. O resultado foi do mais apparatuso effeito. Eu mesmo acreditei que tinha pensado tudo aquillo, e que era realmente um philosopho ao fim d'uma hora de trabalho bruto!

Os senhores de Coimbra chamam ao folhetim *litteratura facil*. Eu não os desdigo, mas sustento que a *litteratura facil* é muito mais difficil do que a difficil philoso-

phia. Horacio, que foi o primeiro folhetinista do seu tempo, e Labruyere que foi o primeiro noticiarista da sua época, hão de por isso viver na memoria das gerações mais alguns annos, já não digo do que o snr. Quental, mas do que o proprio snr. Ernesto Renan, de quem os academicos de Coimbra são grandes sectarios e grandes veneradores, emquanto que os seus collegas das universidades da Allemanha lhe apontam os erros em que cahiu, e se riem d'elle como d'um charlatão de mau gosto.

Mas particularisemos e venhamos á innovação trazida pelo snr. Quental ao seio da religião, ao seio da politica, ao seio da sociedade.

O snr. Anthero descobriu que uma certa arvore symbolica, cujo nome nos não revela, se acha cercada de vermes, a que o poeta chama tambem insectos, os quaes bichos querem comer o tronco da dita arvore, o que não conseguirão, segundo o author affirma nos seguintes versos:

Hão de gastar os dentes n'essa lida;
Hão de gastar depois ainda a cabeça;
Hão de gastar por fim o corpo todo!

É á sombra d'esta arvore, rodeada de vermes inteiros, de vermes meio gastos e de vermes quasi acabados, os quaes vão roendo sempre, uns com os dentes, outros com metade do corpo e outros unicamente com a ponta do rabinho, porque se lhes gastou o resto; é á sombra d'esta arvore que o snr. Quental decreta a sua doutrina ao mundo.

O joven academico convida os povos á revolta, affiançando-nos que vivemos todos na Revolução como os apóstolos viviam em Deus, *in eo vivimus et sumus*.¹

¹ *Odes Modernas*—pag. 151.

Qual é o grito d'esta revolta?

Guerra ao throno, onde só pôde sentar-se um lobo e um tyranno!

Guerra ao altar, onde é preciso derribar a cruz, despedaçar as santas imagens e beber o vinho da orgia pelos vasos sagrados!

Morte ao clero!

Odio eterno aos ricos, que representam a infamia!

Estas ideias constituem o espirito do livro do snr. Anthero do Quental. Apparecem-nos sempre ditas e re-ditas, pisadas e repisadas em cada pagina.

Como exemplo e prova do que digo citarei textualmente uma lauda das *Odes Modernas*. Eil-a:

Trabalhaes! e mal vedes que trabalho!
Sois as rodas da machina
Que a si mesma se está esmigalhando!
E, Reis e Sacerdotes,

E Levitas do mundo! sois vós mesmos
Que abris a grande *Porta*,
Por onde ha de ruir o mundo todo
No vosso templo egoista,

E deitar, sob o altar, as cruces todas,
E beber regalado
Esse nectar da vida—a Liberdade—
No vosso calix sancto,

E esmigalhar, com a frente do levita,
A frente do seu idolo!
Vede o que ha de sahir do horrivel choque
De sancto contra sancto!

VI

E sabeis vós por que? Por pouco... apenas,
Porque o Deos da historia
Traduziu, n'uma lauda do seu livro,
A traducção extranha,

Que diz, em vez de *rei*—lobo e tyranno—
E, em vez de *sacerdocio*
—Serpente que se enrosca ao mundo todo—
E, em vez de *rico*—infame—

Isto é horrível, detestável, ignobil, mas infelizmente não é novo.

A bandeira que o snr. Quental vem hastear com as suas mãosinhas tenras no solo do paiz mais livre e mais liberal do mundo, é a mesma que o dominio do terror arvorou em França, entre duzentos cadafalsos, em 1793.

É a mesma que um anno depois cahiu das mãos callosas e ensanguentadas de Robspierre, no mesmo dia em que a cabeça do traidor foi atirada pelo carrasco á vala do esquecimento.

É a bandeira embebida até o conto da haste no sangue de Luiz xvi, de Maria Antoinette, de Danton, de Camille Desmoulins, de Brissot, de Valazé, e de mil e mil outras victimas de todas as idades, condições e sexos.

É ainda a mesma bandeira que um outro poeta, chamado Lamartine, arrancou com a energia da palavra das mãos da plebe desenfreada e estúpida, á qual o snr. Anthero levantou um throno de alexandrinos assim como Marat um throno de cadaveres.

Note-se a ingratição do povo. O poeta da revolução de 1848, que nunca lisongeou o instincto feroz da vasa popular, não foi rei dos francezes porque não quiz; e o demagogo coimbrão, que afaga as paixões ruins da escoria social, é apenas conhecido de vista pelos terroristas da sua rua, que nunca deram um crusado para lhe lér as odes!

Já vêem que tudo isto em tudo é velho.

Diz o snr. Anthero que em Portugal se não entendem nem apreciam as suas obras, porque não é em Lisboa que se pensa mas sim em Paris, em Londres e em Berlim. ¹

¹ *Bom senso e bom gosto*, carta ao exc.^{mo} snr. Antonio Feliciano de Castilho—pag. 44.

Tomando para exemplo e confronto a primeira das cidades pensantes da referencia do illustre academico, mostrarei claramente a s. exc.^a como é que em Paris se entendem e apreciam as obras dos Quentaes que, por lá assim como por cá, rebentam de quando em quando.

Ha dias seis estudantes do *Quartier-Latin*, enfastiados da ultima canção de M.^{lle} Thérèza, da ultima ceia e da ultima polka, pegaram em si e passaram-se do *Mabille* para o congresso de Liege, celebre reunião de sabios incipientes, com os quaes Victor Hugo por coisa nenhuma do mundo se quiz acamaradar, e a cujo gremio muito extranhei que o snr. Anthero do Quental não levasse a luz do seu engenho empanada pela desconsideração da patria.

Um dos citados estudantes disse: *Messieurs, je n'ai qu'un mot à dire: aux armes!*

Outro exclamou: *Nous sommes revolutionnaires, socialistes, athées.*

O terceiro: *Il faut choisir entre l'homme et Dieu.*

O quarto: *Dieu c'est le mal, la propriété c'est le vol.*

Os dois restantes referendaram as ideias expostas pelos precedentes.

Quer dizer: Os seis estudantes de Paris disseram em prosa villôa exactamente o mesmo que o snr. Anthero do Quental nos está dizendo em versos maus.

Vejamos agora como em Paris, que é uma terra onde se pensa, se entendeu e apreciou a obra dos universitarios.

A imprensa deixou a infancia tagarellar á sua vontade em Liege, e não disse uma palavra ácerca das *ideias novas* expostas alli pelos representantes do *Quartier-Latin*.

O ministro da instrucção publica, talvez a unica pessoa que leu as actas do congresso, o que entendeu foi: que

os seis universitarios tinham incorrido nas penas da lei por haverem enunciado sentimentos subversivos da ordem social, do regimen do estado e da religião do seu paiz.

N'este sentido foi expedida uma portaria ao director da universidade, e vinte e quatro horas depois os seis *innovadores* eram perpetuamente riscados das academias de França, recebendo as respectivas familias aviso official para mandarem retirar de Paris os academicos expulsos, ensinando-lhes em suas casas os deveres de bons cidadãos e de bons christãos.

Levante o revolucionario coimbrão as mãos a Deus, e em vez de se queixar, agradeça á Providencia o tel-o collocado n'um paiz onde felizmente se não pensa como em França.

Mas de todo este livro do snr. Quental sobresahe uma circumstancia que não pôde deixar de impressionar dolorosamente quantos o lêrem, embora seja minima ou nulla a importancia que liguem ás doutrinas de que elle é interprete. Refiro-me á fria materialidade e á crua indiferença religiosa d'este moço. Por traz das puerilidades mais ou menos inoffensivas do illustre academico, ha um quadro lastimoso.

Sahe do berço uma creança de natural rebelão. Cospe em blasphemias as orações que lhe ensinou com beijos sua mãe. Converte em arma de infantis travessuras o crucifixo ainda embaciado com o ultimo alento de seu pae moribundo. Quebra ás pedradas as cruces do campo do repouso e da paz onde dormem o ultimo somno os seus avós. Não se lembra que a cada uma d'essas cruces corresponde talvez, estirada e carcomida, a ossada d'um soldado das cruzadas, d'um cabo de Aljubarrota, d'um navegador da India, d'um missionario do Oriente, d'um entusiasta,

d'um poeta, d'um sabio, d'um apostolo ou d'um martyr, engrandecidos todos pela fé, que era a immortalidade, a immortalidade no céo, que era a religião que lhes ensinaram. A guarda d'essas venerandas cinzas de nossos paes, que são para nós o exemplo, a lição, a historia, e com a historia a patria, e com a patria a familia; a guarda d'esse thesouro, que é o coração d'um paiz, confia-a o povo de bem ponco: da sombra d'um cypreste, da presença d'uma igreja nos povoados e d'uma capellinha no viso dos montes—arvores e templo que o author das *Odes Modernas* quer derribar com os seus versos, promettendo-nos um spectaculo singularmente novo: um montão de granito incendiado por um pyrilampo; o roble secular que prendeu os punhos herculeos de Milão de Crotona escanado e desenraizado das entranhas da terra por um pimpolhinho de mezes, que nem o geito ainda sabe de ser gente!

Não, snr. Anthero do Quental; a poesia não pôde ser isto, nem a verdadeira e legitima poesia o ha de ser nunca, embora o possa vir a ser a historia.

Se Troya tem de cahir segunda vez perante o assedio da metaphysica, segundo s. exc.^a nos agoira nas suas trovas, o symbolo da poesia n'esse dia de destruição não será Ulysses descendo a occultas do bojo ôco d'um cavallo de pau para arremessar covardemente o facho do incendio ao interior do templo de Deus e do santuario da familia. Não, o ideal da poesia não é Ulysses, o incendiario; é Eneas, o pio, fugido ás chammas, levando a espada no punho, a resignação na alma, e aos hombros o seu velho pae e os seus venerados penates; salvando, guardando e reconstituindo para a posteridade, para a immortalidade e para a gloria, as tradições da familia, as da religião e as da patria.

Desfitemos d'aqui a vista para a empregarmos ainda uma vez na carta do snr. Quental ao snr. Antonio Feliciano de Castilho.

Diz o joven escriptor que quem move guerra á escóla de Coimbra é a vaidade ferida dos mestres e dos pontifices. Esta asserção é immodesta. A escóla de Coimbra não fere por emquanto a vaidade dos aprendizes, quanto mais a dos mestres! nem a dos clerigos *in minoribus*, quanto mais a dos pontifices!

O espirito de rotina continúa a pisar a sua cansada trilha, porque não são as taes mãos «rudes e inconvenientes» de que falla o snr. Quental, as que demovem os rotineiros da escuridão dos vales para as cumiadas doiradas pelo sol. Os escriptores que partem as velhas molas de uma litteratura para lhe introduzirem um movimento e um jogo novo não são os philosophos da escóla de Coimbra, que a voz pública proclama nevoentos e inintelligiveis. São os poetas como Almeida Garrett, que toda a gente entende, que as turbas, pallidas do enthusiasmo que produz a irradiação do genio, applaudem na scena; que todas as mulheres decoram, que todos os homens lêem, e que todos os sabios meditam.

A primeira condição que deve ter um systema para que vingue é que toda a gente o entenda completa e cabalmente. Os rumores que se levantam contra a abstrusidade do snr. Quental e dos mancebos que com elle se puzeram á testa da chamada escóla coimbrã são o prenuncio infallivel da sua queda.

Como ha de lançar raizes, rebentos, flôres e fructos uma ideia que apenas roçou ao de leve no solo, em vez de se entranhar fundamente na leira feracissima da comprehensão geral! Não pôde ser. Debalde n'esta conjunctura

apostropha o cultivador a terra ingrata e safara. A semente, que não entrou no chão, fica inutil. Leva-a o vento, ou apodrece na lama.

Se não é um novo systema philosophico, mas sim uma nova expressão da poesia pura o que nos traz a escola de Coimbra, direi ao snr. Quental que não é nas academias e nos congressos de sabios, para que s. exc.^a appella, que se aferem os dotes que hão de levar uma strophe á posteridade. Esses dotes decifra-os rapidamente a multidão pela simples intuição do bello, que é ingenita em todas as almas bem formadas.

O esforço da escola de Coimbra, se effectivamente ha em Coimbra um esforço e uma escola, não é estalo que por emquanto acorde «a banalidade que dorme no seu leito de ninharias». Á litteratura coimbrã estão cerrados os eccos das consciencias; faltam-lhe completamente essas mysteriosas vibrações atmosphericas, que fazem com que em acustica o estampido succeda ao golpe, e em litteratura o successo acompanhe a determinação do talento.

A dignidade e a independencia da escola de Coimbra, a que jactanciosamente allude o snr. Quental, são virtudes que se devem tomar á conta d'um bom proposito da parte da mocidade academica, mas que não podemos já respeitar nem applaudir como consummado merecimento.

A independencia parece-se com a coragem em ser como ella um dom de cuja posse só pôde ter certeza quem a si mesmo se mediu n'um d'esses lances decisivos e supremos em que verdadeiramente se provam os homens.

A impavidez do animo e o despreço da vida sabe que os possui quem olhar sem pestanejar nem empallidecer para o lampear do golpe que ha de varar-lhe o coração, quem caminhar sereno para a bôca do arcabuz que se

lhe apontar ao peito, sem lhe vacillar o passo, sem se lhe descompor um musculo, sem lhe marcar o pulso um só movimento mais.

A impavidez do trabalho, o desprezo da riqueza e das honras futeis precisam de ser tocados em provação identica.

A independencia depois de mettida nos meandros da sociedade encontra muita vez o gladio da indigencia apontado ao peito, vê muita vez o arcabuz da fome aperrado á embocadura do seu caminho. O homem independente é o que não recua diante da ponta d'esse ferro, é o que não torce caminho á bôca d'essa arma.

A independencia experimenta-se no meio da ebullicão social, na vida pública, na politica, na imprensa, no commercio, nas fabricas, nas officinas, entre o luxo e a miseria, entre a voz da consciencia e a voz do mundo, entre as lagrimas da familia que chora no escuro em nossa casa e o baile que se agita entre luzes e flôres na casa fronteira, entre as botas velhas que trazemos nos pés e a carroagem que nos passa ao lado salpicando-nos de lama, entre a nossa intelligencia e a nossa bolsa, entre o trabalho e o talento, entre o pão e a honra.

Um estudante a cujo espirito se não offerecem senão as duas pontas d'um unico dilemma—estudar ou não estudar a lição—, não pôde por nenhum modo ferir em qualquer d'esses gumes a sua reputação d'homem independente.

A independencia d'um estudante acceita-se sem discussão, mas tambem sem louvor nem triumpho, como a innocencia d'um menino.

Á dignidade applicam-se os mesmos principios por que se rege a independencia.

Não discuto pois a dignidade da escola coimbrã. Sómente me permittirei dizer ao snr. Anthero do Quental, que se me figura imperfeita a noção que s. exc.^a tem d'esta virtude social, quando parece indicar na sua carta que a dignidade consiste em viver fóra de Lisboa, em não ir ao Gremio, em não visitar o snr. Castilho e em não tirar o chapéo aos homens de talento que se conhecem. Esta especie de dignidade usou-se aqui ha annos quando foi moda serem os poetas sorumbaticos, trazerem o cabello até á cinta, andarem vestidos de preto por dentro e por fóra, e terem horror á sociedade, e ao lavatorio. Hoje que os poetas já não fazem luxo na pobreza porque o talento deixou de ser representado pela miseria, hoje que a circumstancia de escrever um artigo e aparar uma ode não é impedimento para que alguém deixe de fazer tambem a barba e de cortar as unhas, hoje que os poetas andam penteados e limpos, calçando luvas e fallando com senhoras, hoje, digo, a tal dignidade a que se refere o snr. Quental é um amarroamento montezinho commum ás pessoas que se não sabem apresentar e ás que não tiveram quem as apresentasse no mundo.

As demais partes da carta do snr. Quental destinam-se exclusivamente a injuriar o snr. Antonio Feliciano de Castilho e a elogiar o ideal.

O snr. Quental decide as mais graves questões philosophicas, com um desplante que faria sorrir os manes de Locke, de Berkeley, de Hume, de Reid e de Stewart. O *ideal* define-o s. exc.^a do seguinte modo: «desprêso das vaidades; amor desinteressado da vaidade; preocupação exclusiva do grande e do bom; desdem do futil, do convencional; boa fé; desinteresse; grandeza d'alma; simpli-

*

cidade; nobreza; soberano bom gosto e soberanissimo bom senso».

Isto é uma heresia que poderia ter desculpa na bôca d'um *folhetinista* leviano e futil, mas que se não pôde perdoar a um philosopho como o snr. Anthero do Quental.

A definição de s. exc.^a é apenas a enumeração d'alguns dotes que, governados por certas leis e applicados á litteratura, produziriam talvez o *justo* ou quando muito o *bello*.

Ora o *ideal* é uma coisa differente.

Distingo isto, porque entendo que a primeira obrigação d'um philosopho que deseja ser entendido é não confundir nunca a technologia da sciencia que cultiva e prelecciona.

Em esthetica *ideal* quer dizer simplesmente o contrario de *imitação*.

Em toda a obra d'arte concorrem dois elementos: o elemento material que actua nos sentidos, e o elemento invisivel que produz a commoção intima.

Nas artes de imitação, como a pintura e a estatuaria, o elemento invisivel ha de deduzir-se impreterivelmente do elemento material, porque o pintor e o esculptor só dispoem dos signaes que representam a fórma. Estes signaes chamam-se naturaes.

Os signaes de que usamos na litteratura não são naturaes mas de convenção; e actuaem em nós d'um modo differente, porque n'elles o elemento invisivel já não está absolutamente adstricto ao elemento material como nas outras artes.

O poeta pôde pois manifestar o pensamento e transmittir aos outros a impressão do bello por dois modos differentes: sujeitando o elemento invisivel ao elemento ma-

terial; ou tomando do elemento material unicamente o indispensavel para servir o invisivel.

No primeiro caso temos a *imitação*. No segundo, o *ideal*.

Com a adopção d'um ou outro d'estes processos nada tem a boa fé, nem a grandeza d'alma, nem a nobreza, nem varias das outras coisas a que o snr. Quental se refere, dando-nos palavras boas e bonitas, quando devia, como philosopho, dar-nos simplesmente os nomes claros e precisos dos objectos que tinha de representar e definir para chegar á sua apotheose do ideal.

O snr. Anthero, a meu vêr, abusou da esthetica para o elogio, assim como abusou da critica para a injuria.

Depois de escriptas as linhas que o leitor acaba de percorrer tive eu conhecimento da obra que o snr. Anthero publicou ultimamente com o titulo de *A dignidade das letras e as litteraturas officiaes*.

Em varios pontos d'este segundo opusculo desdiz-se vergonhosamente o author das opiniões que sustentára no primeiro.

Não trato de evidenciar minuciosamente todas essas flagrantes contradicções porque entendo que o snr. Quental perdeu, depois d'esta ultima publicação, o direito que tinha a ser gravemente discutido. Darei apenas uma rapida prova do que deixo dito.

A paginas 11 do seu primeiro folheto diz o snr. Quental, alludindo á incapacidade intellectual do snr. Castilho, que « todas as obras escriptas em prosa por este author são imitações das algaravias mysticas de frades estonteados, e que todas as suas obras em prosa e verso são banalidades e ninharias. » Taes são as textuaes palavras do illustre academico.

Vejamos agora o que o mesmo snr. Anthero do Quental escreve ácerca do drama *Camões* a paginas 44 e 45 do segundo folheto que publicou: «É uma obra sentida e profundamente verdadeira, feita com alma, paixão, sangue e vida, que se sente palpar e nos toma o coração e o domina com este absolutismo que só tem a verdadeira belleza. É um dos mais formosos dramas do theatro portuguez e a unica, admiravel e inatacavel obra do snr. Castilho—o drama *Camões*. Nunca se dirá bastante d'esse livro surpreendente *que excede muito o «Camões» de Garrett no estudo da época, na interpretação do verdadeiro character do heroe, na intelligencia intuitiva do genio da nação, e no grande espirito poetico e dramatico que anima todas as scenas, salas amplas e luminosas d'um maravilhoso palacio de poesia.»*

Como é que se muda assim de linguagem fazendo hoje o mais levantado, o mais descabido, e o mais torpe dos elogios á mesma obra que hontem se tinha por *algaravia, estonteamento, banalidade e ninharia?*

Só um sentimento muito mesquinho poderia determinar este passo. Uma convicção litteraria não se transforma assim d'um dia para o outro, rapida e expontaneamente, sem tempo, sem lucta e sem discussão. A consciencia da verdade tambem não póde levar ninguem a antepôr o valor da traducção d'um drama francez ao merito d'um bom poema original.

O *Camões* do snr. Castilho—entenda-se bem isto—é uma simples versão em que o traductor se apartou do original unicamente para lhe interpolar um auto, para pôr alguns versos na bôca do Jáó, e para trocar o nome d'um personagem imaginario por um nome historico.

O auto, escripto ao geito de Gil Vicente, tem fino sa-

bor classico e incontestavel merecimento como trabalho linguistico, mas enfraquece a vehemencia da acção dramatica como toda a empola escusada e inutil. Quando o drama *Camões* subiu á scena, o publico recebeu como impertinencia d'erudito o referido auto, que apenas se supportou na primeira representação, sendo eliminado nas seguintes.

Os versos muito espenicados e apuradinhos introduzidos na prosa commum da peça como linguagem d'um escravo quasi selvagem, destoam da larga e desataviada rudeza do malaio, alvoroçam inconvenientemente o ouvido, desdizem da verdade natural e da verdade artistica, e atraíçoam o effeito da situação e a harmonia dos caracteres, desvanece o contraste, que é a primeira mola do interesse, e estabelecendo entre os dois principaes papeis uma paridade que no theatro é não só inconveniencia mas erro manifesto. Pôr ao lado d'um heroe que verseja um homem que tambem faz versos, é sacrificar um dos dois ou sacrificar ambos. Ou emparelhal-os e apagar então completamente o realce do protogonista, ou distinguil-os em merito, e obrigar então impreterivelmente um d'elles a ser a caricatura do outro.

A mudança do nome, que constitue a terceira e ultima divergencia que se encontra entre o drama francez e a traducção do snr. Castilho, parece-me tambem inaceitavel. Tracta-se d'um typo odioso, do implacavel inimigo de Camões, do causador dos seus infortunios, do homem finalmente que ha de representar na estreiteza do theatro essa força mysteriosa mas irresistivel, a que na amplidão do mundo se chama a Fatalidade ou a Providencia. Gil Vicente no seu tempo trazia esta figura da mytholo-

gia e chamava-lhe o Destino. Shakspeare avocava-a do céu ou do inferno, e chamava-lhe um anjo ou um monstro. O dramaturgo francez, author do *Camões* preferiu tiral-a da turba obscura da fidalguia analphabeta, e chamar-lhe *Soria* como poderia chamar-lhe *Pêro* ou *Martinho*. O snr. Castilho entendeu que devia dar o logar ignobil do inimigo do poeta a um typo historico, e chamar-lhe *Gonçalves Camara*, cuidando emendar um erro do author francez com dizer-nos que nunca houve *Soria* em Portugal. Boa novidade! O dramaturgo que tão correctamente desenhou os typos de *Camões* e de *D. Sebastião*, mostrando conhecer perfectamente a chronica d'este rei e a historia da jornada de Africa, não podia por nenhum modo ignorar um nome como o de *Gonçalves Camara*, tão conhecido pela interessante parte que teve nos acontecimentos d'aquella época. Não o adoptou porque não quiz, porque lhe repugnou á sua delicadeza de consciencioso artista expôr assim ao odio e á indignação das plateias o nome d'um vulto importante, cuja inimizade a *Camões* é ponto a alguns respeitos controverso, e cujos erros, se os teve como cortezão ou politico, pertencem á grande jurisdicção da historia e não á alçada das liberdades theatraes.

É singular o modo como o snr. Castilho adaptou á scena o typo d'este personagem, unico que s. exc.^a introduziu no drama, e cujo character só depois d'escrupulosamente estudado, bem averiguado, e bem perfeito e fiel, se poderia trazer a público.

Querem saber o que fez o snr. Castilho? Substituiu no elenco dos interlucutores da peça que traduziu o nome de *Soria* pelo nome de *Gonçalves Camara*, e attribuiu a este todos os sentimentos, todas as paixões, todos os affe-

ctos, e até quasi todas as palavras com que o escriptor francez dotára a sua imaginada creatura!!¹

Tudo quanto o snr. Castilho intercalou no drama *Camões* é mediocre ou mau, como deixo provado. O bom trabalho de s. exc.^a fica pois reduzido a uma simples e mera traducção. E é a este trabalho gafento de trasladar palavras d'uma lingua para outra, é a esta obra positivamente plastica, que o snr. Quental chamou hontem *ninharia*, e diz hoje ser feita *com alma, paixão, sangue e vida*, em vez de dizer *tinta, papel, penna e prosodia!* É isto que o snr. Quental chamava hontem *banalidade*, e põe hoje acima do mais bello poema d'este seculo, do mais alto monumento que se podia erguer ao cantor dos *Lusíadas*; do livro mais lyrico, mais patriotico, e mais portuguez, que a poesia contemporanea transmite, alumiado já pelo clarão da immortalidade, á admiração do futuro; livro que, ainda depois d'esboroadada toda a litteratura que o acompanhou, permanecerá de pé, assim como permanece uma abobada de marmore, firme no seu proprio pêso, depois d'aluida toda a fabrica dos travejamentos e dos andaimes que lhe estavam sotopostos!

Disse eu que só um sentimento muito mesquinho podia occasionar esta retractação incompativel com o conselho d'um espirito esclarecido e despreoccupado. Ao sentimento a que me referi vou dar agora o verdadeiro nome.

O snr. Anthero do Quental teve medo.

O snr. Anthero do Quental apedrejou a corôa do talento e a corôa da idade, que ornam a frente do snr. Cas-

¹ Tenho diante de mim o drama francez. É original de Victor Perrot e Armand du Mesnil. Intitula-se *Camões*. Foi representado no theatro do Odéon, e impresso em Paris em 1845. É editado por Beck.

tilho. Não refutou as suas opiniões litterarias, nem analysou as suas obras. Calcou aos pés os louros do escriptor em quem tinha muito que discutir, mas tambem muito que aprender e muito que respeitar; e escarneceu as cãs do ancião que fôra seu mestre. O atrevido academico diz-nos em um dos seus folhetos que foi discipulo do snr. Castilho no collegio do Portico. Foi lá naturalmente que o author das *Odes Modernas* levou do author do *Methodo Portuguez* as primeiras d'aquellas palmatoadas de que resa a pagina 12 da sua carta. Foram essas palmatoadas que lhe metteram medo depois de publicado o seu escripto. Viu eminente a ferula do seu antigo mestre, impressionou-o a linguagem serena mas cortante do snr. Julio de Castilho, incommodaram-no as risadas do snr. Manoel Roussado, magoou-o o verberante folhetim do snr. Pinhoiro Chagas, temeu réplicas ainda mais profundas e lethaes, e então o Robspierre coimbrão, que queria puxar as orelhas ao snr. Castilho, entendeu que era chegado o momento d'atabafar as suas para dentro do gôrro.

Foi n'esta conjunctura e sob esta impressão que o snr. Quental escreveu o segundo dos seus opusculos.

Escrever isto equivale a fugir miseravelmente, a fugir do snr. Castilho, atirando-lhe aos pés com as convicções da vespera, com a apregoada independencia d'estudante, com a furia de terrorista desoccupado, e, mais e peor que tudo isso, com a mais sacrilega lisonja, com o nome d'um poeta que foi para o snr. Castilho o mais terrivel dos emulos e o mais generoso dos adversarios.

Não sei se me desmarco d'algum limite nas palavras que dirijo ao snr. Quental; sei que as não medi por conveniencias, que entendo dever pôr de lado para dizer a verdade limpa; sei que m'as dictou a consciencia, e que as

não desdigo amanhã nem depois, antes confirmarei e sustentarei hoje, logo e sempre.

Resta-me agora, para fechar o trabalho que me propuz, percorrer o brevissimo folheto que o snr. Theophilo Braga escreveu sob o titulo de *Theocracias Litterarias*.

Este folheto do author da *Visão dos Tempos*, o qual eu me préso de respeitar como a um dos mais talentosos e eruditos escriptores da nova geração, recorda-me certa allegoria que eu já li em um author francez. Um homem levanta ás mãos ambas um machado; brande-o alto acima da cabeça; entranha-lhe o gume na casca d'um roble; repete o golpe primeira, segunda, e terceira vez; tresdobra na resistencia a vontade e o esforço; teima, insiste e persiste; pelos lanhos da cortiça sahe em esquirolas a macerada febra do madeiro; a cada golpe responde a dilaceração lenta mas successiva de cada um dos mil veios que lhe resistem; assim se vai o tronco esmiolando até que o ferro chega ao coração da arvore; mais um golpe, mais cem, mais outro ainda, e o gigante geme, vacilla, range e tomba no chão; apara-se-lhe então a copa; esmiuça-se o tronco em achas; pega-se depois n'uma acha, tira-se da acha uma racha, e da racha ainda uma lasca, e da lasca uma apara, e da apara um estilo; aguça-se o estilo, desgasta-se, lixa-se, pule-se, e tem-se a final... um palito. Foi para isso que o rachador sahiu de casa e amañheceu e anoiteceu tres estafados dias no montel

No opusculo do snr. Braga falla-se no grande *eu*, na arte, na religião e no estado; na escola classica e na romantica; em esthetica e no ideal; em Homero, Virgilio, Ovidio, Aristoteles, Goethe, Tauler, Hans Sachs, Ruysbroek, Novalis, Voltaire, Rousseau, Proudhon, Feuerbak, Chiron, Pope, Dante, Hamilton, Alexandre Herculano, Frei

Luiz de Sousa, Lucena, Guizot, Macauley, Herodoto, Grimm, Du Cange, Chatterton, Macfferson, Hutten, Chappellain, Palissot, Scarron, Saint-Evreumont e outros; na realza, na infallibilidade do papa, e em muitas coisas mais, tirando-se por conclusão «que o snr. Castilho deve a celebridade do seu nome, que não passará á posteridade, á desgraça de ser cego.»

Isto é varejar o sycomoro da sciencia para atirar abaixo um figo pêcco e bichoso. É escanar a arvore do bem e do mal para sacar um palito.

O snr. Antonio Feliciano de Castilho, sobre ser tão suave poeta como Diogo Bernardes, é o mais correcto metrificador portuguez, é o primeiro philologo d'este tempo, é um dos mais brilhantes e acabados stylistas de que se honra a litteratura patria. Por estas razões entendo humildemente que as obras do snr. Castilho hão de viver emquanto a boa e genuina falla portugueza se usar e presar na terra, emquanto as branduras bucolicas tiverem almas que as comprehendam, emquanto a harmonia não fôr uma incomprehensivel chimera para os ouvidos lusitanos. Para quantos estudam ou tiverem d'estudar a lingua portugueza, os livros do snr. Castilho serão um eterno e admiravel exemplo muito mais facil de repellir que d'imitar.

O privilegio da inerrancia não creio que alguém o tenha, nem por conseguinte o snr. Castilho. O sentido da critica tambem me parece que o não possui o author da *Conversação Preambular* e da *Carta ao editor Pereira*. Os decretos do critico do *D. Jayme* e do *Poema da Mocidade* tenho-os discutido, discuto-os ainda, e continuarei a discutil-os com toda a intrepidez da minha convicção. Mas perante os modelos artisticos do prosador e do poeta, hei de curvar-me sempre como um discipulo—o ultimo na

applicação e no aproveitamento, o primeiro na admiração e no respeito.

Á indelicada allusão feita á cegueira do snr. Castilho, não me proponho responder. Dá-se uma circumstancia horrivel que o snr. Theophilo Braga certamente ignorava quando escreveu aquillo: é que o snr. Castilho effectivamente não vê.

Occorre-me que ha ainda n'este opusculo um outro ponto em que passo a tocar, e termino já.

Assignando-se contra as theocracias litterarias, liga o snr. Theophilo Braga á velha designação de « republica das lettras » uma ideia d'igualdade, contra a qual me assigno eu, eu que nunca pude conciliar tal ideia com o principio da individualidade e da liberdade.

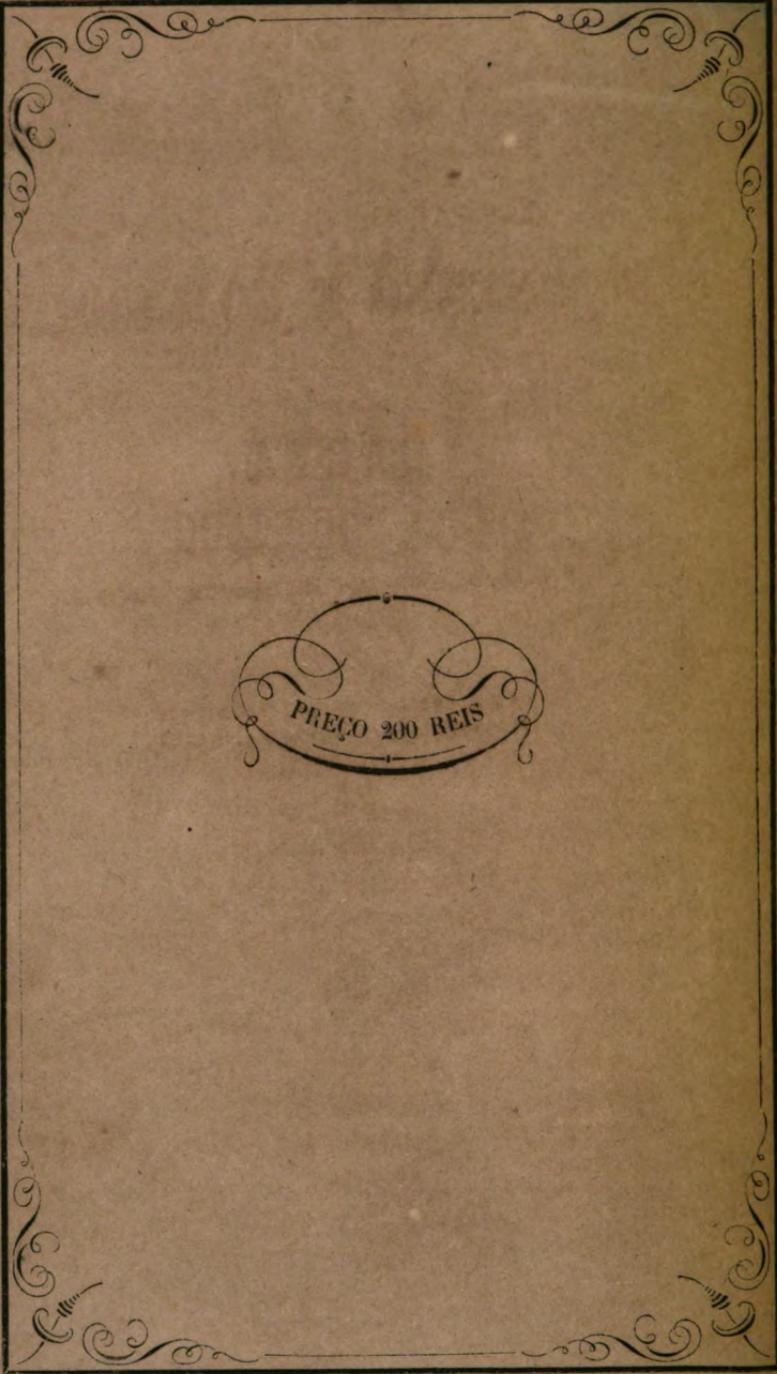
A igualdade de que se não póde sahir é um carcere horrivel. O despotismo da igualdade é o mais insupportavel e o mais feroz dos despotismos, porque têm a sua origem na vontade dos impotentes, dos estupidos, e dos insignificâtes.

Por isso a igualdade não existe. A eliminação da soberania é um sonho irrealisavel, emquanto a mão de Deus não reformar o mundo rasoirando as preeminencias intellectuaes. Republica quer dizer corôa a concurso. O primeiro Bonaparte que existir entre a plebe mette essa corôa na cabeça, e á matula que se lhe fôr pôr ao lado manda-a metralhar.

No dominio das lettras é então onde menos eu admitto o principio democratico. A primeira, a mais augusta, e a mais inviolavel das realezas, é a realeza do genio.

Porto 3 de Janeiro de 1866.

J. D. Ramalha Criticão.



PREÇO 200 REIS

1513

21
13

VAIDADES IRRITADAS E IRRITANTES

(OPUSCULO Á CERCA D'UNS QUE SE DIZEM OFFENDIDOS EM SUA
LIBERDADE DE CONSCIENCIA LITTERARIA)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO—EM CASA DE VIUVA MORÉ
PRAÇA DE D. PEDRO.

VAIDADES IRRITADAS E IRRITANTES

(OPUSCULO Á CERCA D'UNS QUE SE DIZEM OFFENDIDOS EM SUA
LIBERDADE DE CONSCIENCIA LITTERARIA)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO—EM CASA DE VIUVA MORÉ
PRAÇA DE D. PEDRO.

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

Ha nas extravagancias da exaltação alguma coisa nobre e aspiradora de melhor, que, ainda quando sorrimos, nos faz pensar que é um coração desregrado sim, mas vivo que inspira essas doudices.

ANTHERO DO QUENTAL — *A dignidade das letras* — pag. 18.

Muitas vezes um pouco de bom estudo, um prévio assentar de mão com a poesia classica, um sujeitar a tempo as turbulencias do animo aos principios essenciaes do gosto e da razão, poderiam ter affiançado uma pagina brilhante na historia littéraria ao pobre mancebo, que sem norte, sem bussola, e sem roteiro, se lançou, barra em fóra, á procura de mundos de ouro.

A. F. DE CASTILHO — *Prefacio á traducção dos Amores de Ovidio*

PORTO
TYPOGRAPHIA LUSITANA
Rua de Bellomonte n.º 74
—
1866

Que mal fez o snr. Antonio Feliciano de Castilho a dois escriptores novos que tão rijamente sahiram por suas vaidades beliscadas?

A offensa é isto que o leitor folgará de recordar:

« — Theophilo Braga — dirão — Anthero do Quental, Vieira de Castro, talentos distinctos, e de já não pequena clientella todos elles, têm sido, e continuam a ser, acremamente objurgados por este aquilatador inexoravel. » —

« Má — continúa o snr. Castilho — e pessima guerra esta em que se bombardeia atirando nomes ; ahi os affectos e paixões, o amor e o odio, o egoismo, a inveja e o mêdo, perturbam o juiso, e, ou gelam a mão nos copos da espada, ou desfecham os golpes á tôa, sobejos para destruição, mas, para victoria, malogrados.

« Eu que a poder de cincoenta annos de desatinos aprendi ao menos a moderação, e só por ella valho hoje, se alguma coisa valho, declaro todavia com a mão na consciencia que nem mesmo aqui, nem mesmo contra estas tres auspiciosas esperanças litterarias, o denodo de censor me parece reprehensivel, e muito menos inutil.

« Uma de duas: ou cada um d'esses tres mancebos é perfeito, ou não:

« Se é perfeito, ninguem tema por elles: são tres aguias que nasceram adultas; que no seu vôo empolgarão os raios; e que até dormindo estarão seguras, pois quanto mais os tufões forcejarem pelas derrubar dos pincaros do loireiral, mais lhes aferrarão as garras ao ramo em que poisaram; sacudil-as não será senão embalal-as em quanto sonham na immensidade, no sol, e na gloria.

« Se porém não nasceram com o inaudito privilegio de perfeitos (e tenho por certo que nenhum d'elles o imagina); se a sua mesma juvenildade, que mais notaveis torna ainda, lhes não deu por ora tempo de amadurecerem; se têm, como homens em principio, verduras e demasias de que os tempos os hão-de ir livrando... se d'aqui a dez outonos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum d'elles ha-de ser tão milagrosamente ditoso que approve em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto hoje pensa — que lhes faz a critica senão antecipar-lhes de certo modo a experiencia? Conspirar com elles mesmos para a boa fama, que nunca se conquistou sem sacrificios? »

Sabe o leitor que estes periodos são trasladados da carta, adjuncta ao *Poema da Mocidade* do snr. Pinheiro Chagas.

Ahi está o aggravo : isto foi, a meu vêr, a bala perdida que cahiu nos arraiaes teutonicos, e alvoroçou os scismadores.

Vieira de Castro, o talento esplendido e modesto, revelou sua cordura, lendo sem mostras de orgulho desairado as palavras de Castilho. Fui eu quem lh'as mostrou com muito contentamento. Allegrava-me vê-lo assim julgado, porque não será seu verdadeiro amigo quem o não julgar assim. Vieira de Castro, que tinha sido meu condiscipulo no estudo dos livros de Castilho, e me relia na sua quinta do Ermo, ha seis annos, os formosos relanços das suas leituras mais queridas, o agradecido moço, ainda magoado pela injustiça, não teria alma para sobpôr aos pés de sua soberba o generoso coração que d'antes e sempre se expandia em louvores de quem o ensinára a joeirar os genuinos diamantes de Francisco Manoel do Nascimento. Aquella luzentissima esperanza, que se abriu em flôres e fructos a um tempo, Vieira de Castro, tão levantado em rasão quanto primoroso em honra, n'aquella hora, apertaria estremecidamente a mão do mestre, que lhe dizia : « Vieira de Castro é um talento verdadeiro, grandioso, exorbitante, e d'um futuro que me parece cobiçavel. A poesia da eloquencia, os arrojões das imagens, os assomos da erudição imprevista, os relampagos de genio, o remontado do estilo, os donaires da linguagem muitas vezes, tudo, e mais que tudo, a franqueza do seu patriotismo, lhe affiança logar conspicuo entre os oradores.» (1)

Aqui é o ponto d'um reparo. Não entendi qual ana-

(1) Carta ao snr. A. M. Pereira.

logia de pensar e escrever entre os snrs. Vieira de Castro, Anthero do Quental e Theophilo Braga indusiu o snr. Castilho a irmanal-os no seu tal qual modo de aquilatar-lhes os meritos. Vieira de Castro, quando sabiu a lume com as suas estreias litterarias, remontava-se por demais em altissimas phantasias de linguagem, requintava as fórmas filintianas, nublava o pensamento, por querer ir aquecê-lo á luz das regiões superiores; todavia, aquellas imagens carregadas de adereços, se uma habil mão as desataviava das demasias, ficavam bellas, donosas ainda, gentilissimas e estimaveis ao entendimento e ao coração. Vieira de Castro não se andava em cata do ideal fóra da idéa: espiritualisava as paixões, colorindo-as em excesso á proporção que a phantasia luxuosa lh'as ia retingindo na tela interior; queria que lhe lessem á luz d'outros mundos os seus escriptos, como se a Macpherson ou Senancourt a Providencia, alguma hora, deparasse leitor que se não alumiasse com azeite, ou, n'estas noites mais ditosas, com petrolio.

Porém, entre o estylo sem soro e sem polpa d'algum philosopho transmontado e tresnoitado, que se anda ás cabeçadas ás portas do Infinito, e entre a linguagem meramente acoimada por nublosa, que ha ahi que vêr? Uma coisa é descompôr com superabundancia de galanices e posturas o rosto e configuração usual dos pensamentos— e isto fazia Vieira de Castro; e outra coisa é cobrir uns arca-boços de tunicas de retalinhos, encher-lhes de vento o bojo, inflar-lhes os bocios, implumal-os de caudas de pavão, atiral-os d'encontrão contra a gente, e dizerem-nos a gritos estridulos: «Ahi vai o Ideal; isso é a Germania; é o filho

mais novo de Vico, apadrinhado por Michelet! E' o que ahi vai. » Ora, isto não o fez Vieira de Castro. Lá está o snr. Theophilo Braga, o parafuzador de infinitos, o artifice por excellencia d'estas coisas que fazem cahir a gente a estocadas de sabedoria.

E pelo conseguinte, o snr. Vieira de Castro, bem que lhe não damne a camaradagem, foi intruso descabidamente n'uma especie de escriptores muito avessos á sua indole litteraria. O snr. Antonio Feliciano de Castilho não queria decerto dizer que o mesmo espirito do cenaculo os alumiára simultaneamente a todos trez.

II

Annunciou-se uma desforra solemne por parte dos dois escriptores já vantajosamente conhecidos. Desforra de quê? D'aquillo que está copiado, d'aquellas affectuosas admoestações com que o snr. Castilho cuidou captar a bem-querença dos intelligentes môços. Desforra de que affrontas? D'uma, por exemplo, com que o auctor d'«A felicidade pela instrucção» mareou o renome dos dois poetas. Está escripta a injuria na mesma carta em que os offendidos recensearam as outras. O snr. Castilho, nomeando os poetas que mais a primôr exercitam o verso alexandrino, escreve: «O que os alexandrinos valem, o quanto e quão bem se radicaram em pouco tempo, o quanto promettem e já estão dando á nossa poesia, não se vê só nas paginas de Pinheiro Chagas: viu-se em.... Mendes Leal....; vê-se em Anthero do Quental, vê-se em

Theophilo Braga...em vinte outros bellos talentos de Portugal e do Brazil.»

Offerece-se-me pensar que a offensa está no algarismo. Vinte é de mais: no templo da memoria parece que ha sómente duas peanhas vagas.

Como quer que seja, appareceu a carta do snr. Anthero do Quental ao snr. Castilho.

Direi breves palavras d'aquelle cavalheiro para me não dispender em muitas, dando conta da ingrata impressão que recebi do seu inurbano escripto.

Ha menos de um anno que o conheci em Coimbra, graças á medeação de meu sobrinho Antonio d'Azevedo Castello Branco. Não me soccorrem termos com que muito em sombra dê a sentir a brandura, a suave melancolia, e insinuantissimo intranhar-se d'aquelle môço no mais affectivo da alma. Nenhum pensamento sem cunho do sertir alto do coração. Nem palavra que rebuçasse malevolencia ou satyra. Modestia que era depoimento de muito saber, e muito lêr, não tanto em livros de philosophos enredadores do animo, quanto nas biblias da natureza, que se abrem, por mãos de anjos, aos pensativos do ceu, a cada intelligência pura que se lhes avisinha com o olhar da devota admiração de Bernardin de Saint Pierre. Compreendi o prendimento de Anthero do Quental aos silencios oliveiraes do «Penedo da Saudade». Vi a cazinha erma onde o visitava o alvôr da manhã, e o conversavam os murmurios da tarde. Versos lhe ouvi, que deviam de ser o seu monologo nos silencios d'aquellas noites estivas. Contemplei-o com amavel admiração; fizeram-me estranheza aquelles vinte e quatro annos absorvidos em

qualquer ponto luminoso, no centro de um disco negro d'aquella negridão, que, a cada hora, escurenta a luzinha e submerge em tristeza abafadora o espirito irreconciliavel com o Impossivel.... Prezei-o por isso mesmo, e disse entre mim: «Se as paixões d'este mundo o não apégarem depressa no seu lodo, este môço não será mais feliz que Hegesyppé Moreau, e comprehenderá melhor que eu as febres e o trespasse de Gérard de Nerval».

Alguns dias volvidos, recebi as *Odes modernas* de Anthero do Quental. Ahi vi o meu nome, laureado com a dedicatória de uma parte d'aquelle meditavel conjuncto de fragmentos de um poema bosquejado. Folguei de vêr assim reconhecido o muitissimo affecto com que eu conseguira ser lembrado ao cogitativo poeta. Li e reli os seus poemas: uns pareceram-me despregar azas de ouro ás regiões serenas da meditação, por aquelle rasto luminoso dos Hugo; outros, denunciavam a inspiração captiva da terra e atirada aos sarçaes ardentes em que dolorosamente se contorceram os Musset e Espronceda; outras, e as mais d'ellas, refinavam em phrenesis de impiedade, que destoavam asperrimamente d'aquelle dizer moderado e controversia reflexiva com que o auctor de *Beatrice* impugnava as minhas chans e fradescas rasões em coisas pertinentes á poesia divina do Calvario.

Não me affeito a intrometter juiso sobre a boa ou ruim direcção que leva o espirito do poeta n'estes seus canticos da manhã da vida. Tudo aquillo por ora são flôres, embora façam entojó a olfactos melindrosos; flôres, porém, que prenunciam outonos de fructos agradaveis ao commum. Ha alli muito engenho, muitissimo talento; e o talento não se

perde nunca de todo. As vergontearas, que desabotoaram torcidas, lá virá, tempo além, mão experta destorcel-as, aprumal-as e apontal-as ao ceo d'onde vieram e onde aspiram com a seiva e força d'um nobre peito.

O snr. Anthero do Quental desatina brilhantemente nas objurgatorias ás coisas e pessoas da religião : que monta isso? quem lhe vir o rosto juvenil e os modos arrobados não se scandalisa, nem chora uma alma perdida. Está com os seus annos. O que assombra e entristece é ouvir os môços de sua parçaria jurarem nas palavras d'um velho treslido, chamado Michelet, o qual casou aos sessenta annos, e desde então legisla para os casados e para os amoríos e para a humanidade, denominando « biblias » os seus livros a 3 fr. e 50 cent. Este philantropo, que derime as coisas antigas e inveteradas do coração humano em meia pagina, escreve trezentas para nos contar em estylo apopletico os tramites e as traioias da feitiçaria.

Que velhice tão pueril!

E ha muitos annos que o tonto se assentou na ponte de Coimbra a conversar com aquelles corações de meninos, e a ensinal-os a rir das credices de Chateaubriand que viveu e morreu dignamente.

III

Atemos o fio.

Aqui está o primeiro folheto do snr. Anthero do Quental: é uma carta ao snr. Antonio Feliciano de Castilho. D'aquellas indelicadezas, que já não é mister recapitular, não quiz o môço poeta que o venerando herdeiro dos

thesouros de Souza e Bernardes houvesse noticia indirectamente. Apontou-lh'as e desfechou-lh'as ás cans, como quem, hombro a hombro com um condiscipulo, abre uma refesta de phrases rudes.

O snr. Anthero podia dizer do seu direito perante o senso publico, e fiar d'elle o desaggravo, se carecia d'isso. Não lh'o consentiu a vaidade: buiu o punhal e arremessou-o de fito ao peito do homem, que o recebeu com mais surpresa que dôr. Foi acção de que a consciencia do snr. Anthero ha de molestar-se, quando, amanhã, desafogada dos fumos da vaidade, pozer olhos es-correitos no dia de hontem.

De que se queixa o auctor do *Fiat lux*? Do despotismo que o snr. Castilho quer exercitar sobre a consciencia litteraria d'alguns que escrevem em Coimbra, ou escrevem d'um feitio que os individualisa e classifica em eschola de Coimbra.

Esta supposição gratuita dá grandes fóros á queixa; mas, em verdade, o qualifical-a assim é desvanecimento, senão philaucia. Nunca ninguem, a meu vêr, fallou com sisudo proposito da eschola de Coimbra, como quem diz eschola de Epicuro, eschola de Alexandria ou eschola de Kant. De Coimbra o que notavelmente se recommendava, na ultima década, era os geitos aleijados da sintaxe e as farfalharias da idéa. Alguns noticiaristas, pasmados d'aquelles dizeres, deram em chamar eschola coimbran á prerogativa que os academicos fruiam de escrever singularmente, e como se houvessem entre si pactado de crearem uma prosodia entre a Ponte de Agua de Maias e Sancto Antonio dos Oliveas.

O snr. Anthero do Quental é coevo da tribu d'aquelles sujeitos impossiveis; collaborou com elles; mas, muito a tempo, se fez luz na sua razão, e logo deu a entender que no sentir e exprimir-se estava grandemente, senão de todo, desinfeccionado dos miasmas germanicos—digo germanicos, porque os sujeitos faziam correr o boato de serem ares allemães aquillo que, para o maximo da humanidade, eram ares da Babel derruida.

Não obstante, pareceu ao snr. Castilho, e a muitos que antes de s. exc.^a o disseram, que seria optima coisa se mancebos de abalisada litteratura, quaes os snrs. Anthero e Theophilo, escrevessem mais correntiamente, mais pela humana e accessivel pauta do intendimento vulgar. Cifrava isto em mera questão de escrever claro, correcto e portuguez, segundo o natural, o gosto e discernimento de portuguezes.

Aggravo á consciencia litteraria, isso não. O snr. Castilho não faz tempestades em copos d'agua, nem se desfadiga nas ferias dos seus trabalhos a estrondear trovões de theatro com o attrito de folhas de flandes. O snr. Castilho queria dizer «vistam os seus altos pensamentos de attavios, fidalgos como elles, mas de droga portugueza.» O snr. Anthero denomina o reparo *uma acção des-honesta*, um ataque ao trabalho da consciencia independente da chancellaria dos grãos-mestres officiaes. Não, snr.: não é isso. Aggravados deviam de estar os queixosos não já do snr. Castilho, mas dos preceptores de todas as nações e idades em materia de exprimir o pensamento com as vozes naturaes, desde Quintiliano até Longino, desde Horacio a Boileau, desde a *grammatica* de

João de Barros á prosodia de Bento Pereira, desde Lobato ao vocabulario de Fr. Francisco de S. Luiz. A lida está n'este pouco espaço circumscripta: não é coisa que vá digladeiar-se no Portico, nem em Berlim, nem incomodar as cinzas de Herder. E' demanda que podemos decidir cazeiramente, e sentados ao fogão, com o auxilio d'um tractado regular das quatro partes da grammatica.

Tirar a questão d'este campo, é assopral-a com tamanho impulso de vento que vá cahir onde a recebam com as mãos nas ilhargas.

E o mesmo faz accudirem por sua dignidade moral de consciencia litteraria os môços escriptores, assim com ares de inauguradores de philosophias, de systemas revolutivos, de implantadores de evangelhos novos, contra os quaes se atravancam os systemas e litteraturas velhas. Ninguem conjecturava isto de pessoas tão novas e quietas até hontem. Ninguem podia suppôr que seis livros francezes, desajudados d'outros tantos livros de boa dicção portugueza, podessem levedar em Coimbra a massa de que ha de sahir o pão das gerações porvindouras! Se o snr. Castilho, o obreiro incessante da felicidade dos seus naturaes pela instrucção, soubesse aquillo, certo não iria arrefentar o sereno lume das retortas de que tem de sahir o que quer que é: o futuro, nada menos que o futuro, segundo inferimos deste dizer do snr. Anthero do Quental: ...«Se eu, como homem, desprezo e esqueço, como escriptor é que não posso calar-me; porque atacar a independencia do pensamento, a liberdade dos espiritos, é não só offender o que ha de mais sancto nos individuos, mas é ainda levantar mão roubadora contra o patrimonio

da humanidade — o futuro —. E' seccar as nascentes da fonte aonde as gerações futuras tem de beber. »

IV

Parece que da poesia impendem aquelles futuros, lavôr dos sinceros poetas. D'estes é excluido o snr. Antonio Feliciano de Castilho, por dez razões.

1.^a: porque adora a palavra, e despreza a idéa.

2.^a: porque é apostolo do dictionario, e tem por evangelho um tractado de metrificacão.

3.^a: porque faz da poesia um instrumento da sua vaidade.

4.^a: porque prega o bem por uso e convenção litteraria.

5.^a: porque o bem se presta á declamação poetica.

6.^a: porque pratica o egoismo por indole e vontade.

7.^a: porque nos faz descrêr da grandeza humana, e é um sophisma que nos mostra a pequenez e a má fé aonde as apparencias são todas de nobreza.

8.^a: porque prefere imitar a inventar, e traduzir a imitar.

9.^a: porque é o idolo litterario da multidão que mal sabe lêr.

10.^a: porque é genio no Brazil.

Fechou o snr. Anthero picarescamente o libello. Convinha que assim fosse para tomarmos como coisa de riso as nove razões que vem ás cavalleiras da ultima. Eu de mim não sei rir-me do que é rizivel injuriosamente.

Ponderem-se as razões que definem a incapacidade do snr. Antonio Feliciano de Castilho, e queira o meu querido mestre relevar que eu esteja inventariando o apontoado de esfregalhos que lhe atiraram á sua banca de trabalho.

Verdadeiramente, o snr. Castilho adora a palavra, se o adoral-a é conhecê-la, apropriar-a, investir-a da autoridade infallível, o ensinal-a na suave e communicativa facilidade dos seus livros, depois que diuturnamente a foi incelleirando de livros fastidiosos, uma por uma, para offerecê-la a mãos cheias aos mais preguiçosos entendimentos, dando-a no cabaz d'ouro dos seus livros, como quem olha a prender os animos das indoles mais rebeldes a leituras portuguezas. Adora a palavra: graças a Deus que nos deu ministro assim fervoroso em idolatria que tantos adeptos attrahiu e tantos discipulos ahi pôz entre os que melhormente escrevem.

Mas despreza a idéa o snr. Castilho? Então que é ter idéas? Responde o snr. Anthero: E' ser poeta: poeta como s. exc.^a o entende: «que nos ensine o bem, e seja original, e confirme com a elevação da vida a sublimidade dos escriptos, e seja tão poetico como os seus poemas, e vá adiante abrindo á luz e ao amor novos horisontes, e não conheça ambições nem orgulhos, e tenha a cabeça do genio e o coração da innocencia.»

Se o snr. Castilho terá ensinado o bem? A pergunta é estolidada, aqui, em meio d'este paiz, onde temos visto o afan, a incançavel fadiga com que o sementeiro das futuras paveias, o instruidor das creancinhas, se anda, furtado aos regalos da inercia, amparado no braço

de filhos e amigos, de terra em terra, por portas de reis e de pecuniosos, pedindo, exhorando o bem-fazer das escholas, a idoneidade dos mestres, a facilidade do ensino, a universalidade da instrucção, o alumramento de todas as almas, a egualdade possivel de todos os espiritos, a extirpação dos vicios inveterados nos methodos antigos, o transito mais facil das durezas do tirocinio ás alegrias da comprehensão.

Pergunta-se se o snr. Castilho terá ensinado o bem? Pois qual ha ahi maior amor a exuberar do peito de homem, senão aquelle que almeja aquecer bem aconchegada de si a geração de meninos para quem a vasta e sasonada intelligencia de Anthero do Quental ha de escrever os seus livros prestadios? Quem ousaria perguntar em Berlim, em Londres, em Paris se teriam ensinado o bem os Frebels, os Lemares e os Pestalozzis? Com que alma se estrema d'entre os ensinadores do bem o affectivo operario que, pouco ha, dizia a D. Luiz 1.º: «Estas creanças, alegria, musica, vaga esperanza e cuidado solícito das familias, estes debeis innocentes, estes cidadãosinhos ainda sem direitos formulados, estes esboços de homens e mulheres ainda sem encargos, estes espiritos que um arrebol de razão apenas illumina... dos bens e males que elles fizerem, grande parte ha-de ser lançada á nossa conta, como á conta d'elles se carregará grande parte do mal e do bem que lá ao diante vier a surdir nos seus herdeiros...»

E, depois, o amor d'estes carinhosos desejos, assim exprimido: «Preparemos, pois, para tamanhas responsabilidades estas creanças; alumiemos-lhes o espirito,

que será ensinarmos-lhes a amarem-se e a bemfazerem-se em si e nos seus, conhecidos e desconhecidos, proximos e remotos. Sejamos como o seareiro providente; não semeemos só para haver alimento na nossa meza; semeemos muito principalmente para as sementeiras ultteriores».

Ora! mas que é isto de amar e ensinar meninos? Que bem-fazer é este?—diz o Ideal abrindo uma fresta da nuvem para nos pedir contas—Augusto Conte, e Strauss, e Quinet e Wolff não curaram do alphabeto, nem andaram como Jesus a dizer o *Sinite ad me parvulos venire*. Os homens benemeritos fazem religiões, e evangelhos, e apocalipses, e destinos, e biblias, e positivismos, e naturalismos, e o mais que consta dos catalogos dos livreiros. Isso' é que é!

V

Não tem poesia de bem e de fructos o snr. Castilho. Parece que o poetar d'aquella sancta elegia no transito do snr. D. Pedro V é o consignado no tractado da metrificacão, e mais nada. Todavia, medite o snr. Anthero do Quental no que é a poesia, definida pelo auctor do Outono:

«A poesia, na sua accepção ampla e verdadeira, é o antevêr de muito longe, o ousar denodado, o cravar olhos no sol do ideal sem trepidar, e vêr no homem, tão claramente como o corpo que pede pão e vestido, um espirito que exige luz, um coração que só de amores se alimenta. Isto é a poesia...»

E a dos bemfazejos qual é? E' outra especie de ideal; é outra caridade com os carecidos de bem e d'amor: não desce a moirejar no pão e vestido dos nus e famintos; é o ideal do Dante, que cantou visões de inferno e paraizo; é o ideal de Shakspeare que resplandeceu as suas pomposas tragedias d'um ideal necessario para afogar Desdemonas e espiritar a raça dos Falstaffs; é o ideal de Victor Hugo, que está mais que muito convencido de que a alma da humanidade continúa a girar no seu círculo de milhares de annos, sem dar tento de Claudio Gueux, da *Legenda dos seculos* e das *Cantilenas das ruas*. A humanidade o que quer é d'isto; e o snr. Anthero do Quental intende que o snr. Castilho não faz livros que nos levantem ao andaime de dignidade moral em que se acham os italianos, graças a Dante, e os bretãos graças a Shakspeare, e os francezes, por mercê de Hugo, e de mais trinta e seis sujeitos que espirram biblias, e ameaçam os contrafactores com as penas convencionadas internacionalmente. Que apóstolos!

Carece o snr. Castilho de ideal, porque é d'aquelles que *fazem da poesia instrumento da sua vaidade*. Que vem a ser isto? Heide eu explical-o a quem me esclarecer est'outra allusão ininvestigavel: *Prégam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas praticam o egoismo por indole e por vontade*. Prefiro denominar puerilidade desgraciosa ao que merecia capitular-se de calumnia.

O snr. Castilho, de affeito que está ás injustiças, umas parvoas, outras injuriosas, nem já da pedrada á sua probidade de homem se inquieta. Aquelle affectuoso coração,

para quem a poesia é fonte de consolativas recompensas e jubilos inenarraveis, não teve ainda hora de desalentado despeito em que deixasse fugir os queixumes indicativos da vaidade ferida. No prefacio da segunda edição da *Primavera*,—livro em que reverdecem, e floream com mais cultivo e dons naturaes as boninas das melhores pastoris de Lobo, de Bernardes e Fernão d'Alvares—o snr. Castilho, desconfiado e desvaidoso de si, escrevia: «Se algum de meus leitores entende por experiencia o que seja padecer n'uma viuvez uma completa orfandade, esse passará com indulgencia, e ainda suspirando, pelos muitos defeitos que na leitura lhe ocorrerem.» Nas *Escavações poeticas* o mesmo arguir-se e menospresar-se em muitos dos mais saboreados poematos. No maximo numero de seus prefacios um tão cuidadoso desfazer da minima suspeita de vangloria, que nem se quer, como Almeida Garrett, de si disse aos detrahidores: «Deixai-o passar, porque elle vai onde vós não ides... Vai, porque é espirito e vós sois materia... E vós morrereis, e elle não!...»

Prégar o bem por uso e convenção litteraria... Optimo uso, excellentissima convenção, snr. Anthero! Prégar o mal isso é que é satanico. Lembra-se v. ex.^a d'um caso em que a prégação do bem, quer usual quer convencional, surtiu fructos abençoados? Abra o livro do «Outono», a pag. 34. Queira lêr a poesia de Castilho, que principia:

*Era um velho senhora! obscuro, pobre, honrado;
estrangeiro e bemquisto; humilde e venerado.*

Este velho estava a cahir nas mãos do algoz—o peor

algoz—doze annos de galés;—e o snr. Castilho, deprecando á imperatriz do Brazil, quebrou os ferros do condemnado, e transferiu-o aos braços da esposa e filhos. Celestial effeito da prégão convencional, snr. Anthero! E, aqui mesmo, n'este lanço para tão legitimas vaidades, que diz o poeta no seu poemeto salvador d'uma vida e d'uma familia? «Por si mesma se defenderia a causa no juiso de tal principe (a causa do perdão); mas porque se não havia de coadjuvar por todos os meios possiveis?»

V. ex.^a hade contar-me façanhas analogas das prosas de Michelet e de Feuerbach.

VI

Prégar o bem porque se presta á declamação poetica; diz o snr. Anthero do Quental. Se isso assim fosse, teria eu entendido de fundamento a causa de serem tão ruins de declamar os versos d'alguns livros precursores do futuro: é que prégam o mal. Mas peço licença para observar a v. ex.^a que as poesias fescenninas do cadencioso Bocage, e as lubricas figurações da «Bacchante» do snr. Theophilo Braga, são musicalmente declamativas. Parece que o prégar a virtude não é rasão efficaz para as cadencias do rithmo. Releia v. ex.^a um poema lubrico de João Meursius, imputado a Luiza Sigéa, e verá que lhe resoa melopéa virgiliana nos ouvidos; ao passo que muito a custo supportará duas estancias do ascetico Fuzeiro na vida de S. João Evangelista. Summariando n'este ponto, eu não

sei o que o snr. Anthero queria dizer n'aquillo. Bati a moita; mas a vibora não sahiu; no entanto *latet*.

Praticar o egoismo por indole e vontade! O snr. Antonio Feliciano de Castilho egoista! Egoista, sim, da sua lavra honrada, e tão independente quanto os lapidarios das joias da alma podem mantêr-se n'este mundo. Egoista, quem anda a esmolar por theatros com supplicantes versos o pão e o gasalhado dos meninos pobres; egoista quem manda até Vianna os carmes plangentes da sua lyra, interprete da pobreza, impetrando caridade com os orfãos do asylo; egoista o snr. Castilho que ao mesmo tempo é arguido de encarecer o merecimento dos escriptores que lhe pedem conselho, indulgencia e alento! Egoista o snr. Castilho, o mestre dos homens que se ergueram ao pinaculo do poderio e das honras, o reverenciado d'elles todos, e todavia o unico dos mais estremados talentos de Portugal que lá se vai reportando com duas arvores n'um quintalejo, de que paga renda, e com umas pogêas de tostões ratinhados, que a republica lhe dá, sem lhe descontar o servir o encargo no patrimonio que lhe absorveu. Chama-se egoista o homem assim desprendido das melhores coisas da vida, e por morte inventariavel. Quando a luz interior d'aquella lucidissima alma se apagar, e os seus herdeiros pobres lhe houverem desbastado a pedra rasa da sepultura, e v. ex.^a, snr. Anthero do Quental, na robustez do espirito e seguridade de consciencia, poser olhos n'aquella pedra humilde, voltal-os-ha para estes dias de hoje, e dirá comsigo mesmo: não era egoista o grande escriptor que deixou de si uma aureola de gloria em volta d'esta pobre urna de umas cinzas.

Ah! mas o peor é o viver do snr. Castilho; um viver que ao snr. Anthero se afigura menos poetico que os seus poemas, e não á altura da elevação dos escriptos.

Pois que é necessario para que um poeta viva tão poeticamente que seja na realidade um poeta? Eis aqui um postulado original, que tresanda a disparate! E *seja tão poetico como os seus poemas*, diz o snr. Anthero. D'antes, do versejador que não tinha botas, dizia-se: «vive poeticamente». E o mais é que tinha graça o viver sem botas e prometter as riquezas do Peru n'um soneto á mulher amada que não tinha sapatos. Mas, a fallar verdade, o intuito do snr. Anthero não póde ser este, bem que o melodioso trovador João de Deus incline um pouco a indole para o desalinho bocagiano. Por outro theor, ha ahi quem mais poeta realce no viver que o pensador e desinteressado Castilho? Não é tudo poesia n'aquella vida? Flôres, creanças, pobres, tristezas, elegias, tracto de poetas vivos e mortos, amor de familia, sanctidade do lar, abnegação de riquezas, desapparato de pompas, conformidade com o pouco, enlevo permanente na educação dos filhos, chorar as dôres estranhas, ingulir silencioso as lagrimas das dôres proprias: pois este viver assim não se compadece com o viver do poeta genuino, do poeta levantado ao estalão do snr. Anthero do Quental?

E tal vida em que desdiz da necessaria dignidade de homem que faz versos dignos?

Isto, pois, não o intendo eu tambem. Se não é arguição indecorosa—fealdade incongruente com o policia-do espirito do snr. Anthero do Quental—é pouco menos de inconsideração arrapazada.

Não viver poeticamente, e de mais a mais *fazer-nos descrêr da grandeza humana*. E' peccado do snr. Anthero, peccado não menos de composição litteraria que tambem de probidade, este desfechar de arguições enfaticas com um desplante que põe a gente ás canhas.

Descrêr da grandeza humana—Que palavras! *Sophisma que nos mostra a pequenez e a má fé, aonde as apparencias são todas de nobreza!* Como conciliar os exteriores nobres do homem cuja probidade nenhuns irrimigos ainda marearam, com as suspeitas offensivas do snr. Anthero do Quental? Quem já disse outro tanto a homem que se não haja envilecido, a hypocrita que não haja convertido em gananciosa infamia suas imposturas? E', pois, uma insolencia das que Gustavo Planche, no fragor da peleja contra os lebreus de Victor Hugo, não ousou atirar á cara do mais ladrador.

VII.

O snr. Castilho imita, quando não inventa, e traduz quando não imita. Dispõe d'estas tres faculdades: delicia-se mais n'umas que n'outras. Accusação grave. O peor é traduzir; mas traduz Anacreonte e Ovidio: o asperrimo lidar para elle, e o deleite para o leitor. Não importa. Seja original como Hegel que traduziu e imitou Fichte, Schelling e Kant. Seja original como Herder, o Voltaire da Allemanha, que traduziu e imitou lá onde traduzira e d'onde imitara o Herder da França. Seja original como Strauss que traduziu dos primitivos heresiarchas e imitou

dos reformistas allemães. Seja original como Renan que imitou e traduziu Strauss.

Seja original assim!

O snr. Anthero do Quental quer originaes, porque o ideal não se faz com traducções, e sem o ideal não ha *boa fé, desinteresse, grandeza d'alma, simplicidade, nobreza, soberano bom gosto e soberanissimo bom senso... tudo isto quer dizer esta palavra de cinco lettras—ideal.*

Apezar da precisão do algarismo, não me será facil ensinar aos meus pequenos o que vem a ser o ideal. Todas aquellas coisas ensino-lh'as mais chãmente com a palavra **DEVER**, se antes não prefiro mostrar-lh'as bem á luz do cathecismo de Montpellier. Tudo aquillo que vem da Allemanha enfardelado a Coimbra, e lá recarimbado com as cinco supraditas lettras, muito ha que se conhecia entre nós nos compendios da doutrina christã de Fr. Bartholomeu dos Martyres. Ainda agora vive muita gente sem saber que a satisfação de sã consciencia é o ideal; chama-lhe apenas, á semilhança de Christo, amor do proximo. Ora, soberano *bom-gosto* e soberanissimo *bom-senso* é que os velhos cathecismos portuguezes lhe não chamavam á coisa, porque o *gosto* era attributo do paladar, e o *senso*, juizo natural, não carecia de ser *bom* á franceza.

O snr. A. F. de Castilho, com quanto seja doutissimo no crêr e exprimir de todas as idades, bem pôde ser que não precisasse em rigor a nomenclatura de suas excellentes qualidades. Curava de dar a segunda vida da alma ás creanças desafortunadas e desvalidas. A gente chamava-lhe amantissimo do proximo e pertinaz pregoeiro da caridade: s. ex.^a deleitava-se n'esta sua mais que todas

querida e bemdita gloria. Faltava-lhe, porém, o *substratum* do ideal, o *soberanissimo bom-senso!*

E o mais é que em Lisboa, consoante as suspeitas do snr. Anthero, o ideal não apégou ainda. Ha lá muita copia de virtudes, muita acolheita de infelizes, muita mão obscura que verte lenimentos nas chagas sociaes; mas uma coisa, melhor que tudo isto, o ideal, falta. E isto espanta, se soubermos que já em Roma e Athenas, e Jerusalem e outras terras, existiram poetas *que tiveram um amor demasiado ao ideal*, os quaes, sem embargo de por amor d'elles cahirem aquellas cidades, *taes poetas deixaram memoria grande, honrosa, nobilissima.*

Com a mão na consciencia declaro, em castigo da minha ignorancia, que não sei sobre que poetas ideaes peza a responsabilidade da queda de Athenas, de Roma e de Jerusalem, afóra outras cidades infelizes. Para mim, não obstante, é de fé que existiram, e me levanto agora abominando-os com todas as minhas forças; porque praticaram uma acção vilissima, se com o ideal execravel fizeram o mal que eu imaginava ter sido feito pela corrupção dos costumes. Foram elles, pelos modos! Que enormes scelerados! Deus nos defenda da raça d'elles, em Portugal, se ainda ha algum que não esteja empregado nas alfandegas e nas vias-ferreas!

Então que mais é o snr. Castilho?

E' idolo litterario *da multidão que mal sabe lêr*, e como um *dos philosophos queridos da turba que nunca pensou, e genio no Brazil, finalmente.*

Ás turbas, que não pensam, que lhes fazem a ellas philosophos? O que um certo vulgo intende comigo é a

palavra decomposta em termos lusitanos. Amante do saber, e amante de o transmittir sabemos nós, os pequenos, que o tem sido, e será, em recrescente gloria e sancto orgulho, o snr. Castilho. Não o endeusamos em idolo: abasta-nos á nossa gratidão chamar-lhe mestre. Quando tinhamos coração para intender aquelles amores das *cartas de Ecco e Narcizo*, com sôffrego deleite as reliamos porque nos espartavam no intimo espiritos suaves e enlêvos de muita poesia. Eram o regorgear das aves na manhã serena da nossa vida. O môço Castilho foi então o que devia ser em suas verduras: o poeta da juventude.

A *Primavera*, no meu tempo de Coimbra, ha vinte annos, tempo em que por alli andavam poetas como João de Lemos, Cordeiro, Couto Monteiro, ia lêr-se á « Lapa dos Esteios, » quando as arvores celebradas de Castilho desabotoavam, quando o ceo se azulejava e espelhava nos lagos. E não bocejavamos, nós, os rapazes portuguezes de ha vinte annos, porque o germanismo não nos havia ainda marasmado. Tinhamos o ruim discernimento de applaudir Bernardes, Lobo, e Castilho que nos transferiam da contemplação das fermosuras visiveis ás invisiveis. Não sabiamos que era necessario exhumar o esquecido Vico para aprendermos d'elle tanto quanto d'elle souberam os seus contemporaneos, e quanto o snr. Anthero sabe dos paraphrastas de Vico.

E, depois, ao correr dos annos, com quanto os livros de Castilho não nos dissessem coisas originaes sobre o futuro, insuflavam-nos alentos para affrontar as adversidades do presente, e edulçorar os azedumes congeniaes da vida. Antepunhamos os *Quadros historicos*, esculpturaes

em formosos labores de linguagem, recendentes da poesia das nossas coisas, ás aridas prelecções de Niebuhr. Já sabiamos, antes de os lèr, que D. Fuas Roupinho era uma lenda, e que a visão d’Affonso Henriques era uma visualidade. Nem o snr. Castilho quiz sustentar as piedosas chimeras de Brito, nem o desengano nos foi ministrado pela severidade historica do snr. Alexandre Herculano. Um deu realcès á poesia do passado; outro sahio a devastar um campo, onde já nenhuma vegetação graciosa viçava. Para os doutos, os *Quadros historicos* eram musica, e embebecimento; para os indoutos eram lição de historia, com as graças da antiga boa fé, e com as innocentes galas da mais fertilisadora e diamantina vernaculidade.

Antes isto, para aquecimento d’animos intanguidos do glacial positivismo da vida, antes isto que o roaz cilindro de João Pedro Ribeiro e Alexandre Herculano por sobre todas as relvas e balseiras em que os cultores de outras eras deixavam os bolbos das raras flôres da historia portugueza. Arrasados e espalmados os jardins, fica ahi a historia das piratarias portuguezas por esse mundo fóra, a historia das vergonhas intestinas, a lucta sanguenta dos judeus parvos com os parvos campeadores da fé, e não sei que mais. Ora de tudo isso já os espiritos cultos voltavam o rosto, antes que o eminente historiador nos cancelasse da historia pittoresca os Fuas Roupinhos, os conjurados de Almacave, e o Christo generalissimo da batalha de Ourique. Para gente que não faz timbre de se andar infernando, e atanazando, e escaldando os musculos e ossos e tutanos na bigorna do ideal, a historia como

o snr. Castilho a deu nos seus *Quadros*, era um dulcissimo recreio d'almas feridas da sáfara d'outros cuidados; porque, em verdade, a gente que se compraz de andar á espreita do destino da humanidade, em quanto se elabora a digestão de jantar, faço saber ao snr. Anthero do Quental que é pouquissima. O numero dos escorreitos é maior do que s. ex.^a cuida.

Como quer que seja, para o author das *Odes modernas*, todas as obras em prosa do snr. Castilho são *prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteados*; todas as obras em verso são *banalidades*, como quem portuguezmente quizesse dizer «frivolidades»; *todas as obras juntas, prosa e verso*, são ninharias. Tomemos conta e nota d'isto.

Depois do que, remata o snr. Anthero a sua carta declarando com a mais ideal das cortezias que não é admirador nem respeitador do snr. Antonio Feliciano de Castilho.

VIII

Entre o primeiro despique e o segundo do snr. Anthero do Quental, entrou na liça, carregado de ideaes pavores, o snr. Theophilo Braga. Conhecia-se certo alvoroço nos palanques. Corréra uma atoarda de que o athleta ungira os braços até ás omoplatas e estirára os musculos para o jubilo infernal de sentir escabujar a victima. A victima era o snr. Castilho. O snr. Castilho victima do snr. Theophilo!

Fallou o auctor da «Poesia do Direito».

A' pagina 2.^a das *Theocracias litterarias* o publico

perguntava-lhe onde estava o verbo e o agente da oração. Os seus amigos lastimavam que o campeador não vestisse a unica arma que lhe esquecêra: a syntaxe. Porque s. ex.^a escreveu d'este feitio: « Uma das phases mais brilhantes da vida de Goethe, depois de se ter encarnado no Fausto e contemplado o ideal sereno do mundo antigo, as fórmas encantadoras de Helena, o typo supremo de bello; depois de ter representado as luctas e revoluções com que o christianismo abalou a alma humana, na sublime criação da *Noiva de Coryntho*, o vulto do pensador e poeta realisa em si a mesma perfeição plastica, sente que se transfigura, a fronte envolve-se em uma magestade olympica. »

Foi por isso que as turbas, convencidas de que em Allemanha os grandes pensadores se não dedignam de escrever grammaticalmente, conclamavam perguntando qual o agente, qual o verbo da oração cerdosa como javali em sanha.

E já que temos cosinhado de Fausto, direi pouquissimo que me lembra com relação a este desatinado folheto do snr. Braga.

Conta Goethe na 1.^a parte da Tragedia *Fausto*, que este individuo, como quer que estivesse scismando no seu gabinete, abriu o livro de Nostradamus, viu o signal do *Espirito da terra*, e entrou a berrar que se sentia arder como se estivesse embriagado de vinho novo. E, depois, taes coisas disse que é um pasmar-se a gente!

A mim me quer parecer que o snr. Theophilo Braga, antes de escrever as *Theocracias litterarius*, viu o Espirito da terra. Tem mysterio aquelle vinho novo de Goethe. O que vale é que das góttas que espirram dos beiços dos en-

diabrados, se horrifam a gente, o maleficio degenera logo no succo de uma herva mythologica da Sardenha, a qual herva dava a morte em riso convulsivo.

O snr. Theophilo Braga está-se abysmando. O renascimento hade ser-lhe difficil. Sepulturas em que se insculpe o epitaphio do riso, pelo ordinario fecham-se para sempre.

IX

Novo opusculo do snr. Anthero do Quental. *A dignidade das lettras e as litteraturas officiaes*. São explicações, em toada grave. Ha aqui não sei quê de apparatusa solemnidade: os modos e geitos d'um coripheu de eschola que vem protestar perante a posteridade que a sua missão vinha inspirada do alto, e que lava as mãos das parvoçadas ejaculadas pelos seus collegas sandios. Affasta de si os escalrachos, e põe peito ás fréchadas de adversarios e hombros á gloria que lhe hade advir no dobar dos annos e na prolação das gerações. Vislumbram por alli uns lampejos de Simão d'Athenas. A gente lê, e sonha-se agachado a um canto de Pœcilium, ouvindo uma parlenda de Chrysippo. A linguagem é levantada como cumpre. O tom da vaidade é o que se requer na postura da clamysde sobraçada. Deviam de explicar-se assim os commensaes dos banquetes de Platão.

O snr. Anthero, quando se esquece da postura adscripta á circumspecção do seu dito, apequena-se, e exprime as coisas no tom vulgar com as falhas vulgares. Declara que *não intentou desacatar a venerabilidade sacerdotal do snr. Castilho*. Esta ironia, a meu vêr, presume

de engraçada: pôde ser que o seja, mas destôa do restante: é como se a um busto severo de Zenão lhe esbruciassem o nariz: o sentimento provocado pela desfiguração em vez de riso seria lastima.

Não veio desacatar o snr. Castilho: *Foi só— diz s. ex.^a— defender a liberdade e dignidade do pensamento, que n'esse momento se offendiam na chamada eschola de Coimbra, no trabalho de alguns homens (bom ou máo não curei de o saber) mas trabalho livre, independente, trabalho santo pois, e digno de respeito. E acrescenta: Isto assim parece-me melhor e mais alto.*

Cada vez peor e mais baixo. Digno de respeito é simplesmente o trabalho util e bom. Certo, que o snr. Anthero não respeitaria o trabalho do artifice que, em vez de lhe talhar a casaca encommendada, lhe vestisse uma niza, ou fizesse jaquetas com o nome de paletós, allegando que podia arbitrar o nome ás suas obras, visto que as manufacturára independente de mestres. Trabalho bom, util, e sancto, se s. ex.^a quizer, é o do alfaiate que faz casaca e o do litterato que faz litteratura de servir. E os obreiros que fabricam mal são máos, e peores os que se aprumam e nobilitam em creadores e reformadores de religiões: querem-se admoestados e repulsados, se teimam em jactanciar-se de seus defeitos, e sahem á rua de sapatos de ourélo a contender com os visinhos que exercitam o professorado da litteratura util.

Não admira nem respeita o snr. Castilho, insta o snr. Anthero. Estava dito e motivado isso: não admira o prosador da *Chave do enigma*, não respeita o poeta da *Primavera* e *Outono*, não admira o traductor de Anacreonte

e Ovidio, não respeita o prosador dos *Quadros historicos*, porque todas as obras junctas do snr. Castilho, prosa e verso, são ninharias. Que mais tem que explicar?

Vai agora definir as ninharias? Ainda não. Algumas paginas distendidas até á saciedade e batidas sobre a mesma incude. E' a idéa maleavel de que o snr. Castilho quer tapar as valvulas do sangue original e creador que estua nas arterias dos iniciadores. Orça pela fadiga o sentimento que vão deixando as successivas peraphrases da mesma these, sem impedimento das graças do estylo. O panegyrico de Voltaire, de J. Jacques, de Diderot como fomentadores da Revolução. Todas as lampadas em volta d'estes idolos para que se não vejam as cabeças de Luiz XVI e Maria Antoinette, e as carretas dos padecentes que passam. Trivialidades a que eu não poderia responder senão com trivialidades. Narizes de cêra que a sã critica está farta de derreter.

Outra vez a apologia do escriptor que não se inspira de auctoridades litterarias. Insulação do genio, desprendimento de modelos. Dir-se-hia que as idéas do snr. Anthero do Quental lhe foram trazidas pela pomba celestial de S. Pacomio. S. ex.^a nutrido da Allemanha e dos francezes medianeiros do ideal germanico, foge com o estandarte da procissão, e declara tacitamente que não tem nada commum com a confraria. As suas idéas são suas. Hegel e Herder tiveram apenas a felicidade de o adivinharem. Quem assim está infusamente e predestinadamente sorteado, só por um excesso de urbanidade poderia respeitar o snr. A. F. de Castilho. Cita Michelet, e Feuerbach e Vico e muitos: estes não são ensinadores nem

oráculos: são faiscas precursoras das columnas de fogo que s. ex.^{as} de Coimbra vão levar de passeio por essas terras do Senhor além. Isto é que é pensar ás soltas, e remover travancos de auctoridades!

Pelletan, confronto não despeciendo para o snr. Anthero do Quental, encontrou de frente a philosophia inversa de Lamartine. O professor, com uma delicadeza já auspiciosa do exito da victoria, beijou as cans do poeta das «Meditações,» denominou-o mestre, e explicou o moto da bandeira do seu arraial.

A serena philosophia não sahe á lucta com um cabaz de pedras.

O auctor da *Profissão de fé*, quando lhe pediam uma immortalidade, dava nada menos que tres, e dizia: «escolham: são tres immortalidades, uma segundo Pedro; outra, segundo Paulo; outra, segundo Sancho. Eu de mim não inventei nenhuma.»

Traduzi livremente; mas a substancia é aquillo. Trez immortalidades, cada uma com trezentas auctoridades. A quarta estamos á espera d'ella. Virá de Coimbra, e confeccionada por um ou dois, quando muito.

Originalidade é alli!

X

E originalidade urgentissima na conjunctura especial em que se acha a nossa terra. «Ah!—clama o snr. Anthero—mas n'esta terra, em tempo fecunda e sancta e agora fria e esteril, a esta gente outr'ora nobre e altiva e

hoje baixa e envilecida, a esta gente e n'esta terra é que era fazer ouvir as grandes palavras de esperança, de coragem e de fé!»

Em qual época da nacionalidade portugueza fitaria o snr. Anthero olhos amarados de lagrimas, quando lhe adjectivava aquelles epithetos de *sancta e fecunda*? Em qual época figurou s. ex.^a a nobreza e altivez d'esta gente de Portugal? Na geração dos homens de ferro que lavavam as bandeiras do Christo no sangue dos indios? Antes ou depois? Antes? abra a legislação, se lhe escassea a historia; depois? abra a historia, se lhe escassea a legislação. A terra *sancta* era a coeva de D. João 1.^o e Nuno Alvares? Valha-nos Deus! Que altos brios os do monarcha, adail de homicidas, que se não pejava de pedir mão de esposa á comborça de Fernando, e á barregan do conde Andeiro! Ahi está o magnifico vulto do seculo esplendido de Portugal. Em redor d'elle, á parte o peso miraculoso dos montantes, enxameavam as torpesas de tanto esqualor, que nem os chronistas fradescos, forçados pela mordaca da caridade, poderam calal-as. Não vem descabida a personificação do agigantado vulto—o rei cavalleiro do seculo que o snr. A. Herculano cognomina de ouro. Pois foi então *sancta e fecunda* de moralidade esta envilecida terra de hoje em dia, ou foi depois? *Sancta*, em tempos de D. Manoel e D. João III, porque queimava hereges? *Fecunda*, porque as cinzas dos israelitas adubabam as terras? Foi nobre e activa esta gente depois de Alcacer-kibir, porque os proceres d'ella tinham taxado o preço das consciencias na carteira de D. Christovão de Moura?

Qual periodo, qual geração de Portugal nos dá o snr.

Anthero mais levantada em espirito, mais devotada ás coisas da intelligencia, mais livre no crêr e pensar? Quando moralmente fomos nós mais ricos dos thesouros da philantropia, do compadecimento dos nossos conterraneos desbalisados dos bens da fortuna? Em que tempos o ideal d'esta parte do mundo convisinhou mais sancto, mais fecundo, mais prestadió dos preceitos e conselhos do Nazareno, divinizado pelo exemplo da vida e morte?

Foi uma exclamação perdida e pueril a do snr. Anthero do Quental. Queixa-se de s. ex.^a a historia, queixa-se o siso commum, queixamo-nos todos os que sinceramente abominamos o ideal d'esta terra, nos tempos sanctos e fecundos a que o saudoso poeta fez oblação de tres pontos admirativos.

XI

Com lacrimavel prosa desprende o snr. Anthero do Quental um threno sobre a patria agonisante. Bello fragmento d'um artigo-de-fundo da opposição; mas que não vem a pélllo n'uma contenda entre o ideal de Coimbra e o positivismo de Lisboa. E' certo que o nervoso escriptor nos quiz fazer sentir que ainda é tempo de salvar a patria, se amanharmos uma litteratura de certo feitio. As muitas protervias que por ahi chafurdam n'este lameiral, quem as gera nas corrompidas entranhas é o *scepticismo*, é a *litteratura official*, que ri, graceja, scisma, murmura, fantasia, procura rimas bonitas, desenterra palavras obsoletas, e construcções isoticas de phrase, diverte-se e cuida

divertir-nos, no meio de um grande lucto nacional, n'uma das horas mais sollemnes d'este povo...

Então que hade fazer-se? Pensemos n'isto seriamente. Manda-se traduzir Ezechiel, Josias, e Abacuc? Vamos psalmodiar as lamentações dos prophetas no Rocio, na Praça-nova, e no largo de Sansão? Venha de lá o modelo da litteratura redemptora! As *Odes modernas* são bellas, são admiraveis; mas eu não ousou affirmar que se faça em volta de mim o concurso necessario para a cathequeze. A *Bacchante* do snr. Theophilo Braga, ou o *Suvonarola*? Aquillo tem muitissima coisa galante; mas o elogio dos frades regicidas e das bachanaes impudicas não me quer parecer que seja cataplasma bastante emoliente para esvurmar a posthema dos abcessos mortaes da patria.

Que hade a gente fazer?

Se é possivel interpretar sisudamente os desejos do snr. Anthero do Quental, devemos invidar todo pulso em guindar a litteratura ás alturas de Pericles, ás da monarchia quasi universal dos triumviros, á republica florentissima dos Medicis, ao luzentissimo ciclo de Leão X. Ouso perguntar a s. ex.^a qual foi a prosperidade moral procedente do acume intellectual de cada um d'aquelles periodos. Ouso ainda perguntar como foi o desandar da roda da fortuna próspera em cada uma d'aquellas regiões alumadas pelos rutilantes candelabros de poetas, philosophos e oradores.

Se me não enganam as minhas presumpções historicas, o refinamento das sciencias e das artes ia de par com a degeneração dos deveres. A Roma dos ignorantissimos Cincinnatos e Manlios tinha umas entranhas puras onde

mais tarde, em plenilunio de sabedoria, se geraram os Ciceros conjurados no morticínio dos Cezares.

Por amor d'isto, não se cuide em Coimbra que eu peço a ignorancia, e os Fabricios e as Clelias. Não, senhores. Eu quero muito poeta, e muito prosador, e até muita coisa que não seja prosa nem poesia. Antes de tudo, queria salvar a patria; mas, se não posso, quero salvar-me a mim do aborrecimento de morrer com ella, lendo as *Visões*, lendo as *Tempestades sonoras*, lendo tudo que me convence de que este paiz está muito para vida, se é certo que a excellencia dos livros novos é indicativa d'um proximo acabamento. Não senhor. A infancia de Portugal recomeça ahi por Coimbra. Por ahi se está escrevendo poesia nem mais lypida nem mais recreativa que o trovar de Egas Moniz e Gonçalo Hermigues. Realisa-se o vaticinio d'aquelle Gesto Anures, terror do rei Mauregato, e um dos mais famigerados da eschola gallega. Prophetizou o bom do trovista :

Lingua de Aravia

Eu a fallarei.

Por que metempsychoses passaria o mata-mouros de «Figueiredo das donas» até se vestir da carne d'onde nos está hoje fallando «lingua de Aravia»?

XII

Não posso fingir durezas de peito, quando é nobre e bonito que me eu commova dos dizeres plangentes do snr.

A. do Quental aos lavradores da provincia. Comprazo-me de trasladar este queixume do môço que, por amor dos lavradores, está penando: «Lembro-me de vós e de vossos rudes labôres, das lidas fadigosas que vos consomem as honradas e modestas vidas! Por vós e pela vossa causa soffro contente os risos insultuosos, os desdens e as injustiças, porque vós tendes direito a alguma coisa melhor do que requebros de phrase, algumas lições mais altas do que os exemplos de connivencia com as torpezas e as abjecções do tempo, e alguma doutrina mais consoladora do que a resignação e condescendencia com as loucuras da época, e alguma moral mais sancta do que o amor sensual e exclusivo da fórmula, do som, das palavras ôccas e esterilmente harmoniosas.»

Aqui ha que esgaravatar.

E' bom saber-se que o sr. Anthero do Quental é rido, desdenhado e affrontado em sua justiça, por tomar á sua conta a litteratura dos lavradores, a qual, até ao presente, lhes era ministrada em requebros de phrase e palavras ôccas. Este martyrio passava despercebido, se s. ex.^a se não queixa. Os lavradores tambem não sabiam d'isto coisa nenhuma, por não terem noticias do mundo das lettras senão as que annualmente lhes levam o *Reportorio do Preto* e os avisos para entrarem no cofre do concelho com as decimas e impostos annexos. N'estas duas especies litterarias é que os desgraçados lavradores tem aprendido requebros de phrases e palavras ôccas, esterilmente harmoniosas. Estão tolhidos com o culteranismo do reportorio e com as litteraturas requebradas e officiaes do escrivão de fazenda. Faz-se mister levantar-lhes a espinhela mo-

ral com emplastos d'algumas drogas confortativas da Allemanha. Remedieemos. Os *Contos fantasticos* do snr. Theophilo Braga para Castro Laboreiro; e outra coisa assim bem phraseada sem requebros e bem palavrosa sem harmonia, para Barroso. Feito isto, que é da alçada do conselho superior de instrucção publica, cumpre que o poder legislativo intenda em mandar mestres de instrucção primaria, mestres de ideologia, e mestres de esthetica aos lavradores. Parece que estes sujeitos deviam ir naturalmente antes dos livros; mas, attendendo á pressa de basculhar as teias d'aranha que as litteraturas officiaes urdiram no encephalo dos lavradores, urge que os curas façam leituras publicas dos livros inculcados, como coisas de si comezinhas e chans e tanto a lume de entendimentos botos que é bastante o dizel-as; e, se n'algum lanço, ha coisa em que intelligencias means possam embicar, os escholios do snr. Theophilo Braga tiram tudo a limpo e claro que nem pérola sacudida d'entre alforrecas.

E, depois, ou nós estamos em terra de cafres, ou o snr. Anthero do Quental, á frente da miuçalha lettrada que lhe vai no couce processional dos seus folhetos, tem de ir entre os lavradores, que deplora, explicar como foi que das trevas projectadas da face do Christo beijada por Judas se formou a egreja catholica. (1) E assim que os lavradores souberem isto, as tulhas deborðarão de cereaes: os S. Migueis serão tres em cada anno, e o estado, nu-

(1) *Odes modernas.*

trido de Ideal, receberá as contribuições em rosmaninho e alfazema.

XIII

Agora o Appendice, ou provas tiradas das principaes obras do snr. A. F. de Castilho, para que se veja a verdade de quanto o snr. Anthero acaba de affirmar nas paginas antecedentes, quer dizer, a impotencia das litteraturas officiaes.

Vamos vêr isso.

Entra o snr. Anthero aquilatando os meritos correlativos de Castilho, Alexandre Herculano e Almeida Garrett. O perigoso d'estes confrontos é o derivar-se a grosseria da leviandade. A injuria de par com a bajulação abjecta não é a somenos quebra da indiscricção do juiz. Negamos-lhe a competencia, porque subiu cheio de paixões ruins á judicatura. Damos quasi nada por suas sentenças, e não tiraremos d'ellas outra publica fórma para nos não apoucarmos em dialectica de alumnos de rethorica. Os litigios d'esta natureza hade decidil-os a posteridade, quando dois grandes nomes houverem passado para indicação de duas sepulturas. O depoimento do snr. Anthero, no tribunal porvindouro, hade ser allegado tão sómente como prova da falta que havia n'este paiz de compendios de civilidade, quando homens da altura de Garrett, Herculano e Castilho escreviam livros monumentaes.

Aqui se detem o snr. Anthero na summariada apreciação intellectual do snr. Castilho.

Quer saber o que elle é, o que representa.

Contrista-se porque não póde responder. Observa que o snr. Castilho é reputado grande, e captiva o respeito das maiorias; mas attribue este culto á pouca instrucção, ao uso convencional das maiorias. As minorias *intelligentes e ociosas* dizem entre si o que é o snr. Castilho; porém, dizem-n'o baixinho. Todavia, o snr. Anthero que não é de caixas incoiradas, vem espalhar aos quatro ventos das nossas noventas leguas o que pensa a tal respeito. Saibamos o que dizem as minorias *ociosas*, e lamentemos de passagem que o snr. Anthero não tenha que fazer mais do que as minorias.

O caracter essencial do snr. Castilho não é uma idéa, um sentimento, um principio, um modo seu de conceber a sociedade, o individuo, ou a natureza. A sua faculdade dominante é o genio da proporção e da harmonia, o segredo das apparencias formosas — o estylo. Salsada!

O snr. Anthero do Quental sabe ao certo o que é estylo? E' a concepção das idéas, manifestada em formulas visiveis e transmissiveis; é a luz exterior reflectida da luz interna. E' ainda, em sentido menos lato, a escôlha harmoniosa das palavras, congruentes á elevação ou simplicidade do assumpto. Que é mais o estylo? E' a phisionomia distincta da obra, do auctor, do assumpto, do paiz, e do seculo. E', finalmente, o que ahi ha menos material na arte de escrever.

Quaes eram as idéas do snr. Anthero, quando abstrahia do estylo propriamente a alma, o sentimento, o impulsor do intimo, a elaboração secreta da meditação, o espertador que nos accorda idéas, que nos suggera ima-

gens, que nos commove e enleva, que nos obriga a seguir, de espaço ou arrebatadamente, as figurações escriptuaes do escriptor? A formosura do estylo que é, senão a formosura das idéas, quer terrificas, quer maviosas?

E' obvia a resposta á interrogação: o snr. Anthero do Quental não se deteve ainda a esquadriñar o que seja estylo. Sabe mingudadamente o que é *linguagem*, conhece muita gente que a exercita dispromorosamente, e quiz dizer-nos que o snr. Castilho conhecia de fundamento a propriedade das expressões. Seja assim, fiquemos n'isto, para não estarmos ambos a parvoejar á volta d'um equivoco.

O snr. Castilho escreve bem: concede-lhe isto o snr. Anthero; mas nega-lhe a faculdade de conceber a sociedade, o individuo, ou a natureza. O snr. Castilho internee-nos até ao pranto, vibra-nos as fibras do coração, leva-nos depós a vehemencia das paixões que concebe. Isto será conhecer-nos? não é: parece-o, todavia: falta-lhe o conceber-nos, que é coisa mais puchada á sustancia do ideal.

Outro aleijão intellectivo do snr. Castilho: é ter *uma maravilhosa faculdade imitativa, formal, capaz de fingir tantos espiritos quantos a voga fôr pedindo*. Está demonstrado isto com cinco escandalos de cinco espiritos fingidos: em 1816 foi elmanista, primeiro espirito; em 1818 poeta monarchico, segundo escandalo; em 1825 pastoril, terceiro; depois de 25, socialista, quarto; em 1826 e 1836 ultra-romantico e shakspeariano.

O snr. Castilho, se fosse homem de idéas suas, e concebesse a humanidade e a natureza, havia de ficar desde 1816 até 1866, cincoenta annos, a fazer versos bo-

cagianos, assim como o visconde de Almeida Garrett ficou toda vida a escrever farças do quilate litterario do *Corcunda*, e sonetos arcadicos ás freiras, e a fabula do gallego que descobriu um feliz expediente na pia da agua benta para se livrar da invasão do diabo. O snr. Castilho fez versos a D. João VI, que o proveu de subsistencia galardoando-lhe o precoce engenho; pelo consequente: *poeta monarchico*, homem sem idéas, poeta sem character, que devia bandear-se nos altos espiritos que insultavam a boçal bondade do rei. Depois, finge um terceiro espirito, e faz-se poeta pastoril; terceiro escandalo, porque devia conservar-se poeta monarchico; não contente com isto, faz-se socialista; depois, abusa da tolerancia das leis, e faz-se classico; posterga os deveres de cidadão honesto, e faz-se romantico; e finalmente obriga a gente a estoi-rar de indignação, quando outra vez se torna ao amor dos poetas e mestres antigos.

Não é facil redarguir ao snr. Anthero do Quental. Recolho-me ao recondito das minhas mais sérias cogitações, e a penna insensivelmente está desenhando narizes.

O snr. Anthero não foi mais verdadeiro que delicado.

As alterações arguidas não se manifestam desairosamente nos escriptos do grande poeta. Classico é que elle sempre foi no genuino dizer do termo; dos mananciaes da lingua portugueza é que elle nunca levantou mão; o que fez, quando quiz, foi enfeitar a expressão do sentir hodierno com as joias antigas.

Ultra-romantico! porque não? O que é o *Fronteiro d'Africa*? O *Arco de Sancta Anna* que é? E o *Eurico*?

e o *Monge de Cister?* Que tem que a *Noite do Castello* e *Ciumes do Bardo* tributassem no regaço do romantismo o feudo d'uma poderosa imaginação, que se aqueceu ao sol de quantos grandes homens legislaram para as letras?

O snr. Anthero agachou-se sobre o seu estrado para pensar n'aquellas datas, no intuito de hervar a chufa com a offensa pouco menos de brutal. O proposito dos algarismos denuncia-se velipendiosamente. Quer-se denegrir o homem, datando-lhe as transformações do talento, como quem apóda as versatilidades do character. Isto tem um nome que se diz quando o publico está disposto a perdoal-o: chama-se... lama.

E depois, os descuidos biographicos do snr. Anthero, descuidos que nem sempre me parecem fugir á alcunha de necedades. Vem Victor Hugo como innovador, e adstricto a uma idéa unica. Victor Hugo poeta de reis, poeta socialista, prosador classico, prosador romantico, poeta legendario, poeta pasquinario, poeta elegiaco, poeta demagogico! Isto é ter o nome ligado a uma idéa unica. O snr. Anthero devia, pelo pouco, ter duas: uma de Castilho, outra de Victor Hugo; e, se pudesse ter uma terceira de si mesmo, devia de sentir n'esta hora a consolação da modestia, com a consciencia do seu muito saber em gestação de fructos menos verdes e menos sorvados.

Segue a pretendida analyse de alguns livros do snr. Castilho. E' de um natural facecioso, recheada de jogralidades, que não fazem praça a pleito sério. No correr d'este enfadoso trabalho, já me antecipei indicando o con-

ceito que mereceram ao escriptor os poemas e as prosas do snr. Castilho.

Quaesquer graçolas mais ou menos desbragadas dizem menos que o peremptorio d'esta linha: **TODOS OS VERSOS, TODAS AS PROSAS DO SNR. CASTILHO SÃO NI-NIARIAS.**

XIV

Eu não quero outra melhor prova de quanto tenho estabelecido do que uma obra mesmo do nosso poeta. Essa sim, é uma obra sentida e profundamente verdadeira, feita com alma, paixão, sangue e vida, que se sente palpitar e nos toma o coração e o domina com este absolutismo que só tem a verdadeira belleza. E' um dos mais formosos dramas do theatro portuguez... o drama CAMÕES. Nunca se dirá bastante d'esse livro surpreendente que excede muito o CAMÕES de Garrett no estudo da época, na interpretação do verdadeiro character do heroe, na intelligencia intuitiva do genio da nução, e no grande espirito poetico e dramatico que anima todas as scenas, salas amplas e luminosas d'um maravilhoso palacio de poesia.

Cuidam que este periodo é meu? Não é; gloria teria eu muitissima de tê-lo escripto.

—E' então certamente de algum dos escriptores de de boa nota que veneram Castilho? Que dirá o snr. Anthero do Quental contra esse rasgado louvor?

Leitor, o snr. Anthero do Quental não tem que dizer contra o rasgado louvor, porque...é seu, escreveu-o elle.

Está na penultima lauda do livrinho das chanças, das zombarias, dos escarnecimentos. E' do mesmo escriptor que não tinha encontrado livro de Castilho, *prosa ou verso, que não fosse ninharia.*

CONCLUSÃO

O poeta de quem se disser que escreveu livro superior ao *Camões* de Garrett, não póde já invejar nenhum. Urge, porém, que, para a validez de semelhante juiso, o julgador se não haja desauthorisado, alcunhando de fazedor de frioleiras quem sobre-excedeu Garrett no seu melhor livro, na lampada de mais duradoura luz que lhe bannha o pedestal da memoria.

O melhor amigo, o mais entusiasta admirador de Castilho, se algum houve que mais que eu lhe devesse e o amasse, não teve ainda á mão a balança em que pezasse o quilate dos dois poemas denominados—*Camões*. As indoles diversificam tanto que não ha padrão para lhes assignar primasias. A sã crytica o mais que póde e ousa é denominal-os ambos obras de primôr.

Que prova isto? que moralidade vai n'este contradizer-se subito e inesperado do snr. Anthero do Quental?

Póde provar em duas hypotheses: ou as ruins paixões desconcertam e atraçoam o mais reflexivo espirito; ou o snr. Anthero do Quental, na penultima lauda do seu segundo escripto, insensivelmente, se estava penitenciando de suas injustiças. Na primeira hypothese, é a verdade

que engenhosamente inflige o castigo da vaidade irritada; na segunda, são os honrados sentimentos da equidade que abraçam de assalto o espirito do escriptor, e lhe pedem que deixe subir o seu juizo até onde o tempo lhe altear o talento.

FIM.



PREÇO
200 REIS

3

14

1516
7

A

ESCOLA COIMBRÃ

CARTAS

DO SR. CONSELHEIRO

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha

I

Lisboa

TYPOGRAPHIA DO FUTURO

Rua da Cruz de Pau n.º 35

1866

A
ESCOLA COIMBRÃ

CARTAS

DO SR. CONSELHEIRO

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha

AO

CORREIO MERCANTIL

do Rio de Janeiro

I

Lisboa

TYPOGRAPHIA DO FUTURO

Rua da Cruz de Pau n.º 35

1866

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

CARTA 1.^a

Ill.^{mo} sr. J. C. de Souza Ferreira.—Pergunta-me V. S. o que seja essa polemica litteraria, recémtravada em Portugal, de que nos fallam as correspondencias d'ali vindas, e que as folhas de hoje publicaram.

Não satisfarei sómente a tão natural desejo; mas, pois me dirijo a cavalheiro tão versado e competente em materias litterarias, aproveitarei o ensejo para submeter a seu recto juizo as minhas desautorizadas opiniões.

O proposto lente da cadeira de litteratura moderna no curso superior de letras, uma das mais fulgurantes estrellas da pleiade actual, o talentoso sr. Pinheiro Chagas, acaba de dar á luz o tão preconisado *Poema da Mocidade*, dedicado a Antonio Feliciano de Castilho, de quem é uma carta ao editor, appensa ao mesmo poema.

Nesta carta só se tocavam pontos litterarios, uns com mais, outros com menos desenvolvimento, a saber: — doenças que está padecendo a nossa litteratura; — escu-ridade, tumidez, sobejidão de ornatos, eclipse ou ausencia total de assumpto, etc. — idéas sobre a critica; sua

utilidade e necessidade, seus deveres e suas limitações; liberdade, que aos poemas convém, de variar as contexturas metricas; apologia dos alexandrinos; reparo sobre as maiusculas iniciaes dos versos; conveniencia de se reestudarem os modelos antigos, em particular os gregos e os romanos; limites dentro dos quaes convenha dar os classicos portuguezes como exemplares para principiantes.

De tudo isto, e ainda de alguns outros pontos interessantes tratava o autor da carta, muito sinceramente, e sem personalidade alguma offensiva; sendo para notar que onde maior rigor empregou, foi no julgamento do proprio poema, que aliás lhe era dedicado, e do modo mais honroso, e isto com perfeita e nobre annuencia do illustre poeta.

Agora, para V. S. melhor avaliar o que se tem seguido, e se irá seguindo, cumpre contar-lhe que em Coimbra, na denominada Lusa Athenas, tão justamente famosa pela cultura das boas lettras, appareceram ultimamente dois ou quatro mancebos, de talento natural, mas completamente perdidos pelo orgulho que já se não disfarça, nem pelo juizo das conveniencias, nem pelas mais elementares noções da civilidade. Algum, entre elles, tem publicado suas obras, em que ha, de mistura com algumas coisas boas, muitas pessimas; mas envolvendo-se o total num manto de nebulosidade e num sobremanto de philautia pueril e ousada, que o tornam, ao mesmo tempo, objecto de sorriso para a gente seria, e idolo para a vasta classe de admiradores, que quanto menos entende tanto mais se extasia. Ha quem chame áquella coisa *escola!* e para certo circulo, os taes moços são oraculo, regeneradores, desejados das gentes, Messias; diante d'aquelles grotescos altares ardem os thuribulos de dia e de noite.

É um mal aquillo, e mal serio; porque os maus exemplos, quando se revestem de certas circumstancias, vão contagiar e perder a muitos desgraçados, aliás nascidos para longa vida; e não somos nós tão ricos de talentos aproveitaveis, que possamos ver, de braços cruzados, que nos andem animaes damninhos no pomar a pôr de raizes para o ceo as arvores de fruto.

E' fóra de toda a duvida que estes arianos, novacianos, e donatistas litterarios procuram conspurcar a esplendida terra de Coimbra, estabelecendo nella o quartel-general do scisma; e é força confessar não menos que, em alguma outra parte, lá para o norte de Portugal, vai surgindo uma *poesia* (?) loucamente revolucionaria, e que affecta olhar com desprezo quantos poetas Lisboa tem criado e possa criar; uma verdadeira poesia de... filhos da ursa, por lhes não dar outra filiação.

Discursava o autor da carta, ácerca dos direitos e das conveniencias da critica, procurando provar que o critico de bem, severo até, é o mais proveitoso amigo do criticado; e por essa occasião, fallando de alguns juizos formulados pelo sr. Chagas em relação a varios escriptores, cujo estylo e tendencia elle apreciava, apenas se exprime d'est'arte (pag. 215): *Deixando de parte, por agora... Quental, de quem, pelas alturas em que vóa, confesso, humilde e envergonhado, que muito pouco enxerço, nem atino para onde vai...*

Deu-se, pois, por sacrilegamente desacatado com tão singelas verdades, o Mafoma, ou o Allah (que Mafoma é pouco). Alçou logo o pendão da guerra santa, e toca a demolir tudo que não é *elles*; mascaras fóra, guerra à todos os respetos mundanos, a todas as religiões, a todos os principios, a todas as nacionalidades, a todas as autoridades, a todas as regras, o todos os antigos, a todo o senso do genero humano: peças raiadas, obuzes, e metralha, foguetes de congreve, tudo; e quantos não crerem nelles, morram!

Aquelle rebate insolente não podia deixar de corresponder uma grande e justa indignação na gente sisuda e de juizo. Romperam-se as hostilidades. É uma campanha interessante, a que se ha de seguir forçosamente, se não é mentira tudo que ensina a historia litteraria, o triumpho capitolino dos bons principios, então muito mais bem assentes, quando em tamanho fogo se tiverem acrisolado.

Saiu, pois, a campo, em Coimbra, o sr. Anthero do Quental, com uma carta aos 2 do passado novembro, di-

rigida a Antonio Feliciano de Castilho, e epigraphada — *Bom Senso e Bom Gosto*.—É toda ella uma desgrenhada verrina, onde em phrase indescriptivel se desacata a tudo quanto é credor de respeito; se esbraveja contra todos os axiomas da sociedade humana; se substitue a argumentação pela injuria.

Quanto a Antonio Feliciano de Castilho, faz-lhe o sr. Quental a operação que os modelos d'este, no tempo da republica franceza, faziam aos varões illustres: arranca-o ao Pantheon, para arremessal-o aos canos de despejo. Não ha qualidade boa que lhe não negue, não ha defeito que lhe não exprobre: é a raiva impotente de um hydrophobico delirio.

Ora o illustre autor da carta puzera-lhe este P. S.: «Queira V. S. dizer de antemão aos que discordarem das minhas opiniões, e o houverem de dizer pela imprensa, que o Virgilio me não dá licença para lhes responder. O que pensava e sentia, expendi-o; lá brigar, não brigo, que tenho mais que fazer.»

Terá elle pois tido conhecimento da selvagem agressão? Terá sequer lido as 14 paginas do estranho folheto? Estou persuadido de que não; se tivesse perdido essa meia hora, teria visto que o sr. Quental, em vez de tratar das questões por elle aventadas, ou de alguma d'ellas pelo menos, se limitava em o descompor e injuriar; razões ventilam-se, mas injurias não se discutem.

O sr. Pinheiro Chagas não teve igual longanimidade, ou não condemnou o mau folheto a igual desprezo. No *Jornal do Commercio*, de 22 do passado, publicou uma resposta, que é das mais bellas coisas que da sua brilhante penna têm saído. Um editor mandou logo reimprimir esse artigo em avulso, cuja edição sem detença se exauriu.

O sr. Manoel Roussado, acceitando igualmente o repto, e empunhando a mais propria arma, em taes casos, a do ridiculo, mas como só os espirites superiores a sabem manejar, seguiu-se logo com outra admiravel carta ao sr. Quental, publicada tambem em folheto, que tenho ante mim, sendo uma das mais engraçadas coisas que em portuguez se têm feito, e que teve a mesma fortuna de agradar,

Por carta que recebo de Julio de Castilho sei que, a ocontas de seu paq, escrevêra outra carta ao mesmo sr. Quental, a qual devia sair á luz poucos dias depois da partida do paquete.

Constava mais, á ultima hora, que em Coimbra se imprimira outra carta com a pseudonyma assignatura de Elmano da Cunha, dirigida ao sr. Quental, contra A. F. de Castilho. Suspeita-se ser outro libello famoso, e é possível que o tal Elmano seja o Sósia do sr. Quental; até pôde hem ser que esta publicação seja um artigo que certo autor sabido mandára a uma das principaes folhas de Lisboa, e que se diz não ter esta querido dar á estampa, por não ser mais que um tecido de... ponha-lhe o nome.

Coisa notavel é que de toda a imprensa periodica, o que muito a honra, ninguem fez coro com os *scismaticas*, a não ser o *Commercio de Coimbra*, onde elles escrevem. A maior parte dos outros jornaes nem palavra tem dito. Entretanto, extremados como se achão já os campos, é impossivel que a imprensa periodica não acuda afinal á pendencia, por uma ou outra parte. Estou, porém, convencido de que Castilho Antonio nem em jornaes nem em folhetos queimará a minina escorva.

Um mancebo, de grande intelligencia, e mui dado a estudos de phylosophia e de litteratura em geral, o sr. Zacharias Aça, ficava escrevendo uma obra seria contra as pretendidas philosophias da pretendida escola coimbrã.

Dizem-me que o sr. Camillo Castello Branco tambem com a sua autorisada voz entra na lide.

Outro moço de talento, o sr. A. F. de S. José, tambem ficava escrevendo uma serie de cartas sobre a questão.

Parece que o sr. Bulhão Pato vai manifestar a sua opinião, defendendo as boas doutrinas; e certamente outros e outros as virão elucidar.

E nem admira o resultado d'este impulso Castilho Antonio tocou em um ninho de maribondos; haviam de esvoaçar, zunir, e morder; mas foi uma fortuna que elle

tivesse a coragem de denunciar o cholera, que ia imperceptivelmente lavrando nas lettras portuguezas. Se o Mondego se convertêu em Ganges, cordão sanitario!

Esta questão já não é sómente um debate entre a luz e as trevas, entre o verdadeiro e o falso; é tambem um pleito, que vai encaminhar o futuro das nossas lettras por uma vereda de progresso, ou por um labyrintho de inconveniencias religiosas, sociaes, litterarias, e poeticas.

Eis ahi o a que alludem as correspondencias vindas por este paquete. E agora que expuz a V. S. em que consistia a pendencia, tolere que em algumas cartas mais avalie a importancia das brutaes accusações do sr. Anthero do Quental. Por ora nenhum outro nome de gente veiu á praça; mas suspeito que o seguinte paquete me habilitará a tratar de outro vulto, que me affirmam ser nesta cruzada companheiro d'aquelle Pedro Eremita. Emquanto se não desmascara, silencio; se imitar o seu collega, justiça.

Cedo voltará á sua presença quem é, com a devida consideração—de V. S.—attento respeitador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro, —rua do Conde n.º 13, 18 de dezembro de 1865.

CARTA 2.^a

Ill.^{mo} sr. J. C. de Souza Ferreira:—Narrei-lhe, na minha precedente, o que, até á data da partida do paquete recémchegado, em Portugal se estava passando, relativamente á polemica suscitada pelo sr. Anthero do Quental. Cumpre agora a essa parte historica addicionar alguma coisa de apreciação.

Respeitos humanos, que para certa gente nada valem, atam-me os braços. As demonstrações do que tenho que ponderar ser-me-hiam ainda mais facéis, se me parecesse admissivel trazer para o debate outros nomes e outras pennas; mas, pois que *por ora* só vejo em scena o sr. Anthero, entendo não dever ser ainda senão com elle o ajuste de contas.

Eu não comprehendo bem o que seja a *escola de Coimbra*; de que necessidade social nascesse; a que intuito se dirija; e fique dito de uma vez para sempre que não adopto aquella locução senão para empregar a linguagem da seita, visto como nem por sombras quero considerar Coimbra, esse foco de luzes, como complice nos

desvarios de dois ou quatro mancebos, que de bem longe lhe vieram. O certo, porém, é que o sr. Anthero, procurador sem procuração, se apresenta como a encarnação do novo principio salvador. Vejamos o que é esta sua obra; o que são as suas obras; em que consiste a revolução que apregoa.

O folheto, que tenho ante os olhos, é um mau escripto, um desforço detestavel.

Não cuide V. S. que todo o pensamento do sr. Anthero se cifra em derrubar o vulto de Castilho Antonio do pedestal em que meio seculo de trabalhos variados e conscienciosos, e o consenso unanime dos competentes e do publico, o collocaram, de modo que d'essa altura o não pôdem abalar visagens de lilliputhianos:

.....*Sicut cœlestia semper
Inconcussa suo voluntur sidera lapsu.*

Tudo quanto ha de mais venerando na terra sofre os golpes do camartello do nosso alvenel litterario. A sua furia acommette com igual sanha a tudo, principios como homens, antigos como modernos, futuro como passado.

A aggressão selvagem contra o poeta principe da melodia, em lingua portugueza, mórmente formulada em linguaagem sordida, não é digna de resposta; nem mesmo chega a causar indignação o que só inspira dó do estado a que o orgulho pôde ter reduzido faculdades mentaes, para as quaes Deus não fôra avaro.

Os zoilos, hoje em dia, já não são lapidados ou queimados vivos; mas ainda aspiram a tornar-se celebrés, como o *Homero-mastige*, á custa dos grandes vultos a quem insultam.

Aquelles, a quem a vaidade insuffla, e que, dotados de algum talento, lançam mão de certas audacias desusadas, e de certos estranhos estylos, estão sempre seguros de cegar por algum tempo uma dada turba, desvairando-a, e corrompendo-a; e esse mal é grave.

Qual o alcance d'este escripto do sr. Quental? Quanto ao preterito, arrazar, peor Tarquinio que o das papoi-

las, não já quantas superioridades incommodam os mediores, mas alto e malo o que existiu. Quanto ao porvir, nada; porque o trabalho é só de aniquilação; esse porvir é Satanaz sentado sobre as ruínas de tudo quanto foi, apontando com o dedo, e rindo!

E porque não pareça isto exageração, diligenciarei primeiro mostrar, *per summa capita*, em que consistem as opiniões do sr. Quental, quanto ao passado, sobre assumptos dos mais graves.

D'este senhor conheço: 1.º, esta carta a Castilho Antonio, intitulada *Bom senso e bom gosto*; 2.º um volume de poesias, *Odes modernas*; 3.º, um artiguito, *Arte e verdade*, inserto no n.º de 15 do passado julho, da *Revista do Seculo*; e 4.º, uma introdução aos *Cantos na solidão*, pelo sr. Manoel Ferreira da Portella; e ha mais a *Beatriz*, escripto que nunca vi. São, pois, escassos os subsidios a quem quizer avaliar as opiniões do sr. Quental; mas, como para reconhecer gigantes bastam dedos, vejamos entre estes alguns exemplos que nos instruem sobre as diversas theses, que irei successivamente desenvolvendo, para que se aprecie a estrada por onde nos querem arrastar:

DEUS

Parece que a chave-mestra da abobadã coimbrã é o DEICIDIO! Este o *delenda Carthago* do sr. Anthero do Quental! Não é só o assalto ao culto de Christo, posto que seja esse o mais encarniçadamente salteado, mas a todos os cultos.

Nesta carta, a pag. 10, se lê: «Refundem-se as crenças antigas. Desmoronam-se as velhas religiões, etc.» E para bem alcançarmos a doutrina da *escola* neste grave ponto, abro o volume das *Odes modernas*, do mesmo sr. Quental, d'onde transcreverei pedacinhos de ouro em materia religiosa. Oiça V. S.:

— «Religiões.....»

Oh! que nuvens de pó alevantadas!» (pag. 12).

— «Tropel de deuses vãos que o nada abraça.» (pag. 15).

—«Velhos cultos,—
 espectros que nos gelam com o abraço,
 e mais renascem quanto mais sepultos...
 da terra e ceo bandidos orgulhosos,
 deuses enganosos,
 o mal só d'elles vem!» (pag. 22).

Em uma estranha poesia, intitulada *Pater*, onde tudo é insulto á religião e á igreja, e se diz que os padres

—«dispõem do ceo como de casa sua,
 a que puzessem Deus como porteiro,»

e se pergunta aos mesmos padres, entre outras coisas de summo espirito, gravidade, e graça,

—«se o Messias nasceu entre os judeus,
 ou se, quando nasceu já tinha ordens?»

préga-se-lhes que a unica religião verdadeira é o amor :

—«De dois raios de uns olhos bem amados
 é que se faz a cruz que nos converte ;
 e a palavra, que a crença ás almas verte,
 faz-se essa de suspiros abafados.» (pag. 40).

Após estas blasphemias religiosas e grammaticaes, proclama o sr. Anthero, em um verso tão certo como a these, que o seio materno é

—«a só unica biblia immortal.» (pag. 41).

Saltando por sobre dezenas de passos analogos acho, por exemplo, o seguinte :

—«Pois que os deuses antigos, e os antigos
 divinos sonhos por esse ar se somem...
 Pois que o Sinai se enubla, e os seus pascigos,
 seccos á mingua de agua se consomem...»

Pois que o ceo se fechou, e já não desce
na escada de Jacob, na de Jesus!
um só anjo que acceite a nossa prece... (Pag. 51.)

Logo na immediata pagina se diz ao *pallido Christo*
que *o seu grande coração vai perdendo o tino*, e que

—«a luz da sarça ardente dissipou-se
ante os olhos do vulgo peregrino!»

Noutra coisa intitulada *SECOL SI RINUOVA*, depois de
descrever os pavores *da cruz nas altas torres*, etc., dá
os motivos d'esses receios:

—«Porque se um dia, os pés d'essas estatuas
se virem ser de barro e não de bronze...
Se se ouvir que as columnas d'esse templo
não são de marmor rijo, mas formadas
de uns troncos velhos meios podres, e o Idolo
se conhecer que já não faz milagres...» (Pag. 71.)

e continuando a fallar do idolo, e do defunto, prophetisa,
com uma selvagem energia de tarimba, que hão de

—«... muitas postas mãos em prece humilde
talvez erguer-se, e dar na cara ao morto!» (id.)

Adiante (a pag. 84 e 85) consola-nos o deicida com a
idéa (expressa em linguagem tão pouco portugueza, como
anti-portuguezes são taes sentimentos) de que nos ha de
dar outro e melhor templo, outra e melhor cruz:

—«E *uma outra cruz* no altar, outro esplendor lançando,
ha de radiar luz nova ás lettras do missal!»

—«O Evangelho novo é a biblia da *Egualdade*.

Justiça, é esse o thema immenso do sermão.

A missa nova, essa é missa de *Liberdade!*

E órgão a acompanhar... a voz da *Revolução.*»

Este verso, estrondosamente errado, fecha dignamente este pasquim religioso, estrondosamente estulto.

A pag. 91, quer V. S. ver até onde chega o arrojo das confrontações? conclue uns versos atrevidamente inintelligíveis, por este :

—«Chame-se embora Garibaldi, ou Christo!»

A pag. 97, depois de pintar a face beijada pelo Judas, como produzindo caliginosas trevas, e a não beijada como irradiando luz, diz d'aquella :

—«Foi d'essas sombras que se fez a igreja!»

Consequentemente a definição do sacerdocio é :

—«Serpente, que se enrosca ao mundo todo.» (p. 111)

—«Se já desaba o tecto das igrejas

E' porque *um outro ceo maior nos cubra...*

o ceo da liberdade!» (p. 150)

Após estes novos erros de grammatica e do senso commum, em lingua gallici-parla, diz-nos, a pag. 158, ser chegado o dia da emancipação do dogma enganoso em religião; que a reconstrucção do mundo deve assentar na exclusão de uma religião inutil e illusoria, sendo essa a aspiração *mais santa* (que antiphrase!) d'esta sociedade tumultuosa, prégando como formula da escola o *atheismo social*.

Permitta V. S. finalmente mais uma citação :

—«Os cultos com fragor rolam partidos;

e em seu altar os deuses cambaleiam...

Que é dos santos, dos altos, das grandezas,

que inda ha tres seculos adorámos todos?

As verdades? as biblias? as certezaas?

limites? fórmãs? consagrados modos?

O que temos de eterno, e sem enganos,

Deus—não póde durar mais que alguns annos.» (p. 11)

Será esta a doutrina da *escola coimbrã*? Terá decretado a demissão de Deus? Imitará o congresso dos rapazes em Liège? Ai, não! O sr. Quental é mais comedidinho: aquelles já dão a Deus por morto; cá o nosso generoso revolucionario ainda lhe concede (em verso harmoniosissimo) algum annito mais.

«Deus não pôde durar mais que alguns annos!» Não parece que este mocinho está já impaciente por que vague o logar de Deus, para se oppôr a elle? Creio que teria que trabalhar, pois no concurso appareceria outro collega a disputar-lh'o. Este Deus, já a cair da tripeça, *por velho*, tem uma graça infinita; e a *escola coimbrã*, a querer apear a divindade, tem um chiste, que faz fir até as gallinhas mortas.

D'aqui a pouco têm elles que reformar todos os psalmos e orações do ritual. Não se dirá mais: *Cæli enarrant gloriam Dei*, mas sim *Cæli enarrant gloriam Domini Quentali*. Acabou-se o *Dixit dominus domino meo: sede a dexteris meis, donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum*; e vai principiar o *Dixit Quentalus T. meo: sede a sinistris meis, donec ponam lisbonenses illos scabellum ferradurarum tuarum*, etc.

Peço perdão a V. S. de ter adoptado aqui o unico estylo, que tão miseravel these tolera. Aquelle *espírito forte*, aquelle independente imberbe, aquelle habil e instruido, leria em Bacon, se para as boas leituras lhe sobrasse tempo, que um verniz de saber leva ao atheismo, como ao atheismo leva o saber profundo. A alma humana ante a magestade divina é um atomo na immensidade. Os insurgentes dos campos de Phlegra atacavam deuses falsos, e eram gigantes de estupendas forças; os Titães, do campo do Bolão, investem contra todas as religiões, e são pygmeus invisiveis. A soberba vaidosa, que pretende arrancar o sceptro á divindade, transforma o homem, como Nabuchodonosor, em fera.

Se Deus não tem que durar mais que alguns annos, procuremos todos a campa, porque naquelle dia todos os vinculos se desatarão, e o mundo social se converterá em um cahos, graças á victoria da obra contra o operario, da

creatura contra o creador, do effeito contra a causa, do finito contra o infinito, do transitorio contra o eterno, da fragilidade contra a grandeza, do asqueroso contra o perfeito, do odio contra o amor, das trevas contra a luz, da morte contra toda a fonte da vida.

Improprio seria defender a causa mais axiomatica de quantas aceita espontanea a intelligencia humana; seria admittir que o Creador pudesse comparecer como reo perante o tribunal da creatura, e que ao homem fosse licito arvorar-se em advogado do Omnipotente. Não: basta reconhecermos haver anjos decaidos das regiões celestes do pensamento: taes são os infelizes que negam a Deus, ou os que só liberalisam ao *Eterno*, á fonte de toda a existencia, alguns dias de existencia!

Do novo decalogo do sr. Anthero, eis ahi o primeiro mandamento. Por hoje não abusarei mais da benevolencia do meu illustrado amigo; continuarei, se m'o permite, a pôl-o em dia com o programma da escola coimbrã, tal como este apostolo o prêga.

De V. S.—attento venerador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro,—rua do Conde n.º 13, 20 de dezembro de 1865.

CARTA 3.^a

Ill.^{mo} sr. João Carlos de Souza Ferreira:—Documentadamente provei a V. S., na minha precedente, quaes sejam os principios da *escola do Quebra-Costas*, em materia religiosa, os quaes todos se resumem na pittoresca phrase, a que o sr. Anthero do Quental chama verso :

«Deus não póde durar mais que alguns annos!»

Continuarei agora a desembrulhar os outros mandamentos de uma seita, cujo *motto* é inversão de todos os principios recebidos, de todas as crenças, de todas as opiniões assentes, de todos os legados dos seculos.

Para os corações bem formados, ha logo abaixo do sentimento de veneração a Deus, o de

AMOR Á PATRIA

Vejamos como, no nosso revolucionario confesso, vibra no coração a fibra patriotica. Algures diz um autor

que, resultando as nossas opiniões das que involuntariamente nos formamos das coisas, difficil é que aquelle que em si mesmo fórma alta idéa de Deus, e da sua nação, não seja theista e patriota. Ora já V. S. sabe que idéa, infelizmente, concebeu o sr. Anthero do que seja a Divindade; era logico professar aquella alma analogos sentimentos de desrespeito e menospreço para com o torrão a que coube a ventura de lhe servir de berço.

O homem que se deshonra de pertencer a um paiz, assemelha o impio que cospe nas cinzas de um pae. O desgraçado que para a sua terra só acha palavras de ludibrio, perde o direito a toda a consideração. Aquelle que ridiculisa a sua patria, é indigno de ser seu filho.

Quer V. S. ouvir o portuguez sr. Anthero, dissertando ácerca de Portugal, e de quanto nelle se encerra? Acredite que o que se segue é copia litteral:

«Verdade e justiça estão tão altas, que não têm olhos com que vejam as *pequenas coisas* e os *pequenos homens*, das infimas *questiunculas litterarias* de um *ignorado canto* de terra, a que AINDA se chama Portugal!» (Carta a A. F. de Castilho, pag. 4).

«Quem pensa e sabe hoje na Europa *não é Portugal, não é Lisboa*, cuida EU; é Paris, é Londres, é Berlim. Não é a nossa *divertida* academia de sciencias, que revolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos factos e das idéas. . . . os *meninos* de 30, 40 e 50 annos, de Lisboa, do Gremio, da *Revista Contemporanea*.» (Idem, pag. 41 e 42).

Fallando dos litteratos de Portugal, e lá de não sei que tarefas que elle lhes gisa, exprime-se assim: «Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens. Sairão esses heroes das *academias litterarias*? das *arcadias*? das sinecuras opulentas? dos *corrilhos do elogio mutuo*? Sairão as *aguias das capoeiras*? Saltarão as idéas salvadoras do *choque das maledicencias e dos doestos*? Nascerão as dedicações do *casamento das vaidades*? etc.» (Idem, pag. 40).

—«Mas, ex.^{mo} sr., será possivel viver sem idéas? Esta é que é a grande questão. Em Lisboa, no *curso de let-*

bras, na academia, no conselho superior, no gremio, nos saraus de v. ex.^a, dizem-me que sim, e que é mesmo uma condição para viver bem. Fóra de Lisboa, isto é, no resto do mundo... nos paizes mais desfavorecidos da sorte, é que nunca poderão passar sem essas magníficas inutilidades.» (*Idem*, pag. 14).

Na sua Introducção aos *Cantos na Solidão*, do sr. Portella, pag. xiii, lê-se:—«Nem ao poeta *the* faz mal (nunca procurem grammatica no sr. Anthero, que isso *a elle the* é uma sciencia ante-diluviana, que deve ir a terra) ser um pouco doutor—já se sabe que não digno *doutor da universidade*, que isso é outra especie de *sabedoria, que não cabe em versos serios* » *Et tu quoque!* oh Bruto! Pois Coimbra nem sequer já poupa os seus doutores; a sua universidade? que rasoura! Sirva ao menos isto de prova que a pobre Coimbra não é connivente com os desvarios de uns adventicios de S. Miguel, e não sei d'onde mais, arabes do deserto, a que a nossa lingua dá um nome, que eu não quero repetir, com receio de confusões.

Em uma nota ás suas *Odes Modernas*, a pag. 154, depois de pintar o presente e o futuro com inaudita excentricidade, e de descrever em termos nebulosos o que aquelle vidente divisa no bojo do porvir, accrescenta ironicamente: «Que os meus *quasi-patricios* de Portugal se não aterrem! Todas estas coisas anarchicas estão a 50 e a 100 leguas das nossas terras patriarchaes, e a mil ou duas mil das nossas não menos *patriarchaes intelligencias*... Sob os nossos tectos reina o *contentamento dos simples*... Nós vivemos fóra da historia e do progresso. Era para nós que, ha já 300 annos, Sancho Pança inventava os seus proverbios.»

Basta de citações, que facil seria multiplicar.

Que é Portugal na boca d'este portuguez? Um canto ignorado da terra, destinado a perder seu nome; um mó de humanculos; um fóco de ignorancia; a sua academia é divertida; os seus escriptores, meninos de pajmatoria; as suas aguiassão de capoeira; seus habitantes, maledicos, detractores e vaidosos; as suas instituições litterarias, cursos superiores, academias, conselhos supe-

riores, gremios, associações, a sua capital, enfim, sede da rudeza e materialidade; a nação composta de simples e lorpas, para quem Sancho Pança inventou seus pro-verbios.

Póde amar e venerar o seu paiz quem o pinta com semelhantes côres? Viu-se jamais hostilidade de estrangeiro brutal igualar a energica injustiça de tão descomedidas phrases? Que idéa representa, para tal homem, a palavra PATRIA?! Esse cavalleiro andante das *idéas* e dos *ideaes* creio que nenhuma liga a tal vocabulo. Não foi para elle que Viennes escreveu:

Ô des cœurs généreux fantôme révére !
Culte de la patrie, amour pur et sacré !

Faz bem em proscrever a leitura do desprezível Horacio, para na tal detestavel *Arte Poetica* se não lerem aquelles dois ridiculos versos:

Cui didicit, *patriæ* quid debéat, et quid amicis ;
quo sit amore parens, quo frater amandus et hospes.

Quem da terra a que pertence fórma tão vilão conceito, deve, em vez de a reverenciar, detestal-a; quem assim considera a patria, melhor faria em expatriar-se; e pouco perderiam com isso os *simples* e as *intelligencias patriarchaes*. O sr. Quental não conhece aquelle fogo de Vesta que arde em nossos peitos, que nos acompanha por todas as regiões, por todas as vicissitudes da vida, que nos faz tomar a injuria á nossa patria como injuria ás nossas mães. Aquelle *amour pur et sacré* é para elle coisa risível; de amores elle não conhece senão um:

«O de uns labios bem tremulos de amante;
o de uns raios de uns olhos bem-amados,
o amor! é esse o apost'lo soberano.»

Sim; dê-se-lhe a mulher, com a sua belleza, as suas seducções,

— «palavras de suspiros abafadas;
«... de uma amante o olhar velado,»

que isso é tangível, sympathico, rendoso. D'esta vez o defensor do *ideal* acha o amor da patria *ideal* em demasia, anachronico, prejudicial; e, em materia de amores (por esta vez sem exemplo) dá a palma ao *real*.

Foi, pois, o 1.º mandamento da seita do sr. Anthero: — *Derrubar a divindade*. É o segundo: — *Guerrear o patriotismo*.

Passemos a outro ponto:

BRASIL

Por um geral consenso tacito, Portugal ama e estima o Brasil; e, aos olhos dos portuguezes, logo depois do bem-estar da sua patria, é o d'esta terra que se almeja, antes do de outra alguma nação do globo. E é isto naturalissimo: ainda hontem formavamos juntos um só corpo, e uma separação politica, voluntaria e amigavel, nunca poderia ser titulo de frieza; nossos avós communs são os mesmos; neste solo se escreveram paginas brilhantes dos nossos fastos; fallámos o mesmo idioma; somos todos parentes; temos os mesmos habitos; não ha antagonismo algum nos interesses dos dois paizes; uma larga porção de portuguezes lucra com a prosperidade do Brasil; a mesma casa reina sobre as duas nações; as instituições politicas são absolutamente semelhantes; as relações entre os dois povos cada vez se estreitam mais. Que admira pois que, por um pendor insensivel, portuguezes e brasileiros, se queiram bem? Só maravilharia, se assim não fosse; e uma ou outra voz desgarrada, que sai fóra do coro geral, não representa senão alguma individualidade invejosa ou mesquinha, algum grosseiro desabrimto sem alcance nem razão de existencia.

D'esta qualidade são as gratuitas invectivas que o sr. Anthero do Quental, dando pancada de cego, arremessou ao Brasil, na sua carta a A. F. de Castilho. Vejamos exemplos:

Insultando com mil phrases stultas e desbecadas ao autor dos *Quadros Historicos*, conclue dizendo: — «São os idolos litterarios da multidão que mal sabe ler. São os philosophos queridos da turba que nunca pensou. São, enfim, *genios no Brasil*, como V. E. (pag. 10).

A pag. 43 diz que: «o ideal não serve para ser citado pelos *brasileiros retirados do commercio*.»

A pag. 44, depois de denunciar que os poemas lyricos de Castilho Antonio não deixam ver nem um só ideal, ajunta: «Nas suas obras todas ha uma falta tão completa d'essas incomprehensibilidades, que deve pôr muito à sua vontade *os leitores que V. E. tem no Brasil*.»

Paremos aqui. Quem deu direito a esse senhor, completamente ignorante do que se passa neste imperio, para assim aquilatar uma sociedade que desconhece? «Os brasileiros são turbas que nem ler sabem, multidão que nunca pensou, gente que só se apraz em futilidades!»

Pouco importa que o Brasil, em curto prazo de independencia, ostente já a civilisação provas de grande adiantamento: — que sejam numerosas as escolas de sciencias, numerosissimas as de ensino secundario, innumeraveis as do primario; que todas as 20 provincias tenham suas inspectorias de instrucção publica; — que os observatorios e gabinetes, se multipliquem; — que os institutos e sociedades litterarias, tomem cada vez mais corpo; — que todos os estabelecimentos de sciencias e lettras tenham por protector quem d'ellas é cultor assiduo o chefe da nação; — que cada anno dos prelos do Rio, do Maranhão, e de outras partes, surjam produções de merito; — que muitos cidadãos hajam sido mandados aos paizes onde a instrucção mais se desenvolve, para fazerem uteis tirocinios; — que finalmente o nivel intellectual do Brazil diariamente tenda a elevar-se, e suba já a mui hoarosa altura? Vem lá do Quebra-costas um berro desautorizado, rouquenho, de voz incompetente, desconhecadora do sobre que sentençaia; e com uns rasgos d'essa penna, sempre molhada em fel, mergulha o Brasil na ignorancia e condemna-o ao desprezo!

Solatium est miseris socios habere. A hydrophobia

produz d'estes resultados. Bem pôde dar dentadas em brasileiros o portuguez que já em todos os portuguezes havia mordido.

Sem applicação, lembrarei que Duclos affirma denotar sempre a maledicencia parvulez de espirito, ou negrura de coração; que é filha do ciume, da inveja, da raiva, ou outra paixão; sendo finalmente prova de ignorancia ou de malicia. Eu cá não sou d'esta opinião; mas em todo o caso, creio que ficamos concordes em que o sr. Quental—detesta Deus—aborrece Portugal—insulta o Brasil.

Irei ainda continuando a desfiar a tela em que o sr. Anthero insculpiu o programma coimbrão; voltarei logo à sua presença.

De V. S.—attento venerador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro,—rua do Conde n.º 13, 22 de dezembro de 1865.

CARTA 4.³

Ill.^{mo} sr. João Carlos de Souza Ferreira:—Neste meu estudo da famosa escola regeneradora, ao menos tal como a comprehende o seu arauto e passavante, sr. Anthero do Quental, creio ter já demonstrado que, em relação ás applicações praticas, estabelece como primeiros canones:—o apear do Deus de nossos paes, e dos deuses de todos os paes do universo, substituidos por uma especie de Cupido, um deus amor—o proscrever o culto da patria—o ultrajar todas as terras onde se falla o idioma portuguez.

Continuarei agora na analyse da obra de demolição e desmantelamento. Vejamos outros artigos da lei de Satan:

MONARCHAS

São uns cães damnados, que a republica do sr. Anthero põe fóra da lei, ou a quem destina a sorte dos Carlos de Inglaterra e Luizes de França. Assim devia ser: já se viu o que elle pensa de Deus e da patria; agora

entrava bem a vez do rei, para ser ao seu endereço que Camões dirigisse aquelles versos, que ha 300 annos fez para o sr. Anthero, como ha 300 annos Sancho Pança fez proverbios para os portuguezes :

Negam o rei, a patria, e, se convem,
Negarão, como Anthero, o Deus que tem.

Todas as testas coroadas são o pesadelo dos illustres revolucionarios; já V. S. sabe em que conta elles têm as coroas dos padres; agora verá como classificam as coroas dos soberanos:

—«Tropel de reis sem fé, que se espedaça!» (pag. 15).

E, depois de haver assim *espedaçado o tropel* (o que não deixa de ser curioso), diz-nos, a pag. 90, que todos os thronos já estão abalados pela ferrea mão da justiça; e, a pag. 93, que o sceptro é ramo que só dará fruto péco, e que

—«Os thronos caem sem acharem ecco.»

Adiante, a pag. 111, faz saber que um Deus (... que é isto? sim senhor, mas é um Deus de que V. S. nunca ouviu fallar: é o *Deus da historia*... E digam lá que o homem é *atheu!* tem até deuses em duplicata: o do amor, e o da historia); faz, pois, saber que o Deus da historia, feito *traductor*,

—«Traduziu, numa lauda do seu livro, a traducção estr nha...»

Santo deus... da historia! que será esta *traducção*, que o traductor *traduziu?* Escute V. S. reverentemente a voz do tal deus traductor, que já nem é traductor, mas simples revedor de provas, e que nos manda pôr a seguinte errata, na lauda do seu livro:

—«Leia-se: em vez de *rei*—lobo e tyranno.

Aposto que V. S. já fez a emenda; e está salva a patria, e vamos dar graças aos deuses.

A pag. 150, lerá V. S. uma phrase, que põe a cupola ás aspirações do genero humano; essa phrase, calcando

aos pés a religião e a lingua, a igreja e a grammatica, dá-nos o alegrão de communicar-nos que já está *desabando o docel dos thronos*. Bota-abaiixo!

Houve, quando em Lisboa começou o verdadeiro regimen municipal moderno, um bom vereador, que, durante o seu quadriennio, fez andar a cidade em uma roda viva. Via alpendres? terra. Telheiros? terra. Casebres? escaldas pejando a via publica? balcões salientes? atravancamentos, empachos, embaraços, e pejamentos? em um abrir e fechar de olhos, tudo isso era demolido; d'onde lhe ficou a alcunha do *Bota-abaiixo*. Mas o vereador aformoseava, desatravancava, e tambem construia. Cá o nosso *Bota-abaiixo social* é mais damninho: arraza pelo gosto de arrazar. Nero caricato, está deitando fogo á sua Roma, e ao mesmo tempo tangendo a sua desafinada banza.

Bota-abaiixo a Deus! Bota-abaiixo a igreja e os padres! Bota-abaiixo a patria! Bota-abaiixo Portugal! Bota-abaiixo o Brasil! Bota-abaiixo a todos os reis, que são lobos! Avante, incansavel lidador! Marchemos, por essa estrada coberta de arcos de triumpho, á nossa grande missão do exterminio e da ruina! Marchemos; é a estrada real de Pantana!

LITTERATURA LATINA

Tem o consenso unanime das gerações proclamado que as fontes do bello têm invariavelmente sido a Grecia e Roma; que, em qualquer paiz de litteratura decadente, o remedio heroico consiste em fazer que a geração corrompida manuseie esses excellentes modelos; que o transportal-os para o respectivo idioma, com sciencia e consciencia, é serviço de grande difficuldade e alta valia; que na escola aberta pela Grecia, e trilhada pelos latinos, havia a elevação, a melodia; que ella auxilia a imaginação, traça regras que em grande parte são menos suas, do que da propria natureza; que admittre formosas criações, e as vivifica e colora ainda; que ama a belleza, ou a busque no mundo moral, physico, ou idéal; que despreza tudo quanto não tenda a engrandecer ou agradar; que, finalmente, no grande factó das tradições ininterruptas de 20

seculos de admiração, encontra o sello da intelligencia humana, o veridicto solemne de um immenso tribunal, que occupa todos os logares e todos os tempos.

Condiz, pois, com os outros precedentes do sr. Anthero derrubar, com um golpe de sua irresistivel clava, toda a litteratura latina, e soterral-a a cem braças pelo globo dentro.

Pedindo lá não sei que *grandes trabalhos*, pergunta (*Carta, pag. 10*):—«Darão a grande novidade os ledores de Horacio?» Exprobra (*Idem, pag. 11*) «*os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma,*» elle, o homem que promove o amor a Deus! e não vê senão o sensualismo no autor das *Metamorphoses*, dos *Fastos*, das *Tristezas*, das *Ponticas*, da *Medea*, do *Ibis*!

Para descarregar a ferula do seu sarcasmo, diz na *Introdução* ao livro do sr. Portella: — «A critica, deixemol-a aos sabedores de regras horacianas,» etc...

Para no seu auto de fé vestir até o san-benito aos que sábia e ardentemente cultivam estudos, que não precisa o martello do demolidor, zomba de Castilho Antonio (*Carta pag. 14*), por ser amigo do sr. Viale, que falla latim como Mevio e Bavio!

Como as contradicções nada valem neste pelago de incoherencias, a mesma boça nos diz, no artigo da *Revista do Seculo*: — «O condão magico de mocidade e vida, quem foi que o deu á poesia, que assim a libertou da mais inexoravel lei, da mais escura maldição que persegue as obras dos homens, a velhice, a morte?» Ora se a poesia até hoje conhecida é a de origem classica; se esta não morreu nem envelheceu, e achou em si condão magico de vida e mocidade, como é que as obras dos seus grandes apostolos merecem proscricção e fogueira? *De mininis non curat prætor*.

E todavia ali tinha o sr. Anthero razão... porque, emfim, quem affirma o pró e o contra, em algum dos dois casos antipodas ha-de tel-a. Se Chénier não era frade bo-lorento, oiçamos uma sua apreciação, cujo sentido pôde estender-se a toda a alta litteratura classica:

Tois mille ans ont passé sur la cendre d'Homère;

et depuis trois mille ans, Homère respecté
est jeune encor de gloire et d'immortalité.

Não, senhor, não ha razão de queixa. A *escola de Coimbra* devia pendurar nas suas lanternas de azeite de purgueira ao Horacio, ao Ovidio, ao Quintiliano, ao Cicero, como ao Maury, ao Boileau, ao Laharpe, ao Voltaire, e a tudo que não é fedelho. Era uma operação prévia, propriiissima de quem por ultimo até pendura a Divindade.

CLASSICOS PORTUGUEZES

Lá vão tambem em polvorosa os grandes e venerandos fundadores do opulentissimo idioma, copioso, valente suave, e, por latino, tão artistico, de nossos avós! Envergonhemo-nos, repetindo os dizeres do sr. Anthero :

—«... Phrases rabujentas dos livros bolorentos, que chamam classicos! » (*Carta*, pag. 40).

—«... Prosas imitadas das algarvias mysticas de frades estonteados! » (*Idem*, pag. 44).

—«... Lampejos da inspiração arcadica, nedia e rotunda poesia de desembargadores e frades. (*Intr. aos C. na Sol.* pag. ix) etc. etc.

Eis ahi, de uma catanada, julgados e condemnados (assim é que são sempre os julgamentos e condemnações d'aquella gente) Lobeira, Azurara, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Sá de Miranda, Ferreira, Camões, os dois Bernardes, Caminha, Côrte Real, Barros, Góes, Castanheda, Rezende, Osorio, Fernão Mendes, Leão, Heitor Pinto, Arraes, Lucena, Lobo, V. Mousinho, G. Pereira, Sá e Menezes, Francisco Manoel de Mello, Vieira, Garção, Diniz, Quita, Gomes, e centos de outros benemeritos das patrias lettras. Tudo isto são frades estonteados! tudo isso é poesia nedia e rotunda! tudo isso são livros bolorentos e phrases rabujentas! Que incrível audacia!

Bem vejo que se propõe destruir a lingua, para pôr em seu lugar não sei que giria pantafaçada; mas repetirei o que já foi dito. A lingua é de todos os bens o mais intimo e inalienavel para cada gente; nós sobretudo que

possuimos uma, a que só falta um pouco mais de boa cultura para exceder as melhores, e igualar-se com as optimas, guardêmol-a como um santo amuleto de patrio amor, quando não seja como instrumento serviçal, que a nenhuma necessidade do entendimento, da phantasia, ou do coração, se ha-de nunca deveras recusar. Adoptemos de boa mente quantos vocabulos ou phrases, embora peregrinos, se nos fazem mister, para abranger a esphera das nossas sciencias, mais ampla que a de nossos avós ; mas consintamos e instemos que se use de quantos vocabulos ou phrases já foram nossos, e só por incuria ou moda se retiraram do trato, e não por desnecessidade que d'elles houvesse, ou por alguma peculiar razão que os desautorisasse. Nem sequer se consente já que se anteponha um diquesinho á caudalosa alluvião da francezia sobeja e proterva, que ameaça afogar por derradeiro a maus e bons ?

A lingua de um paiz é um dos elementos do amor da patria ; quem repelle este sentimento, deve rechaçar não menos os dignos fundadores, os uteis reformadores do idioma. Antes uma das boas paginas dos taes frades bolorentos, que todos os livros juntos da tal escola coimbrã.

ACTUALIDADE

Após tanta velha e venerada coisa alluida e esboroada, parece que uma actualidade tão valente que taes Anteos e Antheros produz, deveria ser um tempo de perfeição. Se V. S. assim o julga, illudem-n'o suas esperanças. Eis aqui o que hoje somos, todos os de Coimbra, e mais os das *outras bandas* :

— «É o dia de hoje, da idade da transformação dolorosa, de *scepticismo*, de *abaixamento moral*, de *descrença*, que é o nosso seculo. Geram-se, *com esforço*, novas idéas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. (Pudêra ! Em quanto é futuro não pôde ser presente.) As almas sentem-se *menores, mais tristes, menos ambiciosas*

do bem, menos dispostas ao sacrificio e ás abnegações da consciencia.»

Se este é o progresso que a *escola coimbrã* nos enca-
rece, ápage com elle! Se a nossa sociedade de hoje está
peior que a de hontem, retrogrademos, pois no *progresso*
do nosso regresso, como dizia um illustre finado, melho-
raremos.

Se hoje estamos scepticos e hontem criamos, somos
mais infelizes. Para trás!

Se hoje o nosso nivel moral se abaixou, provado está
que hontem foi mais alto e mais nobre. Para trás!

Se as novas idéas se geram com esforço, e nada pro-
duzem, quando hontem borbuhavam espontaneas e pra-
ticamente uteis, estultificamo-nos. Para trás!

Se religiões e instituições se esphacelam; se outras não
não são collocadas em seu lugar,—anarchisamo-nos. Para
trás!

Se não sabemos ainda o que será o futuro, estamos adi-
vinhando charadas. Para trás!

Se as almas se sentem menores, é porque hontem fo-
ram maiores; se mais tristes, é porque foram mais ale-
gres; se menos ambiciosas do bem, é porque hontem
mais sinceramente o appeteciam; se menos dispostas ao
sacrificio e ás abnegações, é porque o caracteristico d'a-
quella sociedade era um nobre desapego, e o d'esta um
egoismo torpe. Para trás! cem leguas para trás!

Não, graças ao ceo! Tudo isto são calumnias aos tem-
pos em que vivemos. A dignidade humana revestiu-se de
formas novas. O futuro, neto do passado, não o guerreia,
mas deixa que a ambos cinja o amplexo do presente. As
sociedades são reuniões de homens, paternalmente regi-
dos, mas que, em compensação dos direitos, contraem
deveres. Respeitam-se reciprocamente os limites da auto-
ridade e da liberdade. Alarga-se o horisonte do saber hu-
mano, e generalisa-se. Centuplicam-se os commodos so-
ciaes. Aproximam-se as distancias. Converte-se a huma-
nidade em uma familia. Toma formas desconhecidas o
Protheo da caridade. Respeita-se a consciencia e a inde-
pendencia do homem. Multiplicam-se, sem esforço, as

idéas, suas applicações, e os descobrimentos. Fortificam-se as instituições. Augmenta-se a moralidade. Crê-se, e ama-se. As almas expandem-se, comparando o viver actual com o de seculos anteriores. O futuro apresenta-se-nos radiante, como o corollario logico de um presente de benção.

Não: a actualidade não merece os convicios que, para alinhar phrases gratuitas, o sr. Anthero do Quental se serviu arremessar-lhe.

E porque não convenha dar a estas cartas demasiadas dimensões, supprimirei muitos outros pontos, em que a *escola de Coimbra* jura guerra a tudo quanto existe: mas, poupando outros pormenores, fica demonstrado que — EM MATERIA DE DESTRUIÇÃO — ha no seu manifesto revolucionario os seguintes artigos:

1.º Guerra a Deus.

2.º Guerra á igreja e aos padres.

3.º Guerra ao sentimento de patriotismo.

4.º Guerra a Portugal: á sua sociedade, aos seus litteratos, aos seus doutores, á sua universidade, á sua academia, aos seus conselho e curso superior, ás suas instituições litterarias, á sua capital, e a todos os seus habitantes, menos dois.

5.º Guerra ao Brasil.

6.º Guerra aos reis.

7.º Guerra ás instituições politicas.

8.º Guerra aos classicos latinos.

9.º Guerra aos classicos portuguezes.

10.º Guerra emfim a toda a actualidade.

Estes 10 mandamentos se encerram em dois:—considerar a si sobre todas as coisas, e ao resto do proximo como um pobre diabo.

Agora, que já vimos o que o sr. Anthero quer annihilar — que é apenas tudo, — passarei a representar a

V. S. o que elle pretende pôr no logar vazio — que é apenas nada.

De V. S.—attento venerador obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro,—rua do Conde n.º 13, 24 de dezembro de 1865.

CATALOGO CHRONOLOGICO

DOS

OPUSCULOS PUBLICADOS ATÉ HOJE, 10 DE FEVEREIRO DE 1866 SOBRE A ACTUAL QUESTÃO LITTERARIA

- I.—Carta do sr. A. F. de Castilho ao editor A. M. Pereira impressa no fim do poema da mocidade—27 de setembro de 1865.
- II.—Bom senso e bom gosto—carta ao ex.^{mo} sr. Antonio F. de Castilho por Anthero do Quental—2 de novembro de 1865.
- III.—Bom senso e bom gosto—folhetim publicado a 22 de novembro de 1865 no Jornal do Commercio de Lisboa, a proposito da carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao sr. A. F. de Castilho por M. Pinheiro Chagas—foi reimpresso avulso—1865.
- IV.—Bom senso e bom gosto—resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, por Manuel Roussado.—1865.
- V.—Carta de Elmano da Cunha em resposta a outra bom senso e bom gosto dirigida por Anthero do Quental ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho o incomparavel traductor dos Fastos de Ovidio, obra em que se faz o confronto de Romulo e Jesus-Christo, offerecida ao incomparavel Duque de Saldanha.—20 de novembro de 1865.
- VI.—O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental—por Julio de Castilho—23 de novembro de 1865.
- VII.—Theophilo Braga—as theocracias litterarias—Lisboa novembro de 1865.
- VIII.—Anthero do Quental.—A dignidade das letras e as litteraturas officiaes—Lisboa 1865.
- IX.—A carta do sr. Anthero do Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, Manuel Roussado, e Julio de Castilho por Rui Porto Carrero—Lisboa 15 de dezembro de 1865.
- X.—Os litteratos em Lisboa—poemeta por A. Ferreira de Freitas illustrado por Jeronymo da Silva Motta Bacharel nas faculdades de theologia e direito—Coimbra 1865.
- XI.—O mau senso e o mau gosto—Carta mui respeitosa ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho em que se falla de todos e de muitas pessoas mais por Amaro Mendes Gaveta com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro—Lisboa 1866.

- XII.—**Bom senso e bom gosto**—Carta de boas festas a Manuel Ronsado por S. de A.—Coimbra 1 de janeiro de 1866.
- XIII.—**J. D. Ramalho Ortigão**—Litteratura d'hoje—Porto 3 de janeiro de 1866.
- XIV.—**Vaidades irritadas e irritantes**—opusculo ácerca de uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria—por Camillo Castello Branco—Porto 25 de janeiro de 1866.
- XV.—**Augusto Malheiro Dias**—Castilho e Quental—reflexões sobre a actual questão litteraria—Porto 20 de dezembro de 1865.
- XVI.—**Urbano Loureiro**—Questão de palheiro; Coimbrões e lisboetas Verso—Porto 1866.
- XVII.—**Garrett, Castilho, Herculano e a escola coimbrã**, ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea pelo Ermita do Chiado—Lisboa 1866.
- XVIII.—**A litteratura ramalhuda a proposito dos srs. Castilho e Ramalho Ortigão** por G. F.—1866.
- XIX.—**A questão litteraria**—a proposito do jazigo de José Estevão—cartas dos srs. A. F. de Castilho e J. A. de Freitas e Oliveira—Lisboa 1866.



A estas 4 cartas do Sr. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, vão seguir-se em poucos dias mais 6 do mesmo auctor, e sobre o mesmo assumpto, com as quaes termina a serie.

4.

14^a

1516
2

A

ESCOLA COIMBRÃ

CARTAS

DO SR. CONSELHEIRO

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha

II

Lisboa

TYPOGRAPHIA DO FUTURO
Rua da Cruz de Pau n.º 35
1866

A

ESCOLA COIMBRÃ

CARTAS

DO SR. CONSELHEIRO

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha

II

Lisboa

TYPOGRAPHIA DO FUTURO

Rua da Cruz de Pau n.º 35

1866

e que nella a palavra Evangelho, ás avessas do da *pax hominibus*, signifique guerra!

.....—«Apostolo de bronze!
Esse, sim! que converta o povo impio,
que ao Dagon da matança deu seu culto!
Que lhe faça correr o pranto em fio,
mas um pranto de sangue.....
Que emfim lhe escreva as letras da oração.
(mas com ferro) no duro coração!...
Nações da Europa! é ao canhão e á espada.
a quem deveis *dar a palavra*. Erguida
essa voz soará por toda a terra
a doutrinar um Evangelho: a *Guerra!*
Se ha mãos ainda ahí para estenderem
á luz da patria um ferro—e se ha ainda
povos livres na terra, e sangues novos
em livres corações—*Á Guerra, ó povos!*»

Já se vê que o homem tem razão em repellir o Deus de Israel, aquelle de quem foi dito, (Cor. 1. 14) *Non enim est Deus dissensionis, sed pacis*; mas a quem a paz agrade e a quem repugne, bem nol-o pintou Ovidio (A. A. III):

Candida pax homines, trux decet ira feras.

E reprehendia esta gente as truculencias da inquisição! Que viu jámais o universo tão intolerante como estes apóstolos da tolerancia? Querem persuadir-nos matando-nos; as letras da sua oração hão-de escrever-nol-as, mas é com ferro, no coração! Ficamos muitissimo obrigados... São aproveitados discipulos d'aquelles dignos patriotas, que inscreviam nos seus pendões: *Liberdade, fraternidade, ou morte!* O trilemma não estava mau: «Ou has de ser meu irmão, ou dou cabo de ti.» Neste caso antes maninhos.

Está bom; façamos pazes. Quando os argumentos são de bala e espada, levam a persuasão ao amago dos ossos.

Eis-nos, de mãos atadas atrás das costas, jungidos ao carro do vencedor que tudo desmoronou, e vai inscrever-nos uma oração com o ferro no coração. Mas a tal oração o que diz? Qual é o *pater noster* da religião nova? Esmerilhar isto é coisa mais difficilosa do que saber o que tínhamos de desmantelar. Vejamos a doutrina do apóstolo, o qual deve estar bem inteirado do que é preciso para a salvação, na igreja nova.

Diz o propheta:— «A Arte é a coisa santa da humanidade» (*Revista do seculo*, pag. 39). Eu não recalцитro, e cá estou com o thuribulo em punho; mas sempre resmungo que eu nem suppunha que a *Arte* fosse agora um descobrimento dos Antheros, nem que a palavra *santo* se pudesse ligar com a *Arte*, e então com o monopolio da santidade por excellencia.

Emfim, consolo-me voltando pagina, e lendo que— «a realidade divina é a *Belleza*.» Então já vejo que foi brincadeira, porque a *belleza* tambem é santa, e até ainda mais santa que a outra, pois que a divindade cara é a *Belleza*, e a *Arte* é só a sua fórma visivel. Se não entenderem, é o mesmo; ficam como eu.

Mas agora noto que este livro inapreciavel é o *Flos sanctorum*. Ha outra santa, e bifronte: a *Verdade* que se vê, e a *Verdade* que se sente. A religião chama-lhe *deus* (errata, *deusa*).

N'este pantheon já temos tres deusas: a *Arte*, a *Belleza* e a *Verdade* (que realmente não está muito em character tendo duas caras). Agora entra para este empyreo uma divindade androgyna: como femea, chama-se a *Idéa*, como macha, o *Ideal*. D'este não sei bem a cathegoria, pois que, a pagina 40 d'aquella coisa, denomina-o o sr. Anthero *divino phantasma*. Estou porém persuadido de que a *Idéa* tambem ha de ser coisa santa, não obstante a alcunharem de aventesma, pois sem idéas, não pôde haver arte, belleza, nem verdade.

Mas logo a pag. 41 admiro este magniloquo e clarissimo trecho (aguece V. S. todas as potencias da sua attenção): — «Quando a luz que sai dos factos e a luz que sai da alma, attraídas irresistivelmente, se encontram e

fundem, vê-se brilhar na terra o esplendor inextinguível da formosura entre todas perfeita— a Consciencia. » É claro como uma verruma que dos factos sai uma candeia para fóra, e da alma outra candeia também para diante; e que como candeia que vai adiante alumia duas vezes, estas duas candeias fundidas alumiam por quatro. Até aqui entende-se bem; mas o que me faz incommodo é ter de dar logar a mais outra densa, denominada *Madre Consciencia*; porquanto se a belleza (sive formosura) é já a coisa santa; se a belleza entre todas perfeita é a Consciencia,—segue-se que ha diversos graus de Santidade nas bellezas, que, para commodidade dos theogonos, denominaremos bellezinhas, bellezas e bellezonas. A Consciencia, sive Bellezona, é d'este agiologio a mais condecorada.

Peior é esta! Viremos a pag. 42, e ahí V. S. lerá:— «É a nossa mesma alma, reflectida no espelho longinquo do desejo (entende?), mais pura e mais bella, que assim glorificamos, que seguimos como coisa santa, a nossa divindade.» Eu cá, apesar de se me dizer que tem um passadiço cubico no Baltico, não entendo senão em primeiro logar que tem uma casa com um bico, e em segundo que ainda ha outra coisa santa, outra divindade, que é a *Nossa Alma*.

Não quero mais, porque para ladainha já me dou por satisfeito:—Santa Arte, ora pro nobis—S. Belleza, ora pro nobis—S. Verdade, ora pro nobis—S. Idéa, ora pro nobis—S. Consciencia, ora pro nobis—S. Nossa Alma, ora pro nobis. Quasi que já ahí fica uma madrinha para cada dia do anno; não volto pagiaa, que não são precisas mais.

E está constituido o gyneceu divino. Pena é que todas essas deidades sejam puras larvas, chimeras, sombras, e avejões. Pois alma, idéa, consciencia, belleza, verdade, ou arte, são achados dos rapazolas de Coimbra? Cautela em attribuir aos termos mais ou outro valor do que elles têm: no sentido que se nos apresenta, tudo isso são abstracções, palavras inanes. Não são pharões que illuminem a marcha do espirito humano: são occupações para os candidatos-á mão da Jocasta, as quaes cansariam os Edipos de casaca.

As abstracções da belleza, ou da verdade, ou da arte, ou da consciencia, nunca jámais foram o alvo directo dos trabalhos humanos; não se procura a belleza pela belleza, a verdade pela verdade; procura-se, sim, verdade e belleza como attributos do objecto que se estuda na ordem intellectual, physica, ou moral. A verdade, e a belleza, por exemplo, não podem ter existencia *de per si*; são propriedades permanentes (e quem sabe se não multiformes?) de um ente, ou de um assumpto, determinadas pelas suas qualidades essenciaes ou primitivas.

Assim, tratando-se da Divindade, não nos é licito comprehendê-la senão pelo conjuncto de qualidades essenciaes, isto é, d'aquellas que constituem a sua *essencia* propria: Deus é a eternidade, é a justiça, é a unidade, é a omnipotencia, é a immensidade, é a providencia, é a belleza, é a bondade, é a perfeição. Erraria quem no Supremo Ente só reconhecesse um ou outro d'esses attributos: é o complexo d'elles que representa Deus, como (se é feita a comparação) não são só os olhos, o craneo, o thorax, o coração, ou os membros, mas sim os elementos todos da admiravel estructura humana, que perfazem o homem.

Do mesmo modo, os esforços do escriptor ou do pensador, qualquer que seja o assumpto de que se occupe, cumpre que atirem a um alvo de perfeição (a mais proxima possivel da *ideal*, da completa), a qual se compõe de todos esses attributos, que os srs. Antheros indevidamente destacam. Deve o nosso trabalho ser feito com *consciencia*; ha de indispensavelmente a nossa alma offerecer-nos a *idéa*; essa deve, quanto factivel, ser verdadeira, pois até na ficção pôde haver *verdade*, e bella, pois até o horrivel pôde ter sua belleza. Sim; são esses alguns dos predicados do trabalho intellectual; mas se fossemos a dissecar, quantos outros se nos ostentariam, *igualmente santos!*

Tudo isto parece singelo e claro, porque a singeleza é uma das condições da *verdade*, a qual eternamente renegará os que se arvorarem em sacerdotes seus, prégando idéas vãs, sonhos de enfermo, sem que a uma só forma adaptem pés ou cabeça:

... *Velut ægri somnia, vane
 arguntur species, ut nec pes, nec caput, uni
 reddatur forma.*.....

Assim é que eu, na minha *simplex e patriarchal intelligencia*, comprehendo as coisas.

Quer V. S. ver o *professus grandia turget*? saber como a aguia de Coimbra, d'essa melhor Patmos, d'onde nós, os Domicianos, somos fulminados, nos apocalypsa a sua doutrina?

Eu transcrevo:

— «Do abraço ideal, santo e desinteressado (da viva claridade do pensamento e do ardor irresistivel da paixão, a sciencia e a religião, *esses* dois elementos rivaes), d'esta abençoada reconciliação da intelligencia e do coração, nasce a divindade mais cara á alma dos homens, a belleza e a sua fôrma visivel, a Arte. É o corpo ondeante e voluptuoso da chimera, sustentando a fronte grave e reflectida da Pallas Atheniense... O ultimo termo do pensamento, o ultimo termo da paixão, acham-se ser o mesmo, commum para ambos, diferente de um e do outro, mas deixando perceber, através da transparencia da sua synthese harmoniosa, a cor de cada uma das almas de que se compõe. Nem podia ser de outro modo.» (*Arte e Verdade*, pag. 39 e 40.)

E tambem eu digo, que *nem* podia ser de outro modo. Estas coisas são assim, ou deixemo-nos d'isso: *sint ut sunt, aut non sint!* Ahi tem V. S. o relatorio do programma da magna refôrma, assim annotado, *ha 300 annos*, pelo Tolentino:

.....Unicamente me confundo
 co'uns taes versinhos que não via d'antes.
 Aos novos ursos todo o povo acóde;
 o estylo é sibyllino, o nome é *Ode*.

«*Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
 alça o trilingue, madido Tridentel!
 Mas que gorgona filtra?... Eu vejo... eu vejo...*»
 Em dizendo isto, é ode certamente.

É filha da *arte* a escuridade d'ellas;
é um preceito das *desordens bellas*.

E mais ainda no principio d'este seculo não tinham saído á luz as ODES MODERNAS. *Projicit ampullas et sesquipedalia verba*.

Após a transcripção do trecho do sr. Anthero aos modernos corynthios, nada acrescentarei da minha lavra. Poria a quem me lesse com boca de sapateiro, e eu quero antes collocar sobre a meza este saborosissimo postre.

Até cedo.

De V. S.—attento venerador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro,—rua do Conde n.º 13, 25 de dezembro de 1865.

CARTA 6.^a

*Ill.^{mo} Sr. João Carlos de Souza Ferreira:—*Permitta V. S. que eu ainda não levante mão do grande evangelho do sr. do *Quintal*. Viu V. S. que depois de se derrocar tudo quanto a humana sciencia e consciencia nos ha legado, somos chegados á idade de novo Saturno:

Ultima Bandarri venit jam carnimis ætas ;
magnus ab integro sæclorum nascitur ordo.

Pelo que respeita ás letras e sciencias, e a tudo quanto é dominio da intelligencia, a constituição do futuro é um acervo de palavras, sem applicação possível, e que aliás representam coisas conhecidas e estudadas desde o tempo de Adão. Note V. S. alguns exemplos das apregoadas novidades.

A VERDADE. Foi inventada agora em Coimbra! É certo que os gregos a divinisaram; que Pindaro a descreveu filha de Jupiter; que ella, não sei de que deus, concebeu

duas filhas: a *Justiça* e a *Virtude*. É certo que o christianismo, tornando-a um dever humano, a pinta, em uma mão, com o Evangelho aberto, e da outra com o indicador erguido, apontando para o ceo e para a cruz, fulgurando entre as nuvens. É certo que, se a intelligencia custa achar a verdade, ao menos pôde sempre procural-a. É certo que nem ha definição possível para a palavra *Verdade*, o que motivou as seitas do probabilismo, do scepticismo, e do pyrrhonismo. É certo que, para fôra da evidencia de Deus, do pensamento, da existencia, da personalidade, da unidade, da identidade dos phenomenos da consciencia poucas outras verdades conhecemos nós, patentes, incontestaveis. — Acaso pertencem ao actual corrilho combrão os Aristides e os Socrates? — Presidia Aristoteles a alguma das assentadas do Quebra-Costas, quando exclamou: «*Amicus Plato, amicus Socrates, sed magis amica veritas?*» Presidia-a Voltaire, quando se inspirou para um poema, com esta invocação: «*Descends du haut des cieux, anguste verité?*» Presidia-a Boileau quando escrevia: «*Rien n'est beau que le vrai; le vrai seul est aimable?*» O culto da *Verdade*, como coisa santa, como obrigação moral, não é novidade, mas fôrma parte integrante dos preceitos permanentes da sociedade humana; é na sua qualidade de preceito puramente moral, tal recommendação em nada nos esclarece quanto á applicação e aos frutos da humana intelligencia.

O mesmo direi da *BELLEZA*. Tambem ella será invenção dos srs. Anthero e Comp.? Já Platão attribuia á nossa alma a idéa do bello archetypo, imagem da divindade, unica possuidora da suprema belleza em sua essencia; e será aquillo exacto? Concebemos nós aquelle archetypo? Temos sequer idéa clara do que seja belleza, e é-nos possível definil-a? Na ordem physica, moral, ou intellectual, haverá accordo em todas as almas para attribuirem ao bello condições iguaes? Não variam estas, segundo as regiões, os climas, as educações, a delicadeza, a organização, a idiosyncrasia de cada um? Existe o bello abstractamente? e ha objecto algum que, a todas as luzes encarrado, seja sempre igualmente formoso? E se o bello si-

gnifica o *bom gosto*, não tem este side-alvo das applicações das mais robustas mentes, em todos os tempos? Portanto, a palavra *Belleza*, por si só, não pôde servir de programma para trabalhos da alma; e, se tem significação pratica, não é idéa coimbrã, mas velhissima, e em todos os tempos respeitada.

E a ARTE! Em que será ella *coisa santa*? A arte, ainda na accepção que lhe deram os que a tomam na mais lata, não é só a producção de uma obra qualquer destinada a captivar a imaginação; até nem só a habilidade que consiste em preencher bem essa necessidade da imaginação: é o proprio movel, a occulta mola que leva a imaginação a prender-se, a ficar satisfeita ou commovida pela imitação dos objectos exteriores. Mas, ainda assim desnaturado o valor do vocabulo, que tem isso de santo? e como se classifica de novidade (a não ser na adulteração do termo) um processo ou um phenomeno tão antigo como o homem? Desde largos seculos se discute o que mais valha: se a natureza, considerada obra do Criador, se a arte, considerada obra do homem. Lá dizia o proscripto Horacio:

*Naturâ feret laudabile carmen, an arte,
quæsitum est.....*

E Quintiliano, o rançoso, acrescentava: *Nihil credimus esse perfectum, nisi ubi natura curâ juvetur.*

É Ferreira, carta XIII:

Questão foi já de muitos disputada,
se obra em verso a arte mais, se a natureza.
Uma sem outra vale pouco ou nada.

Mas eu tomaria antes a dureza
d'aquelle que o trabalho e arte abrandou,
que d'est'outro a corrente e vã presteza.

A arte, qualquer que seja o sentido em que a tome-

mos, deve ser alvo de todas as nossas atenções, e parece até calca-a aos pés quem proscreeve os principios em que ella assenta.

IDEAL. Cá temos outra mina fecunda para explorar! Quer V. S. ouvir a explicação do que seja este Deus androgyno? Transcreverei o apocalypse, sem alteração de uma virgula, por temor de marear o brilho d'esta peça de architectura:

—«O universo e a alma affirmam-se um pelo outro, na concordancia de suas tendencias, na identidade de suas leis. O universo sabe que existe, porque a alma o reconhece como logico, como idealmente verdadeiro. E a alma tambem sai da sua sublime, mas dolorosa solidão; conhece-se irmã na familia dos mundos, e serena e forte caminha com elles em demanda de um destino commum. É a forma mais pura do *Ideal*, e a forma mais pura da Realidade.»

Teve V. S. a felicidade de comprehender? parabens.

Quer ver outra definição, mais humana, mas ainda mais estupenda, do *Ideal*?

Diz-nos o mesmo definidor:

—«O *Ideal* quer dizer isto: — desprezo das vaidades, amor desinteressado da verdade; preocupação exclusiva do grande e do bom; desdem do fatil, do convencional; boa-fé; desinteresse; grandeza d'alma; simplicidade; nobreza; soberano bom-gosto, e soberanissimo bom-senso.»

E eis-ahi está como a alma, saída do seu ermo; caminha de parceria com os mundos em demanda de um destino commum. Não ha nada mais claro.

E, após tantas definições desconchavadas, ainda se vê que o sr. Anthero toma por synonymos *ideal* e *ideas*, de onde resulta, na tal sua *carta*, uma confusão dos meus peccados.

Nós, que ignorámos a philosophia antherica, considerámos a palavra *ideal* como uma concepção que totalmente corresponde a uma idéa, a um typo; mas as accepções da palavra diversificam tanto quanto as especialidades do

perfeito. O ideal absoluto, moral, e esthetico, é um phantasma; só se comprehendem os ideaes parcialmente applicados e subdivididos. Até esse ideal varia, segundo os seculos, os povos, e os individuos. Os systemas idealistas de Platão, Descartes, Mallebranche, Leibnitz, Berkeley, Kant, Fichte, Schelling, Hegel, etc., são todos diversos, como sempre acontece em estudos methaphysicos, em que cada genio tem ampla liberdade de se mover a seu talante. Não cabe em tão fugitivas linhas confrontar systemas, porém o ideal e o idealismo de Coimbra nada têm com essas doutrinas; acrescento que toda esta questão de *ideal* o sr. Anthero aqui a puxou pelos cabellos.

Deixemos, pois, a materia das Beltezas, Verdades, Artes, Ideaes, Nossas Almas e Consciencias, que é toda um ovo, sem sombra de applicação possivel, do modo como os revolucionarios a apregoam, á tarefa do escriptor; e vamos a ver que mais nos manda o sr. Anthero praticar para lhe agradarmos. Abrindo as suas *Odes*, acho, para nos guiar, um catalogo dos seus gostos, coisa de summa utilidade, que reza assim (pag. 90):

—*É gosto ver os thronos abalados
por essa ferrea mão—e ver os cultos
por terra—e, entre os altares alastrados,
ver sob elles no pó deuses sepultos!*
—*ver os nomes dos grandes apagados,
e as sombras dos heroes cheias de insultos...*

Tudo isto está immensamente intelligivel e orthodoxo. Realmente ver todas estas coisas, e além d'isso as sombras dos heroes cheias de insultos, é caso para muitos gostos, e para dar trincos com os dedos gloriosos; mas todas essas africanas são para obrar, e não preceitos para escrever. Ora, como a carta do sr. Anthero se intitula *Bom senso e bom gosto*, ganhámos muito em saber o que é o seu senso, e o que é o seu gosto; mas,

quanto ás regras que nos devia ditar, ficamos *in al-*
bis.

Isto não vai a matar ; paremos aqui por hoje.

De V. S.—attento venerador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro,—rua do Conde n.º 13, 26 de dezembro
de 1865.

CARTA 7.^a

Ill.^{mo} sr. João Carlos de Souza Ferreira:—Que mais nos annuncia o Evangelista sobre o desiderandum da religião nova? Venha cópia:

—«A escola de Coimbra commetteu uma grande falta: quiz *innovar*. . . Peior do que tudo é essa faltá de querer caminhar por si, de dizer e não repetir, de *inventar* e não copiar. . . Para isso toda a liberdade de jugos impostos, de *mestres*, de *autoridades*, nunca será de mais.»

Não sei se em todo esse trecho ha mais materia para indignação, se para dó. Nunca o orgulho revestiu mais stultas fórmás. Que ficaria á intelligencia humana, desherdada dos legados da sciencia e dos seculos? a que grau de embrutecimento se não abaixaria a sociedade, quando nella, em vez de se ouvir a voz autorisada dos mestres, só soltassem a sua os ignorantes protervos? quando fosse abolida a autoridade moral, isto é, a legitima influencia, apanagio dos que se distinguem por virtudes, talentos, conhecimentos, honrosa experiencia? Está bem assim: quem se insurge contra Deus, patria, rei,

instituições, e tudo mais, deve não menos rebellar-se contra toda a autoridade, contra todos os mestres. Basta que uma instituição, um ente, ou um homem seja venerando, para merecer a execração e a guerra dos Encelados e Centimanos da calçada de Coimbra.

Morreram as autoridades; estão enforcados todos os professores; é a era só dos discipulos... sem mestre. Fique V. S. já sabendo que o sr. Anthero leva a vida a *innovar* e a *inventar*, e não *repete* nem *copia*! Eu queria, segundo o meu systema de *allegado e provado*, documentar-lhe estas asserções, mas vejo-me em grande confusão. Se o homem chama *innovação* o uso de palavras campanudas; de termos incestuosamente consorciados, de phrases ócas, de locuções inintelligíveis, de metaphoras e imagens incoherentes, de expressões impossíveis, não tem V. S. mais que abaixar-se para colher. Mas se o *innovar* e o *inventar* é descobrir seja o que for de engenhoso, por força de espirito ou de imaginação, combinar de uma nova maneira as idéas que pelos sentidos recebemos, desenvolver os objectos com pensamentos diversos dos do commum dos homens, fazer obra de genio ou de talento, perderá V. S. o tempo que levar procurando.

Inventar o que? *Nihil sub sole novum*. Diz Le Duc: «Hoje que, com tamanha sêde de independencia e progresso, autores ha que têm desprezado a rota batida pelos mestres, para abrir outras, têm-se elles por isso tornado mais originaes? Não. Chegámos tarde. Por tal arte se tem explorado o pensamento, e tão diversamente reproduzido as suas fórmãs, que uma idéa inteiramente nova seria de todo inintelligivel. E que tem d'ahi resultado? Que, sob o pretexto de só obedecer á inspiração, se despreza o estudo de quanto nos precedeu, e que, pelo esforço do nosso genio *inventamos*... o que cem vezes se ha dito, e outras tantas esquecido, de sorte que, em vez de darmos um passo para diante, retrogradamos. É a insurreiçãõ, é a anarchia litteraria.»

Mas, por vida minha, que tem *innovado*, *inventado* a escola coimbrã? Aparte nuvens e nugas, que tem saído.

d'aquellas bolas que os autorise a bradar *Eureka*? Aqui bate o ponto: que inventastes, vós, que assim bradais contra os nossos primeiros escriptores, por não terem inventado bastante?

Diz o sr. Anthero: — «O grande espirito philosophico do nosso tempo, a criação original, immensa da nossa idade... Hegel, Stuart Mill, Aug. Comte, Herder, Wolff, Vico, Michelet, Proudhon, Littré, Feuerbach, Creuzer, Strauss, Taine, Renan, Buchner, Quinet, a philosophia alemã, a critica franceza, o positivismo... quem seguir tudo isto vai com o pensamento moderno.»

Oh Deus... da historia, ou do ideal, valei-me!

Pois, sr. Anthero, se a sua escola decreta seguir toda aquella estrangeirada, em que consiste a sua *invenção*? Seguir Platão é crime, mas seguir Hegel é a victoria da intelligencia! Adoptar as lições dos mestres é horror, mas apontam-nos os mestres cujas lições nos cumpre aprender! Proscrava-se a autoridade, mas acate-se a autoridade!

Isto chega tudo a ser pueril; e o que ainda me suscita mais duvidas é ver o desembaraço com que se nos cega, atirando-se-nos com uma moxinifada de nomes, que representam os estudos mais diversos, e até opiniões antipodas! Dar-se-ha caso que se limite a sciencia de Coimbra á de livreiro, e que dos livros só conheçam os frontispicios?

Dá-nos por innovadores do nosso seculo autores taes como aquella Herder, nascido em 1744, Hegel, que nasceu em 1770, Wolff em 1679, Feuerbach em 1775, Creuzer em 1771, Vico em 1668, etc. São mesmo fresquinhos de hontem.

Cita-nos, por exemplo, para seguirmos ao mesmo tempo, Herder, o antagonista de Spinoza, nos *Dialogos sobre Deus e a alma* (sim, o prégador Herder, Fenelon da Allemanha)—e o indigno lente de philosophia, Strauss, autor da infame *Vida de Jesus*, sob o aspecto critico... o homem de taes convicções que, na Dieta de Wurtemberg, defendia doutrinas oppostas, e votava com o partido conservador!

Exige que reconhecamos a um tempo como apóstolos da verdade philosophica Fichte, com o seu idealismo scientifico, e Hegel com a sua sciencia do absoluto, systemas tão identicos como o seriam com o pantheismo de Spinoza, mas que todos são elos presos ao argolão da philosophia natural de Schelling.

Quer tambem que adoptemos Wolff, o sectario de Leibnitz, mas que de Descartes adoptou o methodo mathematico, pretendendo introduzir o no ensino da moral ! o defensor da moral de Confucio ! e ao mesmo tempo Feuerbach, o philosopho excentrico, predecessor de Proudhon nas invectivas contra a propriedade !

Recommenda Quinet, cujas obras têm bastante brilho, mas ainda mais incorrecção, o excentrico professor do collegio de França, que, em vez de leccionar a sua cadeira, só se occupava de bradar contra o clero, com banalidades, á moda Antherica ; escriptor que não tem uma só obra poetica ou philosophica de pezo, etc., etc.

Quer o sr. Anthero que, para sermos homens do nosso tempo, sejamos os philosophos allemães dos tempos que lá vão. O progresso dos coimbrões é assim mesmo : de caranguejo. Se aquelles meninos dessem um passeio intellectual pela Allemanha philosophica de hoje, que invocam, sem a conhecerem senão pelas citações dos livrinhos francezes, achariam que não ha ali um só systema assente, uma opinião geralmente acceita, antes só um perpetuo combate. Achariam Fries, com a sua *nova theoria da razão pura*; Krug, com o seu novo *synthetismo transcendental*; mas tudo isso são *innovações*, segundo a regra coimbrã, que nada innovam, pois mais se não encontra nellas que o desenvolvimento das doutrinas principaes de Kant, dispostas por diversa ordem e systematicamente. Achariam Wagner e Eschenmayer, mas, se os profundassem, só encontrariam nessas paginas umas Thalbergicas variações do thema Schelling, que benigno se presta a variados usos, como em um ponto grave o provou, na sua *Concordancia*, o duque de Saldanha.

Achariam Bardili estabelecendo a sua philosophia sobre o *absoluto*, isto é, sobre a razão, arvorando assim a lo-

*

gica em manancial de todos os conhecimentos reaes, etc., etc. Mas, em opposição a estes, achariam não menos as escolas de Jacob (*Doutrina do sentimento e da fé*) e Koepen, e Boutterweck com o seu racionalismo, Platner, Schulze, Herbart, etc., que, levando á sirga velhos systemas, os vão variadamente rebocando.

Mas, saberão os defensores da *actual philosophia alle-mã* uma novidade? talvez não : é que esses campeões d'este seculo estão meio seculo atrazados ! A Allemanha tem d'estas exquisites : a homœopathia, por exemplo, nasceu ali, e hoje ninguem lá falla nella. Estas philosophias estão no mesmo caso.

Os raros que hoje se occupam de opiniões philosophicas agarram-se ao que foi dito em tempos antigos ou antiquissimos ; por exemplo, o philosopho Betteke estabelece a sua sciencia sobre a psychologia empirica, e assim outros ; mas hoje, que a sociedade é mais positiva e pratica, cansaram-se na Allemanha, como em toda a parte, de brincar com a filiação do natural para o sobrenatural ; da physica para a metaphysica ; do certo para o phantastico ; dos effeitos para as causas das causas, estudo no qual, logo aos tres degraus, encontrámos Deus, que nos pro-hibe passar ávante. Que sciencia é esta que em trinta se-culos varia sempre, de decennio para decennio ? Ergam-n'a, embora, a supremas alturas, e nunca passará de uma distracção inoffensiva do espirito humano, que a tantas outras mais uteis lucubrações melhor se poderia applicar. Na Allemanha menos se propende para tal ou tal systema philosophico do que para o positivo e o historico.

E ao lado, e na patria dos seus *grandes philosophos*, Quinet e Renan, não conhecem os coimbrães outros nomesinhos obscuros, taes como Condillac, de Tracy, Royer-Collard, Villemain, Guizot, Cousin, Kératry, Droz, Garnier, e tantos outros philosophos, que têm discutido as mais altas questões de philosophia, moral e politica ? Desconhecem uma escola, em que têm leccionado Chateaubriand, de Maistre, Bonald, Ballanche, d'Eckstein, Lacordaire, Moigno, e centos de outros philosophos christãos ?

Andam pouco em dia com o movimento da intelligencia humana.

Mas demos de barato o que o Antherismo exige; prosigamos.

Emfim, dos dois mil escriptores de vulto, que, desde as datas dos citados, hão honrado a humanidade, ficamos sabendo quaes os da sua predilecção, embora não comprehendamos os motivos da proscripção dos restantes 1990. Mas que corollario tira o sr. Anthero? que todos os prelos do orbe terraqueo se não occupem mais do que de dar á luz novas *Phenomenologias do espirito*, *Sciencias do direito*, *Estheticas*, *Idéas sobre a historia da humanidade*, ou quaesquer outras das producções dos eleitos?

Quer que o espirito humano se absorva inteiro na philosophia e na historia, e que nessas duas sciencias, todo o saber humano se refunda em *Michelet* e *Renan*? Mas, se lhe fizermos a vontade, espetamo-nos na outra ponta do dilemma.

Se não adoptamos as doutrinas dos taes, como unico assumpto de nossos estudos, somos enfeitadores de ninharias, vaidosos, arcades, commendadores, Tyrteos dos merceeiros, e Homeros constitucionaes (comprehende V. S.?). Se, para fugirmos a tão hediondas classificações, repetimos o que disseram Strauss, Michelet e Renan, então não *innovamos*, não *inventamos*; e isso ainda é peor, pois a escola de Coimbra põe aos seus adeptos como condição *sine qua non* a de inventar... verdade seja que em theoria, pois tal gente nunca inventou, nem é capaz de inventar mais que um palavriado ôco, e umas imagens na maxima parte reproduzidas ou intoleráveis.

Fica V. S., portanto, habilitado a avaliar, na doutrina do sr. Anthero do Quental, a da chamada escola de Coimbra, a qual, a poder de excentricidades, se torna innocente, ficando, por um cordão sanitario de senso commum, isolada de toda a intelligencia humana. Os pobres maniacos imaginam á sua voz um poder de trombeta de Jerichó, quando não é mais que uma gaita de feira. Julgam derrubar quanto existe venerado na terra, quando

só derrubam toda a idéa de que a molestia mental dos pobres moços ainda possa ter cura. Proclamam finalmente umas regras, muito aereas e muito falsas, como bases da seita nova, sem que em tudo isso appareça uma linha admissivel, intelligente, pratica. Quem desmorona quanto a sociedade respeita como grande, insultaria com seus elogios ao escriptor a quem poupasse.

A estas palavras poderia limitar-me ; porém, agora que dissequei os dogmas do sr. Anthero do Quental, já não parecerá deslocado, baixar a outra ordem de idéas. Instrucção que nada vale pelos seus fundamentos e preceitos, valerá alguma coisa, pelo exemplo de ordem superior dado pelo apostolo que a prega ? Fique isto para depois : V. S. o julgará.

De V. S.—attento venerador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro,—rua do Conde n.º 13, 27 de dezembro, de 1865.

CARTA 8.^a

Ill.^{mo} sr. João Carlos de Souza Ferreira:—Dou por exposta e apreciada, no tocante aos canones, a doutrina da escola de Coimbra. Parece-me licito agora examinar se conselhos que nada valem, recebem alguma importancia da bocca de onde saíram.

O sr. Anthero, que brama contra a autoridade alheia, exige que nos curvemos á sua autoridade.

Começa elle a sua *Carta* com umas precauções oratorias, que fazem lembrar aquella feliz phrase de Laroche-foucauld: *Il est si orgueilleux, qu'il ose être modeste*; mas nessa mesma epistola nos participa—que tem liberdade absoluta e posição independentissima;—que sentença desassombradamente com justiça (grande), com frieza, (lá se vê), com boa fé (quem ha de gabar a noiva?);—que é puro, limpo e innocente;—que, para escutar as palavras dos actuaes escriptores, nem se daria ao incommodo de erguer a cabeça de cima do seu trabalho, afim de não perder o tempo, que precisa empregar no serviço da moral e da verdade;—que tem rectidão moral (não é phy-

sica), probidade litteraria (da outra não falla);—que elle sabe umas coisas que nunca os outros disseram nem pensaram;—que elle é um sacerdote, e um nobre, e um escriptor, e um mineiro, e um piloto, com um coração incorruptivel e intemerato;—e outras muitas coisas assim.

Elle sabe que, quando se apresenta a defender uma causa, a adversa fica logo prostrada. Assim, na sua *Introdução aos Cantos na Solidão*, fallando da velha pendencia entre criticos e poetas, decreta o seguinte:—«O poeta não quer estudar, e o critico não sabe sentir; não é facil que se entendam. Pois havemo-nos nós entender, eu e o sr. Portella (realmente nas conjugações o *eu* fica primeiro que o *tu*, ainda que a tola da civilidade o ignore); elle, fazendo-se um pouco menos poeta do que é; e eu um pouco mais, se ainda puder. Assim daremos um grande exemplo ao mundo litterario, que bem precisa d'elle, etc.» E do alto d'aquellas pyramides, 40 seculos nos contemplam!

Isto é divertido, mas muito mais toleravel que certa ordem de procedimentos, que do dominio litterario resvalam para o moral. Por exemplo: não se envergonha o sr. Anthero de declarar que foi discipulo do homem a quem insulta; e fazendo saber *urbi et orbi* que o sympathico menino tem apenas 25 annos (bem aproveitadinhos!). atira nobres pedradas aos 60 do escriptor a quem ataca. Isto é vil.

E ainda é pouco, em presença de audacias merecedoras de outra natureza de resposta. Ao mais puro caracter, a quem em sua longa vida só tem peccado pelo excesso de abnegação, ousa dizer—que vive esquecido de tudo quanto não seja a satisfação da vaidade e do interesse;—que é possuidor de rendosas conesias litterarias, prebendas, e explorações;—que odeia o ideal, porque este quer dizer desinteresse, boa fé, e grandeza de alma;—que repelle a alma da humanidade, por ser coisa que não rende, etc. Já na citada *Introdução*, igual villão insulto havia sido arremessado a todos os litteratos contemporaneos, nestas mimosas phrases:

—«O elogio é moeda corrente na litteratura contempo-

rança; e moeda de tão boa lei, que me asseguram pessoas entendidas terem muitas das nossas primeiras celebridades achado a melhor parte de suas riquezas de nomeada e gloria na gaveta, onde os seus amigos intimos guardam aquelle *potosi* de phrases doiradas com que se compra a vigilancia dos Argos litterarios, de sentinella ás portas estreitissimas da Reputação.»

Que nome merece quem, batido em todos os baluartes da argumentação, não hesita em recorrer ás armas da calunnia, e com pleno conhecimento da acção torpe que pratica? Não admire, porém, isso: quem desmorona uma sociedade inteira, não pôde ser taxado de illogico, calcando aos pés os preceitos da moral, como os da mais comeseinha educação.

Se fosse licito a puerilidades com aspirações a maldadesinha associar recordações mais altas, lembrariam aquellas palavras do famoso Arnauld:—«Les guerres entre les auteurs passent pour innocentes, quand elles ne s'attachent qu'à la critique de ce qui regarde la littérature, la grammaire, la poésie, l'éloquence, et que l'on n'y mêle point des calomnies et d'injures personnelles.»

Sem me sentir, ia-me deixando levar na torrente do enfado, que criminosas injustiças d'aquella ordem naturalmente geram. O caso não era para tanto: armas assim brandidas só ferem a mão que as empunha. Errei, tomando um instante ao serio as palavras do sr. Anthero, dos 25 annos: voltemos ao estylo proprio.

Nada de insurreições. Ha autoridade, e autoridade. Nem todo o mato é ouregam. Adeus, autoridades estabelecidas,

Que outro imperio mais alto se alevanta.

Na esphera intellectual não haverá mais leis que as impostas pelo dictador Quental, nem mais crenças que as quentalicas.

Veneremos o oraculo. Convertida Coimbra em nova Samos, fique entendido que d'ali borbulha a fonte de toda a verdade, e que o *Antherus dixit* é o emplastro adhe-

sivo que fecha a bocca a todas as duvidas. Assim como a obediencia passiva corresponde á autoridade despotica, a crença sem exame corresponde á autoridade quentalica.

Agora cumpre-nos, submissa e humildemente, avassallarmo-nos á lei nova. Assim como Christo por parabolhas explicava a sua doutrina, o sr. Anthero (e que minas perdemos, renunciando a iniciarmo-nos com certo outro apostolo!) nos offerece, nos exemplos dos seus escriptos transcendentaes, uma arte de pensar, de exprimir, de escrever em prosa e verso. Por elles melhor se instruirá V. S. nas profundas alterações e transformações, a que, como homem de pensamento e de palavra, tem de sujeitar-se. Eu vou preparando para meu uso uma serie de aphorismos, condensados da exemplificação do nosso grande homem; e, por não desherdar a humanidade de tão uteis lucubrações, aqui vou reunindo as theses que resultam d'aquelles exemplos inimitaveis.

I

THESE. Sendo certo que a palavra foi dada ao homem para involver, esconder, e atrapalhar o pensamento, fica decretado que só merecerão encomios as phrases entortilhadas, emmaranhadas, ou sem sentido.

EXEMPLOS ANTHERICOS.—«O grande abraço mystico do visivel e do invisivel não podia ser esteril. D'esta alta concordancia universal nasce uma coisa maravilhosa, um milagre em opposição com as forças necessarias, que determinam as criações da natureza—uma criação livre e consciente.»

—«É a natureza, penetrada, revelada pelo pensamento; e é o pensamento, para se revelar, os trages da natureza. Nem a sciencia, nem a religião podem attingir á altura d'esta synthese.»

—«E a Arte, o Prometheo (oh! temos a proscripta mythologia!) que mais que nenhum Deus aviventa essa argila inerte com um fogo santo e maravilhoso, a Arte, o

pontifice espiritual do universo, havia de fechar os seus oráculos como mentirosos e phantasticos?»

—«Na legenda d'essa *auriflamma* (das certezas futuras) uma mão desconhecida bordou a oiro estas palavras: *Mundo e Homem, Verdade e Vida! A Arte é a verdade feita Vida!*»

A prosa corre toda neste gosto; agora leia V. S., e comprehenda, versos do sr. Anthero:

—«A pallida cohorte dos proscriptos,
que tem nos rostos estampada a fome,
que, enquanto o frio os roe e os consome,
trazem *no coração Deuses escriptos.*»

—«*Desde a lepra, dos corpos, e os abrolhos,*
dos *montes arrancados...* desde as flammas
tiradas ao trovão... té ás *escamas*
arrancudas aos cegos de seus olhos.»

—«É a grande incerteza que se estende
sobre o futuro como um veo de treva...
É o escuro *terror* do que nos leva...
O *fruto* horrivel que das almas pende.»

—«Mas a idéa, que sai da nossa frente;
e a dor que irrompe e rasga o nosso peito;
mas a agua que tem numa alma a fonte;
e o feto que nasceu todo imperfeito;
e o ai de um triste no escaldado monte;
e um pranto maternal em frio leito;
eis quem peza no prato da balança,
onde a Justiça mede o amor e a esperança!»

Para se apreciar a celebre maneira do famoso escriptor, bastam estes excerpts, tomados ao acaso, pois, para esta demonstração, facil seria transcrever todas as paginas do sr. Anthero.

Que outra coisa foi o *euphuismo*, que, antes de Shakspeare, Lilly inventou na Inglaterra? Não faz lembrar, da França, a *linguagem preciosa*, do hotel Rambouillet, abatida por Molière e Corneille? Após os triumphos dos mestres, não teve a Italia o seu Marini? O *culteranismo*

de Gongora não offerece traços largos de parentesco com este dizer? Não estivemos nós já, pelos tempos da *Phenix Renascida*, gafos d'essa molestia de turgidez e incomprehensibilidade, que pôde variar com os tempos e os estylos, mas que offerece de commum em todos esses escriptos extravagantes e licenciosos, inimigos das regras e dos mestres, o systema dos conceitos; das finuras; das inversões e aproximações impossiveis; das exagerações; das metaphoras, antitheses, e principalmente hyperboles insensatas; das argucias; de grandeza ôca; de sublimidade affectada?

Aquelle *estyllo culto* denominava Lope de la Vega *cultidiabesco*; e quando se manifestam nas litteraturas taes scismas, taes ridiculas tendencias, taes ataques ao recto, ao simples, ao natural, ao grande; á verdadeira belleza, á harmonia, á clareza—significa isso um periodo de decadencia; e a nossa litteratura ainda se não gozou de tamanhas honras de perfeição, que já tenha jus ao prazer de um eclipse litterario, ou a passar de verde a podre.

Quem jámais negou a Gongora imaginação e certo estro, embora desordenado? Foi com essa materia prima que elle por uns dias triumphou, aggregando-se tambem uma cohorte de rapazinhos de 25 annos, escapados á ferula da universidade; mas o que succedeu? o que se está dando com est'outros de Coimbra: atiram ás turbas uns palavrões entortilhados, e umas imagens estramboticas; produz aquillo o effeito de um relampago que cega, mas torna depois mais profunda a escuridão. O *Polyfemo*, as *Soledades*, o *Pyramo* e *Thisbe*, composições pedantes, orgulhosas e de mau gosto, falsas e pobres, em estylo de verruma e guindado, são tias nataraes das *Odes modernas*, e dos restantes partos da moderna imaginação coimbrã. Tanto é commum o empenho, em umas e outras, que Gongora, para fugir ao natural, até inventou para seu uso uma pontuação exquisita e particular. O sr. Anthero começa o unico volume de poesias com que tem brindado a humanidade, pelo verso

Mas o homem, se é certo que o conduz.

Como aquella alma não ficou ebria de consolação ao dar logo o primeiro passo na carreira poetica, arrostando... com o senso commum! Nós cá, os pobres de animo, julgavamos que a conjuncção *mas* era adversativa; que ella significava forçosamente uma opposição a *proposição enunciada*: a nova escola é por tal arte opposicionista, que, antes de achar these affirmativa, já se apresenta contrariando-a! É a mulher da thesourinha. Tendo de exprimir as correlações entre duas proposições, dispensa uma, e liga...liga...não liga nada.

Ficamos, pois, entendidos que a norma do nosso reformador reitor nos obriga a adoptar como artigo de fé que o escriptor da grande escola deve ser turgido, sesquipedal e incomprehensivel. Veremos que outras qualidades se devem addicionar a uma já tão digna das mais arden-tes sympathias. Bastam aquelles exemplos para provar que o sr. Anthero escreveu a sua famosa carta, perro por çarem nas suas terras. Disse a um sabio escriptor que elle *punha os nadas em pé para parecerem alguma coisa* (pag. 10). O pensamento é uma...novidade, á moda Antherica, pois já um bolorento chamado Boileau dissera: *Et ces riens enfermés en de grandes paroles*; mas todas essas variantes é que são o distico inscripto no atrio da escola coimbrã.

E todavia cumpre ser justo: O sr. Anthero tem duas linguas: uma para os domingos, outra para os dias de semana: ora se remonta não ás nuvens mas aos nevoeiros, ora patinha nos tremedaes; o estylo é uma vez de tyranno do Boulevard, outras em que se abaixa até tornar-se intelligivel, e então com uma correcção e elegancia monumentaes. Já exêmplificámos largamente o primeiro genero. Da pureza do segundo, ahi vão amostas, sacadas da famosa epistola:

—«Acabo de ler um escripto onde *se falla* da escola de Coimbra... Eu tenho para *fallar* dois motivos...Posso *fallar* livremente... posso *fallar* nas miserias d'esse mundo...Uma força desconhecida me manda *fallar*, etc.» (Carta, pag. 3) Adquiriu jus á patente de *fallador*.

—«A humanidade precisa de sentimentos como uma,

fogueira a que a *lenha* vai faltando.» (Idem, pag. 11) O espirito brilha como a chamma que se alimenta da destruição da *lenha* d'onde sai e que a gerou.» (Idem, pag. 15) Aqui patente de *lenhador*.

—«Minha obscuridade faz com *que* a censura *que* me cabe seja diminuta; em quanto *que*... essa mesma pequena parte *que* me resta é tão indifferente, *que* é como *que* se a nada a reduzissemos.» (Idem, pag. 3.) Quê, què, què, què: aqui patente de *gago*; em seis regras, tantos *quês* quantas linhas.

E os gallicismos vergonhosos? e os erros palmares de todos os generos? Dariam para lhe encher um volume, porém seria abusar da condescendencia de V. S., que ahí tem sufficiente materia para avaliar a escola coimbrã, vista pelo direito e vista pelo avesso, em materia de estylos.

De V. S.—attento venerador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro, rua do Conde n.º 13, 28 de dezembro de 1865.

CARTA 9.^a

Ill.^{mo} sr. João Carlos de Souza Ferreira:—Continuo a aprender as regras da seita, sacadas dos exemplos do seu evangelista.

II

THESE.—*Os neologismos, quanto mais escusados, e os vocabulos, quanto mais inadmissiveis, melhor preenchem o fim regenerador.*

EXEMPLOS ANTHEMICOS :

—«Ainda os fados seu tremendo auguro.»

Que especie de bicho será este *auguro*, rimando com *futuro* e *escuro*? Será presagio? é e não pôde ser senão *augurio*. Será o sacerdote, que prophetisava pelo canto e vôo das aves? é e não pôde ser senão *augur* ou *augure*. Nunca, pois, se disse nem pôde dizer tal coisa; mas nisso mesmo está a graça.

— «E mais altos pairar que o Sete-Estrellos... porque eu bem sei que Tu hasde comel-os.»

O homem dos 25 annos precisava de mandar comer os semi-deuses; e como ficava preciso um consoante para comel-os, lança mão das pobres pleiades, e inventa a palavra *sete-estrellos*, que nunca ninguem proferiu, e só pécca por stulticie.

— «E aos ecos do espaço em vão pergunta de d'onde aquillo sóbe.

Quem, no presente seculo, escreve *de d'onde* tem as inquirições tiradas; pôde censurar o que quizer, não merece imputação.

D'este genero são muitos os exemplos; passemos.

III

THESE. *Alterem-se todas as regras recebidas, quanto á disposição e gradação, dos vocabulos e á grammatica, e aos nomes das coisas.*

EXEMPLOS ANTHERICOS: É de uso adoptar o crescendo no valor dos vocabulos, quando o pensamento precisa mais de um para se exprimir. Assim nós diriamos: por montes, por villas, por cidades; lá elle, não senhor; o seu verso é:

— «Por cidades, por montes, e por villas.»

Tambem se deve pôr o verbo no singular, com o agente no plural, como:

— «Essa nuvem sombria onde se esconde o Senhor do Sinai e as doze taboas.»

Esta grammatica é mui frequente no correcto escriptor.

—«Longa, bem longa é a nossa anciedade...
e, se nos fica ahí tanta saudade,
antes nunca partir aonde vamos!»

Entende V. S. este dizer? tenho-lhe inveja. O primeiro verso (quem ousaria dar-lhe tal nome?) dá-nos a noticia que a *anciedade é longa*, porque enfim tratava-se de arribar ás *praias do futuro* (praias realmente difíceis de attingir, pois futuro que se apanha cessa de ser futuro); mas depois, como é aquillo? *Se nos fica saudade, antes nunca partir aonde vamos!* Bem fez o yate em pôr um ponto de admiração, pois que o pensamento e a phrase réalmente a merecem. *Nunca partir aonde vamos!* Tem razão, antes isso.

Eu bem sei que o Horacio é um parvo, e mais parvo é quem o cita; mas enfim, por isso mesmo o que elle diz não faz mal. Lembrarei a historia do Quintilio, que ao ver escriptor mais inclinado a defender os erros que a emendal-os, calava o bico, e te dava licença para a teu talante, e sem temor de rival, amares os teus escriptos:

*Nullum ultra verbum, aut operam sumebat inanem,
quin sine rivali teque, et tua solus amares.*

E os nomes das coisas? Insurreição completa. Sabeis vós o que são *Odes modernas*? São, por exemplo, sete sonetos, de pag. 51 a 57. Vivam os *sonetos que são odes*, e odes que são *amphigouris!*

E, com quanto a occasião não seja das mais proprias, quero sempre aproveitá-la para observar-lhe o seguinte: O admiravel talento de Camillo Castello-Branco, conjuncto das mais raras qualidades (elegancia, fecundidade, calor, variedade, brilho, vernaculidade), não é facil fixar por qual d'ellas prima: o certo, porém, é que nenhum escriptor portuguez timbra mais do que este em ostentar-se religioso e crente na fé, que é nossa, como foi de nossos paes. Pois bem: os sonetos, a que alludo, quinta-essencia de impiedade, são dedicados... exactamente a C. Castello-Branco! O apostolo de Strauss e Renan, dos ne-

gadores da divindade de Jesus, pede, para a obra de Satanaz, auxilio ao autor da *Divindade de Jesus e Tradição Apostolica!* Estas coisas já não são os aphorismos da escola: são os seus desaforismos.

IV

THESE. *Sendo as regras da harmonia um preceito antediluviano, fóra com ella, e façamos versos chôchos, bambos, duros, ou pessimos.*

EXEMPLOS ANTHERICOS: Porquanto a lei da propriedade litteraria veda a transcripção integral de uma obra, limitar-me-hei a apontar meia duzia de versos, aberto á ventura o util livro das *Odes modernas*. Admire V. S.:

- «Alguna mão feita de amor e luz.»
- «Já que vamos, é bom saber aonde.»
- «Sim, monte! onde vamos, onde vamos?»
- «O coração minguado... que admira?»
- «Quando ha 7,000 ondas por cada homem.»
- «Quem vai mais perto, a fóra ou a inspiração?»
- «De olhos no ceo, seguia-os sereno.»
- «Iam, e, de ambos os lados, lá embaixo.»

Ainda o tal pateta de Horacio pergunta muito innocentemente:

Idcirco ne vager, scribamque licenter?

V

THESE. *Se é um merito fazer pessimos versos, terão soldo dobrado os nossos soldados que os fizerem desastada e ignorantemente errados.*

EXEMPLOS ANTHERICOS: Ahi ficamos tambem pobres, á força de riqueza. Eis-aqui regrinhas do nosso apostolo, que não ha leito de Procuste onde possam entrar, estando todas vergonhosa e insanavelmente erradas:

- «Que a vida não é atomo subtilissimo.»
- «Blasphema ou exulta, mas não desças nunca.»
- «E quereis aos homens ensinar a vida.»
- «Este e aquelle deixal-o em meio da rua.»
- «E como o que numa mina vai de bruços.»
- «Do pôr do sol, astrônomos do passado.»
- «Os olhos porque vejam, amem, entendam.»
- «Quando as mães lhes vem beijar os pés.»
- «A revolver, lá dentro em si, uma idéa.»
- «Para aqui, e temer que o sol, uma noite.»
- «D'onde sai um feto, inda hoje escuro.»
- «Cholera e vento de morte da Siberia.»
- «Com o sublime vôo que jámais finda.»
- «As vidas, que eram flores á antiga sombra.»
- «E agora... oh! agora, esta palavra chora.»

Basta, e já é de mais. Tres órgãos precisa o poeta ter muito apurados: cerebro, coração, ouvido. Um desalmado tympano, que deixa cair cachos assim de versos errados, pôde ser tolerado a julgar de poetas? Não é de juizes como este que o Sadino notou:

Erra versos, e versos sentençaia?

VI

THESE. *Para derrubar a detestavel regra classica do*

La rime est une esclave; et ne doit qu'obéir,

rime-se ad libitum, ou seja errando as consonâncias, ou seja obrigando a palavra... a rimar consigo mesma.

EXEMPLOS ANTHERICOS:

—«Que os peitos soltem o seu longo *emfim!*
e o olhar de Deus na terra escreva *Fim!*»

—«É porque um ceo maior nos mostre—e é *nosso*
esse ceo e esse espaço! é tudo *nosso!*»

—«Uma benção a Deus! uma *esperança!*
Do meio dos tormentos sai a *esp'rança.*»

Só lamento que não haja para isto patente de invenção, pois já um bolorento, chamado Ferreira, rimou *terra* com *terra*.

Aqui agora, passo a copiar umas coizas, que querem ser quartetos, com rima do 1.º com o 4.º, e do 2.º com o 3.º:

—«Eu quero perguntar aos sacerdotes,
que, traduzindo o Verbo em *orações*,
cuidam que Deus lhe cabe em duas *mãos*,
e todo o ceo debaixo dos capotes;

Quero-os interrogar, porque, em verdade,
se saiba qual mais vale, se o pau, se a cruz?...
se o sol ao cirio deu a sua luz,
ou deu o cirio ao sol a claridade?»

No pensamento, tudo isto é archi-comico; mas na rima, fico admirado de que, para soar com *orações*, o moço dos 25 não pedisse ao Deus da historia que lhe traduzisse o *mãos* em *mões*: teria para isso tanto jus, como teve para o *auguro*, o *sete-estrellos*, e quejandos.

Levemos isto suavemente. Ainda mais uma carta, e será a ultima.

De V. S.—attento venerador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro,—rua do Conde n.º 13, 29 de dezembro de 1865.

CARTA 10.^a

M.^{mo} sr. João Carlos de Souza Ferreira: — Errei, ill.^{mo} sr., errei, do que muito me pèza. O dito por não dito. *Mea culpa, mea maxima culpa*. Eu era tão myope que não tinha ainda observado o que a gente de Coimbra, a escola do grande, nobre, bom, bello e bonito, tinha *innovado*, tinha *inventado*. O sr. Anthero bem nol-o prégou a pag. 6 da sua Epistola:—«A escola de Coimbra quer innovar, quer caminhar, quer inventar, quer obrar por si!»—E chegou, via, venceu; *fat lux, et lux facta est*, como disse o Deus... aposentado. Empallideçam os astros dos inventores da imprensa, da polvora, do nonnio, da bussola, do barometro, do telegrapho electrico! mais radiante se exalça o astro da *invenção* conimbricense. *Chapeau bas à Mr. de Carabás!*

E como uma escola tão magnifica deve fazer proselytos, tenham entendido os neophytos que sem rugir nem mugir hão de macaquear humildes os exemplos *inventivos* do mestre. Esses não os procure V. S. nos pensamentos, que isso já sabe serem trivialidades embaçadas em pala-

vrões: a invenção está... na phraseologia, nas imagens formosíssimas, propriíssimas, inauditas.

Esse o uberrino terreno a que os discipulos devem lançar as sementes da gloria da seita. Inventar, mancebos, inventar! Assim volt-o prêga o sr. Anthero do Quental, e não é elle qualquer Frei Thomaz; se bem o diz melhor o faz. Eu tomo ardentemente a sua defesa, e, em proveito da humanidade, aqui passo a exhibir em um resumido quadro, diminuta parte das innumeradas invenções de S. S., respeitadamente colhidas de um folheto de 150 paginas de poucas linhas, de um livro que elle intitolou *Odes modernas*, o que já foi uma invenção, pois nem são odes, nem são nada; e quanto ao *modernas*, isso quer dizer ser aquelle o estalão pelo qual a escola manda medir a poesia... *que navega para as praias do futuro*. Eis aqui invenções:

Inventou o sr. Anthero que o homem era um bago d'agua; e que um bago era pequeno e pequenino; e que o tal bago d'agua tinha voz; e que a voz era da onda; e a onda do destino; e resumiu toda esta *philosophia* no seguinte disticho:

—«E o homem, bago d'agua pequenino,
tambem tem voz na onda do destino.» (pag. 8.)

Inventou que a historia era Medea; que essa dita Medea só produz a confusão; e que a confusão é um philtro; e philtro preto; composto das melhores flores do coração... sim, as boas flores do coração são as que produzem a confusão, que é o philtro negro da historia; e então bradou:

—«Oh! a Historia... a funebre Medea,
que das flores melhores do coração
compõe seu negro philtro—a confusão!» (pag. 10.)

Inventou que as comparações, ás avessas das regras, deviam de ora avante ser das coisas grandes com as pequenas; como, por exemplo, de um temporal desfeito co-

mo ~~uma~~ chaleira de agua a ferver. Assim, compara o ceo (o ceo immenso) com . . . um seio de heroe vasto e pausado. Não sei bem quem é vasto e pausado, se o seio ou o heroe; um *heroe vasto* faz com effeito occorrer logo á imaginação um Pão de Assucar; um *seio pausado* também seria uma invenção famosa; e em todo o caso, demos palmas a esta imagem que ninguem inventou, nem inventaria jámais, se não existisse o sr. do Quental:

— «E o ceo, com ser immenso, é serenado como um seio de heroe, vasto e pausado.» (pag. 15.)

Inventou que a alma se debruçava em uma praia para ouvir uma voz e distinguir se ella era a prophacia de um mundo melhor, ou apenas correr da maresia! Fica-se em duvida sobre o que seja esta maresia; será a marulhada? mas o movimento da maré não é voz, e muito menos que se confunda com prophacias. Será o mau cheiro do mar? mas o *cheiro* ha de custar a ouvir. Pouco importa; se se não entender, melhor, e ahi vai:

— «Se é de um mundo melhor a prophacia, ou apenas correr da maresia.» (pag. 17.)

Inventou lá uma coisa, que alfim ha de luzir no nosso fundo (como ha de ser isto?) de um modo que eu, profano, não sei bem elucidar, mas que se resume neste sympathico verso:

— «Que, alfim, luza também no nosso fundo.» (pag. 19.)

Se V. S. quizer porém completar esse util estudo com os versos que se seguem, lerá:

— «Se ha de seccar seu pranto o olhar que chora e exultar inda o insecto mais immundo,»

d'onde colherá as novas invenções de *olhares que choram*, e de *insectos*, mais ou menos immundos, a *exultar*,

o que deve ser ~~uma~~ scena mui pathetica: ver aquelles bichitos a applaudir com as patinbas, e a exultar com as antennas, deve certamente refocillar o coração da humanidade.

Inventom que as nuvens andam e desandam, afim de poderem constituir imagens, confrontaveis com os enganos:

.....—«O nosso engano,
desfeito como nuvem que desanda.» (pag. 21.)

Inventou que fallava do amor; emquanto tu, ó Liberdade, vais abrindo azas d'aguia sobre o ninho onde choca a Unidade. Quem se não extasiará ante esta Unidade que está no chôco, mas sobre cujo ninho vem cair outra galinha, chamada Liberdade? É assim mesmo!:

«É d'esse amor que eu fallo!... Emquanto vais abrindo sobre o ninho onde choca a Unidade,
as tuas azas d'aguia, ó Liberdade.» (pag. 24.)

Inventou que *padre* é o *pae*; o que está *sob* e *sobre*; o que diz a missa da harmonia, e veste a estola do infinito, para deitar a grande benção—Vida! A missa da harmonia prometteria ser muito engraçada, se não fosse a ameaça de não ter *ite missa est*, porque vem já com o defeitito de ser eterna. Alva ou casula não vejo eu, mas vejo estola, uma estola que eu não entendo: estola do infinito! Como se arranjará o tal ecclesiastico para cruzar no peito e atravessar no pescoço o infinito? Oh! deusa Belleza! Oh! deusa Verdade! oh! restantes divindades do Olympo Coimbrão! Gloríae-vos do vosso infinito apostolo, que com infinita graça veste a estola do infinito... para deitar a benção—Vida! Admire V. S. esta quinta essencia de occidental orientalismo:

—«Diz a eterna missa da harmonia
O que veste a estola do infinito
para deitar a grande benção—Vida! (pag. 39.)

Inventou que o amor era da ordem de S. Domingos, frade prégador, mas prégador massante, que nunca se cala, pois está a berrar a toda a hora; e que este prégador *sobe* (d'onde virá elle para assim subir?) ao peito humano, o qual é pulpito (o peito pulpito!) *da fé*, o que sempre é bom dizer, para distinguir dos pulpitos da não fé. E sai esta architectura:

—«O que sobe a prégar, a toda a hora,
ao pulpito-da-fé... o peito humano!» (pag. 40).

Inventou uma nova theoria de electricidade. Imaginava-se até agora que o raio resultava do choque de duas nuvens, sendo um phenomeno todo pertencente ás regiões baixas da atmosphaera terrestre. Um ignorante cabelleira, chamado Delille, dissera:

Tel, échappé du sein d'un nuage brûlant,
s'élance avec l'éclair un foudre menaçant.

Bota abaixo a physica velha: agora os raios sobem ás estrellas, pegam nellas ao collo, levam-n'as ainda mais para acima, e, após tantos prestimos, ainda têm mais o de servir aquella excellente imagem de termo de comparação para uma mãe, erguendo seu filho! mirificas invenções que todas se condensam neste verso:

—«Erguendo um filho, como um raio a estrella.»

Agora me diz um amigo que este raio talvez não seja coisa de corisco, mas raio da propria estrella! Esteve o meu amigo debicando com o nosso *inventor*: nunca tal phrase daria essa idéa, e a extravagancia ainda subiria de ponto, porque a estrella não ergue só os seus raios ao collo como mãe aos filhos; tambem os projecta á direita como o homem á senhora, á esquerda como Deus aos condemnados, á frente como o coronel ao tambor mór, para trás como burro ao coice, para baixo como balde ao poço. Eis-aí

meia dúzia de imagens dignas de Coimbra; quero palmas, como aproveitado discípulo.

Inventou que a idéa pôde ter um olhar, e que este olhar pôde servir de jaqueta e calça, o que tudo se exprime nestes versos, de pindarica sublimidade:

— «Mas a Idéa, quem é? quem foi que a viu?
Com seu olhar de amor, quem se vestiu? (pag. 55.)

Inventou um casamento entre a *Idéa* e o *Desejo*. Ora, como estes dois noivos nunca se haviam encontrado, e não se conheciam, o nosso inventor, para os pôr zonzos, apresenta-os um ao outro, e dá-lhes logo uma verde com uma madura, declarando-lhes a um tempo—que o noivado é barbaro—que o noivado é sublime. Depois deita os desposados no ceo, e não é qualquer ceo, mas ceos ingentes que lhes servem de cama, mas uma cama de pernas para o ar, como nunca ninguém viu, pois, em vez de ter o docel e as cortinas por cima, fica tudo isso pendurado por baixo do enxergão; coisa mais para ver que os hortos pensiles de Babylonia, o que tudo se exprime pelo seguinte quarteto:

— «Oh! o noivado barbaro! o noivado sublime! onde os ceos, os ceos ingentes serão leito de amor, tendo pendentos os astros por docel e cortinado!» (pag. 57.)

Inventou uma ordem aos poetas para fazerem das almas capas de velhacos; e depois estender ao comprido as sobreditas, como se fossem de borracha; e depois atiral-as para cima da cabeça de uns *d'elles*, que se ignora quem sejam; e depois do *peito da alma* (a menos que a alma vá para uma banda e o peito para a outra) fazer uns degraus; e depois mandar trepar por elles, mas (oh pomba dos corações!) *com geito*, attenta a fragilidade; e depois converter os taes peitos em observatorios; e depois mandar de lá pôr a olhar para uns astros, que são... santos. Ora, eis-aqui está:

..... — «Ó vós, poetas, estendei vossas almas, como mantos sobre a cabeça d'elles... e do peito fazei-lhes o degrau, onde com geito possam subir a ver os astros santos.» (pag. 63.)

Inventou que os movimentos spasmodicos do diaphragma e dos musculos do peito podiam servir de macadam para se lhes rolar por cima, e traduziu esta novidade no verso:

— «Andar! passar por cima dos soluços!» (pag. 64.)

Inventou a audaz nobilitação dos termos mais asquerosos, como:

— «Abrir-se emfim para escarrar o ultrage!» (pag. 71.)

Inventou que a Idéa está tambem, entre ruinas, a fazer chocar ovos, e já no exercicio do seu novo cargo de Deus criador, mudou as leis da natureza: se até agora um feto só era produzido por animaes viviparos, elle inventou um feto, filho de ovo; mas um feto, que, embora seja escuro, é aurora, sendo portanto a aurora gemma de ovo, como tudo se vai ver neste ovo:

— «E entre as ruinas, faz chocar um ovo, d'onde sai um feto, inda hoje escuro, mas que é aurora.....» (pag. 90.)

Inventou que era impossivel

— «Ir curvado sem ver a coisa-bella quem nasceu para andar de estrella em estrella.» (pag. 93.)

Inventou que se deve caminhar para a estrella da alvorada 'té que se desembrulhe esta meada!

—«Caminhae para a estrella da alvorada...
tê que se desembrulhe esta meada...» (pag. 94.)

Inventou que era

—«a terra
sôcco de estatua humana.» (pag. 109.)

Inventou que havia uma loba velha, com pencas, ou tumores, não sei se duros ou molles, emfim lobinhos, que a mão do destino se divertia a esmagar... nos ninhos do mesmo destino:

—«É a mão do destino, que em seus ninhos
esmaga a loba velha co'os lobinhos.» (pag. 118.)

Inventou que: para eixo de carro pôde servir o braço da Verdade; que uma caldeira é um motor! e que o progresso é caldeira. E nos seguintes versos achará V. S. toda esta caldeirada:

—«Bato as mãos, porque o eixo d'esse carro
é o braço da Verdade!
E o motor que o impelle, é a caldeira
gigante do progresso!» (pag. 136.)

Inventou que a soledade pôde ser comparada... com os sós:

—«Immensa soledade e angustia immensa!
Como os sós, como o exilio!» (pag. 141.)

Emfim, eu não hei de, novo Lenglet-Dufresnoy, pôr-me a fazer um volume com o catalogo das *invenções*... do sr. Anthero. Poderia apontar no seu livro dois ou tres passos bons, por engano; mas, ainda arriscando-me a damnar o sr. Anthero, citar-lhe-hei mais uma vez o basbaque dos preceitos horacianos:

*Sic mihi, qui multum cessat, sit Chærilus ille
quem bis terque bonum cum risu miror.*

Mas qual Chérilo, nem meio Chérilo? Isto é tudo *poesia pantagruelica*, da qual o proprio Filinto nos deixou amostras, tendo aliás sido cultivada por excellentes engenhos, anteriormente aos jactos do sr. Anthero, dos 25. Aqui mesmo, ha curiosos exemplos; v. g., o seguinte soneto do sr. dr. J. Cardoso de Menezes e Souza:

«Tu não queres comer carvões em brazas?»
Perguntava Leonidas a Cyro
No momento em que entrava o rei do Epyro,
O braço dando ao conde de Las Casas.

Vôa Artaxerxes do Aquilão nas azas,
E na perna de Omar desfecha um tiro,
Por não ter morto o celebre vampiro,
Que de Virgilio incendiára as casas.

Eis subito no ceo treveja um raio,
E o pobre Ali-Pachá, fugindo á chuva,
Monta depressa num cavallo baio.

Passando aperta a mão d'um bago d'uva,
E, vendo que já estava em fins de maio,
Zangado calça de Petrarcha a luva.

Ahi vai mais outro soneto pantagruelico do sr. dr. B. Guimarães :

Eu vi dos polos o gigante alado
Sobre um montão de pallidos coriscos,
Sem fazer caso dos bulções ariscos,
Devorando em silencio a mão do fado.

Quatro fatias de tufão gelado
Figuravam da meza entre os petiscos;
E envolto em manto de fataes rabiscos
Campeava um sophisma ensanguentado.

«Quem és, que assim me cercas de episodios,
Lhe pergunto com voz de syllogismo,
Brandindo um facho de trovões serodios.»

Eu sou, me diz, aquelle anachronismo,
Que a vil cohorte de sulphureos odios
Nas ondas sepultei de um solecismo.

Se o sr. Anthero soubesse fazer tão bons versos como estes, dir-se-ia, *pelo sentido*, serem d'elle; mas o caso é que isto são versos de bons poetas zombando, e as *odes modernas* são versos de mau poeta julgando fallar serio. Nestes termos a poesia pantagruelica não é antherica, não; rebentou dos sinceiraes do Mondego. Que Coimbra se pôde gloriar de ser a patria da regeneração, juro-o eu, porque sou do tempo em que nella florescia o antecessor dos srs. Anthero e Comp.^a Para de todo tirar as presumpções de inventores, ou chefes de seita a estes cercopithecosinhos de Coimbra, sempre será bom noticiar-lhes esta grande verdade: que o criador do genero, que elles julgam seu, foi verdadeiramente o cirurgião Rozendo, da Couraça dos Apostolos; e, quando não, compare-se por exemplo qualquer das *odes modernas* com isto:

Dois amantes assanhadiços
deram nas ventas um ao outro.
Um parte para o Porto,
o outro vai apanhar carriços.
Reunem-se, mettem-se nuns cortiços,
e vão fallar ao frade
que estava mettido numa grade,
comendo bellos caracoés
e dizendo por bemoes:
—Viva a bella sociedade!

Ermelinda, tu tens muito agradados;
 Ermelinda, tu tens immensos carinhos;
 Ermelinda, tu tens no peito dois lobinhos,

Instantes afortunados!
 Vi voar um pelicano
 nas azas de um corvo cru,
 levando no alto...
 pendurado um castelhano.

Anteriores ás *Odes modernas*, felicitadoras do genero humano, outros fragmentos ha das *Odes antigas* d'aquelle grande genio, que julgo superfluo mencionar: isto basta para tornar evidente cuja é a prioridade. Gloria ao sr. Anthero! Algures diz o seu apregoado autor Edgard Quinet: «Le caractère des grands hommes qui représentent le xviii siècle, est d'avoir été des precurseurs.» O Quinet estava olhando para Coimbra, em seu privilegio de vidente: O Rozendo do seculo xviii foi o Baptista do Messias, do encanamento, da era de 1865.

Talvez ahi fique demasiada *cera perdida*. Não me daria a esta dissecção se não fosse a eterna verdade de outro parvo, chamado Boileau:

Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire.

Assim como já houve em Portugal a sociedade do *Delirio*, cujo nome basta para a caracterisar, e que angariou proselytos, é para receiar que a escola dos *Panturões* conimbricenses conquiste algumas outras intelligencias enfermas. Contra as correrias d'estes alarves litterarios, saia tambem um *almogavar*, emquanto os *adais* lá em Lisboa mais em regra esmagam os arabes do deserto.

Suspeito que o proximo paquete nos trará noticias estrepitosas do principal cabo d'esta guerra; mas com o pobre sr. Anthero dou as contas por liquidadas.

Agradecendo a V. S. a benevolencia com que se dignou ouvir-me, repito-me, concluindo,

De V. S.—attento venerador e obrigado

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Rio de Janeiro—rua do Conde n.º 43, 30 de dezembro de 1866.

CATALOGO CHRONOLOGICO

DOS

OPUSCULOS PUBLICADOS ATÉ HOJE, 27 DE FEVEREIRO DE 1866 SOBRE A ACTUAL QUESTÃO LITTERARIA

- I.—Carta do sr. A. F. de Castilho ao editor A. M. Pereira impressa no fim do poema da mocidade—27 de setembro de 1865.
- II.—Bom senso e bom gosto—carta ao ex.^{mo} sr. Antonio F. de Castilho por Anthero do Quental—2 de novembro de 1865.
- III.—Bom senso e bom gosto—folhetim publicado a 22 de novembro de 1865 no Jornal do Commercio de Lisboa, a proposito da carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao sr. A. F. de Castilho por M. Pinheiro Chagas—foi reimpresso avulso—1865.
- IV.—Bom senso e bom gosto—resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, por Manuel Rousado.—1865.
- V.—Carta de Elmano da Cunha em resposta a outra bom senso e bom gosto dirigida por Anthero do Quental ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho o incomparavel traductor dos Fastos de Ovidio, obra em que se faz o confronto de Romulo e Jesus-Christo, oferecida ao incomparavel Duque de Saldanha.—20 de novembro de 1865.
- VI.—O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental—por Julio de Castilho—23 de novembro de 1865.

- VII.—Theophilo Braga—as theocracias litterarias—Lisboa novembro de 1865.
- VIII.—Anthero do Quental.—A dignidade das letras e as litteraturas officiaes—Lisboa 1865.
- IX.—A carta do sr. Anthero do Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, Manuel Roussado, e Julio de Castilho por Rui Porto Carrero—Lisboa 15 de dezembro de 1865.
- X.—Os litteratos em Lisboa—poemeta por A. Ferreira de Freitas illustrado por Jeronymo da Silva Motta Bacharel nas faculdades de theologia e direito—Coimbra 1865.
- XI.—O mau senso e o mau gosto—Carta mui respeitosa ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho em que se falla de todos e de muitas pessoas mais por Amaro Mendes Gaveta com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro—Lisboa 1866.
- XII.—Bom senso e bom gosto—Carta de boas festas a Manuel Roussado por S. de A.—Coimbra 1 de janeiro de 1866.
- XIII.—J. D. Ramalho Ortigão—Litteratura d'hoje—Porto 3 de janeiro de 1866.
- XIV.—Vaidades irritadas e irritantes—opusculo ácerca de uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria—por Camillo Castello Branco—Porto 25 de janeiro de 1866.
- XV.—Augusto Malheiro Dias—Castilho e Quental—reflexões sobre a actual questão litteraria—Porto 20 de dezembro de 1865.
- XVI.—Urbano Loureiro—Questão de palheiro; Coimbrões e lisboetas Verso—Porto 1866.
- XVII.—Garrett, Castilho, Herculano e a escola coimbrã, ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea pelo Ermita do Chiado—Lisboa 1866.
- XVIII.—A litteratura ramalhuda a proposito dos srs. Castilho e Ramalho Ortigão por G. F.—1866.
- XIX.—A questão litteraria— a proposito do jazigo de José Estevão—cartas dos srs. A. F. de Castilho e J. A. de Freitas e O'liveira—Lisboa 1866.
- XX.—José Francisco—Os coimbrões; questão em que tambem entra pelos cem réis, José Francisco, caiador da rainha do Congo; com uma dedicatoria por Diogo Bernardes.
- XXI.—José Feliciano de Castilho—A escola coimbrã.—Cartas ao redactor do Correio Mercantil, do Rio de Janeiro.
- XXII.—Carlos Borges—Penna e espada, duas palavras ácerca da Litteratura de hoje, de Ramalho Ortigão.
- XXIII.—Eduardo Salgado—Litteratura de amanhã, duas palavras ao sr. Anthero do Quental.
- XXIV.—Anonymo—Anthero do Quental, e Ramalho Ortigão.
- XXV.—Eduardo A. Vidal—Guelfos e Gibelinos. Tentativa critica sobre a actual polemica litteraria.
- XXVI.—P. W. de Brito Aranha—Bom senso e bom gosto. Humilde parecer com uma carta do ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho.

7530 51
15

URBANO LOUREIRO

QUESTÃO DE PALHEIRO

COIMBRÕES E LISBOETAS

Estavas, linda Ignez, posta em socego....

VERSO.

PORTO:
NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
4, Rua de Santa Thereza, 6.
1866.

URBANO LOUREIRO

QUESTÃO DE PALHEIRO

COIMBRÕES E LISBOETAS

Estavas, linda Ignez, posta em socego....

VERSO.

PORTO:

NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
4, Rua de Santa Thereza, 6.

1866.

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

QUESTÃO DE PALHEIRO

COIMBRÕES E LISBOETAS

Dai passagem, romanos, ao proscripto,
Que vem vêr se na praça ha peixe frito!
FABIA.

I.



Hi p'ra as bandas de baixo
que barulho, que rumor!
E' o vinho do Cartaxo,
ou é do Aleixo o licor?
A questão anda ateadada,
por um tris não ha pancada,
e nem um cabo sequer!
Nem cabos, nem regedor,
nem alma viva na rua,
nem um cão ladrando á lua,
p'ra despertar a patrulha,
que resona agasalhada
nos capotes d'oleado,
ás soleiras encostada
sem se importar com a bulha,
que me vai na visinhança.
Estaremos na Bairrada?!
Que agentes de segurança!...

Mas falla-se em litt'ratura ;
litt'ratura d'espartilho
e litt'ratura nevoenta... ?
Adivinhei a final !

Não é por vinho o barulho,
vem a ser outro o sarilho :
è a gente do Quental
com a gente do Castilho !

Ora o leitor quer saber
d'onde é que nasce a questãõ ?
Vou fallar-lhe sem paixão ;
attenda e confie em mim,
que não sou parte suspeita ;
a historia, co'a maleita,
lá vai tim-tim por tim-tim.

II.



MA pergunta em segredo
a respeito do Castilho.

— Sabem quem é o sujeito ? —

Um velhote de respeito,
sempre co'a mão no gatilho
d'algun doirado epigramma ;
que a pedido faz prefacios,
onde ha perolas e lama ;
que não encontra poetas
como os Virgílios e Horacios ;
que foi o author infeliz
do a-b-c repentino,
e da Lilia abandonada,
que p'lo ciume ralada
se trespassou co'um pepino.

Já o conhecem? — Pois bem !
Um dia 'stava o bom velho
co'uma das mãos n'um joelho,
n'um joelho ou n'um artelho,
(isto diz-se ; não n'o juro)
meditando no futuro,
talvez prevendo da Hespanha
o rebentar da castanha ;
e batem de rijo á porta.
— Quem é ? — a criada indaga.
— Manoel Pinheiro Chaga. —
— Manda subir a visita. —
E de si p'ra si : — Que praga ! —
E quando elle entra na sala :
— O' meu amigo, que dita !
Como se lembrou de mim
no meio dos seus triumphos
o Méry do folhetim ? —
— E' lisonja ; agradecido ;
acabei o meu poema... —
— E vem a mostrar-m'o, sim. ?
Então, amigo, não trema ;
o tremer é de criança ;
em mim não põe confiança ?
Parece pouco animoso !... —
— Bagatella ! isto é nervoso !
Padeço muito dos nervos ! —
— Eia, sus, ó meu irmão,
eia, vate sonoro !
a ti a minha attenção ! —
E o poeta recitou-lhe
d'um só fôl'go a *Invocação* :

e logo apoz o poema,
que na filha d'uma *beef*
(p'lo modo séria menina,
que o Chaga baptisou Emma)
foi descobrir a heroína.
E por fim o poemeto,
em que o heroe papa-fina,
p'ra não dizer papa-moscas,
á chuva, mui socegado,
medita no seu passado.

E vai e disse o Castilho
quando o Chaga terminou:
— Muito bem ! dê-me um abraço,
aperte-me este espinhaço !
O senhor não leu, cantou !
Mil parabens ! —

— Agradeço,
são favor's que não mereço. —

O velho deu quatro passos,
e para encobrir o riso :
— Ouça cá, tive uma idéa ;
se eu lhe escrevesse um «juizo»,
p'ra o livro fazer mais bulha,
urdido á moda de tea,
e n'ella entalado um grulha,
que espirrasse co'a pitada ?
— Vossa excellencia pinhora-me —
— Aceita ? —

— Muito óbrigada ;
isso mesmo era o que eu qu'ria
p'ra os volumes não ficarem
nos lotos da livraria... —

— Então, 'stá dito? —

— 'Stá dito! —

Retiro-me. —

— Adeus, amigo ;
p'ra tudo conte commigo. —

E o vate desceu a escada
trauteando o pirolito.

III.



ERAM do livro o final?
Toparam com a pitada
ao Anthero do Quental?
Pois o Anthero deu patada!
Viu em tudo aquillo fel,
e sem qu'rer foi á parede!
Botou o Castilho a rede
e pescou... um bacharel!

Veio o *bom-senso* e o *bom-gosto*
provar que estava no posto
o ratão, que se incumbira
de chamar os compradores
p'ra o livro que não sahira
dos armarios do livreiro
sem do Anthero os máos humores.

Levou p'ra baixo o Castilho;
aquillo é que foi malhar!
e malhar em ferro frio,
segundo se ousa afirmar,

que o velhote, esse, nem pio !

Não se pôde em si conter
aquelle pobre Quental !
Foi uma tunda de mestre
no mestre, mas a valer !
Não lhe queiramos nós mal.

E o Castilho, sempre moita,
ri d'aquelle que o espanca ;
não tinha mais que fazer
do que ao Quental responder !

E o Quental por cima tranca !

IV.



inha esquecido dizer
que o Quental é coimbrão,
e não gosta do Castilho
com razão ou sem razão ;
d'isso não quero saber.

E de Coimbra e Lisboa
os litteratos de prôa
saltaram logo p'ra o campo
a discutir a questão,
pregando fachada á toa,
a maior parte no chão,
e creio que toda em vão.

Cada qual quiz ser juiz
no barulho, em que o bom-senso

appar'ceu, segundo penso,
esmorrado do nariz.
E veio á arena o Roussado
com chalaças a granel
(que em chalaça é jubilado)
a entampar o bacharel,
que havia ao mestre bufado.
Sinto que fosse infeliz
n'autopsia que fez ás Odes ;
mas como não é culpado
conte que está perdoado.

O volume do Quental
não deve ser mão petisco
no sexto ceo do ideal.
Comparo-o (mas ao poeta)
a qualquer pardal ou pisco,
e sobre tudo ao pardal,
que pretendesse imitar...
que sei ? a aguia real,
quando fende altiva o ar
para as campinas do ceo
do mais puro azul sem veu ;
na phrase dos Victor Hugos,
a quem tiro o meu chapéu.

Ao illustrado Quental
peço muita paciencia
a par de alguma indulgencia.
Desculpe sua excellencia ;
o que eu digo nada val.

Siga a bicha em continencia !

V.



AVIA ha pouco appa'rcido
o repertorio em questão,
do senhor Manoel Roussado
(aqui tam mal succedido)
quando veio um coimbrão
chamado, se não me engano,
fulano de tal Elmano,
a responder ao Anthero,
(pondo á parte o trocadilho)
com ar' ginja e pedantesco,
e qu'rendo dar' ao Castilho
alguns salutar's conselhos.

O conselheiro burlesco !!...

Fez *fiasco* o tal ratão ;
mesmo na propria Coimbra
lhe chamaram papelão.
Diz-se aquillo ir burcar lã
para surdir tosquiado !

Parva eschola coimbrã !

P'lo morto... tres padre-nossos
ao deitar, depois de cêa.

Madrasta eschola, d'Elmano
nem sequer terás os ossos !!
— Non habebis ossa mea !....—

VI.



AÇAMOS a vista grossa,
p'ra não ter de esmiuçar
o que disse a grande troça
de escriptor's folhetinistas,
que no assumpto quiz fallar.
(E' mais proprio «debicar».)

Para o lado o Carvalho,
que affirmou que o suicidio
não era idéa immoral;
e defendeu o Quental
com gracinhas de funil,
jogadas do Chaga ao livro
no «Diario Mercantil».
Para o lado o proprio Chaga
com todo o seu folhetim ;
vamos direitos ao Braga
a pedir-lhe as Theocracias.
Muito bem ! agora sim !
Que citações e que nomes !
Que fundas philosophias !
O Braga, palavra d'honra,
vale doze livrarias !!....

Até fallou em javardo!!!....

Eu prefiro um homem d'estes
a qualquer frade bernardo.
Pois estouro no Castilho ?

contam-se as bombas p'las phrases !
Ai, velhote, nunca tu
te metteras com rapazes !
Essa gente — isto é um facto !—
que não respeita o rabicho
faz de ti gatto-çapato ;
o melhor é despresal-a,
como quem despresa o licho ;
despresal-a... por capricho !

Ao Braga, seguiu-se... quem ?
Ah ! o Julio de Castilho,
que, no meu pensar, é filho
do velhote espadachim ;
pois trouxe á barra um folheto
sem vir tarjado de preto!!!....
As tres paginas do fim
do bade-meco alludido
são talvez as de mais graça !
Eu ri-me como um perdido...
Não que está boa a chalaça !
mesmo boa de uma vez !

Põe o sê Julio em praça,
em portuguez e francez,
os nomes, que teem rendido
da nossa lyra ao princez
homenagens de partido.

Elle sempre ha cada maça !!...

Logar a mais um p'ra a sucia,
que chegou ; é lisboeta.
P'lo nome talvez conheçam

Amaro Mendes Gaveta,
respeitavel escriptor.
Elle é muito conhecido ;
traz algodão n'um ouvido,
e tem o pai ferrador.

Eis o caso !

O tal sujeito
com basofias de pimpão,
a tratar bestas afeito,
aos da questão serviu palha,
tojo e palha, e com razão.
—Desconfio que o Gaveta
se propõe a deputado
n'esta proxima eleição ;
eu sei as suas idéas
a respeito da fusão.—

Mas voltando á vacca fria,
do tal Amaro direi,
que, á parte a semsaboria,
tem chiste n'alguns bocados.
E' pena que entre bons versos
viesses alguns errados.

Isso porém acontece.
Quem ha 'hi que um trambulhão
n'uma descida não dêsse?

—Estava já p'ra fechar.—
Não fecharei sem primeiro
de um tal Carrero fallar ;
de um Carrero ou de um Carreiro;
tanto não posso afirmar.

Eu cá, dos dois appellidos,
votava p'lo derradeiro.

C'est assez de divagar.

O Carrero (seja assim)
deixou-me quasi entalado ;
p'ra dizer o que nos disse
antes ficasse calado ;
ou fizesse á brisa, á lua,
versinhos de pé quebrado,
como fez outr'ora Ulysses,
que no mar das trapisondas,
entre outras muitas ratices,
caminhou ardendo em braza,
por cima das turvas ondas,
como nós por nossa caza.

Deu-se isto quando vivia
no cimo da cotovia.

Se acaso me dão licença,
entro na ordem do dia.

VII.



QUEM falta mais?—Falto eu,
que na renhida questão
não sei quem tenha razão.

P'ra que saibam : — Sou poeta,
e se vim com isto á feira
no reinado da careta,
e da policia secreta,
foi que faltar não podia
sem mentir á vocação.

Mas quem se ri d'isto tudo
é o Chaga e o Castilho.

Nenhum d'elles anda mal.
Esta questão do Quental
parece questão de entrudo.

Eu, por mim, tambem me rio,
que da historia vejo o atilho.

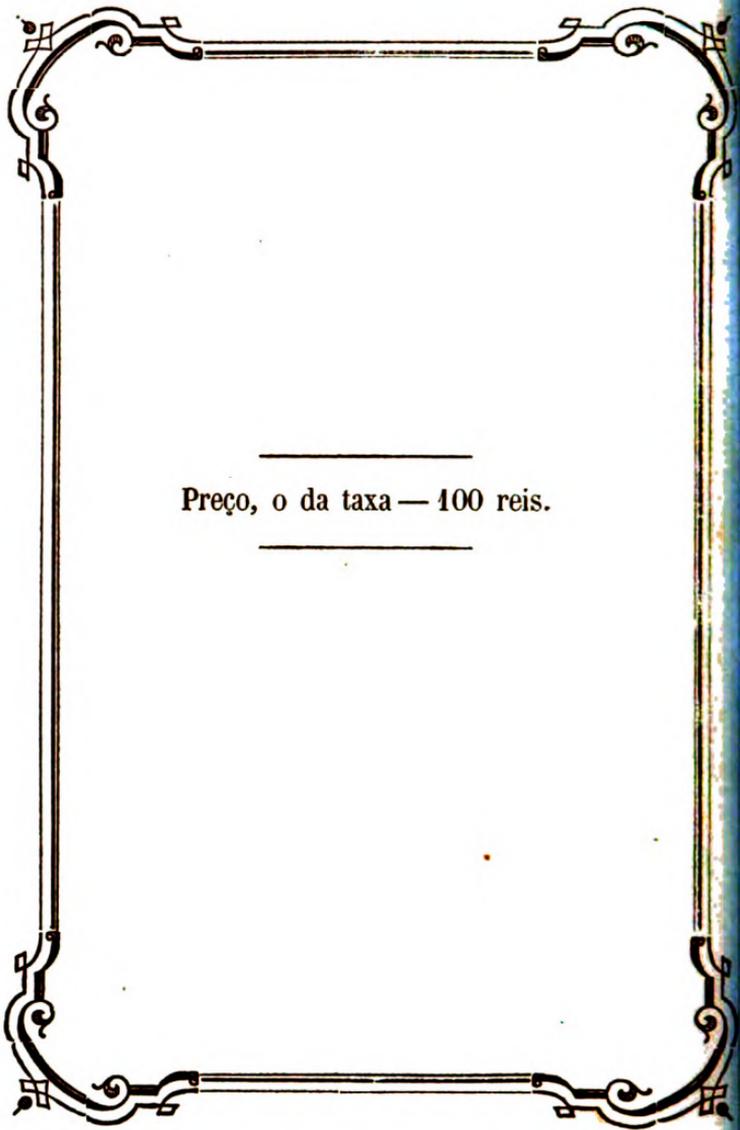
E tu, leitor, não te ris ?
Ri-te de mim, se quizeres ;
aqui 'stou, aqui me tens.
Em vez de fazer colheres,
coisa muito aconselhada,
fiz o folheto que vês.

— Não me dê os parabens
por esta grande estopada;
dá-me só... cinco vintens...

Entrudo, no meu faval,
tantos de tal.

Da meia noite ao bater
no relógio do visinho,
procurando adormecer
da cama no patrio ninho.





Preço, o da taxa — 100 reis.

1531

16.

AUGUSTO MALHEIRO DIAS

CASTILHO E QUENTAL

REFLEXÕES

SOBRE A ACTUAL QUESTÃO LITTERARIA

AUGUSTO MALHEIRO DIAS

CASTILHO E QUENTAL

REFLEXÕES

SOBRE A ACTUAL QUESTÃO LITTERARIA

PORTO

LIVRARIA E TYP. DE FRANCISCO GOMES DA FONSECA, EDITOR

1866

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

AO SEU AMIGO

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA

SOCIO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA
E REDACTOR DO ARCHIVO PITTORESCO

Off.

O AUCTOR.

REFLEXÕES

SOBRE A ACTUAL QUESTÃO LITTERARIA



I

Na *Carta ao Editor Pereira*, que precede o *Poema da Mocidade*, o snr. Castilho fulminou a escola de Coimbra com um despiedoso anathema, que veio levantar uma grande procella no mundo litterario. Causou isso estranheza. Ha muito que em Portugal não havia tempestades litterarias; bonança e calmaria constantes permittiam seguir todos os rumos, vogar pelo vasto oceano das lettras, sem que impetuosas correntes, ventos contrarios ou perigosos parceiros estorvassem a passagem.

Escondêra a critica as suas agudas garras; sobre as ruinas da imparcialidade levantára-se orgulhosa a escola do elogio-mutuo, apoiando-se nas theocracias litterarias. Aplacaram-se todos os caminhos, arredaram-se com carinhoso disvelo as sarças agudas e os asperos seixos, tapetaram-se de flôres os inhospitos desvios, coroaram-se de louros todas as frentes e elevaram-se ao Capitolio todos os escriptores. Desapparecêra o fel, o odio e a inveja, e os thuribularios do elogio-mutuo entornaram o mel do Hymetho sobre todas as obras, sobre todos os escriptos. A baba immunda

de Bavio fóra condemnada ao ostracismo. Era bom ? era máo ? não sei : — se as tempestades não fecundam o oceano, fecundal-o-hão a bonança e a calmaria ?

Desencadeou-se alfim a procella ; ergueram-se altas serras d'agua e cavaram-se fundos abysmos. Revolveu-se Encélado nos seios da montanha, e desentranhou-se o vulcão em ardente lava. Os odios adormecidos, as rivalidades mascaradas, os despeitos mesquinhos, despertaram do longo somno, arrojaram os mantos que os acobertavam e estão face a face, provando as forças e os brios. As armas de cortezia foram postas de parte, vestiram-se os arnezes de prova, empunharam-se as espadas açacaladas, travou-se a lucta, renhida, desapiedada, terrível, e para aquelle que ficar vencido no campo da batalha, não haverá perdão nem misericordia. E' odio de familia, o peor de todos os odios, que lhes guia os fundos golpes.

São dois os campeões que se avançam ousados a perturbar a paz ; um, cheio de mocidade, de vida e de fogo, o outro velho e cego — cego ! — mas não importa : a experiencia, equiparando as forças, supre o valor da mocidade ; a sciencia da vida, o esforço não inferior ao do mancebo, igualam os annos, equilibram as probalidades da victoria.

Qual será o resultado da lucta ? Qual será o vencedor e qual o vencido ? Ficará a pendencia por decidir ? Julgo que sim ; só se algum Brenno audaz vier lançar a sua espada na balança da contenda — mas a raça dos Brennos está extincta ! —

Anthero do Quental levantou a luva, que lhe lançára o auctor da Primavera, e vem ousado e destemido rasgar e calcar aos pés a purpura, que cobria os hombros do illustre cego.

O mancebo inspirado, cheio de vida e de talento, e o velho com os pés na sepultura, o Homero portuguez, estão

frente a frente. Um quer cortar as azas á aguia que paira no espaço, o outro despenhar do pedestal da gloria o poeta laureado pelas academias, saudado e applaudido nas duas extremas plagas do Atlantico.

Ha entre os dois um abysmo: a distancia que medeia entre o mais alto pincaro do Hymalaia, escondido entre as nuvens, e o profundo ribeiro que se enrosca lá na sua extrema fralda; não na intelligencia, no talento; não me cabe averiguar isso; mas na escola, nas idéas, nas tendencias. Um, é o resto d'um seculo lançado pelas ondas do tempo nas praias d'outro seculo, um ecco do passado, uma reminiscencia da idade d'Augusto e de Pericles, enfeitada com as galas ridiculas e piegas da Arcadia; é um grego, um romano resuscitado no seculo desenove, sem ter atravessado a Egreja mystica, sem lhe terem borrifado as mãos as lagrimas da Magdalena, sem a corôa d'espinhos de Jesus Christo lhe macerar a fronte, sem que um raio divino lhe rasgasse o véo, que encobre o ideal. Debalde Theocrito e Virgilio lhe emprestaram a agreste frauta, Pindaro e Ovidio as lyras d'ouro; não o visita a inspiração celeste, vagueia entre o céo e a terra; se não é humilde tardigrado, que se arrasta preguiçoso e confundido com a urze da charneca, tambem não é a aguia altiva, que encara ousada o esplendor do sol.

O outro, Anthero do Quental, imbuído de todas as virtudes, de todos os vicios do seculo, baloiçado e combatido pelas doutrinas scepticas e desoladoras do tempo presente, d'espaço a espaço illuminadas por um brilhante lampejo de vivissima fé, de confiança no futuro, não detem sequer um instante, nos tempos que já lá vão, o olhar perdido em vagas contemplações.

A esplendente luz da inspiração abre-lhe as portas dos mundos invisiveis, elevando-lhe a alma para o ideal e mostrando-lhe as suas aspirações realisadas: as cadeias, que

algemam o pensamento, partidas, as nevoas do futuro dispersas como fumo, a humanidade caminhando sempre, sempre, como Ashavero, aproximando-se pouco a pouco da perfeição infinita.

N'esse vasto quadro do progresso o Christianismo apparece-lhe como um passo collossal; um monumento gigante, um pharol luminoso; mas não o ultimo estadio da perfeição; — além dos mundos mais mundos, além da perfeição finita a perfeição infinita, além do real o ideal!...

As sarças do caminho não entorpecem o passo do audaz caminheiro, vae sempre ávante — um momento de reflexão, um volver d'olhos para o incendio de Sodoma, não o metamorphoseariam em estatua de sal? — e de que monta isso? — a phantasia sabe doirar tudo.

A doutrina do progresso indefinido prégada por Leroux e Pelletan, apesar de profundamente abalada e desmantelada pela logica de Proudhon e pelos anathemas de Lamartine, tem ganho adeptos em toda a parte. As consolações que derrama, o orgulho e a confiança que insufla, podem mais no espirito do que a aragem desoladora d'esse vento frio e regelado chamado Proudhon, e do que os raios d'esse pallido sol d'outomno, que tem por nome Lamartine — a illusão vence a realidade. É' mais doce, mais agradável, viver embalado por sonhos encantadores do que arcar com as difficuldades da existencia, do que encarar com as tristuras da vida real. Se essa crença no progresso indefinido não resiste ao ataque do raciocinio, se é um devaneio de imaginações brilhantes, tem prestado grandes serviços á poesia, tem feito desentranhar a lyra em sons bem harmoniosos, cheios de magica melodia, repassados de vivida esperanza! — e o Christianismo não fez da esperanza uma virtude?

O auctor da Primavera embalado no berço pelos murmuriós do Tibre, pelas cataractas d'Albano e de Tibur, pelo manso susurrar da fonte do Pausilippo, pelas ondas doura-

das do oceano que se quebram mansamente junto do cabo Sumium, pelo melodioso ramalhar dos pinheiraes do Ida, agitados pelas brisas tepidas do Oriente, por todas essas harmonias reflectidas nos versos de Ovidio e de Virgilio, de Mochus e de Hesiodo, pantheista e pagão, entregue todo ás saudades do passado, não crê nas aspirações do tempo presente. O poeta de Coimbra nasce na época da renovação em que as velhas instituições se desmoronam, em que o martello do iconoclasta derruba sem piedade as divindades gregas e romanas; nasce no tempo em que os homens crêem n'um só Deus, não são pantheistas, nem pagãos, nem atheus — atheus!... crêem em Deus todo poderoso; mas ousam travar uma lucta, arca por arca, com a divindade, novos Titans, collocam *Prometheu* sobre *Ashavero*, *Ashavero* sobre *Napoleão* e escalam os céos; nasceu no tempo em que Edgard Quinet, Renan, Victor Hugo, Hegel, Vico, Heine, tentando ultrapassar as raias, que separam o finito do infinito, quebraram as columnas d'Hercules, recuaram os limites de tudo; mas, fraco vislumbre de pejo! encobriram as suas aspirações, as suas arrojadas doutrinas, os seus devaneios, as suas profanações, com os nevoeiros metaphysicos e mysticos de Swedenborg e de Boehm; nasceu no tempo em que as intelligencias elevadas, sonhando um ideal para além do céu, procurando a idéa além do mundo real, não encontraram as mais das vezes senão o phantasma, a sombra d'ella, abraçaram a nuvem, julgando apertarem nos braços profanos a formosa Juno!

Castilho cultiva a fórmula, a feição litteraria, a harmonia e a melodia das palavras, cinzela a taça com perfeição; mas esquece-se do incenso oloroso, que dentro d'ella hade arder. Despreza Quental os labores, não cuida dos adornos, dos arabescos; escolhe só a essencia que hade lançar dentro do vaso, descurando cinzelal-o com esmero.

Deprehende-se d'isto, que levamos dito, que são diver-

sissimas as escolas dos dois contendores ; mas ha, n'uma e n'outra, bom e máo. São boas todas as escolas, não ha escolas más, ha máos artistas.

II

A reforma ou renovação romantica, que os vastos genios de Goethe, Chateaubriand e Byron operaram no mundo das lettras, ganhou adeptos em toda a Europa.

Philinto Elysio, respirando em Pariz as primeiras brisas da estação moderna, lançou em Portugal as sementes da revolução romantica com as suas versões dos *Martyres* e do *Oberon*, e Bocage, deslumbrado pela esplendente luz, que alumia a França, principiou insensivelmente a vasar, na estreita fórmula das regras classicas, a idéa romantica, mas ainda entorpecida pelos assumptos da invenção pagan; veio depois o auctor de D. Branca trazer o facho, que nos encaminhou pelas novas veredas. Mas a revolução romantica, no principio, estendeu mais a sua authoridade pelos dominios da idéa do que pelos da fórmula; se a fórmula foi um pouco alterada, deve-se achar a causa d'essa alteração na corrente impetuosa das idéas que arrastava os velhos padrões, modelando-os e reformando-os á feição do pensamento, que haviam de revestir. O que era bom era aproveitado e enfeitado, o máo repellido ou melhorado; mas comtudo o pensamento, como força primordial, sujeitou sempre o estylo á sua authoridade. Os sectarios da nova escola, depois, transviados da brilhante senda, illuminada pelo ingenho dos authores de Werther, de Atala e Childe-Harold, exaggeraram a fórmula e desprezaram a idéa. Era obvia a razão. Facil era variar a contextura do periodo, cambiar a harmonia, ajuntar palavras melodiosas, e difficilimo innovar o pensamento. O vôo ousado até o throno do Senhor, o pensamento soberano, o genio, a revelação

do poeta é luz que illumina poucas fronte; só os escolhidos, os eleitos, se elevam a tão altas paragens no extasis da inspiração. Raros são os videntes, as intelligencias elevadas que encontram o ideal, lembrança e saudade do céu que adeja no pensamento da creatura, ou aspirações anhelantes e anciosas para os sublimes esplendores do paraíso; só do coração dos verdadeiros poetas é que se desdobra a aza que transporta o espirito aos mundos invisíveis. A execução, pelo contrario, filha do estudo, é a arte material; por todos os lados a cercam alcantiladas muralhas; algemam-n'a as regras, as escolas e até as modas, e o circulo limitado, que lhe traça a imitação, não a deixa attingir as alturas aonde floresce o Ideal; mas se o lado subjectivo, o pensamento e a idéa escapam ao seu dominio, a parte pittoresca e objectiva, assim rodeada de tantos perigos e escolhos, quando é vasada n'um molde artistico, quando se deixa fecundar pelo Bello, tem direito a homenagem profunda.

A escola da fórma, julgou que o estylo constituia a primeira e unica belleza das obras d'arte, e considerando esse theorema como axioma, veio a naufragar nos parceis do ridiculo. Não podendo, ou não ousando, transpor a funda barreira que separa o finito do infinito, o visível do invisível, desprezou essa escola o pensamento — enlevada do amor do corpo, que havia de revestir a idéa, deixou escapar atravez dos seus dedos sensuaes a paixão e o ideal. Mas comtudo se não tinha essa escola o arrojo de ir roubar ao céos o fogo sagrado como Prometheu, deliciava o ouvido com musica harmoniosa e encantadora, se não elevava a alma, deleitava os sentidos.

Ha vinte annos a esta parte operou-se então uma nova revolução no mundo das lettras. A idéa, com o seu poder soberano, tendo ganho no desterro novas forças e ousadia, partiu as gramalheiras que a algemavam e campeou de no-

vo, ousada e destemida. Mas não se mostrou aos olhos de quem a procurava, nua como a Verdade saindo do poço, cercou-se de pudico nevoeiro, que só olhos d'aguia podiam atravessar. Até ahi a melodia e a musica das palavras nada significavam, depois a idéa, envolvida e encoberta em expressões sybillinas, em vagas abstracções, em symbolos mysticos, que só os adeptos e os iniciados podiam comprehender, arrojou-se a taes alturas, perdeu-se em tão alto voo, que quem ousasse segui-la até essas longinquas paragens arriscava-se á sorte de Icaro; mas que importa?... contemplava mais de perto a brilhante claridade do sol, os esplendores, que depois encontrava, pagavam-n'ó dos perigos que soffrera. Muitas vezes o audaz caminheiro transviava-se por entre os nevoeiros espessos e densos, que o cercavam; mas se a vontade era robusta, que luz divina vinha de quando em quando illuminar-lhe a frente!

Para encontrar o veio d'ouro, escondido nos seios da montanha, que escuridões é preciso atravessar, que perigos, que horrores! mas não augmenta depois o prazer com a reminiscencia dos penosos trabalhos que se soffreram? Que difficuldades em comprehender a Biblia! mas que alegria tambem quando algum tenue clarão nos esclarece o mystico sentido das palavras, escriptas sob a inspiração divina!

Escutemos bater o coração e arrojemos o odioso cilicio; deitemos por terra tudo o que estorva o ar vivo das montanhas e das florestas, e as frescas brisas do oceano, de afagarem as fronte inspiradas. E' o methodo o valhacouto dos estereis; a republica das letras vive do ar, do espaço, do imprevisto. Mas tambem, terrivel dilemma! o que é um livro sem estylo? de que vale? que significa?

O estylo constitue a primeira belleza d'uma obra litteraria — é verdade mil vezes repetida; mas verdade quasi sem objecção. Mudam as idéas, tomam novo curso, succe-

dem-se umas ás outras como as vagas do oceano, e se o estylo as não adorna, se as galas da linguagem as não enfeitam, as não endeusam, o livro lido hontem com interesse, com entranhado prazer, é hoje repellido com tédio e fastio. Se o livro tiver estylo viverá ; atravessará, brilhante e esplendente, as idades futuras, faltando-lhe essa condição, entre o levantar do sol no oriente e o mergulhar-se no occidente, desaparecerá da face da terra a sua memoria, ainda que o sentimento do infinito transpareça em todas as suas paginas.

Não ha contradicção no que dizemos; o que se deprehende fatalmente d'aqui, é que a critica tem o direito de procurar nas obras d'arte, o que se encontra na creação; o pensamento e o estylo, o espirito e a fórmula, a intelligencia e o corpo, que a reveste: será um inspirado sublime, um semi-deus aquelle, que reunir estas duas forças.

Não é sómente a poesia o perfume das flores da terra, nem a chamma accesa nos céos, é necessario que o perfume habite um calice trabalhado por Deus, é forçoso que o finito se não separe do infinito, que o Bello visível falle do Bello invisível, como a creação, o universo, fallam de Deus.

Mas assignalados serviços fizeram á litteratura estas duas escolas. Se a escola da fórmula não tinha o vôo ousado, que eleva a alma até ás regiões do infinito, se sensual e material, violava os mysterios do coração e não tinha o segredo de os possuir, contribuiu poderosamente para apurar e enriquecer as linguas; a outra se desprezava os ouropeis, com que se enfeita o pensamento, se escreveu sem freio, sonhando por toda a parte um ideal para além do céu, elevou o sentimento moral rebaixado, e manteve as aspirações do espirito, levantando a alma e o coração para as celestes visões dos mundos melhores, sem as quaes a terra seria um vasto e triste deserto.

III

A Arte, a Poesia, na sua missão suprema, devem aspirar sempre ao infinito, trepando a montanha invisível, que desce até aos nossos pés, e que se eleva até o throno de Deus. Sobre essa alcantilada montanha é que floresce o Ideal. São necessarios vontade robusta e impulso divino para subir até á extrema agulha — a poucos é dado lá chegar! O cansaço e a fadiga prostram os caminheiros, alquebrados e sem forças, a metade da encosta; mas, quem não tiver os pulmões assaz vastos para chegar até á corôa do gigante alcantil, tome por uma larga estrada, que se abre na lombada do elevado monte, enroscando-se nas suas viçosas e verdejantes fraldas; ao cabo d'esse caminho, encontrará o viajeiro a verdade, a outra face radiosa do Bello. Ha duas sendas a seguir para attingir o Bello — ou caminhar pela terra, ou elevar-se aos céos, ou o sabor agreste da natureza, ou as pulsações do coração, ou o vôo ousado da aguia, ou o rastejar da timida arvéola. O Ideal e a Verdade, eis os dois supremos caracteres da Arte, da Poesia. Mas que Jano potente reúne as duas faces radiosas do Bello?...

Mas comtudo o Bello, o *esplendor do Verdadeiro*, encontra-se sómente no ideal — entre a verdade, que os nossos olhos podem encontrar e a verdade que a arte deve escolher, ha um abysmo. — O fim supremo da Arte não é a realidade; não se deve a invenção limitar a traduzir, a copiar servilmente a natureza, tem um fim mais nobre, mais elevado: transformar, interpretar, comprehender a realidade na sua significação mais íntima, e achar para essa significação, isto é, para a Verdade, uma expressão cabal e completa. Desconhecer a distancia que separa a realidade da verdade, é desconhecer a propria essencia do

Bello — não ha arte sem a amplificação, sem a interpretação da natureza.

O estudo e a reproducção litteral da realidade são um ensaio util, uma prova indispensavel, uma como que iniciação; mas a realidade nunca deve ser o fim, o alvo, aonde se dirigem os esforços do Artista; cumpre, que seja um meio, e nada mais.

A imaginação humana, manifestando-se sob as suas formas diversas, deve seguir este trilho para attingir o Bello, e a poesia que dimana directamente da imaginação, que faz, por assim dizer, parte da sua essencia, que é quasi a antithese da realidade, deve elevar-se sempre para as regiões sublimes, para os mundos ideaes, solta dos asperos e incorrectos limites da natureza. Não é sómente a Arte a combinação judiciosa dos elementos da realidade, a reunião de parcelas reaes escolhidas com discernimento e criterio, é a transformação logica, mas ousada e atrevida, da realidade.

A lucta travada pela escola *realista* é uma lucta insensata, é uma lucta acima das forças humanas; porque é insensata, porque é acima das forças humanas, a esperança de reproduzir a natureza, de copiar a realidade. Não prendem a admiração as obras *realistas*; o pensamento que presidiu á sua criação basêa-se n'um principio falso e impotente, traz consigo a morte. E é obvio o motivo d'essa impotencia: é impossivel reproduzir a natureza com meios tão differentes d'aquelles de que ella dispõe.

Exaggerar, amplificar a verdade, não é renegal-a. E' um dom sublime, divino, da phantasia crear segunda vez a realidade, metamorphoseando-a. Não é a natureza mais bella, não se adorna com galas mais vistosas, illuminada pelos esplendores do sol da Primavera?...

Osnr. Anthero do Quental que tentou subir até os altos pinheiros onde floresce o Ideal, e o snr. Castilho, que seguiu pelo

caminho da Verdade, encontraram o Bello? O que pesará mais nabalança? os vãos ousados do auctor das Odes modernas, livres das peias do estylo, ou o rastejar do cantor da Primavera, adornado com as galas da linguagem, enfeitado com os europeis da fórmula? É o snr. Castilho um architecto habil, ou ajuntou os materiaes e não soube construir o edificio? A escola de Coimbra encontrou o Ideal, ou abraçou como Ixion uma nuvem phantastica, uma sombra?

Difficil é a resposta; difficilima para nós, que não queremos aventar um juizo erroneo.

A escola de Coimbra envolveu os seus pensamentos, a sua doutrina, em nevoeiros talvez metaphysicos de mais, cahiu em monstruosa exaggeração — e a exaggeração não é um indicio de depravação de gosto?.. e esses nevoeiros, que teem uma harmonia intima, um laço mysterioso com a fria atmosphaera do Norte, que povôa de phantasmas os campos e as florestas, poder-se-hão transplantar para os climas do sul, terão a mesma razão de ser, diante dos esplendores do sol do Meio-dia, do sol de Portugal?

É necessario ser um iniciado n'esses mysterios d'Isis e de Eleusis, um hierophante, para encontrar, por entre esses hieroglyphos, o pensamento e a idéa, é necessario ter o fio de Ariadna para penetrar n'esses labyrinthos — e penetrando... que montões de duvidas! Quando se solta assim tão alto vôo, para as elevadas regiões do desconhecido, deixa-se á porta a Verdade, como esses aventureiros, que não vendo a fortuna junto do seu modesto e humilde lar, vão, atravez de mil perigos e fadigas, procural-a em longinquas plagas.

Será a aza da sabedoria que encaminha os sectarios da escola de Coimbra para esses incognitos paizes? viajam... chegarão ao porto?... mas será tambem a fórmula das poesias do snr. Castilho haurida na pura e crystallina fonte do Bello? Duvidamos.

As poesias do auctor da Primavera são reflexos das tradições gregas e romanas, são imitadas dos poetas da antiguidade pagã, com um pronunciado ressaibo do seculo deoito; é o snr. Castilho um Theocrito enxertado n'um Florian; mas muito, muito superior ao auctor de Estella, e quasi igual ao poeta da Grecia. Além de transparecer nas poesias do snr. Castilho a imitação da antiguidade, adivinham-se tambem n'ellas as numerosas e primorosas (?) versões gregas e latinas.

Não apuram o gosto as traducções, pelo contrario estragam-n'o. Fundamentaremos este asserto.

E' impossivel conhecer-se e avaliar-se o merito d'um auctor estrangeiro, quando principalmente o merito se baa no estylo e na dicção. Os pensamentos, que pertencem ao coração, que são cosmopolitas, sim; porque basta possuir-se uma alma elevada e uma intelligencia robusta para comprehendel-os; mas a dicção e o estylo, que teem uma terra natal, um sol que lhes pertence, não. A individualidade, a nacionalidade dos escriptores, dos poetas, teem mysterios que só um compatriota pôde penetrar.

Se isto, que acabamos de dizer, passa como aphorismo em relação aos auctores modernos, é um axioma a respeito dos escriptores da antiguidade, separados do tempo em que vivemos por longos seculos, e escrevendo n'uma lingua cuja prosodia se ignora.

Como se poderá fazer idéa da harmonia da prosa de Demosthenes ou Cicero, da melodia e da cadencia dos versos de Virgilio ou de Hesiodo, articulados e recitados com as regras de pronuncia e de accentuação dos idiomas modernos e escutados por ouvidos de *Barbaros*?

Por melhor que se conheça um idioma estrangeiro, nunca será possivel penetrar no sacrario intimo dos seus mysterios; bade-se confundir milhares de vezes o fogo fatuo com o esplendor do sol — falta o leite da ama, faltão essas primeiras pala-

vras, brandamente murmuradas ao ouvido da criança, preza ainda dos seios maternas.

E reflectindo, imitando a fórma que se não conhece, o estylo que se não pôde avaliar, não é seguir um caminho errado?

Se a Musa do snr. Castilho não bebeu na fonte de Hipocrene, se saudosa, busca a inspiração no passado, a prosa do auctor dos Quadros Historicos, tambem vasada pelo molde dos antigos escriptores portuguezes, não segue e acompanha o curso das idéas modernas, retrocede com saudade para os tempos que já lá vão; não se deixa ir brandamente ao som da agua, lucta contra a corrente do caudaloso rio, tentando, sem cessar, attingir o monte d'onde rebenta e se desentranha o manancial.

E este combate entre as idéas novas e as antigas, combate, em que estas ultimas ficam sempre vencedoras, não será indício d'um gosto pouco apurado? . . . De que monta que a linguagem seja bôa, se é máo o estylo?

Deve a linguagem ser filha legitima da lingua materna, ter com ella semelhança viva, como que concebida em união amorosa; mas assemelhar-se como uma rapariga formosa e louçana se assemelha á sua mãe. Deve, entre a belleza, os attractivos viçosos e frescos d'uma e os encantos murchos da outra, haver uma relação de parentesco, uma harmonia, um laço intimo e mysterioso; mas não se devem sulcar com fundas rugas as faces da gentil donzella, embaciar-lhe o brilho dos olhos, desmaiar-lhe o encarnado dos labios, denegrir-lhe o branco esmalte dos dentes, substituir-lhe as louras e abundantes madeixas por cabellos encanecidos, para a semelhança ser mais perfeita, para não haver duvidas sobre a genuinidade do parentesco.

Basta, que a imaginação transportada ao futuro, reconstrua na filha os estragos, que o tempo fez nos encantos da mãe, e resuscite no rosto d'esta, atravez das nuvens do passado, os attractivos viçosos, a frescura da mocidade, e as ache depois no pensamento eguaes, gemeas, uma Sosia da outra. Mas n'um barranco talvez mais fundo tropeçou o auctor das Odes Modernas.

Muito lido e versado nas litteraturas do Norte, os vocabulos variados que lhe embaraço a memoria tornam-lhe confusas as percepções; quando lhe apparece a idéa, não sabe o véo com que a ha-de envolver: *pensou-a* o cérebro em differentes linguas, e d'essa união resulta um aborto multiplice e indigesto de concepções synchronas. Carece a idéa d'esse typo de paternidade e raça, sem o qual as obras da intelligencia se assemelham a massas nebulosas. A idéa mais verdadeira não passa muitas vezes d'um enigma indecifrável, se o homem que a concebeu não soube escolher a fórma que lhe convem.

Não deitemos no leito de Procusto nem o sabio auctor da Primavera, nem o inspirado poeta das Odes Modernas; sejamos eclecticos; saibamos distinguir as bellezas, que brilham nos escriptos d'ambos. Se unicamente considerarmos o merito litterario, qualquer das obras do snr. Castilho pesará mais na balança do que tudo o que tem escripto o snr. Anthero do Quental; mas para quem, n'este valle de lagrimas, se quizer sustentar d'ambrosia e de ideal, viajando com a imaginação pelos esplendores dos mundos invisiveis, dos mundos melhores, que differença entre o poeta philosophico e o poeta pagão, entre o Artista que procura o Bello no Ideal e o Artista que julga encontral-o na natureza, na verdade! entre o sectario da escola *realista* e o adorador fervente do idealismo!

IV

Hoje em dia não ha convicções profundas; o vento gelado do scepticismo varre e dispersa como impalpavel poeira as persuasões intimas. Duvida-se de tudo; o sol que viu nascer uma opinião, presencêa-lhe varias phases e metamorphoses, e assiste-lhe á agonia. A liberdade, o espirito de nivellamento e de moralidade, o odio das superioridades, a inveja emfim, manifestada sob a fórma da democracia, invadiu os dominios da litteratura, como já invadira o resto da sociedade. As theocracias, as aristocracias litterarias cahem por terra desfeitas em pó: não se reconhecem mestres nem authoridades, nem se admittem regras. São consequencias do progresso do seculo.

Todos pronunciam e se arrogam o direito de julgar, segundo as suas luzes, o seu gosto, o seu systema, a sua escola, o seu odio, ou o seu amor. E' uma lucta de morte travada entre a inveja, origem de todo o poder democratico, e o orgulho, pae de todas as aristocracias.

E' este o motivo porque nada provam as insinuações do snr. Castilho contra Anthero do Quental nem o « Bom-gosto e Bom-senso » d'este ultimo. O despeito guia a penna de um, e a diatribe do outro foi dictada sob a inspiração d'uma paixão vingativa — despeito e vingança! mãos affectos e pessimos conselheiros! Mas não será a manifestação d'uma vingança mais attendivel e desculpavel, que a manifestação d'um despeito mesquinho? Julgo que sim — presuppõe a vingança uma offensa primordial, o que d'algum modo a justifica e legitima.

Desceu do Olympo o snr. Castilho e veio á arena combater; mas, dura fatalidade! era o seu antagonista um novo Diomedes. Arcaram ousados os dois campeões, e o Deus pagão, rotas, aboladas as armas, apartou-se mal ferido da peleja — que importa que os seus golpes fossem tambem certos? estava consummado o sacrilegio.

Tira-se d'esta guerra litteraria uma moralidade: Deus não, mas os deuses pôdem ter as armas falseadas — de nada vale a tempera do Styge — pôdem ser feridos, se o braço que lhes atirar os golpes fôr robusto, forte e armado pela justiça — mas haverá perdão para o crime de lesa-divindade pagan?... se o meu bastasse...

Porto — 20 de Dezembro de 1865.

AUGUSTO MALHEIRO DIAS.

M 998

100 RS.

1525 17

GARRETT, CASTILHO, HERCULANO

E A ESCOLA COIMBRÃ

OU DISSERTAÇÃO

Á CERCA DA GENEALOGIA DA MODERNA ESCOLA

CONTENDO

UM ESBOÇO RÁPIDO E PITTORESCO DA LITTERATURA CONTEMPORANEA

PELO

ERMITA DO CHIADO

LISBOA

IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

1866

GARRETT, CASTILHO, HERCULANO

E A ESCOLA COIMBRÃ

OU DISSERTAÇÃO

Á CERCA DA GENEALOGIA DA MODERNA ESCOLA

CONTENDO

UM ESBOÇO RÁPIDO E PICTÓRICO DA LITTERATURA CONTEMPORANEA

PELO

ERMITA DO CHIADO

LISBOA

IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua de Caldeira — 17

1866

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO FAHA
DECEMBER 3, 1928

N

«Surgiu a nova escola! Hossana! Anthero do Quental, que por felicidade propria e nossa, escrevera um *fiat lux*, apresentou-se-nos com outro ha pouco, petiscando com o fusil da idéa na pederneira do infinito. Surgiu a nova escola! Bravo! Temos luz. Nasceram novos soes, que descambando lá do ether da mais pura esthetica, vieram rebolando até á terra. Isto vae ás mil maravilhas. Luz por todos os lados. É um louvar a Deus. A sociedade portugueza é de todas a mais esclarecida, graças aos novos phylosophos. A patria reconhecida deve erguer-lhes um mounmento. Agora que o mundo novo se alça por sobre as empenas e fustes dos parthenons antigos, e cobre de laçarias as ruinas carcomidas; agora que as sociedades, vendo enfim reluzir por entre o negrume do futuro o facho—reflexo do passado—que ha-de guial-as no seu caminho para a perfectibilidade; incumbe á poesia ser locomotiva infrene que conduza e arraste a humanidade á conquista dos seus destinos sacrosantos. Agora sim. A poesia é a phylosophia em verso, é o rythmo que embala a idéa no seu balanço pelos intermundios; é a modulação...»

Isto e muito mais ouvia eu da boca de um visinho, que é um Hegel derramado, capaz de metter n'um chinello o Sousa Lobo. Puz-me porém a meditar, e adivinhe o leitor o que me aconteceu? Peguei em mim e fui comprar as obras dos amigos phylosophos, que dirigem a humanidade.

— E que tal! dizia eu com os meus botões. Ainda ninguem intentou provar que eu seja um macaco, ou qualquer outra alimaria da terra, como diz o Padre Vieira. Logo, sou homem, e como tal pertengo á humanidade. *Homo sum, nihil a me humani alienum puto*, diz Terencio e digo eu. Ora se sou parte integrante da humanidade, aonde diabo irei dar com os ossos, se não souber de cór e salteado os dictames da phylosophia?

Corri pois os livreiros, comprei o Anthero a peso, o Theophilo a medida, e sem peso nem medida a toda a caterva de phylosophositos, que estes patriarchas açularam contra o Castilho.

Eu cá, amigo leitor, vivo com muito cuidado no meu escondido.

so, para não escorregar, por isso nem mesmo tinha lido as diatribes, o *jus verrinum* (direito de Verres, ou çumo de porco?) dos rapazotes recachos contra o velho Castilho.

Não se admire. Acostumei-me a chamar ao Castilho grande homem, e mal o ouvi alcunhar de homem grande, como quem quer dizer outra coisa, fiquei tão mofino, que não quiz saber de mais nada.

Mas como se tractasse de phylosophias, comprei tudo, e passei tres dias de amargura. O caso é que não entendi nem palavina do Anthero. Aquillo é o diabo, não é homem. Escreve charradas, como quem bebe agua. E o Theophilo? Oh! que estupendo massador! Aquelles prologos são uma especie de arca de Noé, aonde baila a bicharia de todas as litteraturas, são o cavallo de Troia, de cuja barriga saíram coisas do arco da velha. É um homem começar a ler, dormir a somno solto, accordar, ter perdido o fio, recommear no principio, dormir outra vez, accordar de novo e assim successivamente, *usque ad infinitum*, tal é o effeito dos taes prologos. O Theophilo descobriu o verdadeiro charope das dormideiras, que a sociedade pharmacologica de Londres mandou buscar ao Thibet, e inventou o *motu continuo*, que nenhuma academia acceita.

Passei a ler os versos. Cheguei á bachante e gostei. Aquillo era *piteira* de tremer. Bom! bradei eu. Se o mundo reformado correcto e augmentado pela phylosophia é assim, fica um mundo de borrachões. Passei em seguida ás *Ceias de Nero*. Mais piteira! Este senhor Theophilo é pelos modos proprietario de vinhedos, pensei ingenuamente. Não falla senão em bebedeiras e orgias! Nada. Isto não presta. Não gosto desta phylosophia. Voltemos ao Anthero, disse abrindo a bocca sem querer. Deitei-me ás *Odes Modernas unguibus et rostris!* Não havia metter dente naquelle manjar. Sarças, mattos, maninhos, covis, fojos, algares, tudo lá encontrei, e depois de percorrer o labyrintho, cheguei ao cabo todo molesto, ensanguentado e em farrapos. Aquellas *Odes* são um atalho por dia de nevoeiro. Decididamente, bradei berrando como um possesso, ou eu sou muito bruto, ou o tal Anthero esteve a zombar com o publico. Deus nos livre que o mundo se reformasse assim. Andavamos todos ao cachação, porque ninguem se entendia.

Deve o leitor ter notado que eu sou teimoso, como um ethiope. Por isso, tendo-me mettido em phylosophias cá da terra (que lá nas germanicas ninguem me apanha) comprei os folhetos pró e contra o Castilho, e devorei-os. Quando li o do Theophilo puz-me a rir ás bandeiras despregadas. Safa! Que linguinha de prata! E o de um tal Elmano da Cunha! E o de um Portocarreiro! Que sucia de desconchavos!

Zangado e aborrecido de tantas phylosophias e reformações sociaes; amofinado com as descomposturas mutuas e até com a lista dos nomes que o Julio de Castilho publicou, desadorando de ambos os partidos, mas pendendo sempre um pouco para a escola, em que me creei, voltei para o Chiado e prosegui na minha vida antiga.

Mas debalde procurei o socego, que não pude encontral-o. Fôra mordido pela tarantula, era-me necessario dançar. Lembrei-me então de buscar a genealogia da nova escola, a qual, por isso que é portugueza, ha-de filiar-se de algum modo em tradições portuguezas, porque nas allemãs não creio, pois os rapazotes entendem tanto de pantheismo transrheno, como eu.

Lembrei-me tambem que um bello talento francez, M. de Jouy, com o pseudomynho do *Ermite de la Chaussée d'Antin*, azorragou os litteratiços do seu tempo, os romanticos façanbudos e os classicos rotundos.

Lembrei-me ainda, que no seculo passado houve em Londres um famoso Junius que tosou impiedosamente os phylosopharrões e poetas impolvilhados seus contemporaneos. Arrastado por tão preclaros exemplos, disse de mim para mim: Não quero arcar com a *phylosophada* moderna. Siga cada qual o seu caminho. Mas eu, que ha tantos annos vejo passar todos os litteratos cá do meu posto, eu que tenho sido espectador de todos os acontecimentos litterarios, posso, sem esforço, fazer um serviço á historia, ou pelo menos á caricatura, buscando a genealogia tradicional da nova phylosophia. Quem sabe se os rapazes não fazem senão exaggerar os exemplos legados pelos magnates, que hoje pompeiam por ahi?

Meu dito, meu feito. Puz mãos á obra, e apresento ao leitor o que safu

II

Leitor! Não espere que eu lhe falle de Mendes Leal, que começou pela judiaria dos *Dois Renegados*, lançou muita luz no palco, gastou a vida a rimar *aguia* com *pague-a* ou *apague-a*, e levado pelo seu entranhado amor dos trocadilhos, querendo fazer uma grande Marinha, fez uma Marinha grande, sem n'isto offender a fabrica dos vidros.

Callarei Rebello da Silva que se obumbra em Historias impossiveis, teceu ha pouco um romance, que é brinquedo de titeres, verdadeira phantasmagoria, da qual o Walter Scott se está rindo mesmo na tumba, agarrado ao seu Woodstock, e afim de cimeu-

tar a sua gloria, imaginou o bom do Philippe I navegando Nãõ a baixo em alteroso bergantim para ir da foz ás Cortes de Thomar.

Esquecerei Teixeira de Vasconcellos, Quixote litterario, que escreveu o *Prato de Arroz Doce*, que mais parece arroz de substancia, porque cheira a refogado, que tresanda, e bem assim o Palmeirim, com os seus veteranos da Peninsula, barão de Grimancellos litterario; e o Camillo, cujos romances são receitas aphrodisiacas para corações enfermos; e o Julio Machado, que mesmo antes de viajar esqueceu bastante o portuguez; e o Pinheiro Chagas, Ashawerus litterario, homem das botas de sete linguas, que deu agora uma passada até ao Mexico no baixel da *Revue des Deux-Mondes*, Dumas portuguez, ainda mal para o seu grande talento; e o Latino, que não sabendo patavina de cristaes, tem uma linguagem cristallina, tersa e limpida e.... al não diz; e o Vieira de Castro, que tem inchaço na lingua, e anda agora, qual funileiro ideal, a *soldar a argamassa dos tumulos*, que os partidos mortos arrombaram com o rijo craneo; e o Osorio de Vasconcellos, que muitas vezes é litterato em sciencia, e scientifico em litteratura, e cujo estylo é tão imaginoso, que ás vezes não passa de imagem; e o Julio de Castilho, que

mata o tempo co' sorriso,
emquanto o tempo o não mata
não herdou lingua de prata,
talentinho lhe diviso;

e o Eduardo Vidal, poeta de sentimento e de fôrma, prosador de grã chateza, *cavaqueador* insupportavel; e o Bulhão Pato, mestre de Vidal como se appellida agora, Méry no cavaco, hespanhol no gesto, portuguez no coração, alma de foguete, poeta como poucos; e o Jaime Moniz, que é tão profundo, que vive n'um poço, talvez para não ouvir o Bulhão Pato dar lição; e o Tullio que é venerando com os codices, dá-lhes continua alimpa e apesar de inventar o noticiario em Portugal, quasi sempre lhe fallece a veia; e o Viale, que é grego com Homero, latino com Virgilio, italiano com Dante, e a um tempo grego, latino e italiano com os portuguezes; e o Thomaz Ribeiro, talento soberbissimo, ignorante de lei, que fez do seu heroe um bêbedo, encarece a litteratura hespanhola e não teme que lá divisem a inspiração que o guiou; e o Ricardo Cordeiro, que foi Ricardo Coração de Leão na *Sociedade elegante*, e cordeirinho no *Cura d'almas*, que é perfeito *agnus Dei*; e o Correia de Barros, que com o drama *A Nobreza* ateiou o incendio, que lhe lavrava no intimo; e o João de Lemos, vate legitimista, mas nem sempre poeta legitimo; e o Pereira da Cunha, que escreveu o S. Pedro, e não acha Messias

que lhe dê a pedra, sobre a qual possa fundar a sua egrejinha eleitoral; e o Santanna de Vasconcellos, cujos versos não tem o refeito e pujança do auctor; e o Thomaz de Carvalho, mais perigoso pela lingua do que pelo bisturi, Mephistopheles de sala, que um dia fez o papel de Fausto e escreveu uma bella memoria osteologica; e o Bernardino Pinheiro, romancista mosarabe, que tem a ingenuidade de chamar a um banco um escabello; e o Marecos, poeta-membrudo, que fez de uma preta uma heroína scandinava; e o Soares Franco, que foi theologo na *S. Izabel*, e magico na *Cruz do Captiveiro*; e o visconde de Gouvêa, que acordou ha pouco com os Gutterres, como se vivessemos ainda na época saudosa dos *solaus*; e o Olympio de Freitas, ex-folhetinista, poeta-satyro e de talento, para quem todas as mulheres são Omphales... em folhetim... e sem Hercules; e o Eduardo Garrido, que sonhava com o pomo hesperideo quando escrevia a *Pera de Satanaz*; e o Biester louraça incorrigivel, que ao contrario da fabula, é uma rã a parir montanhas dramaticas, cujas chapadas são asneiras, ou cujas asneiras são chapadas; e o Cunha Bellef, phylosopho *crainitif*, que procura aonde está a infelicidade, como quem procura aonde está um diamante; e o Arnaldo Gama cujo busto hade figurar nos braços do Porto, como o Walter Scott da terra; e o Andrade Corvo, pipia fluente com pescoço taurino, dramaturgo inclassificavel, agronomo que ignora o plantio das couves, e no fim de tudo, homem de talento e aptidão; e o José Horta, cujos olhos arremettem com as nuvens, cabeça com pretensões a abano, bigode hirsuto, e litteratura scientifica mais hirsuta ainda; e o Gomes Monteiro, cujos *Echos da lyra teutonica* esmoreceram do Danubio ao Douro, com quanto o imitador ficasse respeitado, porque ao menos foi intelligivel e castigo; e o Soromenho, Caligula romantico, seide do Herculano; e o Antonio de Serpa, cantor do *Corsario* ou de coisa que o valha, rosto magro e pallido, olhos amortecidos, palavra mordaz, inquisidor disfarçado; e o Innocencio da Silva, billiographo meodramatico, trapeiro de folhetos, vidente da poesia dos codices; e o Andrade Ferreira, que espicaça como critico e como auctor escreve a *Camisa Picada*; e o Rodrigues Cordeiro, que se não foram prejuizos de nome, podia figurar na *Corte na Aldea* do seu conterraneo Rodrigues Lobo; e o Pedro Diniz, que ensina em verso a berraria dos animaes, e para os imitar falla prosa gongorica; e o Francisco Palha, que transformou a arte dramatica em tragedia heroi-comica; e o Ricardo Guimarães, que falla pelos cotovellos, e escreve com os cotovellos, tão maneirinhos e arredondados lhe saem os periodos... da sua *litteratura politica*; e o Ramalho Ortigão, que para não mentir ao nome, saiu-se como Mambrino pedagogico, a fazer cama de *artigos* aos

contendores, julgando-se arvore *ramalhosa*, mais admiravel do que as de Holberg; e o Manuel Roussado, que apesar de não escrever as *tempestades sonoras*, é sonoro como o *sino grande*, que tantas vezes invoca... ou inboca; e o Ayres de Gouvêa, pythonisa humanitaria, variedade *macha* das *Précieuses ridicules*; e o Eduardo Coelho, chefe dos *claqueurs* litterarios, desses *Ugolinos* descarnados que rastejam na baixa litteratura.

Todos estes que ahi puz sem ordem e ao correr da penna e muitos mais callarei ainda. Não foram elles os que iniciaram a litteratura moderna; não foram chefes de escola; não ensinaram; não beberam na Hippocrene que rejuvenesceu as molas já gastas dos nossos avoengos. Os primeiros, os que innocularam o *sarrete* caracteristico, os que lançaram as primeiras sementes, foram Garrett, Castilho e Herculano.

Fallaremos de cada um delles. Apresentemos-lhe as feições com meia duzia de linhas; tracejemos-lhe os caracteres; delimitemos a sua influencia proxima ou remota.

III

A tout seigneur, tout honneur.

Comecemos por Garrett. Eis um grande vulto, um genio creador, um varão respeitavel, um espirito sagaz e atilado, um caudilho valoroso, um homem emfim, que nas letras portuguezas influiu como grande genio, e profundo erudito, que era. Ao passo, que seguindo o exemplo dos bons mestres attendia á correcção de forma e ao atticismo do estylo, espirito irriquieta, penetrante, investigador, mobil, expansivo, voltou-se para todos os campos da litteratura, foi poeta, orador, politico, prosador, historiador, em tudo foi grande, em tudo foi o maior dos portuguezes. Dotado de immensa agudeza e perspicacia, capaz de altas admirações, como todos os grandes genios, que nunca são invejosos, Garrett foi o luminar da moderna litteratura, luminar que uma vez extincto, nunca mais ninguem pode reacender.

É que os genios não se improvisam. Garrett creou-se com os classicos, mas a sua imaginação librava-se já a mais altas regiões. Mas nem por isso deixou de estudar profundamente. Era erudito como poucos. Ahi está o *resumo da litteraturu classica* a affirmar a muita sabedoria e a fina critica do auctor de D. Branca.

Fazendo de Phylinto o chefe da renovação litteraria, que elle inaugurava, Garrett ao tempo que escrevia dois poemas, entre-

via em sonhos o *Cancioneiro*, traçava os primeiros filamentos dos seus dramas, e seguia, não como discípulo, mas como companheiro, e muitas vezes com superioridade, as tentativas dos innovadores da litteratura franceza.

Garrett é o patriarcha, que os litteratos portuguezes devem invocar, porque era portuguez de lei, não mareava as nossas joias com europeis estranhos. Garrett creou o theatro, inventou o folhetim, aclimou o *humour* de Stern, renovou a eloquencia, avivou a poesia popular, engrinaldou a lyra portugueza.

O seu testamento é glorioso. Deixou-nos um formoso legado composto de obras-primas. *Merope* e *Catdo* reminiscencias de Voltaire temperadas pelo genio peculiar do auctor, o *Parnaso Lusitano* modelo de selecção, a *D. Branca* episodio epico incomparavel, *Camões* elegia sublime, o *Cancioneiro* repositorio de esplendores sem reproches, as *Viagens na minha terra* desespero de folhetinistas e romancistas, *Um auto de Gil Vicente*, aureo reflexo de uma época memoravel, o *Alfageme* tão portuguez, tão nosso, que nos obriga a cantar com Froylão e a combater com Nun'Alvares; o *Fr. Luiz de Sousa* drama de primeira ordem, modelo eterno do genero, o *Arco de Santanna* tão cheio de allusões finissimas, e aos sessenta annos, admirai berberes, curvai-vos mosarabes, batei nos peitos rapazes-velhos, aos sessenta annos Garrett, sempre juvenil, escreveu de um jacto as *Folhas caídas!*

Isto não se faz agora.

Pois o grande homem nunca foi obscuro, antes primou sempre na clareza. Não empregava archaismos e neologismos; esquecia os ruins exemplos de Phylinto; não phylosophava, sentia. Era verdadeiramente portuguez; tinha a difficillima chaneza de Gil Vicente, aquella simplicidade e graça no dizer, que ninguem imita, porque é dom natural.

Sabia muito, mas não blazonava. Assim que, foi o unico homem da revolução, foi o fundador da nova litteratura, o patriarcha da religião, que se alevantava.

Aos Chateaubriand, Lamartine Stael, Hugo e Vigny da França; aos Byron, Scott, Moore da Inglaterra; aos Goethe, Schiller, Tieck, e Herder da Allemanha, ou á côrte de Weimar; aos OElenschlæger da Dinamarca; aos Poutchkin e Gogol da Russia; aos Manzoni, Leopardi, Niccolini, Tommaseo e tantos outros de Italia; aos Espronceda, Rivas, Zorrilla e Larra da Hespanha, respondemos com Garrett, porque este fez em Portugal o que aquelles fizeram no seu paiz — assentou a litteratura no genio nacional.

Garrett não pôde por tanto ser o pai da nova escola coimbrã. Garrett era portuguez de lei, era verdadeiro poeta, e o rouxinol não gera ursos.

Fallemos agora de Castilho, desse rei lyrico, que uns torvos bussitas querem destronar, sem que elle lhes tire a pelle com uma *tosquia*, e faça um tambor della.

O que é Castilho? Qual o papel que representa na litteratura contemporanea? Que logar lhe cabe? Analysemos.

Castilho é, como disse Amaro Mendes Gaveta, o rei do verso e não o rei da poesia. Para isso falta-lhe o sentimento. Castilho é como os cantores, que, segundo a expressão musical, cantam de cabeça.

Quando o vemos alar-se batendo azas de falsa inspiração, lembra-nos o aerostato inchado de gaz, que se bambolêa nas alturas, e não a aguia altaneira, que se libra rapida e senhoril e fita o sol.

O Ovidio portuguez, erudito insigne e sapientissimo, metrificador sem rival, espirito sarcastico, perspicaz e agudo, não é poeta, apesar de todos os seus esforços.

Os seus versos lembram a perfeição de Sapho, podem até comparar-se a Niobe, que entoraa sobre um tumulo a urna de prantos, mas não recordam a grandeza sculptural de Judith nem as lagrimas da virgem christã, que por tarde de outomno, quando o sol se esconde nas cumeadas, reza na cathedral gothica sobre a campa do amante, que morreu na refrega.

Castilho é a perfeição grega combinada difficilmente com o lyrisimo moderno.

Em todas as suas obras se nos deparam a cada passo recordações hellenicis.

Ah! É que Castilho não pôde ver a natureza, não tem olhos para a contemplar, e só na natureza está o verdadeiro sentimento.

Por isso é poeta artificial e postigo, chora a compasso, o seu pranto é rythmico, e como a actriz grega, que representava uma tragedia de Eschylo, tanto estuda o choro, que a final pôde desafiá-lo o riso da platêa.

Falho por tanto de sentimento e de inspiração; perseguindo debalde a Laura inspiradora assim em Castalia como em Vaucluse; frio desde as cartas de *Echo a Narciso* até á *Epistola ao Imperador do Brazil*, Castilho não só não podia competir com Garrett, mas outro logar lhe cabia.

Quando raiou em Portugal a aurora litteraria logo após a aurora politica; quando a liberdade assomou no horizonte de envolta com as auras da poesia romantica, Castilho que já havia es-

tudado profundamente as litteraturas classicas e convivera em intimo trato, nos cerros do Caramulo, com as nove irmãs, ficou tomado de espanto subito ao ver a reforma litteraria. Não desanimou com tudo. Poz-se a trabalhar de novo, honra lhe seja, e ajudado pelo seu grande talento e pela fama já adquirida, conservou o seu lugar logo abaixo de Garrett.

E optimos serviços prestou, os quaes é necessario confessar para que sejamos justos.

Comedido nas suas aspirações viu que lhe competia principalmente dirigir a nova pleiade e ensinar-lhe como se attende ao *estyllo* e á *forma*.

Empreza difficil era esta nas primeiras tormentas romanticas, quando surgiam vates de toda a parte, como tortulhos em pinheiral alpestre, após borrifo de verão.

Negava-se então a importancia do *estyllo* e da *fórma*. Castilho, artista imminente affirmava o contrario e venceu o pleito. Continuando as velhas tradições da Grecia e do Lacio, Castilho, com melhor erudição e maior talento foi certamente o Delavigne portuguez. Mostrou que o mesmo genio carece de conhecer certas minucias technicas, que o *rythmo* é essencial, que não se trata de reduzir a arte a uma questão de forma, mas sim de dirigil-a para melhor conseguir o fim, que se propõe.

Foi em virtude destes principios que Castilho enriqueceu a poetica portugueza com o alexandrino, e para não se furtar á mania de Quintiliano aldeão, votou pena de morte á letra grande em principio de verso e transformou o octosyllabo em heptasyllabo.

Falta-nos espaço para analysar convenientemente este grande vulto da litteratura contemporanea, e porque não faltarão occasiões para isso, não fallaremos das suas muitas obras em diversos ramos; diremos sómente que Castilho, como todos os apóstolos, exaggerou a importancia da sua predica e quiz substituir a inspiração pela perfeição. Este o seu crime, de que está soffrendo agora. Para ser perfeito entendeu que devia usar um *estyllo* affectado, imitação por vezes desgraçada de Fr. Luiz de Souza e Vieira; desenterrou certos vocabulos horrendos a par de outros muito formosos; tornou-se piegas com as suas phylosophias humanitarias, que *impinge á má cara*, e blandicias insidiosas; matou a critica com o elogio-mutuo desbragado, impudico e ribaldo, sonhou reformas sociaes e aninhou emfim a vibora, que ora o está mordendo.

Pois não será Castilho um dos progenitores da escola de Coimbra? Quem poderá negal-o? Se a analyse das pieguices communs nos conduz a esta conclusão, muito mais convencidos ficaremos, se nos lembrar-mos que o suburbano de Castilho é o cenaculo

aonde Anthero se creou e recebeu elogios traiçoeiros, em vez de franqueza e ensino.

Lembre-mo-nos que Castilho esteve não ha muito em Coimbra, aonde abraçou, acariciou e encheu de elogios aos phylosophos de agora. Arrastado pelo vicio predominante de sua natureza, em vez de esmagar com o calcanhar a hydra nascente, aninhou-a para se rir.

Justo castigo!

Pois o patriarcha, que fazia e desfazia reputações, graças á sua posição e ao elogio-mutuo, necessitava acaso de que soldados rasos, e alguns bisonhos, arcassem primeiro com a neblina coimbrá, para a enchotar?

Esta a verdade.

Castilho, que é falso poeta, foi falso litterato e mais falso phylosopho.

Levado das suas tendencias phylosophicas, que expendeu em theorias abstrusas e humanitarias, lançou a primeira semente da pseudo-phylosophia. Caindo em pieguices de estylo, desenterrando palavrões e archaismos, matou a simplicidade, gerou os Camilhos e os Vieiras de Castro e os insanos, que se filiaram nessa escola daninha.

Animando e encarecendo os rapazelhos no theatro academico de Coimbra, tecendo elogios e coroas, festejando o Maio na Lapa dos Esteios, deu ar, luz e calor á mancenilheira que ainda rastejava e o envenena agora.

Queixe-se de si.

V

Temos em frente o terceiro vulto—o homem dos sete palmos de terra, o poeta da *Semana Santa*, o auctor de Eurico, o historiographo do reino, o Hamlet que faz negaças ao publico da beira do seu sepulcro. É Alexandre Herculano. Escusado era nomeal-o.

Havia em tempos muito remotos na Arabia Petréa um marabuto ou santão, que era de character rustico, intractavel e fero. Tinha por vézo ou doença abespinhar os compatriotas, affirmando que tudo ia de mal a peor, que o caid era tolo e creança, que os habitantes do aduar visinho haviam de conquistar o oasis, que as palmeiras floriam tarde e a más horas e davam fructos deslavados, que os poços seccavam, os camellos não creavam leite, e os abestruzes não punham ovos.

Estas e outras parvulezas propheticas chegaram aos ouvidos do

caid, que tinha más tripas e não gostava que abocanhassem o seu governo, que em verdade não era dos melhores.

— Dize lá, ulema, exclamou o caid incendido em raiva. Quem te manda a ti ser abelhudo?

O marabuto encolheu os hombros e respondeu :

— Nada mais te digo senão que me des seis palmos de aréa. Este era mais baixo e contentava-se com aréa.

— Porque?

— Porque isto vae mal.

— Cortem a cabeça ao marabuto, bradou o caid, e dêem-lhe seis palmos de aréa.

E o marabuto gozou desde então de fama de doido.

Justiça de moiro, dirá o leitor. Justiça dos povos, digo eu. Mais tarde ou mais cedo surge a verdade. Não ha abafal-a.

Pois se Herculano julga o paiz moribundo porque lhe não acode, e se retira? Egoismo! Se o paiz morreu já, porque se repasta Herculano no cadaver? Appetite de abutre! Nós tambem somos verdadeiros liberaes, mas não damos armas aos inimigos. Cerremos porém a vista a estas fraquezas, e consideremos rapidamente o artifice, o obreiro.

Herculano não pôde aspirar ás honras de patriarcha. Quando appareceu, já Garrett e Castilho campejavam havia muito e já tinham feito a revolução litteraria.

Mas sobrâva-lhe ainda vastissimo campo para a sua actividade.

A historia e as tradicções! Que formosa messe! Que de thesouros e quem podesse desentranhal-os do pó! Que riquissimas *pepitas* a quem seguisse o filão, e as separasse da ganga!

Herculano assim fez, não sem haver pago o seu tributo ás musas e tropeçado no rythmo.

Fundou o *Panorama* e assentou as bases da sua gloria, publicando estudos de folego, lendas magnificas, romances historicos, em que revelou superior talento, estylo vigoroso, erudição vastissima, um certo tacto phylosophico.

Desde então a fama de Herculano cresceu rapidamente. O seu nome foi ouvido em Paris e inscripto na academia franceza.

Eram-lhe devidas estas honorarias.

Estimamos que o talento renda preito ao talento, e o saber ao saber.

Herculano, com ser inferior, na nossa opinião, a muitos dos historiadores modernos, porque na sua Historia de Portugal falta a *connexão phylosophica*, a apreciação luminosa, o traço caracteristico, rapido, incisivo e unico que consubstancia uma época e lhe dá a feição; Herculano com perder muito comparado com Macaulay, Prescott, Thierry e Michelet, é comtudo um bello ta-

lento, e a sua obra é monumento para nós, que tanto carecíamos delle.

Porque Herculano tem um certo pendor para a epopéa; não se desprende do heroe e esquece ás vezes a humanidade.

Mas passemos adiante. Não é como historiador que nos importa esboçar a figura sculptural de Herculano. Para buscar a filiação da escola de Coimbra, abramos o *Eurico*, que muita gente recebe injustamente como reminiscencia do *Jocelyn*. O que é este *romance-poema*? Ninguém pôde classificar-o. É um acervo de monstruosidades, é o prologo já denso e caliginoso da phylosophia, que ora escurece o bello firmamento do nosso Portugal.

Aquellas noites do *Cryssus* são dignas de um Anthero, se Anthero tivesse o talento de Herculano.

Não admira. O nosso historiographo viveu em Inglaterra, aonde o nevoeiro impera,

Se junctarmos este reparo ao temperamento hypocondriaco e ao animo selvagem de Herculano, encontramos a chave do enigma.

No *Eurico*, e em partes do *Monge de Cister*, deparam-se-nos os primeiros alvorenos da moderna phylosophia.

1.º Periodos longos e substanciaes, repletos de palavras, que são pertença de lexicographos.

2.º Nevoeiro de idéas encontradas, imagens impossiveis e absurdas, que nem mesmo se encontram no Dante, como esta, entre mil:

«Sabes tu, Hermengarda, o que é viver vinte annos amarrado ao proprio cadaver?»

Isto é inintelligivel, é enigmatico, é improprio, é absurdo.

Ora o absurdo a ninguem é permitido.

3.º Nevoas mais densas ainda, imagens mais absurdas, ausencia de criterio e bom senso, perolas de vidraça, lantejoulas repugnantes, vegetações paludosas.

Exemplo:

«O Sempiterno as creou (as dores) quando nossa primeira mãe nos converteu em reprobos: ellas servem porventura, ainda de algum refrigerio lá nas trevas exteriores, onde ha o ranger dos dentes.»

O que são trevas exteriores aonde ha o ranger dos dentes?

Isto é dantesco derrancado, é dantesco com o *oidium tuckeri*.

D'aqui á estola do infinito, ás trevas que luzem e sandices de igual jaez não dista muito, com licença do profundo historiador.

Escusado é citar mais. O que ahí fica basta por ora. No futuro, se o publico nos favorecer, continuaremos nesta analyse.

Se Herculano escrevesse sómente aquellas suas lendas tão portuguezas, tão cheias de perfume patriotico, certo que houvera

dado melhor e mais prestadio exemplo, do que cançando e aquecendo o cerebro, para forjar o monstruoso *Monasticon*, que só tem de bom o nome.

A abstenção é virtude rarissima, e o *nosce te ipsum*, com ser de tão facil memoria é de si muito difficil na pratica.

VI

Concluamos agora, para contento dos leitores, se porventura não se enfastiaram.

O connubio incestuoso, segundo a phrase picaresca de Vieira de Castro, entre Herculano e Castilho, deu origem a essa hybri-
deza moral, que se denomina nova escola.

Os dois illustres representantes da nossa litteratura são ao mesmo tempo os progenitores desse myriapode, que agatanha as cordas da lyra portugueza, dessa lyra que por tanto tempo tan-
geu o nosso Garrett.

A imitação servil de Victor Hugo, começada aliáz por Mendes Leal, Corrêa Caldeira e outros, a leitura sem digestão de Cousin, Villemain, Taine, Laugel, Janet, etc., e o eco dos nomes arrevesados de Locke, Swedenborg, Hegel e Kant deram incremento á tal escola que nasceu em berço tão fidalgo e illustre.

O remedios que propomos consistem :

1.º Em tractar os taes *ophophobos*, (litteralmente *inimigos do saber*) como animaes empestados, que carecem de monteria e perseguição constante até os soterrar nas catacumbas, donde nunca deveram sair, e aonde todas as regiões novas, falsas ou verdadeiras, devem celebrar os seus mysterios. Nas catacumbas é permitido aos Antheros e quejandos adorarem a Idéa sob a forma de uma cebola ou de um rabano, porque as cascas de cebola são os cyclos da humanidade, e a forma pyramidal do rabano representa a aspiração para o infinito.

2.º Em voltar ao nosso poeta, ao bom Garrett, áquelle desalmado, que nunca deixou de ser portuguez. Esse sim, que pode fazer o milagre de enxotar o germanismo, de que todos vão soffrendo, em mais ou menos grau.

E agora, leitores, que chegamos ao fim, comprem o folheto pelo classico tostão, e se lhes agradar pode contental-os com outro

O Ermita do Chiado.

O MAU-SENSO E O MAU-GOSTO

Carta mui respeitosa ao ex.^{mo} sr. Antonio Feliciano de Castilho, em que se falla de todos e de muitas pessoas mais, por Amaro Mendes Gaveta, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro.

PREÇO 100 RÉIS

GARRETT, CASTILHO, HERCULANO

E A ESCOLA COIMBRÃ

Ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea, pelo Ermita do Chiado.

PREÇO 100 RÉIS

Vendem-se estes folhetos :

Em Lisboa, nas lojas do costume.

No Porto, na livraria Moré.

Em Coimbra, na livraria Moré.

Remettem-se, francos de porte, a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou valles do correio, a J. G. de Sousa Neves, rua do Caldeira n.º 17—Lisboa.

1527

18

9

A LITTERATURA RAMALHUDA

A PROPOSITO

DOS SENHORES

CASTILHO, E RAMALHO ORTIGÃO

POR

G. F.



COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1866

A LITTERATURA RAMALHUDA

A PROPOSITO

DOS SENHORES

CASTILHO, E RAMALHO ORTIGÃO

POR

G. F.



COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1866

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

2

Es
re
ed
en
di
dic
O
ra
br
Q
ar
za
a
est
er
os.
am
Se
sa
er

O SR. RAMALHO ORTIGÃO

I

Este homem veio ultimamente abrir-nos o seu sacrario de sabedoria: apresentou-se-nos como o verdadeiro interprete da litteratura d'hoje, e do seu livrito deduz-se claramente que a litteratura hodierna merece o nome que se lhe dá no frontispicio d'este folheto.

O critico do Porto affronta a discussão de viseira erguida, e sobrecenho de tyrannete; aquella sobranceria causa-nos riso e nojo.

Quem é o sr. Ramalho Ortigão para vir estabelecer-se no meio dos assanhados litteratos de Portugal e dizer com o entono do pedagogo: — aqui está a verdade? Um noticiarista do Jornal do Porto, mestre de francez não sei em que collegio, e fazedor de chalaça grossa em alguns detestaveis folhetins. E é este sujeito que pede que «se estabeleçam forças lisas, e se desatranque a arena.»

Sem notar o disparate n'aquella phrase «força lisa a estabelecer-se», pyramidal asneira que ninguém dizia, notarei apenas a immodestia com que

o sr. Ramalho quer que lhe deixem a arena livre. Ah! a tem á sua vontade: póde respingar livremente; mas ha de consentir, que lhe diga que o seu palavorio pretencioso, com esse humorismo estafado nos primeiros romances de Camillo, a quem deseja imitar desgraçadamente, não vale nada aos olhos do senso o mais trivial, da reflexão a mais simples.

Em primeiro logar o sr. Ramalho mostra a sua ignorancia supina, quando na primeira parte do seu folheto chama ao Poema da Mociedade — *descendente legitimo* de D. Juan, de Rolla, e de D. Branca, querendo com isto dizer que o Pinheiro Chagas é verdadeiro filho de Byron, Musset, e Garret. Isto é a mais descomedida bernardice que se póde imaginar. O Chagas perfilhado em Byron, e Musset. Oh! execranda profanação! O sr. Ramalho já soletrou o Jacques Rolla, e o D. Juan? Creio que não é por taes livros que ensina o francez, ou o inglez, se o sabe, aos seus meninos. Vá, portanto, lêl-os primeiro, e não venha fazer apreciações ridiculas.

O Arthur do Chagas comparado a Rolla, e D. Juan! Oh litteratura de tolos até onde irás para vomitares mais sandices?

O sr. Ramalho póde estranbar a palavra—mas é realmente a que lhe pertence, depois de dizer aquillo.

O Poema de Mociedade é um agregado de puerilidades sem nome; falto de inspiração, ou estro; falto de harmonia ou suavidade de fórma; falto de lyrismo n'uma palavra. Versos d'aquelles faziam-

nos d'antes os estudantes de latim, quando tinham o primeiro namoro. Ninguem o póde ler, sem passar de que se gaste papel, tinta e tempo com estas bagatellas. Abrindo-o ao acaso, encontram-se em qualquer parte vulgaridades chatissimas no conceito e na dicção, e imperdoaveis erros de metrificacção e consonancia. É escusado citar versos do livrucho do sr. Chagas; servem até os que o sr. Ramalho tanto elogia.

Vejam-nos:

A mente da poetica leitora
Já do heroe esboçou risonha imagem!
A acção d'este poema encantadora
A heroína da mais nobre linhagem;
Altiva castellã, que se enamora
D'Arthur, o mais formoso e gentil pagem.

Uma heroína de nobre linhagem, altiva castellã, a enamorar-se do mais formoso e gentil pagem é cousa muito bonita para o sr. Ramalho; a mim faz-me rir, e causa-me tédio.

Depois continuam os versos mimosos do sr. Ortigão:

Vêde a escada de seda fluctuante
Para colher mil beijos seductores;
Intrepido lá galga o esbelto amante
Da nupcia os rouxinoes são os cantores..., etc.

Não escrevo os outros, que é tempo perdido.

Uma escada de seda fluctuante, e um amante esbelto a galgar por ella acima, é quadro admirando.

E os rouxinoes das nupcias d'um namorado que vae escalar uma janella... que grosso disparate! São nupcias de nova invenção do fertil engenho do Chagas!

E são estes versos que o sr. Ramalho classifica dignos filhos de Byron e Musset!

Vamos adiante. Deixemos o poetastro querido do sr. Ortigão e vejâmos o que este critico diz da Carta do sr. Castilho, e das outras cousas, que por causa d'ella vieram a lume.

Estranha o sr. Ramalho que o sr. Castilho deseje, que os nossos editores animem os auctores incipientes, e abram as portas da publicidade a tudo que seja digno de imprimir-se; e a proposito d'isto escreve algumas gracinhas, e diz cousas que fazem rir os tolos. Como o sr. Ramalho tem para as suas obras as columnas de locaes do Jornal do Porto, e a secção do folhetim picaresco—não precisa d'editores, e por isso zomba dos virtuosos desejos do sr. Castilho. A proposito d'esta necessidade imagina que o editor, que publique livros portuguezes só os poderá vender para os Padrões de Teixeira, para o Pinheiro de Bemposta, para a Rapozeira, Pancas, Arrayolos, Cabeço de Vide, Palhota, Paio Pires, e quejandos logarejos de Portugal. Que espirito! Que engraçada descoberta! Só em Paio Pires e Castro Laboreiro, e Alturas de Barroso (esqueceram-lhe estes nomes das suas importantes localidades) é que se apreciam obras litterarias! As suas, sr. Ramalho Ortigão, é que serão talvez dignas de ser lidas lá, se algum dia as escrever:—mas, por emquanto, graças a Deus,

ha muito boa gente portugueza, fóra d'aquelles sitios da sua predilecção, que ama a litteratura patria, e que a desejava florescente e bella. O que tolhe os escriptores incipientes? É a falta d'um ou mais editores, que disponham de capital sufficiente para fazer edições abundantes e baratas, e que animem com a recompensa pecuniaria os trabalhos obscuros de muitas obras dignas da publicidade. O sr. Ramalho ri-se d'esta falta, e imagina que lhe devemos achar graça aos seus dislates de criança.

Depois falla do Methodo repentino, e diz que é inadoptavel nas escholas, etc...

Acha melhor o *abc* do padre Lopes, e o methodo facillimo de Emilio Achilles. Como aprendeu a soletrar o seu nome á custa da férula de lorangeira, e da chibata de junco — quer tambem que as crianças chorem em vez de cantar, e apanhem palmatoadas em vez de colher flores.

O delicioso methodo Castilho é para elle uma cousa ruim, inutil e impossivel. Faz assim o sr. Ramalho côro com todos os idiotas, mestres d'eschola, que acham mais simples metter pelos olhos dentro a uma criança as consoantes e as vogaes, por lettra maiuscula e minuscula, do que mostrar-lh'as em pintura bonita, accedendo-lhes d'este modo a imaginação e o bom gosto, e despertando-lhes o interesse e a curiosidade, que são os melhores incentivos para se aprender facilmente.

Não acha aquella apurada critica do sr. Ortição, que a musica e a pintura, e a poesia, appli-

cada ao methodo do ensino primario seja razoavel cousa. Semsaborão!

O que vale é que ninguem se importa com os depravados gostinhos do sr. Ramalho; e se a rotina estúpida ainda agora protesta contra o methodo brilhante do sr. Castilho — não tardará muito que elle seja o unico methodo possivel, humano, e facil, e expedito, para levar as crianças ao baptismo da instrucção.

O sr. Ramalho Ortigão, grande censor pelo que se vê, continua a morder o auctor da Carta ao editor Pereira, pretendendo mostrar que elle é um critico incoherente e amesquinhado. Cita um trecho da sua prosa admiravel, e commenta-o assim:

«Este mal (o mal da litteratura moderna, notado pelo sr. Castilho) provém a meu ver d'um defeito organico.» — Primeira tolice, porque não ha defeitos organicos: ha defeitos de organização.— «Origina-o, continua o sr. Ramalho, a deploravel penuria de imaginação, e a laxidão chronica das faculdades observativas e investigadoras, defeitos que constituem o aleijão caracteristico, mais ou menos saliente em quanta litteratura se tem feito entre nós.»

Que pedantismo chulo! Toda a litteratura moderna em Portugal é aleijada caracteristicamente!

Os bonitos romances de Camillo, os sublimes livros de A. Herculano, os deliciosos poemas de Castilho, as poesias mimosissimas de Vidal e Bulhão Pato, os inimitaveis esboços de romance historico de Rebello da Silva, os bellos dramas de Mendes Leal, tudo isto, e muito mais que me não

lembra, são aleijões característicos. Eu julgo que aquelle «entre nós» se refere aos rabiscadores insulsos de locaes e folhetins lá do Porto: não póde deixar de ser.

N'esse caso que lh'o agradeçam os noticiaristas do Nacional, Braz Tizana, Diario Mercantil, e outros papeluchos da sua terra.

O sr. Ramalho Ortigão entende-se bem com elles.

Os maximos escriptores portuguezes para o localista sabio são Camões, Gil Vicente, e Bernardim Ribeiro. Falla em Camões, porque é o primeiro que vem sempre á baila, quando se lembram as primeiras sumidades litterarias do nosso paiz: e depois de Camões só acha o erudito folhetista Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, como maximos escriptores. Nunca leu nem um nem outro, aliás não os collocaria acima de Bernardes, Fr. Luiz de Sousa, e P.^o Antonio Vieira, e acima de Antonio José, Gabriel Pereira de Castro, Ferreira, e Garção.

Depois o sr. Ramalho apoda de inutilidade e ociosidade a ideia, que tem o sr. Castilho, de nos dar para modelo e estudo as obras primas de Virgilio.

«O que é a traducção das Georgicas? diz o sr. Ortigão. Uma ideia velha e relha, sabida e resabida e decorada por todos os escolares..., etc.»

Eu sempre queria que me dissesse, antes de mais nada, o que entende por uma ideia decorada?

Então uma ideia é alguma cousa, que se decore? Onde aprendeu esta phraseologia?

A Georgica, primorosamente vertida, é uma ideia

velha e decorada pelos rapazes da escola!.. Que disparate!

E é este sr. que nos vem ensinar o ultimo verbo da litteratura d'hoje!

Continuando o seu aranzel de necedades, estranha o sr. Ortigão esta phrase do sr. Castilho, relativa a um Ministro da Corôa:— «De quem foi o braço direito de D. Pedro é licito esperar tudo.» Estranha-a como impolitica, inconstitucional, e absurda; e diz que na sua opinião o rei é que é o braço do ministro, e não o ministro o braço do rei: de modo que o ministro tem tres braços, os seus, e um do rei; e o rei só tem um braço, porque o direito pertence ao ministro.

Visto que o sr. Ramalho tomou aquella phrase do sr. Castilho á letra, cabe aqui esta argumentação por numeros. — Entendeu que ser braço direito d'um rei, era o mesmo que ser instrumento passivo e material da vontade do monarcha; podemos tambem entender, que ser braço do ministro é a mesma cousa, e então sempre o tal ministro do sr. Ramalho fica com tres braços. Que critica tão distincta!

II

A segunda parte do folheto versa sobre a embriônica escola de Coimbra, de que o localista do *Jornal do Porto* se quer fazer pedagogo sanhudo. Estranha que o sr. Quental sahisse á arena para defender opiniões individuaes, melindres puramente pessoaes, e que, chamando ás obras do sr. Castilho ninharias e futilidades, viesse depois contradizer-se, pondo em plano altissimo o drama *Camões*, imitação esplendida, feita pelo poeta da *Primavera* e do *Outono*. Para a vista perspicaz do sr. Ortigão, o drama *Camões* não é mais do que uma vulgarissima traducção.

Ora isto é uma asserção estúpida e vil.

Se ha livro mais primorosamente portuguez, mais delicioso no sentimento, no colorido, e na acção, mais eminentemente poetico e perfeito é o *Camões* do sr. Castilho.

E' um monumento de poesia dramatica, um monumento de verdadeira poesia nacional, aquelle drama sublime.

Que importa que a ideia fosse inspirada por outra obra muito inferior, muitissimo inferior, de Perrot e du Mesnil?

Não é porventura o assumpto portuguez de lei? Não é a linguagem portuguezissima, e purissima, e

formosissima, como a não encontrâmos em outro livro qualquer?

Não palpitam n'aquellas adoraveis paginas todas as glorias, e aspirações, e crenças, e virtudes dos heroes da nossa idade d'ouro, dos grandes navegadores, dos grandes soldados da civilisação do mundo, e dos grandes poetas?

E pensa o sr. Ramalho, que com duas palavras nescias, com duas pennadas de tinta suja, enodôa o primeiro livro portuguez d'este seculo. Miseranda philaucia!

Porque o sr. Anthero do Quental elogiou o que todos amam e admiram, porque poz acima de tudo, e como unicamente bom, optimo, magnifico, o drama Camões do sr. Castilho, verberando as outras obras d'este escriptor, aliás dignas de melhor sorte, entende o sr. Ortigão, que o auctor das *Litteraturas Officiaes* se desdisse miseravel e covardemente. Que absurda conclusão! Que estonteado modo de ver as cousas mais simples e coherentes! Que rabugice para dizer mal de tudo!

O sr. Ramalho escreveu mais de sessenta paginas para provar que todos eram tolos, á excepção, provavelmente, da sua pessoa intelligente: os pontos capitaes do seu longo e arrevezado folheto ahi ficam, para que os que se deixam levar do campanudo e sesquipedal do palavrório, não julguem que amanheceu no Porto algum critico supremo.

A obra do sr. Ortigão é uma insignificancia, quanto a principios d'analyse litteraria, e preceitos de bom gosto.

Quer fazer estylo picaresco, e diz muitas parvoi-

ces. Faça, por em quanto, a sua localzinha para o *Jornal do Porto*, metta quando poder a sua lôa em folhetim humorista, ensine a traduzir o *Telemaco* ás crianças, e não diga mal d'aquillo que nem ainda sabe ler.

Não compare *Poemas da Mocidade* ao *D. Juan de Byron*, e ao *Jacques Rolla de Musset*; não imagine que a litteratura moderna de Portugal é um agregado de aleijões caracteristicos; que n'esta boa terra só se lê nas *Palhotas e Rapozeiras*; não diga que a *Georgica* de *Virgilio* é uma ideia decorada e velha; não affirme que o *Camões* do sr. *Castilho* é uma desgraçada traducção, não diga isso para crédito dos localistas do *Porto*.

Em ultimo peço-lhe, que se não zangue por eu não assignar estas breves linhas, que escrevi por sua causa.

O meu nome nada vale.

1825 19 9

A QUESTÃO
LITTERARIA

A PROPOSITO DO JAZIGO

DE

JOSÉ ESTEVÃO

CARTAS DOS SENHORES

A. F. DE CASTILHO

E

J. A. DE FREITAS OLIVEIRA

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
ART AND HISTORY
OF THE
CITY OF
NEW YORK

A QUESTÃO
LITTERARIA

A PROPOSITO DO JAZIGO

DE

JOSÉ ESTEVÃO

CARTAS DOS SENHORES

A. F. DE CASTILHO

E

J. A. DE FREITAS OLIVEIRA

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

Travessa da Parreirinha, 26

MDCCLXVI

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

III.^{mo} e ex.^{mo} sr. Antonio Feliciano de Castilho :

Quando morreu José Estevão extraiu-se-lhe do peito o coração por ordem da sua viuva, que o mandou fechar em uma urna, para assim conservar junto de si o thesouro dos seus affectos, e o symbolo da sua sempre viva saudade.

Fechado o cofre, que encerra o mais portuguez coração do nosso tempo, quiz ainda a possuidora d'aquella augusta reliquia que no marmore da urna se gravassem algumas palavras, que fossem, por assim dizer, o epitaphio d'aquelle sepulcro, e pediu-me que lh'as escrevesse.

Não acceitei o encargo, por que, graças a Deus, tenho a fortuna de conhecer até onde chegam as minhas forças, o que não deixa de ser merecimento n'estes tempos que vamos atravessando. Declinei pois de mim tão honrosa tarefa, mas fui, para realizar o piedoso desejo da minhao tia e amiga, bater ás portas de v. ex.^a

Era preciso escrever no marmore d'aquella urna. «Aqui

dentro está o coração do *deus da eloquencia*, do *rei da tribuna*;» dirigi-me ao grande sacerdote do parnaso portuguez, ao *principe da lyra*.

Que acertei na escolha dizem-n'o os quatro versos em que v. ex.^a definiu a grandeza, as virtudes, os amores todos nobilissimos que fizeram pulsar aquelle coração, que tantas vezes foi o coração da patria :

Viuvas a eloquencia, a patria, a esposa,
choram pela alma egregia aos ceos volvida.
Ganhou a eternidade em curta vida.
Aqui d'amar seu coração repousa.

Agora que se concluiu no cemiterio d'Aveiro a capella que ha de encerrar para sempre as cinzas de José Estevão, de seu pae, o venerando Luiz Cypriano, e de sua filha Joaninha, anjo que levou para o ceo nas azas candidas todas as alegrias em que banhára a alma do pae nos seis mezes em que viveu na terra, pedem-me que sollicite de v. ex.^a a inscripção que ha de indicar ás gerações futuras o lugar aonde repousam aquelles cadaveres, um dos quaes é propriedade nacional e reliquia consagrada pela saudade de todo um povo.

Não parecerá a muitos opportuna a occasião, para eu obter de v. ex.^a alguns versos, que assumpto tão grandioso de certo ha de inspirar a poeta tão sublime; e haverá até quem tenha por grande temeridade o meu pedido.

Ir atacar assim de frente a *escola coimbrã* e as *academias do norte*! E isto no momento critico em que todos os bacamartes d'*Allemanha* estão assestados contra a pacifica e burgueza Lisboa, e contra todos os *vadios do Gremio e do Marrare!*

Depois que lá das bandas da Serra nos veiu, com os bons queijos das ovelhas lanzudas, a nova poesia de mais lanzudos poetas, parecerá realmente incrível que haja ainda um homem tão baldo de *bom senso* e de *bom gosto*, tão refractario ao *ideal*, e tão pouco admirador das bellezas da *symbolica*, que vá pedir a v. ex.^a versos que celebrem uma das maio-

res glórias da nossa terra, d'esta terra a que ainda suas senhorias illustrissimas *fazem o favor de chamar Portugal!*

Não sei realmente se faço bem em me dirigir a v. ex.^a, e se não seria mais prudente ir bater ás portas da *escola do norte*. O meu desejo é que os que viverem d'aqui a dois ou tres seculos possam ler sobre o tumulto de José Estevão o que elle foi para a sua patria e para os seus contemporaneos; e, como para esse tempo talvez se não falle já por cá a nossa lingua, e possa acontecer que a dos *coimbrões*, que por agora elles só entendem, se falle então, não seria mau ir desde já prevenindo esta hypothese.

Mas emfim, eu tenho a infelicidade de ser muito pouco original; pareço-me com toda a gente, e, como toda a gente, teimo em admirar, considerar e respeitar a v. ex.^a como ao primeiro e mais portuguez poeta do nosso tempo. Como porém tambem tenho desejos de seguir os exemplos dos grandes mestres do *saber viver*, e não gosto de ir contra a moda do nosso tempo, em que se adora a Deus por que é bom, e ao diabo por que não é de todo mau, peço a v. ex.^a que me mande os versos, mas guarde profundo segredo do meu pedido; por que, se isto se soubesse lá em Coimbra, começavam logo a esvoaçar os estorninhos pelos salgueiraes do Mondego, e ia ahi uma sanzala capaz de aturdir um surdo, e de fazer *levantar a cabeça de cima do seu trabalho* a algum *alemão* lá dos sitios.

Elles nunca me viram em Tibur, e bem sabem que tudo isso que para ahi tenho rabiscado na imprensa, tem sido tanto á pressa, que nunca tive tempo de submetter os meus escriptos, antes de publicados, á paternal censura de v. ex.^a, o que farei de certo se alguma vez escrever com vagar e descanso coisa que valha a penna de critica tão autorisada; mas bastava que por lá se soubesse que eu tiro o meu chapéu com reverencia quando passo por v. ex.^a, para ser logo posto no pelourinho pelos *independentes*, que não reconhecem theocracias litterarias, nem mesmo quando vão com o seu bilhetinho implorar a protecção dos *Neivas* para passarem sem *R* no actosinho de bacharel.

Portanto será bom que v. ex.^a não divulgue estas mi-

nhas *subserviencias e lisonjas*, para que os hugosinhos de Sarnache, e os catõesitos de Sinfães, me não dêem alguns d'aquelles *puchões de orelhas*, litterarios já se sabe, com que costumam castigar *as feias acções* de v. ex.^a

V. ex.^a anda muito entretido com o seu Mantuano, e não tem tido tempo para observar o que vai por esse mundo ha oito ou nove mezes. Nem de outro modo se explica a innocente ignorancia de v. ex.^a a respeito do grande impulso dado á civilisação pelas *academias do norte*, e por isso peço licença para o informar dos acontecimentos.

O Homero, Virgilio, Dante, Miguel Angelo, Tasso, Milton, Byron, Rubens, Corneille, Moliere, Racine, Murillo, Cervantes, Camões, Voltaire, Vieira, Garrett, e outros semsaborões quejandos nunca souberam o que fosse o *ideal* e o *bello*, nem comprehenderam o *bom senso* e o *bom gosto*; as suas obras são uns alfarrabios e umas serapilheiras, que já fizeram *adormecer* os avós dos meninos do côro litterario, que se tóia lá na serra.

De toda essa gente, que v. ex.^a e todos nós pensavamos que valiam um pouquinho, e que tinham inventado alguma coisinha, nenhum presta para nada, segundo a *nova escola*. Só podem escapar com classificaçãõ de *sufficientes* o Schakspeare, e o Victor Hugo por causa dos palavrões com que de vez em quando os azoia.

Isto, pelo que respeita aos mortos e aos estrangeiros; por que os de casa que ainda vivem, taes como v. ex.^a, os srs. Camillo Castello Branco, Herculano, Thomaz Ribeiro, Chagas, Rebello, Latino, Sampaio, M. Roussado, Teixeira de Vasconcellos, Corvo, Bulhão Pato, Thomaz de Carvalho, Mendes Leal, Magalhães Coutinho, Freitas Moniz, Palmeirim, João de Lemos, Vidal, A. Lima, Machado, e outros que se téem na conta de saber ler por cima, tudo isso é uma miseria. Não passam d'uns *vadios*, que vão ao *Gremio* e ao *Marrare* *palavrear* de *ninharias*.

A litteratura aqui em Lisboa, creia-o v. ex.^a, não existe. As boas letras, as letras gordas, a sciencia, a plastica e a esthetica aninharam-se nas margens do Mondego, e nas do Douro; e as academias d'onde ha de sair a verdadeira luz

chamam-se o Lopes, o Carollo, e a taverna *allema* da Joanna Pedra. O grande Oriente esse é no Moré e na Aguia d'Oiro.

A moral e a philosophia tambem passaram por grandes transformações. Hoje ser philosopho é não lavar a cara, nem as mãos, senão no dia do anniversario de Schiller. Quanto mais horror á agua, mais philosophia.

Veja v. ex.^a que grandes philosophos nos não prepara o *colchoeiro* do Loreto, e o *collete encarnado* do Campo Grandel. Os do congresso de Liége supponho que saíram todos d'aquellas academias; pelo menos aquelle joven que pretendia as honras do triumpho por ser atheu e communista, e que afinal terminou o seu discurso declarando que era nada, de certo tinha saído d'algum *Penim* d'Allemanha.

Mas não creia v. ex.^a que param aqui todas as réformas. A independencia de character agora é uma coisa muito especial, e muito differente do que nós todos imaginavamos.

Por exemplo: um rapazinho *allemao*, allemao já se sabe, para ser *independente* é preciso principalmente ser allemao, — um rapazinho *allemao* faz para ahi uns versos em que mette quatro estrellas pela bôca dentro ao Nero e faz ingulir á Cleoptra a bochecha direita do sol em vinho de Syracusa e mais umas trapalhadas com môlhos objectivos e subjectivos, que empanturram o EU lá d'elles; e vai um homem de boa indole, e amigo de todas as infancias, mesmo da infancia tola, e diz-lhe: — «Ó menino, olhe que os seus versos são muito bem feitos, mas não se metta assim por esse labyrintho do firmamento, que pôde partir o nariz quebrado perde muito do typo *allemao*.»

O rapazinho *independente*, que ouve isto, e que é lanzudo, o que faz? *Levanta a mão da consciencia* e os pés do chão, e faz voar pelos ares duas folhas de papel, que afinal lhe vão bater na cara manchadas do barro em que assenta o pedestal da sua *independencia!*

Mas, serio, serio, de todo esse borbórinho que por ahi vai a respeito do *bom senso* e do *bom gosto*, diz toda a gente que o culpado é v. ex.^a, e eu tambem me inclino a que assim é.

Appareceram ha poucos mezes uns pardalitos a esvoaçar lá perto das nuvens, e v. ex.^a, ouvindo-lhes duas piadas, que lhe pareceram de rouxinol, pediu-lhes que dessem das alturas, d'onde mal se enxergavam, e que se aproximassem da gente. Os passarinhos vieram á alpiste; mas, (caso horrendo e digno de memoria!) a alpiste tinha feitiço, e operou metamorphose mais extraordinaria do que a do macaco Jacob, alumno do piemontez. — Os pardaes desceram; mas o piar, que de longe parecia canto de rouxinol, transformou-se no grunhir do bacorinho!

Tivemos fabula nova do leão e do fraldeiro. O leão sentado meio adormecido, nem sequer via o canito que lhe arremettia de longe, e que nos seus saltos descompostos, deligenciando chegar com os dentitos á juba do rei das selvas, dava quédas desastrosas, e mordia raivoso a terra. No primeiro arremeço quebrou uma perna, no segundo caíram-lhe dois dentes, e no terceiro esmorrou o focinho. O leão não viu nem percebeu nada d'isto; mas houve muito espectador basbaque, dos que têm medo do leão como o demonio da cruz, que andam de cauda estendida diante d'elle, mas que lhe ferrariam o dente á traição se pudessem, que, não podendo bater as palmas ao fraldeiro, para que o leão os não apanhasse em flagrante, rosnavam uns com os outros: — É bem feito; o canito é intelligente, e tem muita coragem; é preciso que nos vamos desenganando a ir ao pello a estes senhores leões. »

Ora é exactamente d'estes dizeres dos basbaques, que eu, com o devido respeito, constituo réo a v. ex.^a

Pois v. ex.^a, quando outros *sebastianistas* menos lanzudos do que os da *escola do norte*, lhe disseram quatro babozeiras a respeito do valor do methodo portuguez de aprender a ler, não os estoirou d'uma vez, tosquiando-lhes previamente a lâ? Para que deixou agora ociosa no gavetão aquella thesoira monstro, que poz a carne á mostra ao camello lettrado? Quando poderá ella servir com tanto proveito do bom siso publico?

Se v. ex.^a tivesse feito agora o que fez então, já os besoiros teriam cessado de zumbir, e, esmagados no chão, confundir-se-iam com o pó da terra.

Desengane-se v. ex.^a: o systema delicado, cortezissimo, de bom mestre e de bom amigo, de criticar elogiando, não é para todos. Ha muito tolo nesta boa terra, que, em um homem da autoridade de v. ex.^a lhe dizendo, para o animar:— «V. tem talento, mas estude mais; deixe-se de philosophias que não pôde comprehender, e falle lingua que se entenda» —aproveita, todo lampeiro, a parte em que se lhe reconheceu o talento, e, quanto ao resto, nunca mais lhe arrefece o odio que desde logo consagra ao que lhe fallou assim.

Com aquelles lanzudos perde o tempo quem os quizer trazer ao bom caminho só pelo freio: é preciso acicate, e bem pontudo. Além de que, creio que pouco se ganha em dizer a um Manuel Côco que não presta hoje para coisa alguma, que poderá vir a prestar amanhã; por que a verdade é que o tempo nunca transforma os tolos senão em velhacos.

Um dos mais entusiastas admiradores de v. ex.^a e meu predilectissimo amigo, o nosso Julio Cesar Machado, tambem, por indole e systema, é benigno para com todos. Os seus folhetins são quasi sempre panegyricos. Não ha ahi poetastro que tenha escripto um madrigal insôso, que o nosso Julio o não tenha apresentado ao publico como um *mancebo esperançoso*, cuja estreia revela *superior talento, que em pouco lhe conquistará um nome em toda a Europa*.

E o que tem sido o resultado d'esta mal entendida indulgencia do nosso amigo? Escrevea um livro contando-nos as impressões da sua viagem a Hespanha, e esqueceu-se de *elogiar* o sabor da *olla podrida*, e a belleza do espectáculo, que offerece em uma praça de toiros, um cavallo com os intestinos de fóra. Este esquecimento foi logo *punido* por um *sebastianista* hespanhol, que entendeu dever honrar a patria do Cid, dizendo quatro injurias ao escriptor portuguez!

E quer v. ex.^a saber o que fizeram por essa occasião os *talentos* de cá, que o Machado nos tinha apresentado? Traduziram em portuguez a descompostura, que lhe dera o hespanhol, e nem mais palavra!

D'este exemplo, e de muitos outros, que eu poderia citar, deduzi a seguinte theoria:—Todas as vezes que a nossa

obrigação de escriptores publicos nos forçar a dar opinião sobre qualquer livro tolo, é dever de consciencia e de conveniencia chamar tolo ao livro, e nada mais.

Ora se v. ex.^a se quizesse conformar com esta theoria, para a qual não peço *brevet d'invention*, se chamasse sempre *aparinhas de ponta de veado* a muitos versos e a muita prosa, que por ahí apparece, talvez se não tivesse levantado agora tanta poeirada por causa do *bom senso* e do *bom gosto*.

Pois pôde-se chamar poeta a um maganão que nos pede abrigo para o

.....filho engeitado
Pela sombra dos muros...

Que o abrigue elle! Lá para o norte é que ha rodas para esses *engeitados*. Cá em Lisboa, a policia municipal deixa-os petrificar sem escandalo publico, mas com grande magua do *philosopho allemão*, que os contempla.

Isto não se atura, não se pôde discutir a respeito de *bom gosto* com um lanzudo que escreve d'aquelles versos, porque é capaz de querer *provar* o que diz, e a boa hygiene prohibe-nos a que assistamos a taes espectaculos.

Não posso pois applicar a esta *bernarda litteraria* os bellos versos de Garrett :

Sobre se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa,
Ardeu seculos a guerra
Em Inglaterra.

A contenda com os *allemães* não é de cores, nem de flores: é a dos *vadios* do Gremio que escrevem para toda a parte aonde se falla portuguez, com os *allemães* que escrevem para Rilhafolles.

Vou concluir, e não vou cedo, por que tenho abusado de mais da muita benevolencia de v. ex.^a

Renovando o pedido dos versos, e pedindo perdão por

He ter furtado alguns minutos de proveitoso trabalho com a minha massadora epistola, tenho a honra de me assignar com o mais profundo respeito, e distincta consideração,

De v. ex.^a

amigo certo, admirador, e servo,

Lisboa—Rua da Quintinha, 120, 30 de dezembro de 1865.

Jacinto Augusto de Freitas Oliveira.

**Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr., Jacinto Augusto de Freitas Oliveira, meu bom
amigo:**

Mil e mil agradecimentos pelo regalo da sua carta, e não menos louvores pela generosa hombridade que lh'a ditou.

Deus seja louvado que ainda ha quem tome fogo pelos direitos da razão! Nem tudo havia de ser libellistas a venderem caro por 100 réis a consciencia e a vergonha propria, os bons credits e o futuro da sua gente.

Por entre a caterva de belfurinheiros litterarios, uns sem nome, outros com elle disfarçado, outros com o verdadeiro que ninguem conhece, apparecem ainda sujeitos honrados que ousam dizer ás turbas em voz alta: «Cuidado com os ciganos, que não vieram á feira por bons!»

Ao numero d'estes sisudos pertence v. ex.^a

E não lh'o digo para lhe pagar com um elogio a excessiva conta em que v. ex.^a me tem a mim. Digo-lh'o e repito-lh'o, porque o devo a quem se não acovarda de tomar voz e ensarilhar a clava contra os incendiarios nocturnos do

templo do bom gosto, contra os fabricantes e passadores de moeda falsa, contra os violadores temerarios das boas artes, contra os blasphemadores do siso hereditario do genero humano, contra os ratoneiros de todas as famas, contra os vendilhões de todas as mentiras e venenos.

Por isto, e não pelo meu particular interesse, que pouco vale, e menos perigo ainda corre com taes adversarios, é que eu dou aqui a v. ex.^a de todo o coração os meus emboras.

Passando ao objecto principal da sua carta:

Valha-me Deus que não sei como possa desempenhar-me da incumbencia que, de tão gloriosa que é, me está namorando o animo, e multiplicando a vontade em mil vontades!

Pensei nisto muito seriamente.

A viuva de José Estevão, que já sellou com versos meus o seu thesoiro, pede-m'os agora para um monumento da familia. V. ex.^a deseja-os, e insta-me por elles como digno parente d'aquelles finados.

Por uma parte isto, que não é de pouco pezo; mas, por outra, as difficuldades, que ainda porventura carregam mais.

Tenho eu para mim que a venerabilidade do sepulcro, o austero da historia, á qual pertencem como documentos os epitaphios, e o acatamento aos benemeritos que devem ficar lembrados para exemplo, desdenham e repulsam para longe de si os artificios da poesia.

A dor que deu vaga para contar syllabas e afinar consoantes, pôde chegar aos vindoiros muito onerada de suspeitas. A mais viva eloquencia da inscripção lapidar é a simplicidade; assim como os ciprestes desfloridos são o mais proprio jardim para um mausoleo, e a sua melhor musica a mudez meditativa.

Sei com quem fallo; por isso o digo. Em publico mal ousaria, com medo aos *malsins do sublime*; que, se alguém fallar do sol ou de Deus sem uma carga de pompas inauditas, logo lhe tomarão o dito por perdido, e o acoimarão de engenho para pouco.

Não entendo a *Poesia do Direito*, mas sei que a dos cemiterios é esta. Quando as pedras fallarem aos homens, hade ser com toda a gravidade.

Conhece v. ex.^a epitaphio de duzentas maiusculas que va-lha aquelle de uma romana antiga:—*Sepulcro não formoso de uma formosa mulher—Foi caseira, frou lã?* ou aquell'ou-tro de uma criança christã:—*Deixae vir para mim os pe-que-ninos?* Este segundo é um favo; saiu da bôca de Jesus; o primeiro recende todas as virtudes e austeridade da re-publica romana primitiva.

O que Virgilio compoz em verso para si mesmo não que-ro que m'o citem como objecção. Em Virgilio fallava a pro-pria poesia.

Por identica ou muito semelhante razão se me não ha de argumentar com os quatro versos que fiz para a urna de José Estevão. José Estevão era um poeta da eloquencia; a morte havia acabado de o idealisar. A saudade da sua viu-va, como a da sua patria, tinha-o deificado; aquelle coração de fogo naquelle cofre gelado e negro reçumava poesia; os versos ali não desdiziam.

Porém uma capella fundada por esta senhora para car-neiro promiscuo de seu esposo, de sua filha, e de seu so-gro, e Deus sabe de quantos mais que lá hão de ir pelos tempos fóra descansar, um jazigo assim vago, e que é ao mesmo tempo casa de oração, parece-me que não admittiria de boa mente senão uma inscripção muito chã e desenfai-tada, a memoria historica, e nada mais.

Isto pouco mais ou menos: *Capella mandada fazer aos tantos de tal mez e anno por Dona Rita Miranda de Ma-galhães para jazigo perpetuo de seu marido José Estevão Coelho de Magalhães, de sua filha Dona Joanna Iñez Coel-ho de Magalhães, e de seu sogro Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, e bem assim para os futuros finados da mesma familia, e para si mesma. Orae por elles.*

Poder-se-hia ajuntar a cada um dos tres nomes a data do fallecimento. V.^{as} ex.^{as} lá verão isso.

Se estas linhas desambiciosas que eu offereço, cheio de veneração a nomes de tamanha saudade, parecerem some-nos do assumpto, e, para o logar d'ellas, se desejar prosa mais remontada em que realcem a grandeza heroica de Jo-sé Estevão, o character portuguez antigo de Luiz Cypriano,

as graças ingenuas da malograda filha do orador, e a piedade tão sympathica da viuva, dou homem por mim, e não vou longe procural-o: é o elegante e muitas vezes sublime biographo, a quem devemos o retrato moral do Cicero portuguez.

Tenho a honra de me assignar

De v. ex.

respeitoso amigo, e confrade obrigadissimo,

Lisboa, 30 de janeiro de 1866.

A. F. de Castilho.

Complete-se e corõe-se esta folha com um improviso de **Bulhão Pato.**

Eil-a junto de nós dormindo o somno eterno.
Na terra enfim descança ao pé do chão paterno.
Ao pae que tanto amor em vida lhe votou,
tambem na sepultura agora se abraçou.

Quando ao romper do sol alegre o ceo rebrilha,
como anjo tutelar desce do Empyreo a filha:
abre as azas gentís por entre o ciprestal,
e solta hymno inspirado ao somno paternal.

Quem constante lidou, desde a mais tenra idade,
em prol do amor da patria, em bem da humanidade,
quando é chegada a hora e deixa a terra enfim,
a intrada do outro mundo encontra um seraphim.

VENDE-SE NAS LOJAS DO COSTUME

PREÇO 60 RÉIS

28

Port 4102.05

OS COIMBRÕES

QUESTÃO.

EM QUE TAMBEM ENTRA PELOS CEM REIS

José Francisco,

CAIADOR DA RAINHA DO CONGO;

com uma dedicatoria

POR

DIOGO BERNARDES.



PORTO :

TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
4, Rua de Santa Thereza, 6.

1866.

217

Salgado, Eduardo Augusto?

10.

OS COIMBRÕES

QUESTÃO

EM QUE TAMBEM ENTRA PELOS CEM REIS

José Francisco,

CAIADOR DA RAINHA DO CONGO;

com uma dedicatoria

(que por economia vai nas costas d'este)

POR

DIOGO BERNARDES.



PORTO :

TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

4, Rua de Santa Thereza, 6.

1866.

**À COIMBRA DOS ESCRIPTORES OUBIÇADOS
DE IDEAL E DE TOLEIMA**

COLLEGE LIBRARY
OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STEYSON, JR.
Jan 23, 1929

.....por ti
Espero de ter nome entre famosos !

Por mim nunca subira onde subi,
Meu nome co'a vida se acabára,
O mundo não soubera se nasci.

Confesso dever tudo áquella rara
Doutrina tua que me quiz ser guia
Do celebrado monte á fonte clara.

E, por te dever mais, se á luz do dia
Te parecer que saiam meus escriptos,
Na tua pena está sua valia.

.....
Eu com o teu juizo tenho conta
E com outros que sei que d'elle pendem.
Os mais que digam bem ou mal, que monta ?
Sempre os que menos sabem mais reprehendem.

A TAL QUESTÃO.

E continúa.

Está dando agora, termo medio, dois escriptos por semana, escriptos que se estiram desinteressadamente pelas columnas de folhas politicas ou litterarias, ou chovem sobre o publico em folhetos de todos os formatos.

Desinteressadamente — dissemos nós mui de proposito. Não damos ponto sem nó. Dos rabiscadores que tem vindo á imprensa ajuntar sandices ás ninharias de pennas mais atiladas, é para nós evidente que o fim tem sido pescar alguns tostões n'estas aguas revoltas de uma questão absurda. Pois a que viria o snr. Ferreira de Freitas com quatorze paginas de linhas rimadas e duas de prosa, pelo modico preço de 240 reis? E começa por dizer que sirva de desculpa ás imperfeições o ter sido tudo isso fructo de uma noite, como se houvesse desculpa possivel para um apontado de maus versos que se quer encampar ao publico por quantia superior ao grave pataco!

E mesmo entre os atilados, a que viria o snr. Pinheiro Chagas, a causa primordial de tanto barulho e azáfama, com a reproducção de um folhetim seu que publicára no *Jornal*

do *Commercio*, e que reduziu a um folheto de oito paginas pelo preço de 100 reis?

Se isto não é especulação mercantil, risquem a palavra dos dictionarios da lingua.

Dizia-se ultimamente em uma das folhas politicas d'esta cidade que, depois da publicação do folheto com que o snr. Anthero do Quental abriu a questão, só havia razão de ser nos dos snrs. Julio de Castilho e Ramalho Ortigão.

Com effeito, nem ao folheto do snr. Theophilo Braga se pôde conceder razão de ser. S. s.^a tinha tanta razão para vir a publico com as *Theocracias litterarias*, como o snr. Quental com o *Bom-senso e Bom-gosto*: isto é, nenhuma. Não se agrava ninguem com dizer-se que não se sabe para onde vai esse ninguem, por muito alevantados disferir os vãos pelas regiões do ideal, tam alevantados que furta os seus escriptos á comprehensão da grande maioria dos leitores.

Que o snr. A. do Quental, logo em seguida á leitura da carta que remata o volume de poematos do snr. P. Chagas, movido da cólera que dá o amor-proprio offendido, vertesse fel á farta sobre uma folha de papel de impressão, admitte-se. A vehemencia de linguagem que corre sempre á mesma altura por todas as paginas d'aquella carta dirigida ao snr. Castilho, está manifestando que todas sahiram de um jacto, que não mediou entre duas um momento de reflexão que movesse o escriptor a queimar o trabalho feito, acompanhando tam assisado auto da fé com uma gargalhada de quem folga por ter evitado um desacerto. Mas que passados dias, muitos dias, apparecesse o snr. T. Braga a corroborar a parvoice, não se tolera.

E começa dizendo que o força a consciencia a erguer a voz, e fecha o seu escripto fallando outra vez na sua cons-

ciencia! Permitta que duvidemos que tivesse a consciencia do que dizia.

Os snrs. Braga e Quental não querem que lhes fallem na escôla coimbran; negam a sua existencia, e asseguram que o que ha em Coimbra são homens que sabem pensar e escrever com independencia.

Nós é que não sabemos o que lá ha : sabemos que desde os tempos do snr. Vieira de Castro, ou talvez de tempos anteriores, existe em Coimbra uma coisa hybrida, descabelada, que não é exotica porque não foi para alli de parte nenhuma, alli nasceu, alli vive e alli ha de morrer. Essa coisa manifesta-se arripiada, abstrusa, apocalyptica, em folhetins, em artigos de periodicos litterarios, em declamações de folhas politicas, em folhetos, em livros, em prosa, em verso, e mórmente sob fórmas que não são de prosa nem de verso. Acha-se um pouco d'essa coisa em *Uma Pagina* da historia da universidade, e na *Biographia* do snr. C. C. Branco traçada pelo snr. V. de Castro : mas ha muito mais em centenaes de escriptos de outros alumnos da Universidade. O que é essa coisa ? Não é escôla ? Não será. O modo como se manifesta são ancias de trepar ao Ideal ? Serão. Não questionamos sobre esse ponto.

Para os que não teem noticia da coisa, daremos ao ménos duas amostras da sua maneira de manifestar-se.

Ora vejam :

« A Suzana transparece, venustada myrificamente de mil pudores sob a nebula d'aquelle Thabor de prodigios.

« N'aquella celsitude de cherub, a mulher distilla escandalo. O asceta não poisa lá a mão, porque refoge a brasa da gehenna; mas, ao divino, ceva no amojó o ardor do olho espremido. Mundo.

« O mundano, esse de mente pudica, coração casto,

corpo limpo, mão impolluta, na poma degusta o grumo de leite e o favo de mel.

« A palavra e a vida. Misteriosa encarnação onde está unido hypostaticamente o astro e o sapo. Baptismo prodigioso que magnifica a lubrica Venus. O beijo é unção divina que oblua a poma para que se consagre o amor. Sanctificando-a, infunde-lhe a graça; consagrando-a, imprime-lhe character. N'aquella amphora de infernos espanja-se o Glauco tritão e toma pé o iris de serena claridade. Alli abraça-se o ibis e o reptil.»

Essas linhas e outras no mesmo gosto escreveu-as um que já era doutor. Chegára ao Ideal.

Veja-se mais :

« As côres crepusculares cintavam o fundo cerúleo dos espaços. Descem os pannos; saltam alfim na arenosa praia. As azas da noite pairando sobre as sete collinas, toldavam-nas do lusco-fusco. Entretanto, nos páramos da vastidão aerea apinhavam-se tremeluzindo regimentos estrelliferos, e a lua discoide, franjando as cumiadas das serranias, assomava a mêdo na penumbra do horisonte romano. Tepidocicio de favonio embatia nas alforvas alibiles que se conglobavam de fructos por entre as virides alfombras das orlas do Tibre.

« O cucuruto dos montes era então coroado de argenteos fulgores que se espalhavam em baixo, na lymphá transparente das bacias dos convalles, que petrificada ao dar de choque com paredes de cadaveres parecia despertar de sombrio incúbo.

« E Roma, nos estos da catalepsia a respeito do Verbo novo — dissera folha a folha o testamento.

« Um momento depois, passando a parte digital da dextra por entre as intensas barbas em desalinho, descobriu-se para deixar fluctuar á mercê das auras nocturnas a catadupa de seus cabellos espargidos em aneis sobre os humeros.»

Estas e outras linhas traçou-as um homem que crêmos não ser ainda doutor. Aspira ao Ideal.

Se sairmos do dominio do folhetim e do periodico litterario, encontramos a mesma coisa, como já dissemos, em periodicos politicos, em folhetos e em livros. A folha politica conimbricense — *O Minho* — é uma mina de riquezas d'esta ordem.

O que é essa coisa? Não é escola? Não será. Serão materiaes que se vão accumulando para se lançarem os alicerces da regeneração social? Serão. A nós parece-nos que são a quinta essencia da parvoice, a super-eminencia no disparate, apuradissimo requinte do contra-senso e do mau gosto. Mas é possivel que nos enganemos.

Não se pense, porém, que vêmos o estylo dos snrs. Braga e Quental na *altura* do d'aquelles que o arreiam com tam chocalhantes lentejoulas, fazendo lembrar o nome de *nadas visiveis* com que Babinet assignalou os cometas, para que a humanidade assustadiça deixasse de os contemplar com estremecimentos de assombro.

Ha nos seus escriptos uma linguagem menos esdrúxula, menos arrevezada, menos amphigurica. Muito menos. Rastejam quasi pela vulgaridade da maioria dos que infelizmente escrevem n'este paiz para o publico. Lá isso é verdade. O seu defeito capital não está no palavreado: está nas ideias. Essas é que fariam estalar de inveja o discipulo bem-amado do Christo, se, apesar de ainda viver na terra, como piamente cria o P.^o Bernardes, fosse possivel que se acendessem invejas na alma do metaphysico do quarto Evangelho, do visio-

nario do Apocalypse. Por isso dizia o snr. A. F. de Castilho que não sabia para onde s. s.^{as} iam.

Manifestando esta opinião não nos expômos de certo ao risco de uma descompostura em lettra redonda, porque não temos um logar respeitavel na historia moderna das lettras patrias.

Dos *estylistas* da escôla coimbran (permitta-se-nos a hypothese de que ella existe para nos podermos furtar a longas phrases) apanham-se as ideias depois de paciente decomposição e recomposição de termos esconsos. Dos escriptos dos snrs. Braga e Quental é que nem sempre é possivel desemaranhar uma ideia dos bem pouco enleados empecilhos de linguagem com que descem das alturas do Ideal para fallarem a um publico basbaque, que tambem não atina para onde s. s.^{as} querem ir.

Ha, pois, confusão nos seus escriptos, mas é de outro genero. Não corre pãrelhas com a da escôla coimbran. Ainda bem que uma nota á pagina 7 das *Theocracias litterarias* vem pôr-nos a coisa em pratos limpos. Os mencionados *estylistas* são os homens de incoherencias e futilidades de que falla a nota; os snrs. Theophilo Braga; Anthero do Quental, Elmano da Cunha e outros, são os que « sabem pensar e escrever com independencia. »

Escrevam, pois, e pensem tam independentemente do senso commum e da comprehensão dos outros, quanto lhes seja possivel, e não reconheçam theocracias que ninguem deve hoje reconhecer. Um anno depois da publicação de cada um dos seus livros, ninguem irá perguntar-lhes quantos centos de exemplares se perfilam ainda nas estantes dos livreeiros, porque este mundo, soberbamente desagradecido, nunca ha de averiguar a grandeza dos sacrificios pecuniarios dos que tressuam e se esfalfam para lhe grangearem a regenera-

ção moral e social de que tanto ha mister. Mas não se embespinhem contra os que tiverem bem merecido da patria, só porque cáem no desacerto de clamarem que não os comprehendem, que não sabem para onde vão.

Desde que a metaphysica se levantou dos bancos das escólas para ir assentar-se á banca dos poetas, começaram estes a vêr apenas « superfetações mesquinhas » na arte que pouco antes admiraram, e negaram o principado da lyra aos que careciam de bom-senso e bom gosto, isto é, aos que não envolviam a poesia nas nebulosidades da metaphysica. Que lh'o agradeça o snr. Mendes Leal que não hesitou em chamar principe da lyra ao snr. Castilho, e não só isso, mas philospho e obreiro do futuro, offerecendo-lhe a sua magestosa poesia *Napoleão no Kremlin*.

Mas a que proposito vem dizer-nos os dois mais furibundos adversarios do snr. Castilho que s. exc.^a não tem arte nem sentimento? Pois a declaração feita pelo cantor da *Primavera* de que não os entendia, era caso para se reduzir ao nada o vulto que se erguia gigante movendo á veneração todos os que presavam as boas lettras?

O snr. T. Braga depois de lhe negar sentimento e arte, diz que tem habilidade porque só habilidade se póde esperar de um cêgo, isto é, tem habilidade para não ter arte, tem habilidade para alinhar versos em que não ha sentimento nem arte, versos sem certo recheio das *Tempestades sonoras* e da *Visão dos tempos* e das *Odes modernas*.

Valha-nos Deus! Se não fosse a Coimbra dos ultimos annos, onde meia duzia de palradores embasbacam com a sua tagarellice as turbas escolares que os applaudem quando elles lhes atiram com uma phrase obscura, que tanto mais os victoriam quanto menos os entendem, e do alto da sua admiração alvar lhes decretam triumphos quando elles entregam

aos prelos o primeiro parto monstruoso procedente d'esse enlace da tagarellice dos oradores com a pasmaceira dos ouvintes; se não fosse o snr. A. do Quental que nos veio dar nas absurdas *Odes modernas* o modêlo da verdade e do sentimento na arte; se não fosse o snr. T. Braga, que ainda hontem aprendia a resar com sua mãe, e já hoje nos estontêa com a *Poesia do Direito* e com muitas coisas que os que não sabem allemão encontram á farta em traducções francezas; se não fosse aquella Coimbra e estes escriptores, ainda hoje estariamos pasmados a lêr e relêr os *Ciumes do Bardo*, e a *Noite do Castello*, e o *Amor e Melancolia*, e a *Primavera*. Que bôcas abertas se não viessem s. s.^{as} fazer-nos dar um estremeção no mais arroubado da nossa pasmaceira, e obrigar-nos a entrar na seriedade devida a este anno de 1866, em que s. s.^{as} hão de estabelecer bem de assento o reinado do Ideal, e assentar a nossa regeneração moral e social em alicerces de nova alfandega!

Bem hajam elles que vieram « demonstrar a exiguidade do snr. Castilho » insultando-o; bem hajam elles que vieram convencer-nos com a publicação de versos ingratos, escabrosos e a cada passo sybillinos, que nós, admiradores do snr. Castilho, seguiamos « uma rotina arcadica, palavrosa, nulla de ideias, de sentimentos falsos; » bem hajam elles que, erguendo no meio de nós um altar ao deus ignoto, nos fazem arrebenatar com um pontapé as estatuas ôcas que os forçaram a cair na sandice de proclamarem o bello independente da fôrma, para não terem de confessar que são bellas ao menos pela fôrma!

Bem hajam elles!

Bem haja o snr. T. Braga que nos veio pôr de pé atraz com o estylo á Fr. Luiz de Souza, « em que se relê depois de lêr e se torna a lêr », evidenciando-nos que nunca leu es-

criptos de Fr. Luiz de Souza, nem de nenhum dos muitos escriptores de boa nota, que lhe ensinariam grammatica e pureza de linguagem que s. s.^a escoucêa desapiedadamente em cada pagina dos seus livros.

Bem haja elle que sonhou uma « fôrma intertelada e urbana » nas amenidades de D. Francisco Manuel de Mello, nas singelezas do bom Fernão Mendes, na sinceridade de Fr. Amador Arraes, na agradável simplicidade de Diogo do Couto, e até talvez na critica comesinha e desenfeitada d'aquelle grande invejoso Diogo de Paiva de Andrade, que ácerca dos Theophilos Bragas do seu tempo, escrevia as seguintes linhas, que muito recommendamos á attenção de s. s.^a:

— « Coitados dos que vivemos n'esta epocha em que a jactancia é tam forçosa e a presumpção tam refinada, que escassamente temos ouvido dois preceitos da rudimenta quando já queremos jubilar na cadeira de prima. E com tam cega confiança não fazemos senão escrever e publicar tudo quanto nos occorre aos enganados entendimentos, sabendo, pelo que vêmos acontecer a tantos outros, que hão de vir a parar nossas curiosidades nos hospitaes ou cemiterios de semelhantes obras, que são tendas, boticas e confeitarias. » —

Bem haja elle que, de candeias ás avessas com a grammatica, com a lingua e com o bom senso, nos veio fazer crêr que é « dissonante para quem conhece a verdadeira eurythmia da lingua » aquella linguagem do snr. Castilho que tanto enfeitçava a mocidade de gosto derrancado e tolo.

Bem haja elle que nos veio fazer vêr que o snr. Castilho « deve a sua celebridade á infelicidade de ser cego, » e que de um cego não ha que esperar senão habilidade, e isto sem cair na tontice de nos aparvalhar com um estendal de erudição bastarda, para convencer-nos de que Homero teve

dois dèdos de habilidade e mais nada, e de que Milton, se ainda alguma veneração merece, tem origem na compaixão esse sentimento !

Ande-me assim, meu amigo ! Deixe-me dar-lhe este nome, ao menos n'este momento de entranhado jubilo em que me parece que o estou vendo a atirar com o mais formal *desmentido* (aproveite a palavra, aproveite) como iamos dizendo, atirando com o mais formal desmentido ás bochechas de alguns invejosos que andam a segredar pelos cafès que s. s.^a tem enfardelado erudição campanuda para compôr cinco duzias de volumes, de texto, seguidos de uma duzia de volumes de notas, que serão copiosissimo catálogo de livros que ninguem lê.

São uns damnados invejosos estes malditos que tem tido o bom senso de formarem para si uma livraria com aquelle tino e acerto com que Aimé Martin architectou a sua *Bibliotheca universal*, sem quererem sair d'ella para se abarrotarem de erudição na leitura das obras, com cujos titulos o snr. T. Braga faz tam esplendidas as notas aos seus escriptos.

Amaro Mendes Gaveta, na carta em verso dirigida ao snr. Castilho, em que dá a muitos que tem entrado na questão mais ou menos do que de direito lhes cabe, diz fallando do snr. T. Braga :

O Braga foi mais ávante
Na censura que te fez,
E diz-nos com tom pedante
Que o teu merito é ser cego !
Isto então é de gallego.

Isto de chamar gallego ao snr. T. Braga por assim ag-

gredir do modo que fica dito a reputação litteraria do snr. Castilho, é um pouco forte. Por acharmos forte a expressão, aqui estampamos esses versos para eterna vergonha de Amaro Mendes Gaveta, porque temos a certeza de que estas nossas linbas hão de ir á posteridade, e á posteridade da posteridade.

Deixemos, pois, este incidente de cegueira que incommoda e arripia os animos, e procuremos um fecho para este longo palavreado que ninguem nos encommendou.

Mas não. Visto que fallamos em posteridade, vem a proposito ajudar o snr. T. Braga a demonstrar, com uma critica tam atilada como a sua (perdoe-nos a immodestia porque é para bom fim) que « a reputação do snr. Castilho acaba com a sua vida » e que nenhum dos seus livros vai á posteridade.

A critica empregada pelo snr. T. Braga para demonstrar a infallibilidade de um acontecimento tam arripador, consiste em não fazer a dissecação das obras que naturalmente s. s.^a já considera como cadaveres, visto que não ha probabilidades de que o snr. Castilho mande reimprimir tudo o que tem publicado, e visto que, não curando o snr. Castilho da reimpressão, « nem mais um volume se tornará a imprimir. » E' evidente que o atilado d'esta critica é o que o snr. Ramalho Ortigão viu, á luz da sua robusta intelligencia, na magresa de um palito que o snr. T. Braga sacou de arvore gigante, de que sabem alguns eleitos talhar alentadas traves para o mais magestoso edificio que é dado ao homem levantar.

Reimprimem-se as obras de Bocage e de Tolentino, e não em edições populares, baratas, que deem aos editores probabilidades de não se arruinarem, mas em volumes de excellente papel e impressão magnifica; reimprimem-se as obras de Bernardim Ribeiro, de Francisco de Moraes, de Ca-

mões, de Gil Vicente, e de outros escriptores classicos que menos delicias a maioria dos leitores de hoje, do que os primores de linguagem e o mimo de versificação do snr. Castilho; editores ha em Lisboa que não desmaiam quando conhecem que cumpre metter hombros ao honrado commettimento de reproduzir boas obras da nossa antiguidade: mas nada d'isto deve fazer esperar que se reimprimam obras do snr. Castilho, porque demonstrou o snr. T. Braga que « depois da morte do author da *Primavera*, nem mais um volume se tornará a imprimir. »

Está a parecer-nos que o snr. T. Braga é capaz de sahir a campo por causa d'essas linhas que escreveu, mettendos-nos os tampos dentro com a declaração de que quando disse — nem mais um volume — não se referia aos do snr. Castilho, mas aos seus. Se assim é, não se incomode, não falle, não venha á praça. Para nobilitar-se basta que o pense.

Concedendo que o snr. Castilho seja pouco mais do que quer o snr. T. Braga, isto é, que seja apenas um incomparavel metrificador e excellente mestre de linguagem, crêmos que as suas obras não estão ás portas da morte por estar velho o author. Mas não concedendo que s. exc.^a seja mais alguma coisa, estão manifestos os motivos por que o snr. T. Braga, do alto das suas abstracções, decreta a indifferença de nossos netos para as producções d'aquelle que s. s.^a se compraz em designar por author da *Joven Lilia*. Não lhe serve como metrificador porque esta gente do Ideal vê um absurdo na pureza da fórma, e contenta-se com versos que só se estremem da prosa pela disposição das linhas: não lhe serve como mestre de linguagem, porque não ha nada que dê menos cuidado a s. s.^a do que é a pureza e elegancia da dicção.

Evidenciado, pois, que as obras do snr. Castilho cahem no abysmo do esquecimento depois da morte de s. exc.^a,

porque o snr. T. Braga cravou n'ellas o escalpello de uma critica imparcial e severa, como cumpre aos homens da nota (pag. 7 das *Theocracias*), critica admiravel que o snr. Ramalho Ortigão, em momento de mau humor, compara com um figo chocho e pêcco cahido do sycomoro da sciencia, resta-nos ao menos a consolação de podermos esperar que serão immorredouras as *Tempestades sonoras*, a *Visão dos tempos*, a *Poesia do Direito*, os contos e mais coisas do snr. T. Braga.

Estamos já a vêr em um futuro proximo cincoenta homens, benemeritos da patria, devorados pela sêde da editoração de livros uteis, engalfinhando-se uns nos outros, decidirem a murro monumental qual ha de agenciar mais dinheiro com a reproducção de tudo isso e das *Odes modernas*, e de tudo o que tem escripto e ha de escrever o snr. Anthero do Quental.

Bravo, snr. T. Braga! Bravo, snr. A. do Quental!

Bravo, mestres!

Ainda vem a tempo.

Estavam quasi compostas as paginas antecedentes, quando sahiu a lume o folheto do snr. C. Castello-Branco — *Vaidades irritadas e irritantes*.

O author d'estas linhas sentiu então não ter fitado a questão por um lado mais serio, tomando por sua conta o snr. T. Braga, como o eximio romancista tomou por sua conta o snr. A. do Quental.

Estas paginas traçadas ligeiramente, sem ancias de nomeada, não serão, porém, impedimento a que mais alguma coisa venha á praça, se por ventura continuarem as vaidades irritadas a manifestar-se em fervuras de quem não pôde fazer mais do que desabafar em palavreado esteril da affronta em que é posto pela severidade da critica.

1911-1912

GUELFOS E GIBELINOS

TENTATIVA CRITICA

SOBRE A ACTUAL

POLEMICA LITTERARIA

POR

E. A. VIDAL



LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50—RUA AUGUSTA—52

—
1866

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO FALHA
DECEMBER 3, 1928

N

LISBOA—TYP. DE SOUSA NEVES, RUA DO CALDEIRA, 17

Assistimos, ha muito, a uma travada pejeja entre guelfos e gibelinos, quer dizer, entre *brancos e negros*, entre os homens da claridade e os do entenebrecimento. O que ao principio se assimilhava a uma contenda de Alecrim e Mangerona, contenda em que de um lado pleiteava D. Gilvaz as excellencias d'aquella planta, e do outro D. Fuas proclamava as virtudes d'est'outra, transformou-se no correr dos tempos em uma batalha renhida, a que, por desgraça, não tem faltado as chufas que nada provam, nem os insultos que nada vencem.

Antes das cousas terem chegado a este ponto malfadado, escrevia eu o seguinte: — «Essa polemica litteraria, que de dia para dia cresce, converter-se ha em verdadeira revolta, e, se eu não me engano, terminará por uma lueta cruenta e decisiva, onde se hão de gladiar os homens do cormentalismo com os austeros contempladores do infinito.» — A prophecia realisou-se finalmente; a liça é já pequena para os contendores que descem a ella, e o ruido das armas perturba o somno e a digestão dos indifferentes.

Deveria eu permanecer no meu retiro obscuro? Deve-

ria contemplar em silencio este duello litterario? Diz-me que não a consciencia. Acima d'estas aggressões pequenas em que tanto uns como outros procuram derribar, quer uma reputação nascente, quer uma gloria já feita, eu vejo a questão da arte, a questão dos principios, a questão das tendencias; questão que é necessario tratar no verdadeiro pé, sem nuvens de rancor que nos obscureçam o espirito.

Póde a chamada escola coimbrã causar á litteratura portugueza os males que a escola marinesca occasionou á italiana? As opiniões divergem. Ha terroristas que o affirmam, e ha patriarchas que o contestam. Eu não vejo na seita de Coimbra, tal qual se nos apresenta agora, força bastante para depravar a arte; mas creio ao mesmo tempo que é dever de bom cidadão tomar o passo a qualquer que lhe invade a terra, para que os ignorantes não acclamem o intruso, e em vez de lhe invergarem a tunica do opprobrio, lhe atirem sobre os hombros a purpura dos Cesares. O que hoje é riacho, sem limpidez nem belleza, póde amanhã engrossar e converter-se em oceano. Depois, o erro, prégado com boa fé ou sem ella, incute-se e enraiza-se facilmente. Os falsos prophetas medram e florescem sempre. Quando se lhes quer pôr travanco, a plebe furiosa congrega-se, apedreja o indiscreto, e vae mais reverente ainda beijar os pés do milagreiro. É a historia de todos os tempos e de todos os povos. Este cair no abysmo, este fugir da luz para as trevas, este negar a Deus para affirmar a Iblis, eis o que eu temo por agora.

II

Digamos antes de tudo, e sobretudo, uma verdade. A escola de Coimbra existia ha muito, a de Lisboa sabia-o, e nem esta nem aquella se provocavam. Ainda mais. Apparecera entre nós um livro, digno de menção pelos rasgos de talento que ostentava, e ao mesmo tempo digno de censura pelos seus não poucos dislates. Este livro era a *Visão dos tempos*. A tal apparecimento reuniram-se os magnates,

perfilaram-se os admiradores, a critica desbarretou-se, os minoristas da imprensa vieram assaralhoados, e de naveta em punho, botar incenso nos thuribulos, os cirios arderam profusamente em volta d'este Genesis sacrosanto. A devoção dos fics crescia de ponto; o moço poeta repotreado na sua curul olympica deixava cair sobre as multidões boqui-abertas um raio de luz da sua graça. Desde as camaras douradas até ás mansardas obscuras, desde o academico até o noticiarista, desde o rico homem até o pobre-diabo, ninguém via, ninguém pensava, ninguém fallava n'outro livro. Lisboa teve de abrir as suas valvulas de salvação, para não voar em hastilhas n'uma explosão de entusiasmo. Esta é que é a verdade. Tempos depois Theophilo Braga dava a lume outro poema. Apesar do supremo desprezo que a escola de Coimbra parece votar ás frandulagens latinas, esse livro, seja dito entre parenthesis, chamava-se *Tempestades sonoras*. *Tempestatesque sonoras*. Os triumphos da vespera cresceram e dilatarem-se; os desgraçados trovadores olysiponenses metteram as lyras debaixo do braço, e recolheram-se aos limbos da sua insufficiencia microscopica.

De que veio, pois, todo este reviramento? porque se ateou de repente a guerra? porque é que Troya se esbrazea em chammas? porque se gladiam os que d'antes se abraçavam? porque se enorna o sel sobre esses louros, entretecidos com tanto amor para coroar frontes que hoje se conspurcam? A carta do sr. Castilho escripta a proposito do *Poema da Mocidade* foi a faúla caída sobre o barril de polvora. A má vontade latente irrompeu furiosa; as labaredas do incendio lamberam todos os diademas.

—«Como farpadas linguas de serpentes»

para me servir de um bello verso do sr. Theophilo Braga. Começou a lide, trocaram-se os primeiros tiros, assestaram-se as bombardas, o padre Tejo levantou-se do seu leito resolvido a arrepellar as barbas do Mondego. Hoje estamos em plena conflagração. De que procedeu, portanto, este alvoroço? De um despeito pueril. A carta do sr. Castilho ferira de rosto o melindre de dois mancebos; estes saíram a campo, e arremecaram as suas frechas contra o poeta dos *Ciumes do Bardo*. Havia desacato em proceder de tal modo,

havia orgulho em suspeitar que quarenta annos de um lavor litterario que a posteridade tem de aquilatar imparcialmente, podiam cair esphacelados ante as injurias e os apodos. Em torno do poeta juntaram-se, então, de momento, os que o tinham sempre applaudido e respeitado; os arraiaes desfraldaram as suas bandeiras, os fundibularios entraram na faina belligerante. O nome do sr. Castilho foi remechido e farriscado no folhetim e no pamphleto; de uma e de outra banda o insulto gratuito e a frioleira chistosa tomaram o posto de honra. Os que deveriam ter saído, e feito ouvir a sua voz, em nome dos eternos principios de bom-senso, quando os horisontes litterarios haviam começado a ennevoarse, esses tinham acolhido com o *Io triumphe* nos labios, os que depois buscariam precipitar nas gemonias do desprezo. Eu, por mim, não sou coimbrão nem olysiponense, não recebo santo nem senha para vir papear em raso; lamento os desvarios, e tremo pelo decahimento litterario.

Estas disputações de nomes e de pessoas não decidem nem esclarecem. Podia o sr. Castilho, como escriptor, valer tão pouco quanto nol-o affigura o auctor das *Odes modernas*, que estas nem por isso subiriam nem mais um furo na bitola da boa critica. A questão, por agora, não consiste em dissecar as obras do sr. Castilho, em lhes fazer uma analyse rigorosa, em as submeter a uma stricta chimica-litteraria, para averiguar as dózes de bem e de mal que ellas encerram. A questão reduz-se em saber qual é o pensamento salutar, benefico, grandioso, regenerador e depurativo que vae no lábaro d'estes campeadores famosos; qual o seu mote, o seu ficto, a sua aurora. A questão é saber se o ideal na arte significa apenas um revolultear de bugiarias teutonicas; se a humanidade se ha de redimir sob as aspersões de Vico, ou se consta que a *Sciencia nova* tenha preparado os melhores cidadãos da republica. A questão é provar que a suavidade, a singelesa, a graça, o lyrismo no verso, devem de sér immolados á duresa, á enfatuação e ao obscurcimento; que um soluço é ridiculo ante o bravejar de um possesso; que as lagrimas de uma creança não valem o phalerno das antisterias; que os anjos tem de cercear as azas para se ensambenitarem de philosophos. Eis o ponto, eis o campo, eis o assumpto em resumo.

Queimae toda essa litteratura aprasivel e deliciosa por onde o coração humano se tem espraído em tantos seculos; fazei um auto-de-fé á vossa porta, não á similhaça do do Cura de Cervantes, para desbaste de parvoçadas e de truanescas phantasmagorias, mas como o de Omar, para testemunho de horror ás boas obras; aqueantai-vos em volta d'essa fogueira immensa; e quando das maiores glorias do espirito humano só restar o fumo e a cinza, levantae um altar a todos esses innovadores do subjectivo e da transcendencia, e annunciae a redempção dos povos.

Deixemos a philosophia nos seus recessos de meditação; sigamos a arte nos seus arrobos de enthusiasmo. Para que despír a musa dos seus veos fluctuantes e impresnal-a n'uma garnacha ponderosa? Cumpre accender no coração a chamma dos nobres affectos; cumpre levar ao espirito o fogo das aspirações remontadas. O poeta é o sublime enviado do futuro, que vem preparar a geração de hoje para o amanhan grandioso e prospero. Como se hade levantar e moralisar este ignorante enorme que se chama a humanidade? o que entende ella das vossas philosophias? de que lhe servem as vossas saraivadas-germanicas? Cantae-lhe o amor: commovei-a até as lagrimas, impelli-a até o sacrificio.

«Fais ce que tu voudras, qu'importe!
 Pourvu que le vrai soit content,
 Pourvu que l'alouette sorte
 Parfois de ta strophe en chantant;

Pourvu qu'en ton poeme tremble
 L'azur réel des claires eaux,
 Pourvu que le brin d'herbe y semble
 Bon au nid des petits oiseaux!»

Ahi tendes compendiada n'estas duas quadras toda a arte poetica moderna. Não duvidareis de certo da auctoridade do mestre, não o repellireis do vosso gremio. Fazei o que vos aprouver, celebrae na estrophe o que vos agita, eternisae no hymno o que vos inflamma, mas sêde humanos, naturaes, intelligiveis; deixae que vos comprehendam, deixae que nos vossos cantos se perceba uma nota d'esse murmurio inefavel, que principia no fremito da relva e que termina na musica das espheras.

Que novo systema de poesia tendes em mente estaluir? porque caminhos desconhecidos quereis agora levar a arte? qual é a vossa columna de fogo, é a inspiração ou a *simbolica*? qual é o vosso modelo, Creuzer ou o Homem? Sacrificae ao povo; descei das abstracções e pousae nas realidades.

Tendes isso por deslustre? pensaes que a poesia desce a certas almas para depois se erguer d'ellas em fragranças inuleis? Nunca, nunca, nunca. «*L'amphore qui refuse d'aller à la fontaine mérite la huée des cruches.*»—O poeta é o anjo do bem posto ao serviço da humanidade. Eschylo diz estas palavras: «—Desde todo o principio o poeta servio o homem. Orpheu ensinou o horror do assassinio, Hesiodo a agricultura, o divino Homero o heroismo, e eu, depois de Homero, cantei Patroclo, para que todo o cidadão procure imitar os grandes homens.»—

Affeiçãoae ao nosso seculo esta maxima eterna, ensinae aos homens, não as subtilezas que vos prendem, mas o amor que gera a familia e que alimenta a liberdade.

Ahi tendes a missão d'essa deosa de olhos azues e de tranças louras contra a qual vos rebellaes acinte. Em quanto os vossos pensadores cavavam e alqueivavam a grande leira da ontologia, e ao cabo de uma noute perdida em cogitações mysteriosas deixavam cair a fronte calva e extenuada sobre os *in-folios* obscuros; emquanto elles discutiam o incomprehehensivel, e atacavam de frente o desconhecido, á similhaça do pagem da ballada que limpava a sombra de um cavallo com a sombra de uma escova; em quanto bracejavam furiosos, procurando rasgar as brumas que lhes encapolavam o espirito; ella, a deosa, a musa do idyllio e da canção amorosa, do rompante bellico e da endeixa suave, ella, a inspiração, o anjo, atravessava o mundo radiante e carinhosa, alentando o fraco, abeneçoando o innocente, recebendo a prece da orphan para a elevar a Deos entre canticos, amando, padecendo, trabalhando por todos,—fazendo romper o sol da consolação e da esperanza do seio do vasto mar das lagrimas humanas!

Perguntae á Grecia antiga o que sabia ella da philosophia eleusiaca? Socrates declarava não perceber Heraclico. Perguntae á propria Alemanha o que julga ella de

Herder ou de Schelling ; responder-vos-ha pensativa, e como a Carlota de Werther : — «Klopstock ! »—

III

Quererei eu dizer com isto que tenho a alta philosophia por inutil? Oxalá que o não suspeitem. Creio nos transcendentales como poderia crêr nos alchymistas. Estes perseguem o absoluto sobre a terra, procuram a pedra philosophal e a panacêa universal, e encontram ao cabo d'esta navegação nas sombras, o opio, o mercurio, o zinco e o antimonio. Porque não ha de a philosophia, descobrir tambem verdades importantes, quando procura hallucinada entrever os grandes segredos do abysmo?

Não ; o que eu quero só é que a arte se manifeste, isempta d'estas preoccupações terriveis. A poesia é como a mocidade, alegre, enthusiastica, expansiva, boa, amando a luz do céu e as flores da terra, brincando por entre as ramos floridas, revendo-se nos lagos tranquilllos, crendo, esperando, pensando no alvorecer que ha de apontar talvez mais bello, nos botões das rosas que hão de desabrochar perfumados, e balbuciando depois aquellas preces que lhe ensinaram no berço entre sorrisos e affagos. A poesia enfatuada e superlativa é a creança doulorona, que em vez de folgar discute, que se amezenda entre os velhos, que tenta engrossar a voz aflautada, e que, se não usa cabelleira é só com medo que o rapazio do bairro se lhe divirta com o rabicho. Deixemos lucubrar os philosophos e cantar os poetas; não queiramos ensinar os rouxinoes a psalmejar o *de profundis*. Os que apparecem com a inspiração na fronte, passam, levados pelo sopro divino, deixando cair sobre a terra os germens que hão de fructificar mais tarde. Que lhes importa a elles toda essa algaravia de vocabulos? o que entenderiam d'ella? Oh, que admiraveis prelecções de cosmogonia deve fazer o monte Branco? como as estrellas hão de fallar de Kepler e de Newton!

E esta pobre da natureza, que ha não sei quantos mil

annos se veste de primaveras, a julgar que é grande cousa porque amadurece o trigo, porque enfolha as oliveiras, porque desdobra os rios, porque inflamma a aurora, e porque ensina os passarinhos a chilrear na copa das arvores. Tolla, tolla; que sabes tu das monadas? que pensas do atomo? que idéa fórmias da synderese? E a transhumanção, e o symbolismo, e a ascese da via purgativa, e o palavriado, e Kant, e Fichte, e as ostras de Hamburgo? Que tens tu feito com os teus cantos? de que nos servem os teus perfumes? Vae longe o tempo em que os Anteos da poesia procuravam no teu seio a força e a vida; hoje, a nova escola, a que hade-terraplenar e amañhar tudo, percorre o espaço, não cingida de festões de rosa, mas involta em uma impenetravel neblina.

Sejamos, todavia justos; a escola de Coimbra desce algumas vezes insensivelmente da sua peanha transcendental, e põe-se ao nivel dos assumptos comesinhos. O seu melhor poeta, ou, para nos expressarmos com verdade, o seu unico poeta, não deixou de banda a musa que lhe segredava estes versos:

— Se a visses á janella
Cuidando em seu bordado!
Podesses, como eu, vê-la
De traz do cortinado!

.....
.....
.....

E se á janella, triste,
Vem pôr sua gaiola,
Se vem deitar alpiste
No comedouro á rôla?

Ai rôla, quem podesso
Gozar os teus carinhos;
Que a vida me parece
Um thalamo de espinhos. —

Nada mais infantil nem mais gracioso, nada mais simples nem mais bello. Sente-se uma pessoa desafogar interiormente quando recita estes versos. Uma creança que deita alpiste a uma avesinha querida enche de aroma um idyllio; Jupiter franzindo o sobr'ólho enche de magestade uma epopêa. Um gesto, um sorriso colhido entre os labios, um volver

d'olhos triste, a vermelhidão do pejo affogando um semblante, eis a simplicidade e ao mesmo tempo a poesia. Dante nunca subio tão alto como quando descreveu uma leitura entre dois amantes. Onde foi elle buscar o segredo d'aquelles encantos, a singeleza d'aquelles traços, a paixão d'aquellas fallas? Ensinou-lhos a philosophia ou o seu coração ardente? vieram-lhe das profundezas da sciencia ou de uma recordação de Beatriz?

—«Noi leggevamo un giorno per diletto
Di Lancilloto come amor lo strinse :
Soli eravamo e senza alcun sospetto.

Quando chegardes áquelle tercetto assombroso de verdade e de candura, em que depois do primeiro beijo elles fecham para sempre o livro,

—«Quel giorno più non vi leggemmo avante.»—

abjurae a metaphysica moderna, ou, se o não poderdes fazer, ide então, novos *Cedipos*, decifrar o

Raphel mai amech isabi almi,

que o poeta põe na bocca de Nemrod!

IV

Deixemo-nos de distincções futeis, de demarcações impossiveis, de banalidades pueris; em litteratura só póde haver uma escola—a da verdade. Ninguem inventa, ninguem innova; todos exprimem, todos modelam, todos traduzem, todos sublimam na forma. A humanidade é o solo immenso sobre que o poeta levanta os seus monumentos. Todos elles são feitos do mesmo bronze, todos elles transsudam as mesmas claridades. No frontal d'essas moles altissimas o architecto grava o seu nome, imprime o seu cunho, chancellia a sua obra, e deixa-a ás gerações. O Pantheon é de marmore como a cathedral gothica; n'aquelle ha, todavia, a simplicidade correcta, n'esta os enredamentos e as laçarias caprichosas. De que differente especie são feitos esses por-

tentosos edificios que se chamam o *Livro de Job* e a *Illiada*? Não saem ambos da natureza? não respiram o mesmo calor de affectos, não revelam o mesmo alevantamento de espirito? Em que se distinguem? o que os extrema? o que os separa? Depois da *Illiada* não surge a *Orestia*? depois de Job não apparece Shakespeare? O que divide ainda estes d'aquelles? Helena é porventura uma innovação ou Clytemnestra um improviso? Job carpindo-se no muladar é acaso uma ficção ou Hamlet é apenas um desvario?

A originalidade na arte é a individualidade na forma. A poesia é tudo quanto é verdadeiro, simples e harmonioso; o grande problema de hoje é a producção do real no ideal, a pintura exacta da humanidade alcançada por meio do engrandecimento do homem. Os verdadeiros poetas, os genios, não inventam. São immensos, são multiplices, tem o azul do ceo e a escuridão da treva, o suspiro e o bramido, a alegria e o desespero, as flores e as rochas, a vida e a morte. Por isso V. Hugo os compara ao oceano. Quem inventa é Davenant, é Jeronymo Vahia, é Chapelain, é o padre de Saint-Louis. Os genios são a verdade radiante; os mediocres são o artificio abstruso. A *Magdaleneida* é mais original que o *Othelo*; a heroina do reverendo carmelita excede no descommunal das formas a trivial, a ramerraneira, a naturalissima verdade d'aquelle eterno typo de Desdemona.

Que significa, pois, o entono com que fallaes no ideal? O que entendeis por esta palavra? O lyrismo apaixonado, o arrebatamento epico, a verdade esplendida, o incitamento á virtude, o amor da gloria, o anjo saindo do homem, o bem santificando o bello? Não! O que hoje se adora, o que hoje se divinisa, é esse mesmo idolo eterno do felichismo litterario — Viechnou de innumeradas encarnações, que em todos os seculos tem tido o seu cortejo de bonzos.

«Ideal, ideal; — ouço eu bradar o coro dos levitas que vão levando em peso a arca santa da moderna civilisação — ponham-se de banda esses arrulhos de pomba, aquentem-se os fogões d'alem do Rheno com toda essa farrapararia inutil que principia no *Cantico dos Canticos* e que vem até as *Folhas Cahidas*; sepulte-se no enxurro das frioleiras quanto

respirar a perfume dos baledos e a grata fresquidão da relva luzente, começae pelo livro de Ruth e acabae no *Pastor fido*. Sêde homens, sêde reformadores, a sociedade carece de sangue novo, o espirito lateja nas ancias do absoluto. O nosso Deos não é o «pae que está no ceo»—*pffu!*... o nosso Deos é o infinito. Svedenborg é o seu propheta. Caminhae, progredi, solevantai-vos da terra, saccudi do calcanhar os limos mundanos, quebrae o ergastulo, espedaçae o involucro que vos estringe,

—Atac as mãos ao vosso vão receio.

soltae o rumo, navegadores do abysmo! O amor é uma parvulez ephemera, a saudade um fumo que nos enturva, o enthusiasmo uma sobreexcitação de nescios. Hegel aperta as nadegas possantes para rir ás gargalhadas dos colloquios de Paulo e Virginia.

Derroca-se o mundo velho, desmoronam-se os poemas intelligiveis, escalavra-se o vocabulario terreno, Quijote encanCHA-se nos largos hombros do Sancho materialão e positivo, e accommete os Guaramantas adversarios. Arraiam-se os horisontes com os primeiros albores do dia novo, *les diables s'en vont*, isto é, desaparecem os cantores pedestres; a immensidade rebôa ao galopar de ginetes que se approximam. Vencemos Alarico! Temperem-se os alaudes, alinem-se os psalterios, e o canto dos bardos glorifique as nossas façanhas!»

—«Barbaros, barbaros!»—diz então uma voz que se chama a consciencia!

V

Finalisemos por agora. Traçando estas breves considerações sobre a actual polemica litteraria não tive em mente aggreDir nem este nem aquelle bando, mas simplesmente dizer o que penso a respeito do assumpto que se debate, dando de mão a incidentes. Não quiz, tampouco, assumir o papel de propugnador de A. F. de Castilho; tenho para mim que defendel-o seria injurial-o, seria duvidar da ro-

bustez d'aquelle talento. Elle bem sabe que ha atheos na arte como os ha na religião;—homens que negam a divindade. Que se lhes ha de fazer? punir-lhes a descrença com a tortura? nunca. O *crê* ou *morre* é a razão suprema da tyrannia estúpida. Quando alguém ousa profanar o altar ante o qual deveria curvar-se respeitoso, cumpre admoestar o pagão, e cathequisal-o em seguida.

Quem são esses gigantes que ousam escalar o ceo, soplando os montes, e encumiando-se n'elles com a mais esbagaxada pantalonice? Resurgiram Efsialto e Briareu, ou os vulcões espirram no estrebuxar d'estes filhos da terra? Nada é de certo. Os gigantes dormem, e os deoses permanecem. A serenidade magestosa é o caracteristico d'estes ultimos. Applaudo a longanimidade do sr. Castilho; mais lhe applaudiria ainda o silencio completo. Ninguem o maculou, ninguem o ferio; passe a mão pelo rosto e verá que o sente incolume. As ballas rojaram-lhe pelos pés, frias e inoffensivas. O arcabuz que as despedira não tinha alcance para tão alto. Que ha novo n'estes accommettimentos audaciosos? Estamos, principalmente, n'uma época de reacção; o fermento da philosophia anda a levedar por todos os lados; a arte sente-se trabalhada pelas ancias de um parto laborioso. Teremos um Deos ou um murganho? Volvamos os olhos para o oriente, proclamemos a luz, combatamos a obscuridade; eis tudo. A escola de Coimbra, (não façamos questão sobre este vocabulo *escola*), parece estar convencida que o bello é o inextrincavel, que os genios devem fazer-se ouvir, como os heroes de Ossian, atravez dos nevoeiros. Eu creio o inverso; o que ahi fica dito é, portanto, a minha carta de crença litteraria. Lamento as intelligencias que se trasmontam como as ovelhas que se trasmalham. Se eu fosse pastor nas lettras tresnoutar-me-ia para as encarreirar. Que fazer alem d'isto? como adoptar outros alvitre? Este tumulto que se levantou, e que por desgraça tem tomado um corpo desmedido, só póde terminar pelo convencimento. Antes d'isso a lucta ha de padecer do mal de todas as luctas. Quando as armas da razão se quebrarem nas mãos dos combatentes, ficar-lhes-ha nos labios o praguejar insultuoso. Não queiramos para nós este recurso.

Dois ou tres mancebos em cujo espirito fez móça a ra-

jada da philosophia, seguiram com ella, fazendo a sua derrota em demanda de novos mundos. Advertil-os era tarefa de piloto experiente. Fel-o, não sei se com asperesa, mas ao certo com verdade. Os modernos descobridores sublevaram-se, e feriram o ceo com uma celeuma desatinada. Começou então a contenda. Nas aguas que primeiro sulcaram alguns bergantins de pequena guinda, navegam já hoje galeões alterosos. Que significa, todavia, esse pavilhão que tem por mote=*dignidade e independencia*=que os sinaileiros do infinito içam ao tope do arvoredo? Quem lhes disse a elles que se lhes quer beliscar no sôro intimo de escriptores? quem lhes prégou a servidão como evangelho do poeta? quem pensa em que as aguias tragam ao pescoço um trambolho, como os cães por tempo de vindima? Ninguém, que eu saiba. O que se diz, o que se afirma, o que se protesta é que as theorias ensarilhadas da Allemanha, que vieram até nós fazendo escalla pela França, nem lá tem estorroados grandes caminhos para o futuro, nem por cá farão milagre; é que o poeta não tem que jurar a cada momento por Michelet, como os teutões por Hermann, nem deve ensinar a derrubar a santidade das crenças para erguer n'esse throno devoluto uma chimera de treslidos, um ideal avariado.

O que se diz, o que se afirma, o que se protesta é que a arte, no alto sentido d'esta palavra, só deve ter por fim dissipar o que é nuvem, lavar o que é macula, levantar o que é rasteiro; arejar o que é felido, allumiar o que é sombra, robustecer o que é anemico, limpar dos cogumelos do atheismo risivel a planta nascente que se apruma para o céo. Ninguém vos quer enfeudar, ninguém attenta contra a vossa dignidade de homens de letras. Pensaes edificar para os seculos e trabalhaes para o esquecimento; julgaes fazer a luz e amontoaes as trevas. A vossa obra é como o abysmo de Milton,

— *A dungeon horrible on all sides round,
— yet from those flames
No light, buth rather darkness visible.* —

D'esta apreciação, d'estê modo de julgar a nova escola que tende a implantar-se entre nós, tem resultado as vaias descompostas, e as censuras bem cabidas. Desprezar

aquellas é dever, aceitar estas prova é de discernimento e de cordura. O afan com que a maior parte dos nossos escriptores, (e alguns de primeira grandesa), anda involvida n'esta pugna, diz bem alto aos pachorrentos que ella não é tão frivola como isso. A faisca póde tornar-se incendio, como a raiz póde converter-se em floresta. Defendem-se as immunidades da arte como se defendem as da patria; os sacerdotes do bello vigiam pelo seu culto.

Eu, sem ter vaidades tresloucadas, entendi que poderia vir tambem a publico, não de mitra e báculo, para exorcismar os energumenos, mas como simples leigo, que, se não destrinça ainda bem todos os mysterios do rito, tem, pelo menos, fê viva na religião dos seus maiores.

FIM

CATALOGO CHRONOLOGICO

DOS OPUSCULOS PUBLICADOS ATÉ HOJE

SOBRE A ACTUAL

QUESTÃO LITTERARIA

- 1—**A. F. de Castilho**—Carta ao editor A. M. Pereira sobre o *Poema da Mocidade*, impressa no fim do poema (Esta memoravel carta de critica litteraria é que suscitou a famosa questão que se está debatendo)
1 vol. brox. 600
- 2—**Anthero do Quental**—Bom senso e bom gosto, carta ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, 3.^a edição, br. 100
- 3—**M. Pinheiro Chagas**—Bom senso e bom gosto, folhetim a proposito da carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao sr. A. F. de Castilho 100
- 4—**Manuel Roussado**—Bom senso e bom gosto, resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, br. 100
- 5—**Elmano da Cunha**—Carta em resposta a outra bom senso e bom gosto dirigida por Anthero do Quental ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho o incomparavel traductor dos Fastos de Ovidio, obra em que se faz o confronto de Romulo e Jesus-Christo, offerecida ao incomparavel duque de Saldanha, br. 100
- 6—**Julio de Castilho**—O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental, 2.^a edição, br. 160
- 7—**Theophile Braga**—As theocracias litterarias, br. 100
- 8—**Anthero do Quental**—A dignidade das letras e as litteraturas officiaes, br. 160
- 9—**Eul de Porto Carrero**—Lisboa, Coimbra e Porto e a questão litteraria.—A carta do sr. Anthero do Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, M. Roussado e Julio de Castilho, 2.^a edição, br. 160
- 10—**A. Ferreira de Freitas**—Os litteratos em Lisboa—poemeto illustrado por Jeronymo da Silva Motta, bacharel nas faculdades de theologia e direito, br. 240

- 11—**Amaro Mendes Gaveta**—O mau senso e o mau gosto—Carta muito respeitosa ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho em que se falla de todos e de muitas pessoas mais, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro, br. 100
- 12—**S. de A.**—Bom senso e bom gosto—Carta de boas festas a Manuel Roussado, br. 100
- 13—**J. D. Ramalho Ortigão**—Litteratura de hoje, br. 20
- 14—**Camillo Castello Branco**—Vaidades irritadas e irritantes—opusculo ácerca de uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria, br. 200
- 15—**Augusto Malheiro Dias**—Castilho e Quental—reflexões sobre a actual questão litteraria, br. 100
- 16—**Urbano Loureiro**—Questão de palheiro; Coimbrões e lisboetas, br. 100
- 17—**Ermitta do Chlado**—Garrett, Castilho, Herculano e a escola coimbrã, ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea, br. 100
- 18—**G. F.**—A litteratura ramalhuda a proposito dos srs. Castilho e Ramalho Ortigão, br. 100
- 19—**A. F. de Castilho e J. A. de Freitas e Oliveira**—A questão litteraria—a proposito do jazigo de José Estevão, br. 60
- 20—**José Francisco**—Os coimbrões; questão em que tambem entra pelos cem réis, José Francisco, caidor da rainha do Congo; com uma dedicatória por Diogo Bernardes, br. 100
- 21—**José Feliciano de Castilho**—A escola coimbrã.—Cartas, ao redactor do Correio Mercantil, do Rio de Janeiro (este folheto contem as tres primeiras cartas; as seguintes formarão outro folheto que já está no prelo), br. 100
- 22—**Eduardo A. Vidal**—Guelfos e gibelinos. Tentativa critica sobre a actual polemica litteraria, br. 100
- 23—**P. W. de Brito Aranha**—Bom senso e bom gosto. Humilde parecer com uma carta do ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, br. 100
- 24—**Eduardo Salgado**—Litteratura de ámanhã, duas palavras ao sr. Anthero do Quental, br. 100
- 25—**Carlos Borges**—Penna e espada, duas palavras ácerca da *Litteratura de hoje*, de Ramalho Ortigão br. 100
- 26—**Anonyme**—Anthero do Quental, e Ramalho Ortigão, br. 100



511 22 121

O BOM-SENSO E O BOM-GOSTO

HUMILDE PARECER

DE

BRITO ARANHA

COM UMA CARTA DO SENHOR

A. F. DE CASTILHO

LISBOA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50—RUA AUGUSTA—52

1866

O BOM-SENSO E O BOM-GOSTO

HUMILDE PARECER

DE

BRITO ARANHA

COM UMA CARTA DO SENHOR

A. F. DE CASTILHO



LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50—RUA AUGUSTA—52

—
1866

HARVARD UNIVERSITY LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO FALHA
DECEMBER 3, 1928

LISBOA — TYP. DE SOUSA NEVES, RUA DO CALDEIRA, 17

AMIGO SR. ANTONIO MARIA PEREIRA

Foi v. editor do *Poema da Mocidade*, do nosso melodioso poeta e esplendido prosador Pinheiro Chagas, e deu esta obra de si a guerra a que temos assistido, uns com grande praser e outros com grandissimo pezar; mas tambem foi v. o editor do opusculo de Manuel Roussado, o escriptor humoristico, que veio para logo ao campo em defeza do bom senso e do bom gosto; foi-o daquelle justo desagravo de Julio de Castilho, e ouvi que ainda o será de outros folhetos relativos ao assumpto.

Pelo que vejo, pois, e pelo que posso avaliar do seu animo, quer v. colligir as peças deste processo, na parte que se refere á defeza do sr. A. F. de Castilho, e nisto procede muito bem a meu ver; porque emfim quando os vaidosos e os maus se elevam em nuvens de poeira para dahí cuspirem injurias e affrontas contra homens venerados e venerandos, é razoavel e justissimo que se expulsem e acossem esses taes, desfazendo-lhes as nuvens que os cegam e nos incommodam.

Não formára tenção de entrar na controversia, mas os veres do officio me obrigaram, e v. sabe, porque me

conhece ha muitos annos, que não costumo occultar o meu voto em certos assumptos para que ninguem o suspeite, ou para enganar os contendores mascarando-me com uma imparcialidade, que será sincera ou não, e dou, portanto, esse voto como posso, e sem covardiã nem hypocrisia. No *Annuario*, publicação fundada pelos honrados editores do *Archivo Pittoresco*, onde collaboro ha oito annos, escrevi ácerca da controversia de que se trata. Em desempenho, pois, do dever de jornalista; e em cumprimento da obrigação de humilde relator dos successos do mez (obrigação de *chronista*, em phrase elevada e de dar na vista aos parvos), resumi a controversia em breves linhas, e por modo que os leitores ficassem sabendo o *estado da questão*. Como verá, meu amigo, escreveram-se os artiguinhos, e figura-se-me que os leitores ficaram sabendo o caso; mas, assombrado pela audacia com que uns mancebos se levantavam mestres sem terem sequer dado testimonho de bons discipulos, depois de narrar o caso, glossei-o. Não me arrependo. Sentí unicamente que o espaço fosse tão limitado, porque assim não disse tudo o que devia dizer, e que tinha para dizer. Pois não o direi agora, visto que o meu intuito é de colligir e não de ampliar.

Leia, meu amigo, o que escrevi nos dois numeros do *Annuario*, correspondentes aos mezes de dezembro passado e janeiro corrente.

Disse no primeiro o seguinte:

«Tem chamado a attenção do publico a controversia «litteraria a que deu causa a publicação de um opusculo «do sr. Anthero do Quental, auctor das *Odes Modernas*, «contra o sr. Antonio Feliciano de Castilho, porque este insigne poeta, na carta junta ao *Poema da Mocidade*, de «Pinheiro Chagas, verberou, como devia, mas urbanamente, o estylo introduzido nas obras dos escriptores chamados «da *escola coimbrã*, novo gongorismo de que são proselytos «os srs. Anthero do Quental, Theophilo Braga e outros.

«O referido opusculo do sr. Anthero, que, a fim de «ser comprehendido, saiu das nebulosidades de um estylo «ingratissimo para uma linguagem clara e ao alcance dos «simples mortaes, provocou já uma engraçada resposta do

«sr. Manuel Roussado, e uma conscienciosa refutação do sr. Julio de Castilho, filho do grande poeta aggreddido.

«Em defesa do sr. Anthero escreveu um tal Elmano da Cunha, e dizem que apparecerá um opusculo do sr. Theophilo Braga, e outro de um escriptor açoriano.

«O sr. Pinheiro Chagas já escreveu no *Jornal do Commercio* a proposito d'este assumpto, mas crê-se que, não satisfeito com a audaciosa verrina do auctor das *Odes*, contra o sr. Castilho, publicará um folheto em que patenteará, com toda a sua fealdade, os enormes aleijões com que vem a publico os sectarios do novo gongorismo.

«Estes diversos folhetos reunidos formarão, por certo, um grosso e interessante volume.»

No segundo numero, escrevi o que em seguida transcrevo:

«Tem continuado a renhida controversia, entre alguns escriptores de Coimbra e de Lisboa, acerca da critica litteraria do sr. Antonio Feliciano de Castilho no *Poema da Mocidade*, do sr. Pinheiro Chagas, a que nos referimos no *Anuario* anterior. Em defesa do sr. Castilho e do bom nome das letras portuguezas, antigas e modernas, vieram os srs. Innocencio Francisco da Silva, A. A. Teixeira de Vasconcellos, Ramalho Ortigão, Zacharias Aça e outro filho do poeta aggreddido. Em defesa do sr. Anthero do Quental saíram o sr. Theophilo Braga, e anonymos em diversos jornaes e opusculos, mas estes com tal azedume e tão pouca justiça, que os periodicos, ao annunciarem a apparição dos escriptos, não tem deixado de verberal-os como merecem.

«O artigo do sr. Innocencio da Silva, o distincto bibliographo, teve por fim levantar, ou, antes, sustentar a fama e a veneração de que justamente gozam entre os cultores das boas letras os nossos classicos, que são os mestres de todos os que prezam a vernaculidade da lingua, e que os adversarios do sr. Castilho pretenderam ridiculisar referindo-se a elles com o mais humilhante desprezo.

«O artigo do sr. Teixeira de Vasconcellos, sob o titu-

«lo de *Pax!*, tendia á conciliação; notando a temeridade do sr. Anthero do Quental em aggreir um vulto litterario como o sr. Antonio Feliciano de Castilho, respeitado e venerado de nacionaes e estranhos pelos seus importantissimos serviços á litteratura, o esclarecido redactor da *Gazeta de Portugal* desejaria que o novel escriptor de Coimbra viesse confessar publicamente o seu erro e a sua audacia, e dar testemunho de que não podia deixar de respeitar o que era respeitado de todos.

«Um novo folheto em verso contra o sr. Roussado, que tambem defendêra o sr. Castilho, veiu engrossar o numero, já avultado, das folhas avulsas relativas a esta controversia litteraria, mas não suavisar a rudeza de certos contendores. A controversia, pois, continuará, e não sabemos quando chegará ao termo. Os escriptores, que trouxeram ao campo tão ingrata polemica, reconhecem porventura a sua precipitação e o seu erro, porque a critica litteraria não desce nunca a questiunculas pessoases, mas não querem confessar a culpa e pedir a absolvição. Este procedimento não deslustraria os moços escriptores, ao passo que a sua teimosia é digna da mais severa censura.

«Desde o tempo do celebre José Agostinho de Macedo, que soube sustentar ruidosas e escandalosas controversias litterarias, não houvera, comtudo, outra, como a que está chamando, e ainda chamará, a attenção de todos, pela pertinacia com que a alimentam.»

Eis o que eu escrevi, sr. Pereira.

Julgo que nessas linhas todos lerão o meu pensamento—qual o de me collocar da parte dos que defendem o bom senso e o bom gosto.

—Mas de que lado está?— não me pergunta v. ; porém talvez que o perguntem outros.

Boa pergunta! Está visto que o bom senso e o bom gosto só podem encontrar-se nos que provam, e não nos que não provam tel-os.

A este respeito digo-lhe, com verdade, meu amigo, que quando ouvi fallar de uns moços de Coimbra, que se gabavam de ter regenerado as letras com duas pennadas, me

occorreu immediatamente indagar os nomes delles; e, quando os soube, fiquei, como se costuma dizer em mau portuguez, *desapontado*. Ostentarem-se mantenedores do bom senso e do bom gosto escriptores que tinham dado, na sua curta vida, tantissimas provas de mau senso e de mau gosto, era caso para assombrar!

Reflecti depois e conclui:

Elles não procedem assim porque os incite a ignorancia; o que elles tem é muita pedanteria, e como se julgam em terra de cegos porque os assopraram, vão andando, andando, andando, inattentos, sem lograrem conhecer o terreno que pisam.

Farão muito bem para si, mas fazem muito mal ás letras, que pretendem levantar, e dão com isto novo testemunho de mau senso e de mau gosto.

Vir á imprensa fallar de um homem, de um poeta ou de um prosador, e propalar que é baixo ou é alto, que é gordo ou é magro, que a sua fama não passa de Santo Antonio da Convalescença ou chega até ao Brazil, que o seu nome é tão respeitado entre nacionaes como entre estranhos, que tem muitos ou poucos amigos e admiradores, que tem côrte ou deixa de a ter; vir á imprensa deste modo é porventura o dever do escriptor, ou direito do critico? De certo não.

Pois o merito delles não foi outro. Vieram discutir as pessoas, mas não discutiram as obras, como deviam.

E digo-lhe mais: que, quando vi todos os livros de que elles se pavoneam, tão escuros e confusos, o meu assombro cresceu; lembrei-me de que nesses livros estava a sua maior condemnação, porque havia com effeito naquellas paginas a ousadia do talento, mas a mais desastrada das manifestações; e inferi que se elles tivessem presentes os preceitos da critica, não se sairiam com umas rodamontadas, capazes apenas de metter medo a crianças.

Sabe v. o que é bom gosto na arte de escrever? É, se não me engano, a razão esclarecida, é a perfectibilidade do senso commum, é a leitura bem digerida, é a clareza, é a simplicidade.

É exactamente o que lhes falta a elles.

Tudo mais são europeis, são bagatellas, são ridicu-

larias, que perturbam o talento, e o amesquinham em vez de engrandecel-o.

Abro aqui um parenthesis, para notar que tambem andam pela nossa terra uns bons individuos a fallar da *sociedade de elogio mutuo*. Conheço muitos homens de letras; com alguns me ligam estreitas relações de profundo affecto e sincera veneração, mas devo declarar ingenuamente que em mão de nenhum vi até hoje diploma da tal sociedade!

O que os taes accusam de elogio mutuo é a reciproca fraternidade que deve existir entre os membros de uma corporação tão limitada, e a mutua benevolencia com que devem tratar-se aquelles que, dando-se a uma profissão tão honrosa, mas de tão mesquinho futuro, mal poderiam viver sem essa fraternidade, e sem essa benevolencia.

Sem tal auxilio, nesta terra em que os editores dão testemunho da miseria dos auctores, não por falta da offerta, mas por causa da escassez do consumo, e em que v. é exemplar, porque se arrisca para animar as letras, e ir sempre contribuindo com o material de que póde dispôr para o edificio grandioso do progresso, de tão difficil e laboriosa construcção; sem tal auxilio, repito, os auctores de talento ficariam ignorados, ou seriam esmagados pelos maus, e pelos tolos que abundam, ou teriam a sorte dos mais infimos entes, ou ainda peor que a destes, pois que nem lhes dariam abrigo no asylo da mendicidade, se chegassem á velhice, nem encontrariam amparo nos hospitaes, se enfermassem, porque lhes faltaria acaso quem lhes passasse o diploma com que vão para lá os mendigos que supplicam pelas ruas!

Se isto é accusação que tenha peso, respondam a ella os accusadores prescrutando a propria consciencia. E são elles que pregam a fraternidade com as mais selectas phrasas! e querem guiar o povo ao qual se dirigem para o illudir! Que tristissimo pregão! e que singularissimo exemplo!...

Lá ia eu entrando na materia, como se diz no parlamento, sem lhe dar a razão desta carta. Desculpe-me, v.

Quando saíram os primeiros numeros do *Annuario*, a que me referi acima, enviei-os ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, para que o grande poeta os juntasse aos que por ventura lhe hajam enviado, e para que o meu antigo amigo e mestre me continuasse a contar entre os que não deixa-

ram, nem deixarão, de o presar e venerar. E neste sentido escrevi-lhe uma cartinha, a que o sr. Castilho me fez o favor e a honra de responder immediatamente.

Encontrará junto a carta do nosso illustre amigo, e dando-lhe lugar na collecção dos opusculos, que v. tem mandado imprimir, com tamanho praser em apologia do grande poeta, maior obsequio me fará a mim que a elle, pois o meu voto é dos mais humildes.

Em conclusão: entre um mestre bom e uns discipulos maus, confesso-lhe, meu amigo, que não chegarei nunca a entender-me com os ultimos, mas que respeitarei sempre o primeiro.

Creia-me, sr. Pereira, que me assigno com particular affecto

De v

Venerador, amigo e servo obrigado

Lisboa, travessa da Espera, 53
21 de janeiro de 1866.

BRITO ARANHA.

MEU CARO E EXCELLENTE AMIGO SR. BRITO ARANHA

Beijo-lhe as mãos pela sua consoladora cartinha ; beijo-lh'as pelos seus obsequiosos artigos no *Annuario do Archivo Pittoresco*, coròa moral do anno passado, e boas estreias moraes do anno presente.

Bem haja v. que se não acovarda como tantos outros de tomar voz pelas boas doutrinas ultrajadas, pela dignidade do senso commum, acinte e systematicamente perseguido e ludibriado.

Este vergonhoso conflicto entre o siso e a proibidade por uma parte, a insensatez e a protervia pela outra, se é um escandalo, como realmente é, não se póde ao mesmo tempo negar que tenha suas utilidades não pequenas : é como os temporaes do inverno : assolam muita coisa em quanto cursam, arrancam arvores seculares, destelham egrejas, arêam e empedram campos, afogam animaes e gente, mas afinal, e bem lançadas as contas, lá estão, á bruta, e sem o quererem, preparando forças novas, e mais crescidas abundancias para as seguintes quadras.

A nossa litteratura, e, em particular, a nossa poesia, andava, como hoje dizem, acanaviada, marasinada, e sem

ninguem lhe acudir, nem sequer se advertir em que estava doente; agora o estrondo da discussão chamou as atenções, olhou-se para a formosa enferma, e reconheceu-se que estava, gravemente pustulosa, sim, mas não perdida.

Vivam pois os maus e os lolos, que fizeram o bem a que os avisados e os serios se não resolviam!

Mas a este beneficio principalissimo accresce cá para mim outro de não menos tomo, a saber: que nos vaivens d'esta triste guerra civil (pois de questão litteraria a converteram em guerra) se estão dando por si mesmos a conhecer quaes são os homens d'alma e coração, e quaes os pusillanimes e os velhacos.

Muitos dos que adherem pelo coração aos interesses sacrosantos do bom senso e do bom gosto, e que se se declarassem varonilmente seus partidarios concorreriam não pouco para os fazerem triunfar mais cedo, retraem-se de dar voto onde lh'o oiçam, até parecem tremer de que lh'o suspeitem; taxam de *Quichotes* aos briosos, e pouco se lhes dá de que os briosos os alcunhem a elles de *Sanchos Pansas*. Fazem-me lembrar um bobo de uma das nossas comedias velhas, que, tratando a cidade onde elle vivia, de resistir a uma investida de inimigos, exclamava, todo tremulo:—*Ó meu Deus, salvae a minha terra, e dae-me um cantinho onde eu me esconda!*

V. lê por outro breviario, menos sebento e mais proprio d'esta idade, que é de exame, de franqueza e de hombridades. Pelo que, aos meus agradecimentos junto agora, com igual fervor, os meus parabens a v. .

Alegre-se ainda assim que não está só em campo: tem camaradas; e que excellentes camaradas! Pinheiro Chagas, Roussado, Teixeira de Vasconcellos, Rebello da Silva, Osorio de Vasconcellos, Ricardo Guimarães, Freitas Oliveira, Zacharias Aça, Innocencio, Carlos Borges, Thomaz Ribeiro, Simões—o correspondente da *Liberdade*, Bulhão Pato, Vidal, Marianno Froes, Camillo Castello-Branco! Ia pôr *etc.*, mas depois de tal nome já não cabe. Por estes dois ou tres dias vamos receber um folheto d'este admiravel talento, com o titulo de *Vaidades irritadas e irritantes*. Já estou almejando por essa leitura.

Diz-me o coração que a polemica vai ser acabada com

as razões e autoridade de tal escriptor, e d'ahi ávante não haverá mais que enterrar os mortos.

E d'ahi talvez me engane. Quanto mais confundidos se virem os madraços mal educados, mais hão de escoicilhar por vingança em todos nós. São como os antigos povos da Parthia: até desbaratados e fugindo disparam para traz settas envenenadas. As focas e os bonachos acoçados dos caçadores, fazem tambem coisa muito parecida.

Seja o que fôr, e como fôr. A razão, que é filha de Deus, e a poesia, que é filha da natureza, podem ser por algum tempo, e a partes, escurecidas e negadas, assim como o sol e a lua têm de tempos a tempos seus eclipses mais ou menos amplos; mas o que não podem é ser aniquiladas por meia duzia de criançaços insolentes, de nulla educação, e instinctos pessimos; e todavia tambem uteis e preciosos, como o eram os escravos ebrios que os lacedemonios, em quanto são e austeros, faziam apparecer no meio de suas festas nacionaes, para que a mocidade inesperta escarmentase e aprendesse naquelles exemplares de hediondez.

No admiravel livro que v. leve a bondade de me emprestar, nos *Contos campesinos*, de D. Antonio de Trueba, ha um que nós já relemos duas vezes, intitulado *Lo que es poesia*. Que lição para Theophilos e Antheros! Porque a não traduz v. ? Para elles não digo, mas para a gente de miolos sem nevoa. Será mais um bom serviço prestado por v. ás lettras patrias, que já lhe não devem pouco pelo que lhes tem dado d'aquelle santo e formosissimo poeta.

Que noticias tem v. do nosso Victor Hugo? Será verdade o que ahi disseram n'outro dia os noticiarios de se achar muito mal dos olhos? Deus permitta que seja tão falso como foi o testemunho que lhe levantaram aqui ha annos de que, já cançado do desterro, se tornava para França! Nunca em tal acreditei: um gigante póde ser esmagado debaixo de montanhas, mas nunca se suicida. Deus permitta que esta segunda ballela seja tão vã como a primeira.

Queira dizer-me o que souber de positivo a este respeito.

Victor Hugo privado de ler e de escrever! Era um eclipse para o mundo! Deus me livre de o ter por compañheiro.

Victors Hugos cegos, bastam os que nós por cá temos a fazer *Odes modernas*, e *Fiat lux*, e *Beatrices*, e *Visões de tempos*, e *Tempestades sonoras*, e *Poesias de Direito*.

Uma coisa lhe quero eu aqui dizer á puridade: aquelle grande homem, aquelle, para mim, o mais insigne poeta de todo o mundo, aquelle nosso inspirado mestre Victor Hugo, tem grave imputação na doidice furiosa d'estes rapazes:

Qui bibit inde, furit...

Incharam como a rã da fabula á vista da corpulencia até rebentarem naquelles despropositos. Perdeu-os o rifão do arrieiro do *Palito Metrico*:

Nos quoque gens sumus, et quoque cavalgare sabemos.

Parodiaram o sublime; incaram-nos de *Hugosinhos de pechisbeque*, e proclamaram:—*Aqui está a religião nova — a nova filosofia — a nova poetica; creiam nos bonecos, ou morram!*

Pois, sr., nem havemos de crer nos bonecos, nem morrer.

Quanto mais contemplarmos a aguia de Guernesey, mais nos havemos de rir do piscar dos olhos d'esses mochos saídos do ovo, que olham para um morrão, e cuidam que estão a encarar o sol.

Um exemplo (e pudera citar duzentos analogos) um só exemplo do como Hugo, dando na fraqueza de um estomago derrancado, produz logo um engulho e vomito de asneira:

Fez aquella descommunal, temeraria, e grandiosissima lamentação das tribulações de um pobre *sapo*;—levanta-se logo um menino de Coimbra, furta-lhe o bicho, chama-lhe seu, começa a scismar onde o ha de pôr, e pespega-o... *entre os dois seios de uma virgem!* Que medalhão! Olhe que isto é do *Fiat lux*, não cuide que é d'algum *Fiant tenebræ*.

Se Hugo tivesse podido adivinhar que os seus versos, entrando em caveiras ócas, haviam de dar nisto, e, adivinhando-o, os escrevesse, e os deixasse correr mundo, merecia realmente que Deus tornasse verdadeira a novidade dos noticiaristas, e lhe mettesse os dedos com as unhas grandes

pelos olhos dentro. Pobre homem! é triste pensão dos grandes innovadores, que são sempre mais arremedados por macacos, que imitados por gente.

Desculpe-me, meu amigo, estas solturas de lingua; mas, se a gente não desabafar das tolices do proximo com as pessoas de juizo e amigas, cria posthema, e era uma vez um martyrisado!

Concluo por onde comecei: agradecendo lhe os seus favores, e dando-lhe parabens do fundo d'alma.

De v.

Admirador e confrade, amigo
e servo muito obrigado

Lisboa, 15 de janeiro de 1866.

A. F. DE CASTILHO.

CATALOGO CHRONOLOGICO

DOS OPUSCULOS PUBLICADOS ATÉ HOJE

SOBRE A ACTUAL

QUESTÃO LITTERARIA

-
- 1—**A. F. de Castilho**—Carta ao editor A. M. Pereira sobre o *Poema da Mocidade*, impressa no fim do poema (Esta memoravel carta de critica litteraria é que suscitou a famosa questão que se está debatendo)
1 vol. brox. 600
 - 2—**Anthero do Quental**—Bom senso e bom gosto, carta ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, 3.^a edição, br. 100
 - 3—**M. Pinheiro Chagas**—Bom senso e bom gosto, folhetim a proposito da carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao sr. A. F. de Castilho 100
 - 4—**Manuel Roussado**—Bom senso e bom gosto, resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, br. 100
 - 5—**Elmano da Cunha**—Carta em resposta a outra bom senso e bom gosto dirigida por Anthero do Quental ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho e incomparavel traductor dos Fastos de Ovidio, obra em que se faz o confronto de Romulo e Jesus-Christo, offerecida ao incomparavel duque de Saldanha, br. 100
 - 6—**Julio de Castilho**—O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental, 2.^a edição, br. 160
 - 7—**Theophilo Braga**—As theocracias litterarias, br. 100
 - 8—**Anthero do Quental**—A dignidade das lettras e as litteraturas officiaes, br. 160
 - 9—**Mui de Porto Carrero**—Lisboa, Coimbra e Porto e a questão litteraria.—A carta do sr. Anthero do Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, M. Roussado e Julio de Castilho, 2.^a edição, br. 160
 - 10—**A. Ferreira de Freitas**—Os litteratos em Lisboa—poemeto illustrado por Jeronymo da Silva Motta, bacharel nas faculdades de theologia e direito, br. 240

- 11—**Amaro Mendes Gaveta**—O mau senso e o mau gosto—Carta mui respeitosa ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho em que se falla de todos e de muitas pessoas mais, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro, br. 100
- 12—**S. de A.**—Bom senso e bom gosto—Carta de boas festas a Manuel Roussado, br. 100
- 13—**J. D. Ramalho Ortigão**—Litteratura de hoje, br. 20
- 14—**Camillo Castello Branco**—Vaidades irritadas e irritantes—opusculo ácerca de uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria, br. 200
- 15—**Augusto Malheiro Dias**—Castilho e Quental—reflexões sobre a actual questão litteraria, br. 100
- 16—**Urbano Loureiro**—Questão de palheiro; Coimbrões e lisboetas, br. 100
- 17—**Ermitta do Chiado**—Garrett, Castilho, Herculano e a escola coimbrã, ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea, br. 100
- 18—**G. F.**—A litteratura ramalhuda a proposito dos srs. Castilho e Ramalho Ortigão, br. 100
- 19—**A. F. de Castilho e J. A. de Freitas e Oliveira**—A questão litteraria—a proposito do jazigo de José Estevão, br. 60
- 20—**José Francisco**—Os coimbrões; questão em que tambem entra pelos cem réis, José Francisco, caiador da rainha do Congo; com uma dedicatória por Diogo Bernardes, br. 100
- 21—**José Feliciano de Castilho**—A escola coimbrã.—Cartas ao redactor do Correio Mercantil, do Rio de Janeiro (este folheto contem as tres primeiras cartas; as seguintes formarão outro folheto que já está no prelo), br. 100
- 22—**Eduardo A. Vidal**—Guelfos e gibelinos. Tentativa critica sobre a actual polemica litteraria, br. 100
- 23—**P. W. de Brito Aranha**—Bom senso e bom gosto. Humilde parecer com uma carta do ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, br. 100
- 24—**Eduardo Salgado**—Litteratura de amanhã, duas palavras ao sr. Anthero do Quental, br. 100
- 25—**Carlos Borges**—Penna e espada, duas palavras ácerca da *Litteratura de hoje*, de Ramalho Ortigão br. 100
- 26—**Anonyme**—Anthero do Quental, e Ramalho Ortigão, br. 100



1508

13.

23

ANTHERO DO QÜENTAL

E

RAMALHO ORTIGÃO

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

CARTA

A

A. D'AZEVEDO CASTELLO-BRANCO

Amigo! Contente com a alma sublimemente burgueza, que tu me conheces, vejo com pasmo, do limiar da minha porta, desfilar a soberba cohorte dos predestinados, que vão quebrando lanças em prol do *bello*, do *ideal*, do *justo*, por elles espremidos em guindadas theorias, capazes de reduzir as cabeças mais bem construidas e duras á triste condição de um fructo podre de maduro. Vejo-os, e não com indiferença, porque sou curioso e adoro tudo o que me dá assumpto para o mexerico. Ora bem; o mexerico: ahí tens a razão principal da minha carta; ahí tens a razão porque descruzo as mãos de sobre o abdomen para tomar a penna do escriptor. E que escriptor!

Além d'isso acrescia em mim o desejo de te offerecer um delambido manjar, com que podesses, se te aprouvesse, augmentar a abundancia, que se accumula sobre a mesa dos perdularios e lambareiros colleccionadores.

É tal porem a nossa terra, tal a natureza das relações, que apertam seus habitantes, que nem sempre ha permissoão de se abrir á luz do dia um pensamento franco, por inoffensivo que seja. Assim dou razão do modo arrastado e fadigoso, porque apparece a minha tardia carta.

Ha muito que anda, a coitada, no extravio d'esses correios. Veremos se pela nova forma, que hoje lhe dou, logra enfim chegar-te ás mãos. Perdeu ja todas as pretensões a levar-te novidade; pois não é muito que rumoreje em Villa-Real o que, por cá, é objecto das quotidianas palestras.

Nada obsta, todavia, a que conversemos amigavelmente; e muito mais quando se tracta de um teu amigo, e teu companheiro, lá nos venturosos tempos, em que ainda eras academico.

Fallo do sr. Anthero, do Quental.

E, já que transpareceu na tēla, d'elle me occuparei primeiro; mesmo porque o conheço mais de perto: de o ver passar na rua, e de lhe fallar ás vezes.

Conhecel-o não é ser seu amigo; não é seguir-lhe as ideias; não é pôr cobro á imparcialidade.

É pois — necessito que o creias — é sem lisonja, consciencioso, imparcial, que me abalanço a esboçar-lhe ali geirado perfil do *retrato litterario*, correndo a vista por esses arraiaes agitados e accesos em contendas porfiosas de litteratura.

A carta do sr. Anthero — primeiro grito de alarma — fez mais que mostrar-nos um talento, revelou-nos um character. *A dignidade das letras* — além de ser novo attestado do conceito em que tinhamos seu auctor, veio confirmar as ideias anteriormente expendidas.

Eis o que o sr. Ramalho Ortigão está disposto a não ceder por forma alguma.

Eu conhecia este escriptor portuense por um retrato grosseiro, traçado por alguns malquerentes, de que nunca se livrou o homem mais cauteloso, uma vez que tomou para

si a missão de julgar das cousas a seu bel-prazer, com franqueza ou sem ella, sem curar muito em se adequar ao gosto e sabor das multidões. Alguma cousa me dizia, porem, que o retrato tinha seu quê de infiel. E, com effeito, o escripto, que hoje me veio á mão, acabou de me desenganar.

O pequeno folheto do sr. Ortigão, pequenissimo para o grande titulo, que o decora, porque se chama — *Litteratura d'hoje*, é um como espelho em que se não perde, me parece, uma feição do auctor. Elle mesmo mostra desejal-o, porque dá relevo, com frequencia e não sem calculo, á sua individualidade, como se lhe pesasse deixal-a nas sombras do quadro. É o homem das cidades, que se vae sentar, com o seu charuto, em frente do confortativo fogão com a paxorra de um sybarita, ancho como um professor, que legisla do cimo da sua poltrona o despotismo da palmatoria, terror dos meninos, que não sabem a lição. Na linguagem é, a meu ver, perfeito. Não cede livre curso á imaginação para não atropellar o bom-senso; nem, tão pouco, rebaixa a dignidade de escriptor á grosseria de termos plebeus. Suas ironias e sarcasmos são, por assim dizer, aristocraticamente petulantes e azedos. A palavra apparece rigorosa, e sem esforço, á evocação da ideia suggerida. E não é facil entrever-lhe brecha por onde possa infiltrar-se algum travor do ridiculo. Todavia fica a gente desconsolada por ver manchado todo esse asseiado composto na sordida pobreza de verdade.

Que me não queira mal pela sinceridade. É a minha unica arma. Veremos se saberei dar-lhe, com ella, plena satisfação em boas razões; boas ou más, consoante as tenho.

Mas, antes de ir mais longe, quero prevenir-te, meu Castello-Branco, de que não sou tão presumpçoso, que ouse criticar. Havia de fazel-o se soubesse. Assim, venho simplesmente fazer-te a innocente declaração do modo como avalio o escripto do sr. Ortigão em face dos escriptos do sr. Anthero.

Este, disse eu, que, na sua *carta*, productora d'esses alvorotos rêvidos e impotentes, offerecera á luz do dia o fiel traslado do seu character. E quem deixará de ver do tumultuar harmonioso d'aquella magnifica phrase, naquella prosa eloquente, a declaração de intimas convicções, depuradas, pelo fogo da imaginação, num estudo aturado, serio e reflectido?

O sr. Anthero tem alguma cousa da inflexivel virtude do homem primitivo, que não cãe bem no ambiente, saturado de artificio e de impostura, em que vivemos. Vê até longe, pela intelligencia, os vicios e as degradações sociaes, e quer passar pelo meio d'elles impolluto, com a mão na consciencia, despreoccupado das glorias do mundo, sempre austero e sobrio. Sente, e diz o que sente numa linguagem toda d'alma, sem se importar com o agrado ou desagrado do sr. Ortigão. Bem ou mal acolhido nada parece ter com isso. Olha mais á dignidade do homem do que á chilra ostentação do litterato. Isso, porem, está longe de significar que saiba tragar um insulto com evangelica paciencia.

Ahi tens os homens e os escriptores.

Não digo que não seja falsa a minha apreciação. Se for, desde já rejeito o aphorismo bem sabido de todos — o estylo é o homem.

Mais um arredondamento e um colorido nas feições, e podemos segui-los no combate.

O escripto do sr. Ortigão constitue uma galeria, enriquecida de retratos, que o auctor intenta caricaturar, esquadrinhando laseiras ou disformidades onde são perfeitas as formas, e velando chagas onde ellas são manifestas. Tem um modo seguro e dogmatico de dizer as cousas, que enrodilha e leva a imaginação descuidada na sinuosa composura de bem jogadas palavras, dispostas com criterio um tanto acima do ordinario, e tambem com não ordinaria e decidida — má-fé. Desagradou-me, e desagradaria a todos,

a crueza sarcastica com que assetteia o sr. Castilho, que, de qualquer maneira que o apreciemos, seja elle como for, quaesquer que sejam as suas intenções, merece ser venerado pelos vastissimos conhecimentos adquiridos em tantos annos de estudo e, em parte, patenteados numa prosa, que ninguem excedeu ainda; ou mesmo, e principalmente, pelas traducções, que o sr. Ortigão menospreza, e que, todavia, são thesouros de riqueza para uma lingua, e modelos preciosos para os que aprendem. Nos seus livros tem elle — é crença minha — um escudo poderoso e magico contra o qual se quebrarão as armas mais bem temperadas de seus detractores. Atribuem-lhe, é certo, actos que o deslustram, pouco generosos, e pouco nobres, que poderiam ser filhos, como eu cuido, da simples e ephemera vaidade de deixar na sua passagem seu nome celebre, preso a alguma anecdota ainda mais celebre, que o fizesse lembrado na praça, no café, na familia. Não é raro encontrarem-se caprichosinhos de similhante jaez em agigantados talentos. São estes, porem, como a seara luxuriosa e medrada, que esconde e afoga, nas opulencias de seu viço, as enfezadas parazitas, que se lhe enroscam no pé, só visiveis a olhos de lynce, ou a olhos de alguem que, mal intencionado, de proposito as rabusca.

O litterato porem faz esquecer essas pequeninas cousas.

E, se a alguem, offendido, por qualquer motivo, assistia o direito de lhe exprobrar a culpa, esse, quer-me parecer, não devia ser nunca, quem não acha recursos na mais pura lealdade.

Não imagino que alguma coisa possa affligir e irritar tanto o melindre e vaidade do escriptor como a cavilosa estrategia do critico, que se afez a arrastar-lhe as ideias verdadeiras e boas no labutar de palavras, que elle torce e retorce, amoldando-as a contrario sentido com grave detrimento da boa hermeneutica. O sr. Ortigão, neste ponto, é critico muito para ser receiado.

Como me distraem occupações mais serias contento-me em citar um ligeiro exemplo, dando de mão a algumas das asserções anteriormente aventadas, que eu me reservo confirmar quando m'o exigam. Isto, porque já me tarda a entrada nō campo em que, Ruth de novo genero, me propuz respigar.

Saboreia tu, meu Castello-Branco, a estrategia, que abaixo descubro, e aconselho-te que pantes por esta todas as outras, que elle por ahi recortou em imagens de polpa, e por vezes elegantes.

Disse o sr. Castilho, criticando o *Poema da mocidade*, na fallada carta ao *editor*, disse que a poetica hodierna concede até certo ponto mesclar-se o burlesco pelo serio; e comprovou-o com a citação do *D. João* de Byron, do *Diablo mundo* de Espronceda, etc., accrescentando, em remate, que ao poeta, em questão (o sr. Chagas) não convinha imital-os.

Isto a proposito de certas desgraçadas e truanescas concepções, desenvolvidas em versos chocarreiros e unctuosos no malaventurado poema de supradicto poeta. Nada mais justo, e mais para se louvar, do que a delicada solitudine de mestre e de amigo com que o sr. Castilho reprehende sem offender.

E queres saber a conclusão tirada pelo sr. Ortigão? Brada que não pode ser aquillo tomádo a serio; que o sr. Castilho zombava quando tal disse, e, muito mais, porque, decorridas poucas linhas, elogia aquelles versos tristes, que dizem que

as folhas seccas caiam
com leve bulha no chão,

versos comparados a outros versos tristes de Myllevoeye.

E prosegue clamando que a autoridade d'este moço, de intelligencia quasi ephemera, é cruelmente anteposta ao

exemplo dos gigantes, que reformaram as litteraturas de Hespanha, Inglaterra e França.

Como se engana o sr. Ortigão! E como é para lastimar que a sua espivitada intelligencia se demore nestes sophismasinhos escolares!

O sr. Castilho não denota, numa palavra sequer, preferencia a Myllevoye. Nem ao menos o compara com Byron, Espronceda, etc. O que elle faz é aconselhar cortezmente o sr. Chagas a deixar o infatuado e infantil intento de seguir as pisadas de Byron. Aconselha-o como a prudencia aconselharia o temerario Icaro da fabula a não se avisinhar do sol, se estimava em alguma cousa a tolissima existencia e as pobres azas de cêra. E já assim não acontece com Myllevoye, que o proprio esmiuçador portuense confessa, sem quebranto da historia, que era dotado de quasi ephemera intelligencia, e que portanto podia, com um pouco de exagero, ser apontado como norma, e servir mesmo de confronto ao sr. Chagas, que, apesar do afamado poema, tenho para mim que lhe não falta merecimento.

É por outra forma mais liza, mais portugueza, mais nobre, que o sr. Anthero encara na sua carta o chamado principe dos nossos poetas. Arrebatou-me aquella linguagem austera e verdadeira. Digo verdadeira, porque é sentida e franca, e não, de certo, porque o meu humilissimo entendimento ouse partilhar taes ou semelhantes ideias.

Appareceu o athleta como era desejado, á maneira dos *typicos luctadores da estatuaria grega*; appareceu descoberto e desassombrado, porque vinha forte nas suas convicções.

O sr. Ortigão tambem appareceu; mais prudente de certo, mas bem mais astuto e aggressivo. Pediu *forças lizas* e combateu, afagando os antagonistas, conduzindo-os por comoros de flores para os presentear com envenenados *bouquets*.

Onde estão as forças lizas? Vejamos.

Fiz por definir os contendores. Agora vamos vel-os em campo.

Confessa o sr. Ortigão que, apenas obtida a carta do sr. Anthero, a folheara guloso e açorado; e que começara a lel-a pelo fim. Causou-lhe profunda magoa — diz elle — ver phrases insultuosas e provocadoras... E continua em estylo de dom cavalleiro, provocador e insultuoso, que não tem duvida em se arriscar no dissaborido jogo da tapona comtanto que, antes d'isso, o deixem tornear periodos de sympathica energia.

A mim pasmou-me tanto o novo modo de argumentar, que por pouco não deixava passar a desgraçada contradicção em que o nosso critico se precipitara. Engalfinhado no perfido desfecho da *carta*, é vencido da justa colera, que assalta as almas generosas em lances taes, esqueceu-se por força de que esse desfecho não é mais do que uma logica e necessaria deducção dos principios largamente expostos antes, principios, que permanceceram inabalaveis, embora a pesada indignação do sr. Ramalho lançasse pelos ares, esphacelada, a malaventurada conclusão. E permaneceram inabalaveis, porque elle, longe de os destruir pela raiz, perfilhara-os no seu folheto.

Uma vez provado que o illustre critico lavrou, á sua parte, titulos de *futil*, *deshonesto* e *tonto* ao eximio poeta *dos Ciumes do bardo*, mais digno por certo de respeito e acatamento, ha de admittir-me sem contestação, a não intervir algum desmoronamento no intellecto hominal, que tambem o não *admira*, nem *respeita*, nem *estima*; que está plenamente de accordo com o sr. Anthero; que se contradisse emfim.

Mas, para que o aranzel não vá de longo fastidioso, convidote, meu paciente Castello-Branco, a abrir o folheto, que se intitula — *Litteratura d'hoje*.

Tu me dirás se pode levar-se a serio que um homem, que presa sua boa nomeada, não tema expor ao confronto

as insultuosas, empeçonhadas e, ao mesmo tempo, divertidas paginas, que se referem ao sr. Castilho, com a pagina 36, retezada de nobre e dramatica indignação com que o auctor se desmente a si proprio, condemnando nos outros o mesmo, que elle acaba de praticar, não generosa e varonilmente, mas com a covardia do escarneo, rebuçado em espirito, que, oriundo das bandas d'além dos Pyreneus, gastou nos pincaros da cordilheira, quando a transpunha, frescura, suco e odor.

Pois lá, na boa sociedade, de que nos dá noticias, será ao fallar-se a linguagem do ridiculo e do escarneo a não ser com um *futil estonteado* (1)?

Pois *faz-se espirito* á custa do homem, a quem depois se lavra diploma de *honesto* e grave (2)?

Pois consente-se ao primeiro, que passa, a petulancia de reprehender com arrogante denodo o *poeta*, o *talento*, o grande homem, que, mais além, se reconhece digno das honras do capitolio (3)?

Ou é muito extravagante a tal boa sociedade, ou s. ex.* está perfeitamente concorde com o sr. Anthero, e deve-lhe satisfação da affronta, caso lh'a não tenha já dado.

O que vale é serem estas cousas — não a expressão de um arraigado pensamento — mas, apenas, um culto prestado ás pompas do estylo.

Abria-se-me agora azo de as imitar, blazonando contra a natureza humana em geral, e, especificando, contra a natureza do sr. Ortigão.

Mas, como não sei, digo que prêso a nobreza da minha alma e o meu pundonor de cavalheiro. E fica dissimulada a impericia.

Assim vae tudo.

O que realmente me parece digno de notar-se é que,

(1) *Litteratura d'hoje*, pag. 16, 17, 18, etc.

(2) Obr. cit., pag. 15, 16, 17, 18, etc.

(3) Obr. cit., pag. 31.

chafurdando em contradicções, tenha ainda folego o sr. Ortigão para as esmerilhar nos outros.

Atropelando desabridamente cortezia e conveniencias começa elle, em termos raivosos e empertigados, a explicar os motivos que levaram o sr. Anthero a louvar no opusculo — *Dignidade das letras* — o drama *Camões* do sr. Castilho, que anteriormente, na *carta*, lhe tinha espesinhado, com todas as obras, em verdadeiro furor de iconoclasta.

Com um pouco menos de apaixonado seria outra e mais decorosa a explicação.

Não concebo a critica sem reflexão e boa-fé. Quem poder dispor d'essas indispensaveis condições leia a *carta* — *Bom-senso e bom-gosto*, leia o *opusculo*; e confronte-os, depois de compulsados em separado. Então verá que nem ha sombras de contradicção.

O sr. Anthero entendeu que estavamos na idade de sacudir tutellas oppressivas; e disse-o, animando a revolta.

Se fez bem ou mal nada tenho com isso.

Na dicta revolta mediu a santidade do idolo pelos milagres feitos, pelas obras, que lhe formavam o pedestal; e não colheu senão — *algaravia, estonteamento, banalidade, ninharia*; palavras compridas, que deviam de assanhar philanthropicos brios.

Mas isto, visto assim syntheticamente, em grande, não quer dizer que não houvesse possibilidade de descobrir-se pela analyse uma formosa baga de ouro num monte de pedregulho; um lado fresco e saboroso num pomo dessorado.

No caso presente havia essa possibilidade; e tanto é certo, que o sr. Anthero no seu segundo escripto, mais propenso á analyse, fez lisongeira e especial menção do drama *Camões*, que no primeiro tinha sido condemnado de envolta com a generalidade.

Considerou-o no que elle é, e não curou de indagar, como parece, se seria ou não seria original.

Ora nisto subiu de ponto a infelicidade do sr. Ortigão.

O drama Camões — diz elle — *é uma simples versão em que o traductor se apartou do original unicamente para lhe interpor um auto, etc.*

E serve-se d'este artifício para fazer cahir em falso os elogios, prodigalisados ao livro.

Mas, admittida tão arrojada proposição, a contradicção, a censurada contradicção, nem sequer fica sendo apparente, porque de todas as obras, que correm mundo com o nome do celebrado cantor da *Primavera*, foi exactamente essa, que lhe não pertence, a que alcançou os elogios.

A ser como o sr. Ortigão assegura, a que vem aqui a palavra — contradicção?

O elogio era então, quando muito, um medido sarcasmo.

E, se assim o interpretou o illustre critico, que nome inventaremos para o fazedor de taes, tão desazadas e feias piroetas na corda bamba de sua adoutadora phantasia?

Vejo-me obrigado a rematar em poucas palavras para não ser surpreendido pela madrugada no vergonhoso rabusco de materiaes, que têm o condão de fazer saltar aventesmas do mais perfeito interior do meu craneo. Vou pois concluir numa ligeira consideração.

Alcunha-se geralmente de abstruza, por esse douto paiz, a forma adoptada na escriptura pelos poucos mancebos, que tiveram o máo sestro de se fazerem litteratos em Coimbra.

O sr. Theophilo Braga, que, pelos dons do seu brilhante e vigorosissimo talento, obteria hoje, com os seus vinte annos, um dos mais nobres logares nos proprios paizes, como França e Allemanha, em que as artes e as sciencias constituem uma verdadeira religião, tem sido dos mais teimosamente mordidos. Tem sido alcunhado de abstruzo e arrevezado por quasi todos os que sabem emporcalhar com ferretes de tinta qualquer branca mortalha de cigarro. Que a dextra de um principe se acoste a amphora de ouro, perdida em escamas de esmeraldas e outras pedras preciosas, com a impossivel e picaresca tenção de nella sepultar e ar-

refecer os impetos da milagrosa ebullição de ideias, que, alimentada pelo fogo sagrado do genio, jorra da mente do poeta, pode consentil-o o systema nervoso; mas, que a mão gretada de rabugento chanfaneiro ouse apegar-se, para o mesmo fim, a gordurenta panella de barro vil, é de acordar estremeções e gritos de lastima. Porque o fragil instrumento, estalando em estilhaços, ha de insculpir por força no rosto do sacrilego o unctoso negrume dos mil fragmentos.

O dó substitue a ira nos que veem.

Não supponho inutil declarar que não vae ahí allusão a determinada pessoa. É outra, mais augusta, a missão da imprensa.

Condemnemos — como diria um orador parlamentar, que eu conheço — condemnemos as panellas, com toda sua garidice, a um *ostracismo litterario*. Desterremol-as para local, que lhe seja proprio. E levante-se mão d'isto por uma vez.

A nebulosidade, quanto a mim, se é reprehensivel na prosa em geral, tolera-se todavia naquella que, á laia de certas concepções de Egdar Quinet, reveste grandes pensamentos. E, em certo genero de poesia, quer-me parecer que até se torna necessaria.

Dante, Goethe, Hugo e mil outros, cujos nomes posso aprender em qualquer catalogo de livreiro, não são sempre accessiveis á — *simples intuição do bello, que é, ignita em todas as almas bem formadas* (1).

Se as palavras abstruzo, extravagante, que se catrafilassem ao nome de cada escriptor fossem uma reprovação, grandes reputações teriam de mergulhar no esquecimento.

Por mim, gósto de ver transluzir através de um véo, como mysterioso e encantado, as imagens, as concepções, os formosos sonhos do poeta; e estou quasi inclinado a crer

(1) *Litteratura d'hoje*.

que ha sobeja e singular estulticia na cabeça, que pretender a poesia judiciosa como um artigo de fundo, e transparente como um vidro de lampadario.

M. Magnin nas suas *Coseries littéraires* prova, bazeado em estudos psychologicos, que a natureza da poesia, no momento de sua manifestação, *est d'être folle ou, tout au moins, de le paraître* — como elle mesmo diz.

Racine, o proprio Racine — falla *M. Magnin* — antes de suas audaciosas sublimidades virem a ser, com o tempo, a linguagem da razão, não se salvou da denominação de extravagante, que os espiritos prosaicos lhe davam prodigamente, nem, tão pouco, dos acerbos remosques dos que se persuadiam oraculos do bom-senso e do bom-gosto.

Não sei se isto terá todo o cabimento no caso presente.

A tua opinião, Castello-Branco?

Eu, se podesse ter opinião, havia de aproveitall-a para me chegar a convencer de que estou com geitos de escorregar nos lanzudos braços do somnifero deos.

Surprehendido, com o desfecho, fazes-me naturalmente as seguintes perguntas:

— Então isto acabou?! Mas que significa isto? Que novos mundos queres desencantar com as farfalhices do teu arazoado? Que intenção é a tua, além dos prazeres do me-xerico?...

— Immortalisar-me, está visto — respondo eu, com a pressa de quem deseja assignar-se

Teu amigo

A. do C.

Coimbra, janeiro de 1866.

mm

